este cabeçalho pode valer-lhe mais de mil contos

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

TERÇA-FEIRA, 30 DE MARÇO DE 1971 N.º 17 338 ANO 50.º PREÇO 1$50

1x2

Já fez os seus palpites para o concurso desta semana? Na pág. 28 pode encontrar uma ajuda...

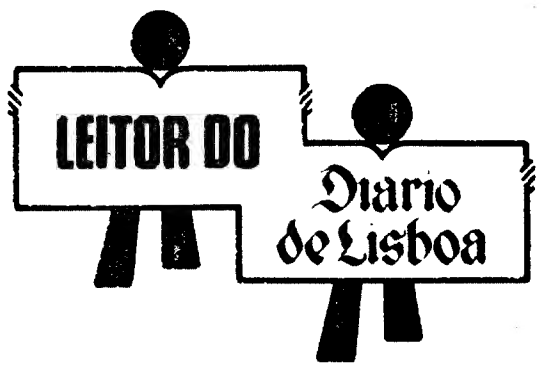
LOTOBOLA

DUAS DEZENAS de valiosos prémios

PUBLICAMOS hoje a lista dos prémios instituídos para a nossa nova iniciativa e o regulamento da mesma.

A simples leitura da lista dos prémios confirma tudo o que temos vindo a dizer acerca da envergadura e do interesse desta iniciativa. Não é, efectivamente, vulgar encontrar-se na mesma lista de prémios três apartamentos da qualidade dos que proporcionamos aos nossos leitores, viagens e outros prémios de grande valor. Bastaria um só dos apartamentos que constam da nossa lista para que a iniciativa tivesse interesse e para que valesse a pena participar. Acontece, porém, que em lugar de um só apartamento, a lista contém três que bem podem classificar-se de notáveis tanto pelo seu valor como pela sua utilidade prática, já que se situam numa zona verdadeiramente privilegiada do País.

Também no que se refere a viagens, a lista merece o interesse que está a despertar porque foi baseada na experiência que neste campo adquirimos no decorrer do concurso «Férias no Mundo» — as cidades escolhidas são as que tiveram maior número de adesões no decorrer desse concurso.



Dos restantes prémios bastará, certamente, dizer que foram escolhidos com o cuidado que caracteriza a esco-

(Continua na pág. seguinte)

REBENTOU UMA REPRESA NO LOBITO

• PELO MENOS CINCO MORTOS E MUITAS CASAS DESTRUÍDAS

LOBITO (Angola), 30 — (L.) — Cinco mortos, numerosos carros e casas destruídos e outros importantes estragos materiais são as consequências imediatas do rebentamento da represa que protegia um dos bairros desta cidade.

A represa rebentou em consequência de chuvas torrenciais que desabaram sobre a cidade, e a corrente investiu com extrema violência pelo bairro do Liru.

Os trabalhos de salvamento prosseguem, e teme-se que haja mais mortos.

O local atingido foi visitado, logo após a tragédia, pelo governador do distrito de Benguela, coronel Franco do Carmo.

Chegou, entretanto, ao Lobito, para observar os estragos e determinar as medidas que se imponham, o governador-geral de Angola, coronel Rebocho Vaz.

CHAMA-SE DENISE...

... é inglesa, mas reside no Estoril. Jovem e bonita, exerce a profissão de modelo, não só no nosso País, como no estrangeiro. A sua imagem tem aparecido frequentemente nos jornais ingleses, quase sempre associada à imagem de um Portugal-todo-sol-e-mar. Chama-se Denise... e é um dos modelos profissionais que amanhã depõe no nosso suplemento «A MULHER», na série de entrevistas que ali temos estado a publicar com jovens que exercem, entre nós, aquela sedutora profissão.

A drástica redução, dentro da cidade, das paragens das carreiras dos autocarros suburbanos está a provocar as maiores dificuldades para os muitos milhares de passageiros que vêm dos «dormitórios» existentes na periferia de Lisboa. Há agora paragens distanciadas mais de dois quilómetros, o que implica despesas suplementares para pagamento de bilhetes nos transportes urbanos. Por outro lado, os estudantes são ainda as principais vítimas, uma vez que a Carris não lhes concede os mesmos descontos que auferem nas carreiras suburbanas de autocarros. **(Ler reportagem na página central)**

PRIORIDADE À POLÍTICA EDUCACIONAL PARA MELHORAR A VIDA DO POVO

—defende o Episcopado a propósito da Reforma do Ensino

O Secretariado-Geral do Episcopado distribuiu uma nota da Comissão Episcopal da Metrópole para a Educação Cristã, texto que a seguir publicamos na íntegra:

«Encontra-se neste momento sujeito pelo Governo a apreciação publica o projecto do sistema escolar. Tanto pela importancia singular que ele assume na preparação do futuro do País, na qual os católicos se devem sentir profundamente comprometidos, como em virtude das próprias responsabilidades da Igreja em matéria de educação, parece conveniente a esta Comissão Episcopal da Educação Cristã publicar as reflexões seguintes, certa de que

(Continua na ultima página)

HOJE 44 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

LEITOR DO Diário de Lisboa

(Continuação da pág. anterior)

lha de todos os prémios instituídos para as nossas iniciativas, e que todos se caracterizam pela sua qualidade e pelo seu valor.

Nada, aliás poderá abonar melhor o acerto da nossa escolha do que os próprios leitores e o entusiasmo com que esta iniciativa está a ser recebida não deixe dúvidas acerca deste ponto: viemos, mais uma vez, ao encontro dos desejos dos nossos leitores.

REGULAMENTO

— a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente.

— o leitor deverá recortar e preencher EM LETRA BEM LEGÍVEL, o cupão-duplo de identificação que o «Diário de Lisboa» publica e onde deverá inscrever o seu nome completo e morada, a localidade onde reside e, facultativamente, a profissão e o número de telefone e ainda o agente ou vendedor a quem adquire o «Diário de Lisboa».

— preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho, 185, 1.º, Lisboa-1, acompanhado de um selo de 1$00, se pretender que o cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja enviado pelo correio.

— se o leitor pretender que lhe seja entregue pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa» o seu cartão de identidade, não juntará ao cupão-duplo o selo de 1$00 que se destina, lògicamente, a despesas de correio.

— recebido o cupão-duplo, o leitor ficará classificado por ordem alfabética e numérica e automàticamente habilitado ao sorteio dos prémios instituídos. O cartão de identidade receberá o mesmo número do cupão-duplo.

— o cartão de identidade elucidará o leitor do número que o habilita ao sorteio e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover.

— o leitor do «Diário de Lisboa», para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos» do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 7 de Abril e 7 de Julho de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês.

Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da primeira página do Jornal onde consta o título deste e a data de publicação.

ATENÇÃO — O cupão-duplo apenas deve ser preenchido e enviado pelos leitores que não participaram na primeira fase da iniciativa. Os outros leitores que já tomaram parte na primeira, estão, automàticamente, habilitados ao sorteio dos prémios da segunda fase.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

Um Grande Livro • FUTURA • NOVA VISÃO
A FACE DA INOCÊNCIA
NO DIA 1 EM TODAS AS LIVRARIAS
DISTRIBUIDOR: EDUARDO FERREIRA
★ UMA GRANDE ESCRITORA

LISTA DE PRÉMIOS

1.º PRÉMIO

Um apartamento em Paço de Arcos, próximo da praia, constituído por uma sala-comum, «kitchnette» quarto e casa de banho em moderno edifício construído e mobilado por J Pimenta, SARL.

E um automóvel «Morris-1300», de quatro portas e cinco lugares.

2.º PRÉMIO

Um apartamento em Paço de Arcos, próximo da praia, constituído por uma sala-comum, «kitchnette», quarto e casa de banho em moderno edifício construído e mobilado por J Pimenta SARL.

3.º PRÉMIO

Um apartamento em Paço de Arcos, próximo da praia, constituído por uma sala-comum, «kitchnette» e casa de banho em moderno edifício, construído e mobilado por J. Pimenta SARL.

4.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta ao Rio de Janeiro, em aviões da VARIG, e estadia durante oito dias.

5.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Toronto, em aviões da CANADIAN PACIFIC, com visita ás Cataratas do Niagara e estadia durante oito dias

6.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Toronto, em aviões da CANADIAN PACIFIC, com visita ás Cataratas do Niagara e estadia durante oito dias.

7.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Toronto, em aviões da CANADIAN PACIFIC, com visita ás Cataratas do Niagara e estadia durante oito dias.

8.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Toronto, em aviões da CANADIAN PACIFIC, com visita ás Cataratas do Niagara e estadia durante oito dias.

9.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Toronto, em aviões da CANADIAN PACIFIC, com visita ás Cataratas do Niagara e estadia durante oito dias.

10.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Londres, em avião e estadia de oito dias. Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem

11.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Frankfurt, em avião e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcain» de pulso para homem.

12.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Estocolmo com escala por Copenhague e Oslo, em aviões da S. A. S., e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem.

13.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Estocolmo com escala por Copenhague e Oslo, em aviões da S. A. S., e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem

14.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Roma, em avião, e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem

15.º PRÉMIO

Duas passagens de ida e volta a Paris, em avião, e estadia durante oito dias. Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem

16.º PRÉMIO

Um televisor «Philips» 20T371, um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela CASA AFRICANA.

17.º PRÉMIO

Um frigorífico «Philips» modelo HN-2144; um relógio «Vulcain» de pulso, para homem. Um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela CASA AFRICANA.

18.º PRÉMIO

Um gravador «Philips» EL-3302. Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem. Um conjunto de vestuário para homem confeccionado pela Casa Africana.

19.º PRÉMIO

Conjunto de vestuário para homem, confeccionado pela Casa Africana.

20.º PRÉMIO

Conjunto de vestuário para homem, confeccionado pela Casa Africana. Um relógio «Vulcain» de pulso, para homem.

DE ONTEM PARA HOJE

O ACORDO DO BANCO EMISSOR

O governador do Banco de Portugal, prof. A. M. Pinto Barbosa, na assembleia geral daquele estabelecimento emissor, falou das conveniências de aumentar a quota portuguesa no Fundo Monetário Internacional de 75 milhões de dólares americanos para 117 milhões. E disse depois: «Uma tal atitude terá como primeira justificação, embora de ordem geral, que ela por um lado se traduzirá numa contribuição para o fortalecimento de um organismo internacional que tem dado provas da sua capacidade para assegurar a disciplina dos pagamentos internacionais e por outro lado representará um ajustamento da posição do País á expansão da economia mundial e das trocas internacionais. A participação de Portugal assumirá assim expressão mais harmónica com a sua actual evolução no contexto económico internacional. Em segundo lugar, haverá que ter em conta o facto de que, apesar do elevado nível das suas actuais reservas de ouro e divisas, o nosso País não se encontra a coberto de futuros desequilíbrios de pagamentos externos, com eventuais reflexos na sua posição cambial. Especialmente, não deve esquecer-se a incidência que têm as transferências privadas e o turismo. Daí a orientação que se tem procurado seguir de obter oportunamente linhas de defesa para a balança de pagamentos da Zona do Escudo. Deste modo, mesmo considerando que uma tal conjuntura de desequilíbrio de pagamentos externos se apresenta, a curto prazo, como menos provável, julga-se ser recomendável aceitar o aumento da quota portuguesa no Fundo Monetário Internacional, dado que desse aumento decorrerá um sensível reforço do potencial de «saque» sobre aquele organismo. E ainda o prof. Pinto Barbosa, disse, a findar: «Julga-se que haverá manifesta utilidade para o Banco em prestar a colaboração que lhe é solicitada pelo Governo, dado que, com o aumento da quota portuguesa no Fundo Monetário Internacional, o Banco verá aumentada em 125 % o do acréscimo da aludida quota a sua possibilidade de, quando for necessário, utilizar os recursos do Fundo, adquirindo moedas estrangeiras contra escudos. E não podera esquecer-se que serão valores elegíveis, para a reserva complementar da circulação fiduciária e de mais responsabilidades á vista, os créditos sobre o Estado que para o Banco advenham da realização das operações de crédito agora submetidas á aprovação da assembleia geral». Na assembleia, o dr. Azeredo Perdigão, que presidia, fez o elogio do prof. Oliveira Salazar, desaparecido durante o ano, e agradeceu a sua eleição para aquele cargo que desempenhava pela primeira vez, tendo sido consultor jurídico do Banco. Foram eleitos depois: para a administração — prof. João Baptista de Araujo e drs. António Osório de Castro e António José de Carvalho Brandão; para o conselho fiscal — presidente prof. Martinho Nobre de Melo; membros efectivos, eng.º João Paulo Nazareth de Oliveira, dr. D. Diogo de Sousa e Holstein Manoel e dr. Lopo Manuel Careça de Carvalho; membros suplentes, eng.º D. João António de Sousa Coutinho e Jorge Cardoso Melo e Faro.

OS RATONEIROS NA CERVEJARIA

Os ratoneiros introduziram-se no café e cervejaria «Cábula» da Rua Coronel Ferreira do Amaral, 9-C. Arrombaram uma porta de vidro e entraram. Em frente há uma padaria e os padeiros ouviram barulho e atravessaram a rua, com as ferramentas do ofício. Lá estavam 5 ratoneiros que correram logo para o automóvel estacionado á porta. Fugiram quatro deles, mas ficou apanhado Joaquim Guerra Rodrigues, de 24 anos. No chão do café estava espalhado dinheiro que eles não conseguiram levar e muitos maços de tabaco. O «rato» apanhado foi entregue á Polícia.

NASCEU NA AMBULÂNCIA

Ia ser transportada para o Hospital D. Estefânia, numa ambulância dos Bombeiros Voluntários da Amadora, a sr.ª D. Maria Amélia Ferreira, moradora em Carenque. A criança não esperou pelo hospital e nasceu mesmo na ambulância, tendo prestado assistência á parturiente os voluntários Manuel José Rosa Ferreira e Manuel Caetano, achando-se mãe e filha bem.

FÁBRICA A ARDER

Foi em Cortegaça, numa fábrica de fiação. Um curto-circuito numa máquina deu origem a um incêndio violento que destruiu máquinas de estopa e grande parte da matéria-prima. Os bombeiros de Esmoriz, Ovar, Estarreja, Vila da Feira, Lourosa, Arrifana e Espinhenses acorreram; mas os prejuízos, mesmo assim, são muito elevados. Mais de dois mil contos.

A FACADA

O trabalhador José Augusto Santos Paiva, de 31 anos, não tem lá muito bom feitio. Maltrata continuamente a mulher de quem tem 7 filhos. Esta, não podendo mais, refugiou-se em casa do pai, sr. Amadeu Ferreira, de 62 anos, também trabalhador. São todos de Moimenta da Beira. José Augusto Santos Paiva, ao chegar a casa, sem ver a mulher, foi á Quinta dos Mouzinhos, onde o sogro mora. Ela não se mostrou disposta a acompanhá-lo e ele então coseu o sogro de facadas. O agredido foi para o Hospital de S. José e o agressor foi preso.

Suécia: Palme teve de renunciar ao dogma da não-intervenção

ESTOCOLMO — A Suécia já não é caute pais privilegiado onde as negociações salariais se regulavam com toda a liberdade, sem a intervenção do Estado. Ao processar os funcionários em greve, desde 5 de Fevereiro, o Governo retirou-lhes as armas que lhes dera em 1965. A lei, válida até 25 de Abril foi votada pelo Riksdag em sessão de urgência. Na tribuna do público, tradicionalmente silenciosa, alguns manifestantes tinham desdobrado um cartaz: **«Abaixo a lei repressiva!»** O sindicato dos empregados da indústria baptizou-a de **«lei de classes»**. A confederação dos trabalhadores intelectuais SACO e a dos empregados T. C. O recusam-se a negociar **«sob o constrangimento legal»**.

Por GUY DE FARAMOND

(Exclusivo «Le Monde»-«Diario de Lisboa»)

No começo do Outono o sr Geijer, *leader* da L. O declarara que não assinaria nenhum acordo com o patronato enquanto não soubesse o que os funcionários obteriam. A SACO e a federação dos funcionários S. R. foram as primeiras a lançar-se na batalha, pedindo 28% de aumento global dos salários, e isto unicamente para readquirir o poder de compra de 1968 absorvido segundo eles, pela inflação (8%, em 1970). A SACO fundamentava os seus cálculos nos rendimentos depois de deduzidos os impostos. Esta maneira de calcular era contestada por todos os outros sindicatos. Como não recebessem nenhuma proposta da direcção das convenções colectivas, organismo que negoceia as convenções salariais para o Estado, a SACO e a S. R. lançaram em greve alguns milhares de membros, no princípio do mês de Fevereiro. A direcção das convenções colectivas replicou com o *lock-out* de outras categorias de funcionários. Começara a escalada.

UM PASSO IMPRUDENTE

A greve logo, de princípio, tomara um caminho imprevisto quando se tomou conta de que bastava fazer entrar em greve 600 ferroviários para paralisar o tráfego ferroviário. Este movimento não custava grande coisa á S. R que o desencadeara. Para a obrigar á retirada, esvaziando os seus fundos de greve, o poder entendeu por bem levar á parede um grupo mais importante dos seus membros, a saber: 3000 oficiais.

O Governo não tardou a compreender que tinha agido levianamente. Suspender 3000 oficiais implicaria mandar regressar a casa 30 mil soldados do contingente, numa altura em que os comboios se encontravam imobilizados nas estações. Teria sido necessário voltar a convocá-los no fim do conflito, para, finalmente, se desmobilizar a 15 de Abril. Por outro lado, a greve ameaçava custar cara á colectividade.

O Governo viu-se obrigado a renunciar ao princípio da não ingerência nas negociações salariais do sector privado. Uma sondagem da opinião realizada pela Rádio revelara que 59% das pessoas interrogadas eram favoráveis a uma intervenção do Governo. Isso explica que os partidos da Oposição burguesa tenham apoiado o sr. Palme. Os centristas e os liberais, totalmente, os moderados (ex-conservadores), em 50%.

UM ACORDO À VISTA

Os sindicatos de funcionários terão que voltar a mesa das negociações. A comissão felizmente encontra-se ali para limar as arestas. Os olhares voltam-se agora para o sector privado. As confederações patronais S. A. F. e operárias L. O. estão, desde os meados de Novembro, em negociações acerca do alinhamento das vantagens sociais dos empregados pelas dos operários. Há um acordo á vista. O *leader* da L. O., o sr Geijer apresentará em breve as reivindicações dos salários dos operários. Quando as negociações estiverem a um passo do seu termo, o sr. Geijer pedirá uma coordenação em toda a frente e os funcionários serão chamados á mesa para distribuirem entre si as migalhas do bolo donde a L. O. terá tirado a melhor fatia.

Os funcionários consideram-se «pouco amados» e fazem agora figura de vítimas na Suécia. Não só lhes recusam o poder de compra de 1968 como ainda lho descem. Processados, sentem-se igualmente «*expulsos de Estocolmo*» o Governo decidiu descentralizar os sectores administrativos.

A SATURAÇÃO DO SECTOR PÚBLICO

A verdade é que o conflito social é apenas reflexo das leis de um mercado de trabalho caracterizado nestes últimos anos pela saturação do sector público. Três quartos da população activa que ingressou no mercado de trabalho nos últimos três anos, entraram nesse sector. Foi resultado da elevação do nível dos estudos. 90% dos jovens vão além da escolaridade obrigatória nos liceus e escolas profissionais. Cerca de metade entra na universidade. A industria, em compensação, é obrigada a importar mão-de-obra finlandesa jugoslava, grega.

O conflito deixará profundos rancores. O Governo social democrata é, em parte o responsável por isso. O «slogan» da «igualdade» lançado com grande estardalhaço por altura do Congresso do Partido em Outubro de 69 criou uma verdadeira psicose. O orgão da L. O. *Affonbladet*, manteve este clima, denunciando o movimento como uma greve dos *«altos salários»* fazendo assim renascer uma atmosfera de luta de classes, que já se supunha abolida. A igualdade não dá lugar a um nivelamento? Poderá essa igualdade conseguir-se através de um aumento dos impostos sobre os rendimentos elevados? Os impostos directos - as taxas (a taxa complementar — TUA — passou de 11 11% a 17,65% em 1 de Janeiro de 1971) já atingiram um nível excessivo. Noutro país qualquer já teria decerto surgido um movimento de greve ao imposto. O *poujadismo* é contrário ao espírito e ao temperamento suecos mas mal-estar, embora não se exprima brutalmente, não deixa de ser preocupante

NOTA DIÁRIA

PRATO VARIADO

O SER VARIADO nem sempre quererá dizer o melhor, como naturalmente sabem as donas de casa. O ser variado quer dizer, também naturalmente, que foi o que se pôde arranjar. Mas em verdade com a Assembleia Nacional sem sessões públicas, com o tempo de férias que está correndo e o tempo de Páscoa que está cheirando, não ficam grandes coisas à vista que dêem pasto a comentário sem se correr o risco da fantasia. A não ser o calendário de Março que chega amanhã ao fim e se vai preenchendo, como de costume com as notícias das assembleias gerais de bancos e companhias, donde se recolhe ampla informação panorâmica sobre o nosso mundo dos negócios. Informação de conjuntura, como resumem os especialistas. Sempre porém, do maior interesse não só no aspecto economico e financeiro como também sob o ângulo sociológico. É uma das imagens da nossa vida.

DISSE O MINISTRO da Educação, em acto público decorrido na Faculdade de Medicina, que se tá á tudo por tomar as medidas necessárias para que no próximo mês de Outubro o curso médico tenha já nova estrutura. É o que se espera dos estudos que estão a fazer-se pa a a reforma que por enquanto deve ser um asfixiante amontoado de ideias e de papéis. Primeira ideia oficial à vista: que no próximo ano talvez se mostre um programa coerente e sistemático de cursos de pós-graduação, já devidamente institucionalizados. Ele, ministro, arriscou-se a prometer a Faculdade que organize, que o Ministério «tudo fará para arranjar, como é sua obrigação, os meios financeiros necessários».

UMA PEQUENA NOTICIA dá conta de uma batida aos lobos e raposas na área compreendida entre a estrada Celorico-Fornos e a linha Salgueirais-Linhares da Beira. Estatística: 220 caçadores, 22 raposas abatidas. Serra acima, serra abaixo, tuca-que-tuca não é possível ao citadino visionar estes quadros sem que lhe acuda a lembrança de Aquilino Ribeiro. Porque ele próprio que passou quatro dezenas de anos entre a porta da sua livraria no Chiado e o curso de Berlim e Paris, foi sempre, até aos últimos dias da sua vida o homem da serra, a imagem recortada do caçador serrano, de bota terrada, que palmilhava e conhecia todos aqueles montes e vales que todos nós palmilhámos também na bizarra e atraente companhia da sua leitura intatigável.

FAZ DOIS ANOS que foi o centenário de Calouste Gulbenkian. Não é muito da nossa estima, neste local, fazer chamada a efemérides, ligadas, como pretendemos, às realidades que nos rodeiam. Mas a lembrança de Calouste Gulbenkian está viva e presente, isso está, para cada lado que nos voltemos, na nossa própria realidade. Se se quiser escolher um pano de amostra na obra feita com o fantástico legado de possibilidades que nos deixou, não é coisa fácil. A dificuldade, precisamente está em escolher. Mas de tanta coisa erguida em seu nome e com o seu nome, o principal é o conjunto de possibilidades de valorização que tanta gente tem encontrado. Para cada sonho de gente há hoje uma esperança: talvez a Gulbenkian possa ..

OUTRA NOTICIA, que é quase um anúncio: aberta a inscrição para o curso de preparadoras para os laboratórios distritais de saúde pública. Relacione-se com a reforma anunciada dos serviços de saúde. O pessoal que vai ser preparado não existe. Os refe idos laboratórios também não, mas estão prometidos e não poderão abrir sem quem neles funcione. Aí está: pensar ao mesmo tempo nas instalações e em quem as há-de povoar em trabalho. E outro ponto da notícia: dois contos por mês de subsídio aos alunos não residentes em Lisboa, caminho novo iluminado por uma luz nova. O Estado dispõe-se a entender que se pode aplicar dinheiro sem ser apenas gastar dinheiro. É aplicá-lo na certeza dos juros. A saúde é uma riqueza que não se pode malbaratar.

AMANHÃ • CONTINUA EM GRANDE ÊXITO 5.ª SEMANA
SÓ À NOITE
O APAIXONANTE FILME «ESSA MULHER» com SARA MONTIEL
ON ODEON
(ADULTOS) — EXC.: INTERNACIONAL FILMES

Um grande acontecimento na literatura do mundo da medicina

Sono Selvagem

ROMANCE DE
MILLEN BRAND
que nos revela o clima perturbante da psiquiatria

DA CRÍTICA AMERICANA:

«Uma obra-prima de arte literária»

«Um documento médico e humano excepcional»

EDITORIAL MINERVA

VEJA NAS LIVRARIAS

Caramba
LUBRIFICANTE E DISSOLVENTE DA FERRUGEM
COFERIEL — Rua da Boavista, 180-1.º
Telefone 69 09 57 — LISBOA-2

UM «SHOW» DE MILITARES NO COLISEU

Artistas militares do agrupamento de variedades «Alerta Está» (Região Militar de Lisboa), entre os quais Fernando Tordo, Paulo de Carvalho, Nuno Filipe, Tristão da Silva Jr. e António [illegible] rios, estarão [illegible] noite no Coliseu dos Recreios para mais um «show» — o terceiro — promovido conjuntamente por aquele grupo e pela Rádio Voz de Lisboa.

Actuam [illegible] de Castro, Cecília Cardoso, Teresa Paula Brito, Carlos Portugal, Fernando Maurício, Gabriel Cardoso, Joel Branco, Francisco Luís e Maria da Fé, [illegible] ainda a adesão de outros nomes. A direcção musical do espectáculo está a cargo do capitão Sílvio Pleno, sendo o guião de Nunes Forte.

VIDA MUSICAL

O «Miserere» de Bontempo no Grande Auditório

No Grande Auditório da Gulbenkian há amanhã, ás 18 e 30, o anunciado concerto da sua Orquestra de Camara, com a primeira audição moderna do «Miserere», de J. Domingos Bontempo, para solistas, piano, coro e orquestra.

O programa inclui ainda o «Concerto op. 35», de Chostakovitch, para piano, trompete e cordas, a «Sinfonia n.º 96» («O Milagre»), de Haydn, e a «Suite n.º 1», de Stravinsky. Direcção musical de Pierre Salzmann.

Ópera no S. Carlos e no Coliseu

Prossegue quinta-feira, ás 21 e 15, a temporada de ópera do Teatro Nacional de S. Carlos, com «Il Tabarro», de Giacomo Puccini, e, em estreia, «O Prisioneiro», de Luigi Dallapiccola.

As duas óperas são dirigidas pelo maestro Álvaro Cassuto, encenadas por Riccardo Moresco e interpretadas por um elenco em que se incluem Magda Laszlo, Scipio Colombo, Giuseppe Taddei, Angelo Laforese, Stefania Malagú, Giuseppe Giacomini, Álvaro Malta e Armando Guerreiro.

O espectáculo será repetido na récita da tarde de domingo, ás 16 e 30, e no Coliseu dos Recreios, em récita popular, no dia 7, ás 21 e 15.

Tauromaquia

Em Santarém e no Montijo

Antecedendo a inauguração oficial da temporada Domingo de Páscoa no Campo Pequeno tivemos ontem a corrida dos regentes agrícolas, cavaleiros e forcados, em Santarém, e um festival no Montijo com Mestre Baptista e José Nuncio, este em reaparição, e os «diestros» «Litri», Andrés Vazquez e José Julio, o praticante Peixinho e o grupo de pegadores locais.

Todos prestaram boas provas, e cá os esperamos para as formais, com touros-touros. Dizem-nos que Mário Coelho aproveitou o dia para se treinar algures com um touro. Que lhe aproveite.

«EL T. P.»

Digressão europeia do Orfeon de Coimbra

COIMBRA, 30 — O Orfeon Académico seguiu para a Suíça, onde vai realizar uma série de recitais em Genebra, Zurique, Lausanne, Berna e Basileia, actuando ainda para a televisão e para a rádio, respectivamente em Zurique e em Lausanne. Está ainda marcada uma exibição na cidade do Luxemburgo.

novo casino estoril * novo casino estoril * novo casino estoril

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS
"SLOT MACHINES"
ACESSO LIVRE MAIORES DE 21 ANOS

SAMANTHA JONES
VEDETA INGLESA DO CINEMA E DA CANÇÃO

LES DOLLIES
FAMOSA ATRACÇÃO MUNDIAL

DINA TRINDADE

PRODUÇÃO DE GEORGES REICH

JIRINA'S COMBO • FILARMÓNICA FRAUDE
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

BIJOU DE VIENNE
SÓ NO WONDER BAR

NO SALÃO RESTAURANTE, ÀS 23.30 (M/ 17 anos)
NO WONDER BAR A 1.15 (M/ 21 anos)
Telefones 264596 e 264621

DEPOIS DE AMANHÃ, ÀS 22.15 H.
NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE
ESPECTACULO EXTRAORDINÁRIO
DIRECTAMENTE TRANSMITIDO PELA RTP

SAMANTA JONES ★ NINO SANCHEZ
LENITA GENTIL ★ RUDI HORN ★ LES
DOLLIES ★ BALLET DE GEORGES REICH

novo casino estoril

DOIS 1.ºˢ ANDARES:
4 ASS., 2 C. BANHO; E 3 ASS., GR. ROUP.ᵒˢ, RESTAM VENDER, BOM PRÉDIO, CENTRO QUELUZ. TELEF. 950098

Filmes Lusomundo

Barbra Streisand
O TALENTO E A VOZ

Yves Montand
A PRESENÇA E O CHARME

com
Bob Newhart / Larry Blyden / Simon Oakland / Jack Nicholson
Produção de HOWARD W. CO[illegible] de VINCENTE MINNELLI · Música de BURTON LANE
Technicolor · Panavision M / 12 ANOS

HOJE ESTREIA no MONUMENTAL
ÀS 21,30

Teatro TELEF. 717017
Maria Matos
ÀS 21.45 H.
M/ 17

SÓ HOJE E AMANHÃ
DESPEDIDA DEFINITIVA DE UM GRANDE ÊXITO
o inocente

QUINTA-FEIRA ÀS 21,45 HORAS
E APENAS ATÉ 11 DE ABRIL
A DESEJADA REAPARIÇÃO DE UM ESPECTÁCULO DO MAIOR NÍVEL
as irmãzinhas
M/ 17
NOTÁVEL REALIZAÇÃO DO grupo 4

BREVEMENTE M/ 17
JOGOS DE SOCIEDADE
APAIXONANTE COMÉDIA DRAMÁTICA PARA 150 MINUTOS DE INTENSA VIBRAÇÃO

F. N. A. T.

ÓPERA PARA TRABALHADORES

COLISEU DOS RECREIOS

TEMPORADA POPULAR DO TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho concede descontos especiais aos seus beneficiários, aos sócios dos Sindicatos Nacionais, dos C. A. T. e dos C. R. P. para as seguintes óperas:

O PRISIONEIRO, de Dallapiccola

IL TABARRO, de Puccini

4.ª-feira, dia 7 de Abril

Principais intérpretes: Luísa Maragliano, Stefania Malagú, Giuseppe Taddei e Giuseppe Giacomini

Dia 21 de Abril — «D. Carlos», de G. Verdi

Para o primeiro espectáculo indicado os bilhetes encontram-se á venda a partir de 5.ª-feira, dia 1, e, para o ultimo, a partir do dia 15, na Sede da F. N. A. T., Calçada de Santana, 180.

M/ 12 anos

«AS RODAS DA LOUCURA»

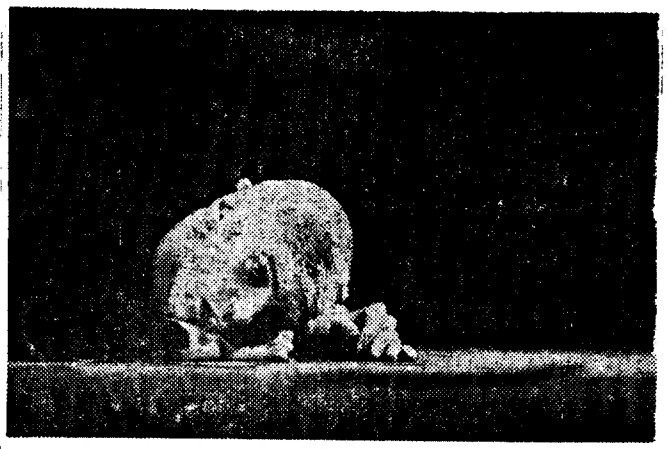
TÍTULO ORIGINAL — «The Challengers»
REALIZAÇÃO — Leslie H. Martinson, 1968 (E. U. A.)
INTÉRPRETES — Darren McGravin, Sean Garrison, Susan Clark, Juliet Mills, Farley Granger, Richard Conte, Anne Baxter, Sal Mineo, etc.
DISTRIBUIÇÃO — Sonoro Filme
ESTREIA — Cinema Politeama (25-3-971).

Os filmes sobre automobilismo são imensos. Mais roda, menos amor, mais acidente, menos adultério. «As Rodas da Loucura» é simplesmente mais um, daqueles que antes de serem vistos já o tinham sido.

Leslie H. Martinson repete proezas de «heróis» passados sem qualquer tipo de originalidade ou de brilho. Rivalidades de volantes, senhoras que acompanham os vencedores e desprezam os vencidos (aqui a senhora é «Cat», a magnífica Susan Clark, o que merece ser dito), outras senhoras que sofrem e se angustiam medonhamente, enquanto os seus homens andam na «brasa», tudo isto está dito, tudo isto existe, tudo isto é fado.

Técnicamente, as proezas ficam-se, contudo, pela montagem saltitante. Refira-se o regresso de Farley Granger (o prescrito de «Sentimento») que aparece na figura de um gerente de casino. E é tudo.

L. A.



O REGRESSO DE UM ÊXITO — A partir de quinta-feira o Grupo 4 apresenta no Teatro Maria Matos o seu último espectáculo: «As irmãzinhas», de Eduardo Manet, com encenação de Costa Ferreira. Regressa, assim, um êxito da temporada, recriado durante mais alguns dias por Irene Cruz, João Lourenço, Morais e Castro e Rui Mendes

NOVIDADES DA DENEUVE

PARIS, 30 — A. N. I.) — A actriz Catherine Deneuve acaba de ser convidada pelo realizador Marco Ferreri para principal intérprete do seu próximo filme, que tem por título «Melampo» e cuja rodagem se iniciará no próximo mês de Junho. Aceitou, mas tendo tido, para o efeito, que rejeitar outra proposta idêntica, apresentada por Claude Chabrol para o filme «A década prodigiosa».

Entretanto, Chabrol contratou para a sua película, extraída de um livro de Ellery Queen, os actores Orson Welles, Michel Piccoli, Tony Perkins e Marlène Jobert.

ISRAEL E SUÉCIA INTERESSADOS NA COPRODUÇÃO

TEL AVIV, 30 — (A. N. I.) — Israel assinou com a Suécia um acordo de produção conjunta de filmes. Um comunicado oficial anuncia que o director da industria cinematográfica sueca, Harry Schein, e o director do Centro Cinematográfico de Israel, Zesev Birger, assinaram o documento.

«O objectivo do acordo é conceder incentivos especiais aos produtores de filmes dos dois países e, deste modo, encorajar as coproduções sueco-israelitas» — diz-se no comunicado.

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta
Um filme de
FRANÇOIS TRUFFAUT
DOMICÍLIO CONJUGAL
(DOMICILE CONJUGAL)
HOJE, às 21.45
ESTREIA NO
CONDES
Adultos

teatro ABC ADULTOS
• HOJE •
Às 20 e 45 h.
Às 23 horas
Telef. 36 67 45
O PRODUTOR HUMBERTO CUNHA
apresenta a extraordinária REVISTA POPULAR
Frangas na Grelha
COM UM FABULOSO CARTAZ DE «ESTRELAS»
IVONE SILVA • NICOLAU BREYNER
ANITA GUERREIRO
ÓSCAR ACÚRCIO
ANABELA • LUÍS HORTA
MARIA TAVARES
ORLANDO FERNANDES • NINA FLORES
LINA MORGADO • EDUARDO VILAVERDE
FERNANDA PINTO
e a participação especial de
TONY DE MATOS
Empresa teatral JOSÉ MIGUEL, LD.ª

IVONE em «Louca do censo»
AMANHÃ DESCANSO DA COMPANHIA

SELECIONADO PARA OS "OSCARS" DA ACADEMIA
COM 4 NOMEAÇÕES
O MELHOR FILME DO ANO!
MELHOR Actor Jack Nicholson
MELHOR ACTRIZ SECUNDÁRIA Karen Black
MELHOR ARGUMENTO E ADAPTAÇÃO
VOCÊ DEVE VER ESTE FILME
A COLUMBIA FILMES apresenta uma produção BBS
JACK NICHOLSON em

DESTINOS OPOSTOS
FIVE EASY PIECES
ADULTOS
COLOR

TRINDADE
Hoje às 21.45 horas (Adultos)
Só até 11 de Abril — Final da temporada
O original de Bernardo Santareno
O DUELO
Pela Companhia do Teatro Nacional D. Maria II
Sábado e Domingo Tarde às 16 horas

3K
MAPLES SOFÁS
R. PASCOAL DE MELO 7 e 47 · T. 49907

INACTO
A CANTORA CARECA
HOJE — 22 H
R. ACTO — ALGÉS
R. Eduardo A. Pedroso — T. 215033

TODAS AS NOITES, ÀS 21.45 HORAS (Maiores de 17 anos)
DEPOIS DA QUEDA
TEATRO VILLARET
GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL
PEÇA DE Arthur Miller
LURDES NORBERTO ROGÉRIO PAULO
Encenação de ARTUR RAMOS
Tradução de LUÍS FRANCISCO REBELLO
e JAIME SALAZAR SAMPAIO
Cenografia e direcção plástica de JOÃO ABEL MANTA
Figurinos de ARTUR CÁSARS
MAIS DE 50 REPRESENTAÇÕES
5 ÚLTIMOS ESPECTÁCULOS NAS FÉRIAS DA PÁSCOA
O próximo é já na 5.ª-FEIRA, às 18.30 h.
EMÍLIO E OS DETECTIVES
PEÇA INFANTIL
Espectáculo para jovens de todas as idades
TEJE TEATRO DO JOVEM ESPECTADOR
M/6 A
Marque já os seus bilhetes (crianças, 20$ — adultos, 40$)

TEATRO VARIEDADES
HOJE: ÀS 21.45 H.
3.ª SEMANA
UMA COMÉDIA DE GARGALHADA PERMANENTE
de Francis Veber
O Contrato
(Adultos)
com RIBEIRINHO • HENRIQUE SANTANA • e estreia no teatro declamado SIMONE DE OLIVEIRA
AMANHÃ: Descanso da C.ª

TEATRO CAPITÓLIO
HOJE: ÀS 21.45 H.
VASCO MORGADO apresenta
LAURA ALVES
a QUERIDA MAMA
"LA MAMMA"
(Adultos)
11.ª SEMANA

TEATRO MONUMENTAL
VASCO MORGADO apresenta brevemente em ESTREIA, uma comédia de Barillet & Grédy numa tradução de Jerónimo Bragança
Quarenta Quilates
com Milú lado a lado com Irene Isidro, Armando Cortez, Maria Adelina, Guida Maria, Luís Pinhão, Óscar Caetano, António Machado, António Semedo e a colaboração especial de Maria Paula
Uma encenação de Armando Cortez
Cenas de António Casimiro
(Adultos)

TEATRO LAURA ALVES
HOJE: ÀS 21.45 H.
M/12 ANOS
Santo Porca
de ARIANO SUASSUNA

Brevemente: Em todos os palcos do mundo «A COMÉDIA DO ANO»
SÓ AS BORBOLETAS SÃO LIVRES
de LEONARD GERSHE
encenação de António de Cabo
(Adultos)

O PETRÓLEO: a fonte de energia mais abundante e mais barata

— lembrou o presidente da administração da SACOR

Sob a presidência do sr. prof. José Gabriel Pinto Coelho reuniu, ontem, a assembleia geral ordinária da Sacor

A anteceder a apreciação e votação do relatório e contas respeitantes ao exercício de 1970, o sr. prof. João Pinto da Costa Leite (Lumbrales), presidente do conselho de administração, fez uma exposição aos accionistas, resumindo os aspectos mais significativos da vida da empresa no período contemplado e evidenciando os condicionalismos em que ela se moveu, tendo começado por declarar.

«Não foi de calma a vida das empresas petrolíferas durante o ultimo ano. Como no Relatório que vos é submetido tivemos ocasião de, sumáriamente, recordar, factores de ordem política vieram, de subito, afectar a economia mundial dos petróleos, com consequências de relevo no domínio não só da produção de ramas e respectivo custo para as empresas exploradoras das concessões mais produtivas, como nos encargos de transporte, encarecendo de uma maneira muito sensível a matéria prima posta nos centros transformadores e consumidores da Europa Ocidental

O processo, que durante o ultimo ano atingiu um ponto de crise, vinha-se anunciando desde longe, e é de temer que soluções de compromisso, que parecem neste momento prestes a ser alcançadas, não sejam senão um passo de uma evolução mais profunda.

Terá havido, porventura, em tempos passados, por parte dos grandes concessionários nas zonas do Médio Oriente, alguma excessiva rigidez, até certo ponto justificada pela consciência da sua capacidade técnica do capital investido com grandes riscos em trabalhos preliminares e de certas circunstancias de ordem política. O que é certo, porém, é que a evolução da política mundial e a mutação, embora lenta, da própria estrutura mental de algumas zonas do mundo terão feito precipitar, dando-lhe carácter de espectacularidade, as exigências de alguns estados soberanos e que se traduziram em presão acentuada sobre as condições de exploração das concessões de que grandes empresas internacionais são titulares. Este movimento é certamente irreversível, com todas as suas consequências, enquanto novas fontes de abastecimento, sobretudo para a Europa não forem descobertas. E não deve esquecer-se que para o mundo livre, excluídos os Estados Unidos, o petróleo fornece 60 % da energia utilizada e se prevê venha a representar, dentro de 10 anos, 70 %.

Quais serão as consequências da actual crise e do encarecimento dos petróleos brutos do Médio Oriente - Norte de Africa, pela tripla acção do agravamento dos «post-d prices» base da tributação do aumento das próprias taxas a junto de encargos fiscais e outros, que acrescem em todo o mundo ocidental aos preços naturais dos produtos de petróleo, em suma, de uma mais equilibrada e necessária repartição da margem existente entre o custo industrial dos produtos e os preços de venda ao público, pode resultar o bastante para compensar o encarecimento das matérias-primas na origem e dos transportes e estancar a tendência, que por toda a parte se vem desenhando, para uma queda de rentabilidade da industria e do comércio de petróleos. Essa queda, proveniente da tendência até certo ponto natural para manter os preços de venda dos produtos energéticos à exclusiva custa dessa rentabilidade, tende a atingir o seu limite e não pode deixar de ser objecto de uma justa revisão.

Entretanto, continua por toda a parte o esforço para encontrar novos jazigos de petróleo ou gás natural, quer em zonas terrestres até agora inexploradas, quer no fundo dos mares, ao mesmo tempo que aumentam as necessidades destas matérias-primas, por força, não só do aumento do consumo de energia, como das aplicações petroquímicas.

Não parecem de temer, nem a estagnação das economias pelas falta de energia, nem a desvalorização total do petróleo por falta de procura.

O que se nota — pela incerteza quanto às fontes primeiras de abastecimento — é, em todos os países, a preocupação de dispor do maior número possível de opções quanto à fonte de abastecimento em matérias-primas, e o desenvolvimento das indústrias de refinação e outras com elas coligadas, como as petroquímicas, único meio de tirar partido daquelas opções.

A Sacor está a comprar quantidades significativas de ramas originárias de Angola

Prosseguiu o presidente do conselho de administração da Saeor, dizendo:

«Este panorama, a que o do nosso país inteiramente corresponde, parece mostrar bem como foi oportuna a criação entre nós, há mais de 30 anos, da indústria de refinação, de que a Sacor foi pioneira. As dúvidas que então pulularam, quanto à oportunidade e vantagens para a economia nacional dessa iniciativa, estão há muito plenamente dissipadas, mas é bom recordá-las quando a indústria de refinação se encontra em fase de pleno e vigoroso desenvolvimento.

Mas não é só neste campo que o esforço oficial e da iniciativa privada se desenvolvem. Também vêm de longe os estudos, trabalhos e investimentos feitos na prospecção e pesquisa de jazigos de petróleos brutos, quer na Metrópole, quer no Ultramar. E se na Metrópole, até agora, não foram obtidos resultados positivos, já no Ultramar as descobertas feitas em Angola, depois de muito esforço e muito dinheiro gasto, representam, não só justificadas esperanças, mas mesmo concretas, embora relativamente modestas, realidades.

Os jazigos descobertos e explorados pela Associação Petrangol-Angol permitem cobrir quase inteiramente as necessidades da Província e os de Cabinda, descobertos e explorados pela Cabinda Gulf Oil Corporation, representam já um positivo e importante valor nas exportações daquela Província. Como dizemos no nosso Relatório, a Sacor está comprando quantidades significativas de ramas daquela proveniência, que poderão ainda aumentar.

Os trabalhos e investimentos na prospecção de novos jazigos continuam activamente e neles está a Sacor presente, através da sua afiliada Angol que, não só participa na associação atrás referida com a Petrangol, como dispõe de concessões próprias, que está prospectando em associações com a Texaco e a Compagnie Française des Pétroles.

Os programas de investimentos iniciais têm sido excedidos, e se bem que não se tenha feito ainda descoberta susceptível de entrada em exploração útil, os indícios obtidos aconselham a continuar e serão, se Deus quiser, coroados de êxito.»

A ampliação da Refinaria do Porto é indispensavel à satisfação das crescentes necessidades energéticas do País

«No domínio da refinação, e pouco depois da entrada em funcionamento regular da nova Refinaria do Porto, que duplicou a capacidade nacional neste domínio, publicou o Governo um importante despacho tendente ao desenvolvimento imediato da indústria de refinação e das indústrias petroquímicas» — disse, ainda, o sr. prof. Costa Leite, que acrescentou:

«Uma parte desse despacho autoriza, em princípio, à Sacor a duplicação da capacidade de produção de combustíveis da Refinaria do Porto. Por outro lado, prevê-se nele a construção de uma nova refinaria ao Sul do Tejo e de uma indústria petroquímica de olefinas, empreendimentos para cuja realização se da abertura a propostas, que deverão ser apresentadas ao Governo num prazo que está prestes a findar.

Esperamos obter em breve a confirmação da autorização para duplicar a Refinaria do Porto, por forma a poder começar imediatamente o respectivo trabalho e não deixaremos de estar presentes, num grupo válido, na apresentação de propostas para a Refinaria do Sul.

A ampliação do Porto está, como sabeis, prevista desde o projecto inicial, e a sua rápida realização é indispensavel, não só para a oportuna cobertura das crescentes necessidades do País em produtos energéticos, como para a plena rentabilidade daquele grande empreendimento. Na verdade, e sem falar na fábrica de óleos lubrificantes, se neste momento a sua exploração é onerada por fortes reintegrações, isso deve-se a que, não só os terrenos e sua preparação, como algumas unidades que o compõem, foram dimensionados tendo já em vista essa ampliação. Daqui resultara que o aumento de capacidade, para mais do dobro, da fábrica de combustíveis custara, segundo estudos feitos com o maior cuidado, bastante menos de metade do que nesta se gastou. O prazo para esta realização estima-se em pouco mais de dois anos a partir da autorização.

Esta fase da Refinaria do Porto representa pois apenas um mero passo de transição que impôs sérios sacrifícios á Empresa.

Mas a estes se juntaram, durante o ano findo, outros factores — os ligados à conjuntura geral dos petróleos e às políticas oficiais de preços — que vieram reduzir os resultados.

Mantêm-se integros, mais do que íntegros, aumentados, a solidez e o potencial económico da Sacor Intensificam-se os esforços de reorganização e adaptação da sua estrutura interna e da sua estrutura financeira ao extraordinário aumento de dimensão que nos últimos anos ela tem experimentado

Como podereis ver no Balanço, as reservas desta Sociedade têm aumentado ano a ano e atingem hoje mais de um milhão de contos, e, no Activo, as margens entre os valores contabilizados e os valores reais de grande numero dos seus elementos excedem certamente em muito 500 mil contos.

Decerto se poderá lamentar que o lucro líquido deste ano seja, mercê dos factores apontados, sensivelmente inferior ao dos anos transactos, mas julgou o Conselho de Administração dever manter os severos critérios sempre adoptados no cálculo das reintegrações e não dispor de reservas que constituem um potencial que é base dos novos empreendimentos em que a Sacor se vai lançar.

Esses empreendimentos e a normalização das actuais distorções de custos e preços darão, esperamo-lo firmemente, ampla compensação a esta empresa».

Reforçado o carácter essencialmente português da Sacor

«Duas palavras ainda sobre a vida interna da nossa empresa, que me parecem pustificadas» — disse, a finalizar, o sr. presidente do conselho de administração da Sacor. «Desta assembleia geral não participam representantes da Compagnie Française des Pétroles que, durante longo tempo, foi importante accionista desta empresa e representada no conselho de administração.

Cumpridas todas as formalidades legais, a posição daquela Companhia foi adquirida pela Fundação Calouste Gulbenkian, já desde há anos possuidora de importante lote de acções.

Não podemos deixar de prestar aqui o nosso agradecimento à Compagnie Française des Pétroles por toda a colaboração que nos deu e homenagem aos que a representaram no conselho de administração: o sr. Robert Cayrol, que sempre recordamos com saudade, e o sr. Barão Marcel Laurent-Atthalin.

Ao mesmo tempo, não podemos deixar de manifestar a nossa satisfação por a aquisição ter sido feita pela Fundação Calouste Gulbenkian, cuja protecção na vida nacional e internacional não carece de ser posta em relevo, e que, sob a presidência do sr. dr. Azeredo Perdigão, em prefeita continuidade com o pensamento do fundador, tantos serviços tem prestado ao nosso País.

Se já não podia pôr-se em dúvida o carácter essencialmente português da Sacor, ele encontra-se ainda reforçado pelo motivo que acabo de mencionar».

Intervenções do Dr. Azeredo Perdigão e de outros Accionistas

Terminada, pelo sr. prof. Costa Leite Lumbrales a leitura do seu discurso, usou da palavra o sr. dr. Azeredo Perdigão que tendo começado por saudar o presidente da Mesa da Assembleia, prestando homenagem de muita admiração ao sr. prof. Pinto Coelho, explicou, a seguir, as razões e o significado da aquisição, pela Fundação Calouste Gulbenkian, da posição accionista da Compagnie Française des Pétroles, afirmando, nomeadamente, que a decisão tomada constituia um acto de fé, um acto de confiança no futuro da Sacor. Acrescentou que havia sido com perfeita consciência, e assentando num critério perfeitamente documentado que a Fundação tinha levado a cabo investimento tão vultoso, fazendo preceder a sua concretização do estudo e ponderação convenientes.

O sr. dr. Azeredo Perdigão concluiu as suas palavras por um expressivo louvor ao que considerou o trabalho admirável conduzido pelo conselho de administração da Empresa.

No prosseguimento da apreciação do relatório e contas proposto à discussão e aprovação da assembleia conjuntamente com o parecer do Conselho Fiscal, o sr. dr. Fernando Aguiar Branco, que representava a Fundação Eng. António de Almeida, propôs um dividendo de 15 %, que foi aprovado depois de nova intervenção do sr. dr. Azeredo Perdigão a corroborar a proposta.

O sr. eng. José Frederico Ulrich, aludindo ao facto de, no relatório do conselho de administração como no parecer do conselho fiscal se referir, com profundo pesar, ao falecimento do prof. António de Oliveira Salazar, ocorrido no ano transacto, propôs que a parte daqueles documentos em que se faz tal menção fosse aprovada de pé, o que mereceu o acordo unânime da assembleia.

A Fundação Gulbenkian eleita para o Conselho de Administração

Cumprindo a segunda e última parte da ordem dos trabalhos, procedeu-se, depois, à eleição para as vagas existentes na Mesa da Assembleia Geral e nos Conselho de Administdação e Fiscal, tendo sido designados para os diversos cargos naqueles órgãos os srs.:

Dr. José de Azeredo Perdigão, presidente da *Assembleia Geral;* prof. André Gonçalves Pereira, vice-presidente, Joseph Cohen e dr. José Beleza dos Santos de Carvalho, vice-secretários;

Dr. Diogo Cohen de Bettencourt, presidente do *Conselho Fiscal;* dr. Clemente Rogeiro, vice-presidente; dr. Júlio Rodrigues, vogal.

Para o *Conselho de Administração* foi eleito o accionista Fundação Calouste Gulbenkian.

O dr. Azeredo Perdigão assume a presidência da assembleia geral daquela empresa

O Banco Comercial de Angola registou no exercício de 1970 lucros de 34 675 contos

Está convocada para hoje a assembleia geral do Banco Comercial de Angola cuja sede administrativa se encontra em Lisboa, na Rua de S. Nicolau, 71, 4.º e 5.º, e a sede social em Luanda no grande edifício ali construído na Rua Visconde Pinheiro.

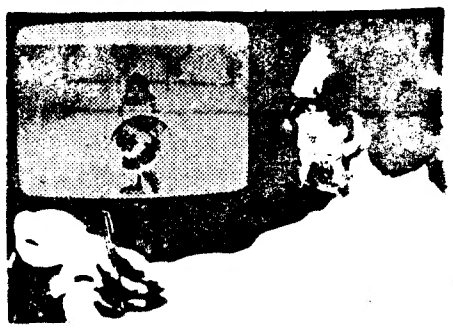
Preside á assembleia o dr. Augusto de Castro, director do nosso prezado colega «Diário de Notícias», sendo presidente do conselho de administração o sr. Artur Cupertino de Miranda.

No relatório do Conselho de Administração se diz que «continuou a economia angolana, no ano que findou a demonstrar em vários sectores de actividade um dinamismo que muito contribuiu para que possa encarar-se com optimismo o futuro económico da província, em grande parte dependente da sua adequada integração no plano geral de desenvolvimento da economia nacional onde, a par da defesa dos interesses ao nível na Nação, sejam prudentemente acautelados os interesses desta imensa e rica parcela do solo português.»

Especifica o relatório diversos aspectos dessa economia de Angola e das suas relações com a Metrópole e os países estrangeiros, e bem assim as suas relações com «o Banco Português do Atlantico, nosso fundador e associado», que «registou no ano findo um progresso e desenvolvimento apreciáveis em todos os sectores da actividade creditícia e financeira, particularmente relevantes no volume das operações e na consolidação do património».

Do balanço do Banco Comercial de Angola, em 31 de Dezembro de 1970, se vê que os depósitos naquela data se elevavam a 4 709 504 contos o capital e reservas ascendiam a 329 mil contos

Os lucros e perdas no ano de 1970 subiram a 34 675 contos.



CANAL DA CRÍTICA

POR MARIA CASTREN

CANÇÕES, MESA-REDONDA, FILME POLICIAL TUDO DO CONTINENTE. A EUROPA AVANÇA

Quem ainda mesmo interessado na evolução do problema da Europa, desculpem!, na evolução do problema de Dublin, teve ontem oportunidade de escutar algumas canções participantes. Neste segundo lote figuram sérias candidatas ao posto cimeiro (parece que é assim que se diz...) da canconeta eurovisã. Admiro-me como tantas e tantas pessoas põem ainda em dúvida a possibilidade de uma íntima cooperação, que digo eu!, de uma completa união europeia. Ponham-se os olhos no mundo difícil do canconetismo: nesse domínio já se conseguiu o que noutros campos se considera quase impossível. Pelo menos no mundo da garganta, a Europa está unida. O resto virá com tempo, se Deus quiser.

O problema continua (agora estou a referir-me á unificação da Europa) a preocupar muita gente moradora no extremo ocidental do continente. Por esta razão se efectuou ontem uma «Mesa-Redonda» em que serviu como moderador o deputado Manuel José Homem de Melo e de que participaram o médico Salazar Leite (deputado também), o advogado Mário Reimão Ferreira, o inspector superior da Administração Ultramarina Júlio Monteiro e o industrial Alfredo Taillet Alves.

Torna-se muito difícil traçar aqui o resumo e muito mais fazer uma crítica da movimentada mesa-redonda. O deputado Homem de Melo, visivelmente deslumbrado com a televisão (é a terceira presença num reduzido período) procedeu a uma breve e muito incompleta história dos projectos de unificação da Europa desde Carlos Magno. Não ficou esclarecido, nem bem nem mal, o esquema da composição da mesa. As posições divergiram. O deputado Reimão Ferreira não crê num «executivo» para a Europa; o inspector Júlio Monteiro não crê que a unificação possa fazer-se á força, por acção de qualquer ditador; o industrial Alfredo Alves explicou a necessidade da unificação como uma questão de sobrevivência frente aos grandes blocos; o médico Salazar Leite divagou sobre o facto de os homens não estarem suficientemente unidos para se pensar na unificação da Europa, a qual, no entanto, deve ser desejada por todos os homens de bem.

Voltemos, porém, ao outro problema: o do festival da Canção da Europa, em Dublin. Do lote ontem apresentado, suponho que os meus leitores tomaram especialmente conta nas canções da Inglaterra, do Luxemburgo e da Espanha. O «perigo» deve partir daí. A Inglaterra, com uma velha experiência industrial, joga em pleno na canção como um espectáculo onde intérprete, melodia e harmonização fazem um corpo único. Tudo funciona como um mecanismo de grande precisão, sem uma falha. Não duvidem: a Inglaterra joga para ganhar. A sua canção sugere a presença de profissionais no meio de amadores.

Deste grupo de amadores começa a emergir a Espanha. O seu filme de apresentação, com motivo baseado nos meios de transporte (e todos sabemos como todos os meios de transporte vão dar a... Espanha...) estava organizado de maneira a prender os olhos com coisas boas de pensar e de viver: crianças, passeios, aventura, largar por aí á procura da felicidade. Tudo enquanto a canção, bem marcelada, falava do mundo novo, coisa que também todos desejam, embora não nos digam do que consta — ao menos para saber cada um de nós, se nos interessa.

A canção do Luxemburgo, com seu ritmo bem marcado e simplificado, na linha que deu o êxito ao «Poupée de cire», lembram-se?, escolhe o caminho geométrico, pois será esse — apesar do estreito da Manga — o caminho mais perto para Dublin.

A canção da Itália, muito triste (Ciao, ciao...) grita muito (a influência da ópera...), bem como a francesa e bem como a portuguesa, o que se apresenta neste festival como um destrunfo. A canção ligeira fez-se para entoar e não para cantaaaaaaaaar. A Inglaterra, a Espanha, o Luxemburgo, já perceberam a coisa. Os outros andam tapadinhos. Não é por se ter muita garganta que se eurovisa melhor.

No que respeita pròpriamente aos filmes de apresentação, a Espanha e a Bélgica acompanharam o nosso País na preocupação de fazer obra bem feita, capaz de alegrar (ou entreter) os olhos. Bem, e que tal vamos de promoçãozinha, tem-se feito? Olhem que se não, nada feito. Mesmo com Meninas muito sérias.

O serão terminou com uma emissão da série «Os últimos cinco minutos», produção célebre da Televisão francesa, á qual se refere, como não podia deixar de ser, o «Dictionnaire de la Télévision». Por tal sinal que, quem conhecesse o dicionário podia, pràticamente, prescindir da apresentação do episódio. Uma apresentação longa, monótona, sonolenta, fastidiosa, capaz de fazer desistir o telespectador menos corajoso. Não. Não é

(Continua na 30.ª página)

Rádio

EMISSORA — 1.º Programa Metropolitano — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Programa da juventude; 17 e 30: «Estante»: «Ivanhoe», de Walter Scott, por Odette de Saint-Maurice; 18 e 05: O convidado de hoje: Bob Dylan; 19 e 20: Espectáculo — Cinema, por Videlka Santos; 18 e 40: Encontro ao fim da tarde, com os «Credence Clearwater Revival»; 19 e 10: Orquestras e canções; 20: Diário sonoro; 20 e 20: Interlúdio; 20 e 30: 5.º episódio do folhetim «Ben-Hur»; 20 e 52: Melodias pela orquestra de Franck Pourcell; 21: Momento 71; 21 e 20: Que quer ouvir? 21 e 55: Viagem ao passado, por Judite Navarro, 22 e 10: Vamos ouvir... Maria de Lourdes Resende; 22 e 30: Tempo de jazz, por Raul Calado, 23 e 05: A vida e a mulher; 23 e 30: Eles cantam para si; 24: Fecho.

2.º Programa Metropolitano — Às 16: Uma obra... Duas versões — «Quadros duma exposição» de Mussorgsky pelo pianista Sviatoslav Richter e na versão orquestral pelo maestro Eugene Ormandy á frente da orquestra de Filadélfia; 17 e 05: Concerto n.º 11 em ré maior (Vivaldi), pela Orquestra Pro Musica de Estugarda dirigida por Rolf Reinhardt; 17 e 15: Curiosidades musicais (gravações cedidas pela Rcil); 17 e 50: Semana internacional de órgão em Nuremberga 1970; 18 e 30: Gravações históricas — Árias de ópera pela soprano Celestina Boninsegna; 19: Dança e ballet, pelo dr. António Pinto Machado; 19 e 30: Rádio educativa (auditório juvenil); 20: Diário sonoro; 20 e 20: O violista Julian Bream — Preludios nos 2 e 3 (Villa-Lobos); 20 e 30: Concerto pelo quinteto de instrumentistas de sopro, constituído por: Pedro Teixeira, flauta; António Serafim, oboé; Carlos Saraiva, clarinete; Adácio Pestana, trompa; João Mateus, fagote. Concerto preenchido com obras de: Gardner Read, Carlos Saraiva e Mozart; 21: Música coral; 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Recital de órgão do Sé Patriarcal de Lisboa. Audição integral de «Orgle-Büchlein» pequeno livro para órgão, de J. S. Bach; 22 e 15: O gosto pela música, pelo dr. João de Freitas Branco; 22 e 45: Uma orquestra: A Orquestra Filarmónica de Hoia dirigida por Hillem Van Otterloo — Abertura em sol menor (Bruckner); 22 e 58: Fecho.

Programa Estereofónico — MF 2 — Às 21: Jean Manuel Serrat canta em português; 21 e 20: Música só música; 21 e 30: Ritmo de Brasil, com os sambacanas; 21 e 45: Guitars Unlimited; 22: Melanie ao vivo em Nova Iorque; 22 e 25: Alguns êxitos pela James Last Band; 22 e 40: Música portuguesa; 23: O pianista Wilhelm Kempff — Sonata em si bemol maior D 960 «Pó Póstumo» (Schubert); 23 e 47: As grandes sinfonias; 1: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m 1034 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 8 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio jornal; 20 e 15: Portugal além da Europa; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Os nossos artistas; 21 e 03: Terça-feira á tarde; 21 e 32: Impacto; 21 e 30: Quando o telefone toca; 23: Noticiário; 23 e 05: Novas de alegria; 23 e 19: Grande roda; 0 e 02: «P. B. X.», 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 02: Banda sonora; 7 e 02: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

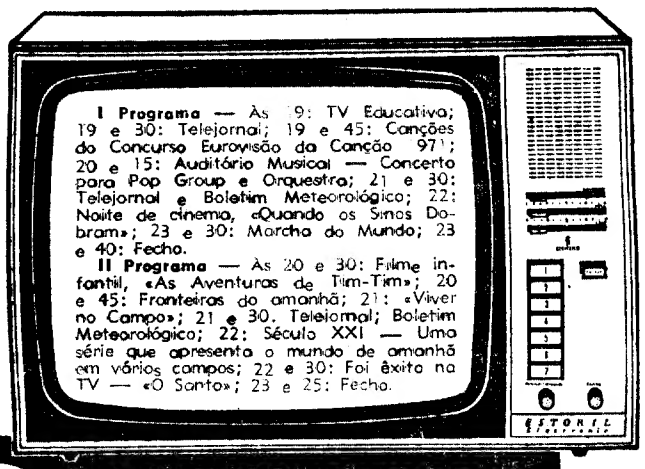
Emissor de Miramar — 383,6 mc/s — 782 kc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia o dia; 21 e 05: Leitura; 21 e 25: Música para meditar; 21 e 40: Orquestras; 21 e 45: O arrufo da verdade; 22 e 03: O santo; 22 e 15: Canções da Europa; 22 e 30: Tiroclínio; 23 e 04: Mensageiro do Evangelho; 23 e 18: Clube da juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 223,2 m — 1285 kc/s — Às 16: Radiorama; 18 e 05: Acerte connosco; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Grande plano; 19 e 30: Página um; 20 e 55: Meditando; 21: Parâmetro; 21 e 30: Curso de língua alemã; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média — 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s. **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 19 e 30 ás 22. **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 12 ás 14 e 30 e das 17 ás 19 e 30. **Rádio Voz de Lisboa** — Das 8 ás 10 e das 14 e 30 ás 17. **Rádio Graça** — Das 10 ás 12 e das 22 ás 2.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — *1.º período* — Às 12 e 45: Abertura; 12 e 46: Desenhos animados; 13: Feminino singular — Magazine feminino; 13 e 15: «Julia», com Diahann Carrol e Mare Copage; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: «Covilhã»; 14 e 15: Logo á noite, e 14 e 20. Fecho. 2.º *período* — Às 19: Abertura; 19 e 5: Documentário — «A Batalha do dr. Kock»; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: TV juvenil: 20 e 10: «Flintstones»; 20 e 40: Vamos jogar no Totobola; 20 e 55: Segredos da vida animal; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição e o Boletim Meteorológico; 22 Frente a frente, com Perdigão Queiroga; 22 e 30: «A Família Forsyte», 8.º episódio; 23 e 30: Marcha do Mundo e 23 e 40: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — Às 20 e 30: Abertura; 20 e 31: «As Aventuras de Tim-Tim»; 20 e 45: Carta de Espanha; 21: «Julia»; 21 e 30: Telejornal, 3.º edição e o Boletim Meteorológico; 22 Documentário; 22 e 30: Concerto para jovens, com a Orquestra Filarmónica de Nova York, dirigida por Leonard Bernstein, e 23 e 25: Fecho.

peças FIAT
CARLOS EDUARDO TROVÃO, LDA.
Av. João XXI, 68-A-68-C Telefs 771014-770265 Lisboa-1

ESTUDANTES!
IV CONCURSO ESCOLAR DE PINTURA E DESENHO
CISNE
RECEPÇÃO: ATÉ 31 MARÇO 71

Manhã na praça

Excedentes de fruta e de produtos hortícolas?

As capas de Novembro e Dezembro, do ano transacto, do boletim do Serviço Informativo da Junta Nacional das Frutas, publicavam respectivamente as duas seguintes perguntas: «Frutas portuguesas para o mercado inglês?» e «E porque não, produtos hortícolas portugueses para Inglaterra?»

Por nosso lado e em resposta faremos uma outra pergunta: «Teremos acaso excedentes de produção de fruta e produtos hortícolas?»

Se temos, óptimo. Depois de abastecido o mercado interno, procedamos á exportação, mas sem que esta resulte numa subida interna de preços dos respectivos produtos. E dizemos isto porque estamos a lembrar-nos do que acontece com a carne de borrego, que tem sido exportada em prejuízo do consumo interno. Toda a gente se recorda da última subida de preço de carne de borrego, que veio agravar o seu custo para mais de 40%, tendo em conta os preços registados há pouco mais de meio ano.

Não estarão já bastante caros os nossos produtos hortícolas e a nossa fruta?

Viria, aliás, a propósito falar do que se passa com o peixe, mas isso fica para outra vez, até porque já temos falado bastante dele.

Por sua vez o quilo do frango limpo estava tabelado a 30$00; e da galinha limpa de campo a 35$00 e do aviário, a 27$00.

DONA DE CASA

PREÇO DOS PRODUTOS

O quilo da cebola estava, no mercado de Alvalade, a 3$00; do tomate a 18$ e 26$00; da cenoura, a 5$00; das favas, a 7$00; da ervilha de grão, a 8$; e da batata, a 1$80.

A alface custava 1$50 e 2$00; a couve portuguesa, a 3$00; o alho francês, a 1$50; a couve-flor de 4$ a 12$50; o nabo, a $50 e 1$00; e a murciana, a 2$50 e 7$00.

O molho das nabiças vendia-se a 5$00; dos grelos, a 4$00 e 5$00; dos agriões, a 1$50 e dois 2$50; da beterraba, a 5$00; dos rabanetes, a 5$00; e dos bróculos, a 10$00.

PEIXE

Vimos o quilo da truta a 60$00 e 65$00; das lulas, a 35$00; da pescada, a 39$90, 47$00 e 50$00; do gorás, a 27$90 e 32$; da pescadinha, a 24$00 e 27$90; do peixe espada, a 21$90 e 24$00; do cachucho, a 19$00; da solha, a 18$00; da tainha, a 10$00; do robalinho, a 68$00; da sarda, a 8$90; do carapau, a 20$00; do carapau negrão, a 10$90; da marmota negra, a 19$80; da pescada congelada, a 16$00; dos rabinhos de pescada, a 25$00; do linguado, a 82$00; das cartas, a 40$00; do sável, a 22$00; da raia, a 10$40; da chaputa, a 16$90; do pargo, a 26$00; do tamboril, a 16$50; dos filetes, a 25$00; dos chocos, a 24$00, 26$00 e 27$00; da sardinha, a 12$90; das gambas, a 80$00; da ameijoa, a 42$00; da conquilha, a 20$00 e 21$00; do camarão, a 50$00; do berbigão, a 6$00; da dourada, a 14$90; da garoupa, a 80$60 e 39$60; e da azevia, a 57$00

FRUTA

O quilo da laranja vendia-se a 7$00, 8$00, 9$80 e 10$40; do limão, a 10$40; da pêra, a 11$70 e 12$00; do pêro «golden», a 13$00 e 15$60; da maçã reineta, a 12$00, 14$30 e 15$60; da banana, a 10$00(12$50 e 13$; do pêro bravo de esmolfe, a 20$80; do ananás a 24$00.

CRIAÇÃO E OVOS

A duzia dos ovos estava a 11$80, 12$50, 12$60 e 13$00.

DEVIDO A UMA ACÇÃO JUDICIAL

APREENDIDOS 20000 BOIÕES DE IOGURTE NO VALOR TOTAL DE 55 CONTOS

A fábrica de Yogurte Grande Ponto encontra-se impossibilitada de satisfazer os seus fornecedores, desde ontem, por lhe terem sido apreendidos todos os boiões de que dispunha.

Foi-lhe movida uma acção judicial por um concorrente, Yogurte Veneza, acusando-a de embalar o produto em boiões idênticos aos dela, «com o propósito de confundir, de prejudicar, fazendo concorrência desleal».

O proprietário da Fábrica Grande Ponto, sr. António de Oliveira, contou-nos toda a história, nas instalações da sua indústria, na Rua Capitão Robi, 59-A. Começou por nos dizer:

— *Montei esta fábrica, estabelecendo-me por conta própria, em Maio de 1968. Paguei 700 contos pela marca Grande Ponto, a mais antiga do País, e comecei a trabalhar com um boião mais pequeno. Ao fim de um ano, a firma fornecedora dos boiões, Ricardo Santos Galo, da Marinha Grande, por intermédio do sr. eng.º Morna, apresentou uma sugestão às quatro fábricas de yogurte do País — Veneza, Bom Dia, Vigor e Grande Ponto — no sentido de ser fabricado um único tipo de boião, só com os dizeres diferentes. Saía mais barato. Verbalmente, todos concordámos, que nisto o que manda é o produto!*

— E depois?

— *Bem, a Fábrica de Yogurte Veneza acusou-me em tribunal de estar a fazer confusão propositada.*

O sr. António de Oliveira, nessa ocasião, mostrou-nos as diversas embalagens, e afirma:

— *Veja o senhor que a embalagem do Vigor é ainda mais parecida com a do Veneza, pois o nosso nem picotado tem!*

Apreensão de milhares de boiões (cheios)

E o sr. Oliveira prossegue:

— *Recebi uma intimação do tribunal, e fiquei sabedor da queixa do Veneza, em 20 de Maio de 1970. Ora, nessa mesma altura, a firma da Marinha Grande, que também soube do caso, entrou em contacto comigo, dizendo-me que seriam eles a resolver o problema, fazendo novo molde para nós. Suportavam um gasto de 80 ou 90 contos, e faziam-nos um modelo diferente. Fiquei descansado, dei o assunto por resolvido. Mas ontem pelas 15 horas, apareceu-me gente do tribunal, acompanhados por dois representantes do Veneza (se houve julgamento não assisti!), e levaram-me 20 000 boiões cheios (o produto é meu, e a estas horas já está alterado, se não o puseram no frigorífico) no valor de 55 contos, e mais 10 000 boiões vazios!*

Uma fábrica paralisada

E acrescenta, angustiado, o sr. Oliveira:

— *Tenho 40 pessoas paradas e não posso servir os meus clientes: escolas, repartições públicas, Centro de Reabilitação, Manutenção Militar, Cidade Universitária... O meu produto é bom, como bem prova o movimento do Grande Ponto: 14 000 unidades diárias. E tenho já dependências no Algarve, em Faro, por exemplo. Agora, estou com um prejuízo de 22 contos diários, só na venda! Agora mais os ordenados do pessoal e os clientes que me arrisco a perder! Isto foi para me partir as pernas, mais nada!*

Feitas as contas, os prejuízos do Grande Ponto elevam-se a 30 contos diários, e, como a fábrica da Marinha Grande não pode fornecer já novos boiões de modelo diferente (ainda lá tem 300 000 dos antigos...), não há qualquer maneira de satisfazer as encomendas.

Segundo o sr. António de Oliveira, tudo se relaciona com uma história antiga, que passamos a relatar: durante 18 anos trabalhou na Fábrica Bom Dia, como técnico. Foi a mesma adquirida, há seis anos, pelo proprietário do Veneza, sr. Luís Emílio Rodrigues, com quem teve certos atritos, motivados pelo não pagamento de férias e horas extraordinárias. Resolveu ir para Tribunal de Trabalho, ganhou a acção e estabeleceu-se por conta própria.

Tratar-se-ia, portanto, «de uma vingança, a acção movida pela Fábrica Veneza». Do texto da intimação judicial consta que o queixoso registara o formato (o sr. Oliveira afirma que o que estava registado era o antigo, que depois foi modificado), com capacidade de 12,5 centilitros. O Grande Ponto começara a utilizar boiões perfeitamente iguais, depois do acordo verbal em referência. Fala-se em contrafacção de uma embalagem, propriedade do requerente, «*tendente a produzir confusão no espírito do público, enfim, concorrência desleal, visto as duas embalagens serem iguais, causando graves prejuízos ao requerente. O requerente podia, desde já* (estava-se em Maio de 1970) *requerer o arresto repressivo permitido pelo artigo 407 do Código Civil, não o fazendo ainda por esperar que a requerida arrepie caminho, deixe de utilizar as embalagens e retire as que ainda andem no mercado*». Depois da conversa com o engenheiro da firma da Marinha Grande, conforme já citámos, o sr. Oliveira ficou descansado... até ontem, pelas 15 horas. Encontra-se perplexo, tanto mais que, segundo nos disse, o Vigor, que pertence á firma Martins & Rebelo, não foi intimado a mudar de embalagem. Por outro lado, teme, lògicamente, a perda de clientes, uma vez que os não pode continuar a servir.

De momento, encontram-se 40 pessoas paradas, e há menos yogurte no mercado — estes os reflexos imediatos do caso.

A CARRIS TRANSPORTOU 325,9 MILHÕES DE PASSAGEIROS DURANTE O ANO PASSADO

A Carris transportou, no ano passado, 325,9 milhões de passageiros, dos quais 163,7 milhões em eléctricos e 162,2 milhões em autocarros — segundo o relatório da direcção, hoje aprovado em assembleia geral. Aquele numero acusa uma quebra de 7,7 milhões de passageiros (6,1 em eléctricos e 1,6 em autocarros) relativamente ao total do ano anterior.

O relatório (o mais longo que a Companhia Carris de Ferro de Lisboa apresentou nos seus 98 anos de existência) assinala ainda que a empresa teve um prejuízo de exploração da ordem dos 23 323 contos e um prejuízo total de 20 817 contos.

Segundo o mesmo documento, as despesas da Carris, em 1970, foram afectadas pelo aumento de encargos resultantes da revisão do acordo colectivo de trabalho, feita em Agosto de 1969. Os salários, ordenados e encargos patronais pagos em 1970 totalizaram cerca de 329 800 contos.

A conta de ganhos e perdas, no entanto, «*apresenta um saldo de 87 552$00 correspondente ao dividendo de 6% por acção garantido pela Lisbon Electric tramways, Ltd., pelo contrato de arrendamento da concessão.*»

O relatório refere-se ainda a vários problemas, nomeadamente aos do trânsito, acentuando «*a falta de coordenação nas tarifas dos diversos meios de transporte colectivo da cidade, a concorrência, permitida, na cidade, ás carreiras interurbanas de autocarros sem possibilidade contrapartida da nossa parte e o agravamento das condições de trânsito nas ruas de Lisboa*».

A assembleia geral hoje realizada em Santo Amaro elegeu também alguns lugares vagos nos corpos gerentes que ficaram assim constituídos:

Direcção — Dr. Mário Malheiro Reymão Nogueira (administrdor-geral), dr. José Luís da Câmara de Saldanha, Iberian Peninsular Land Cº Ltd. (representada pelo dr. Afonso Patrício Gouveia), William Bailey, Edward Philip Stokes, dr. Nelson Alexandre de Albuquerque Reis e major Fernando Artur de Oliveira Baptista e Silva.

Conselho Fiscal — Efectivos: dr. Manuel Paulino Gomes Junior, José Manuel Correia da Silva Passos e Alexandre Manuel Galvão Mexia de Almeida Fernandes; suplente: comandante António da Cunha Esteves de Andrade e Silva.

Mesa da Assembleia Geral — Presidente, dr. António Judice Bustorff Silva; vice-presidente, dr. Francisco Xavier Bento da Silva Santos; 1.ºº, secretário, dr. Luís Vilar Correia Pires; vice-1.º secretário, Pedro Maria Patrício da Conceição; 2.º secretário, Othelo Inácio Costa Matta; vice-2.º secretário, José Pinheiro de Abreu Junior.

Comissão para fixação da remuneração dos directores e membros do Conselho Fiscal — Dr. Antóni Judice Bustorff Silva, dr. Francisco Xavier da Silva Santos e eng.º João Vilardebó da Fonseca Chaves.

«OBRA SOCIAL DA MUSGUEIRA»

O Grelpe — Gabinete de Relações Públicas e Promoções, Lda., oferece, amanhã, ás 19 horas, no Hotel Tivoli, um «cocktail» á Imprensa, para apresentação de um novo produto da linha Breck, da American Cyanamid.

O Breck Basic é o primeiro texturizador lançado em Portugal e tem como função cosmética dar corpo ao cabelo, aumentando e compondo o volume do penteado.

Durante o «cocktail», será apresentada a nova linha de penteados «Primavera 1971», pelos cabeleireiros Gina, do Instituto de Beleza Goya, e Job, do Instituto de Beleza Harriet Hubard Ayer.

Servirão de modelos, para a apresentação desta linha de penteados, Teresa Talone, Teresa Sabrosa, Teresa Prego, Manuela Dias da Cunha, Ana Sabrosa e Ana Zaguri, que o fazem graciosamente, revertendo os seus «cachets» a favor da «Obra Social da Musgueira».

BOM APETITE

MAIA
O RESTAURANTE PREFERIDO DE ALGÉS
R. DAMIÃO DE GÓIS, 42-B
Tel. 212705
Mariscos recebidos directamente da origem

restaurante arameiro
LISBOA
Restaurodores
Trav. S. Antão, 21
PRÉMIO DO S. N. I.
RIA

VIRIATO
SNACK-BAR RESTAURANTE
CERVEJARIA COZINHA PORTUGUESA
Rua Tomás Ribeiro, 55-57
(Aberto até ás 2 h.)
Telefone 53 07 58

RESTAURANTE QUINTA DE S. VICENTE
TELHEIRAS DE CIMA, 144 • TELEFONE 79 02 11
JANTARES DANÇANTES aos Sábados e Domingos c/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
(M/15 anos) Parque automóvel privativo Premiado pelo SNI

VIII SALÃO DE ARTE DE MOTIVOS RIBATEJANOS

Para o VIII Salão de Arte de Motivos Ribatejanos, na modalidade de Pintura, Escultura, Ceramica e Desenho, que a Casa do Ribatejo vai promover na sua sede, de 14 a 28 de Maio próximo, Rua do Salitre, 136-1.º, em Lisboa, estão a afluir elevado número de inscrições de artistas plásticos, que gozam entre nós de grande prestígio e com reflexos além-fronteiras. O Salão tem o patrocínio do Governo Civil de Lisboa, Junta Distrital de Lisboa, Camara Municipal de Alenquer e da Casa Ferreira.

Serão atribuídos pelo juri do certame os seguintes prémios: Medalha de ouro do Salão — prémio governador civil de Lisboa, Taças Secretaria de Estado da Informação e Turismo, Governador Civil de Santarém, Camara Municipal de Tomar, Matador de Toiros Mário Coelho, Gravador Fernando Santos, Dália Cunha e Camara Municipal de Azambuja, placa de prata da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, medalha comemorativa da cidade de Abrantes, estada de 15 dias no Abidis Hotel de Santarém e de 5 dias no Restaurante Sol-Tejo da Barquinha. A entrega dos trabalhos termina em 30 de Abril, data em que o juri se reune para classificação e atribuição dos prémios.

ora diga-nos...

— Quantas lições recebeu para tirar a carta?

É precisa uma lição por cada ano de vida dizem os instrutores. mas ás vezes são precisas menos, e outras consideràvelmente mais.

● *Afirmou o motorista sr. Joaquim Marques Coelho:*

— Doze lições de condução.

— Então já sabia guiar?

— Andava com um triciclo motorizado.

— Ficou bem á primeira?

— Felizmente.

● *O sr. José de Jesus Figueira, também motorista, respondeu:*

— Quatro de ligeiros e oito de pesados. Isto já foi há uns 11 a caminho de 12 anos. Estou convencido de que para se ser motorista é preciso que se nasça para isso. Fui um individuo que sempre aspirei a vida de automóvel.

● *A sr.ª D. Maria de Jesus Fernandes de Carvalho, a guiar a sua furgoneta, retorquiu:*

— Trinta lições. Já tirei a carta há 16 anos.

— Foi difícil?

— Não.

CONCURSO DE AJUDANTES DE «BARMEN»

Realiza-se amanhã, ás 17 horas, numa sala do Hotel Fénix, a final do I Concurso Nacional de Ajudantes de «Barmen», promovido pelo Clube de «Barmen» de Portugal, com o patrocínio do Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira, do Instituto do Vinho do Porto, do Grémio dos Exportadores do Vinho do Porto e de algumas empresas ligadas ao ramo de bebidas.

Para esta final foram apurados 14 concorrentes, sendo quatro de Lisboa, quatro do Algarve, três do Porto e três do Funchal.

SECRETARIADO DA EMIGRAÇÃO

O dr. Vítor Manuel Bargão Torres Preto foi nomeado adjunto do secretário nacional da Emigração.

ASSOCIAÇÃO LISBONENSE DE PROPRIETÁRIOS

Foram eleitos os novos corpos gerentes da Associação Lisbonense de Proprietários, assim constituídos:

Assembleia geral — presidente, dr. Pedro Galvão; vice-presidente, dr. Francisco Ferreira da Costa Trancoso; 1.º secretário, dr.ª D. Maria Alice Alvares Vieira da Cruz e 2.º secretário, Rafael Alves Ferreira.

Conselho fiscal — presidente, prof. dr. Rogério Fernandes Ferreira; secretário, José Vaz Travassos e relator, António Rodrigues de Oliveira.

Direcção — presidente, dr. João Afonso Corte-Real; vice-presidente, comodoro Carlos Henrique; secretário, António Baptista Antunes; vice-secretário, dr. Virgílio Ribeiro Reis; tesoureiro, dr. Raul Rodrigues Cohen; vice-tesoureiro, eng.º José de Serpa Pinto Santos Moreira e vogal, eng.º Augusto Afonso Bastos Junior.

Escola Preparatório Paula Vicente

Na Escola Preparatória de Paula Vicente (Secção de Nova Oeiras) realizou-se mais uma reunião orientada pelo dr Pedro de Lemos Crespo destinada a assinalar o termo do 2.º período escolar.

A reunião incluiu uma mesa-redonda sobre problemas de juventude na qual participaram alunos de todas as turmas, bem como pequenas representações teatrais.

FOTOGRAFIAS DE ADRIANA CABRAL

É inaugurada amanhã, na Sociedade Nacional de Belas-Artes, uma exposição de fotografias de Adriana Cabral, que estará patente ao publico até 9 de Abril.

MAIS CANÇÕES PASSAM AO DISCO

Gabriel Cardoso, já com um pé no avião para o Brasil, gravou «Estrada, minha verdade», «Maria Bela», «Por causa de ti, flores eu colhi» e «Partiu meu bem». Disco «Alvorada». Acompanhamentos pela orquestra de Pedro Osório.

☆

Para a «Rádio Triunfo» o cançonetista José Lello gravou «Mar da Tranquilidade», «Canção que o vento há-de cantar», «A noite do mar» e «Canção para uma flor».

A orquestra de Italo Caffi dá o fundo musical.

☆

Tónia é artista da etiqueta «Alvorada» editada num 45 rotações que inclui «De coração aberto», «O nosso amanhã», «Vamos rezar pelo nosso amor» e «O amor não tem passaporte»».

☆

Johnny Cash (da C. B. S.) gravou «Flesh and blood» e «This sid of the law», trechos do filme «I walk the line».

☆

Um «single» de Martinha para a «Copacabana»: «Aqui» e «Eu daria a minha vida», são as interpretações.

☆

Com arranjos de Christian Gaubert, acaba de ser editada a banda musical do filme «Le voyou», interpretado por Jean-Louis Trintignant.

VOLUNTÁRIOS DE LISBOA

Nos Bombeiros Voluntários de Lisboa, realizou-se um almoço de confraternização em que participaram os elementos do corpo activo, o comando e a direcção, durante o qual foi entregue ao comandante Ernesto Costa uma placa-homenagem comemorativa do seu 70.º aniversário natalício.

VII ENCONTRO EUROPEU DE UNIVERSITÁRIOS

Organizado pelo Colégio Universitário Pio XII, decorre, em Lisboa, de 3 a 6 de Abril, o VII Encontro Europeu de Universitários, que constará de colóquios sobre «Humanismo e técnica», jogos florais (ensaio, canto e poesia), um concurso fotográfico, jogos desportivos e apresentações de musica e teatro. Participarão estudantes portugueses espanhóis, franceses, italianos, alemães, belgas e holandeses.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam: Sérgio Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: Antónia Bessa e Fernando Reis **Consumo mínimo 60$00 ✲ Rua das Taipas, 14 ✲ Tel. 32 72 56.**

BALEEIRA

Elenco seleccionado — almoços a 25$00 ✲ **À noite, consumo mínimo 40$00 — Av. Marginal, 21-22 (Defundo) — Telef. 21 32 59 ✲ Encerra ás quartas-feiras**

MIL E UM

cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zita Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, Fernanda Silva Adriana Franco, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — **Cons. mínimo 40$00 ✲ Trav. de Espera, 8 — telef. 35 4 64 ✲ Encerra ás 5 de madrugada**

TAVERNA DO EMBUÇADO

elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Camara João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mínimo: 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef 86 0818**

LAR PORTUGUÊS

cantam, José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramim Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» ✲ **Cons. mín. 50$00. R. da Barroca, 133 ✲ Telfs.: 36 97 60 e 30532 ✲ Encerra ás 3.ª feiras.**

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em tidos de Coimbra) e Manuel Mestre, Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Borrados (violal) Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha ✲ **Travessa da Queimada, 10-16 ✲ Telfs.: 362889-328503.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeraldo Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira Fados de Coimbra por João Queiroz Trio Arautos Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira ✲ **Cons. mín. 70$00 ✲ Rua de Norte, 91 ✲ Telefs.: 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga e Benvindo Cruz Tocam: Pedro Calgeira Cabral e Fernando Alvim [illegible] pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones: 67 66 55 e 67 24 31**

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho Tocam: Jaime Santos e António Proença Danças regionais por conjunto privativo ✲ **Rua «Diário de Notícias», 107 ✲ Telef.: 32 83 07 ✲ Encerra aos domingos.**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

ADAGGIO

Pop—Soul e Underground ✲ Sempre os ultimos êxitos em discos, recebidos directamente de Inglaterra Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias, das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h ✲ Rua Carlos dos Reis, 51-A ✲ Telef 775695**

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas ✲ Música constante ✲ Calçado Marquês de Abrantes 64-66 ✲ Telefone 667264

SANZALA

um pouco de Africa em Lisboa Musica constante ✲ **Av. Mare ✲ Telef 367136 ✲ Encerro as 3 horas**

a furna
música gravada
ceias até ás 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(a duque de loulé)
53 41 66 56 19 49

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Vedetades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef 55366**

«PORTAS DO SOL»

Resaurante-Bar. Reabertura prevê R. S. Tomé, 86, A.B.C.—ALFAMA — LISBOA — Tel. 861633.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto ✲ **Avenida Duque de Loulé, 69—Tel. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos**

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ vedetades internacionais ✲ **Telefs. 264521 - -264526-264596-264621-264946.**

HIPOPPOTAMO

Av Ant Augusto de Aguiar, 3-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Hélder Reis ✲ Encerrado aos domingos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef. 530171.

BANCO FONSECAS & BURNAY

S. A. R. L.

RELATÓRIO, BALANÇO E CONTAS DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO E RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

Na sua mensagem de Ano Novo, o venerando Chefe do Estado afirmou: «Na vida portuguesa, o acontecimento mais saliente do ano que findou foi a morte do Presidente Salazar, o mais fiel e extraordinário servidor da Nação nos últimos séculos, ocorrida em 27 de Julho».

O sentir de todos, o Presidente Américo Thomaz o interpretou e o disse, na sua voz que, mais uma vez, foi a unidade das vozes todas. Mesmo assim, ficaríamos com a sensação de termos, a um tempo, cometido os dois mais imperdoáveis pecados — o da injustiça e o da ingratidão — se as primeiras letras deste relatório pudessem, quando ajuntadas, ter outro significado que não fora aquele mesmo pensamento que, em todas as línguas do mundo e por mais variado e impreciso que seja o formulário verbal dos seus interesses, hoje se quer exprimir ao dizer Salazar — e é a consciência que, no povo português, ele, tornou ainda mais perfeita e fundada, de que só a sua Nação, que não outras, quer defender os seus interesses e pode dar corpo às suas legítimas aspirações; e é a certeza, que, no povo português, ele, recriou, de que possuirá infinda capacidade de resistência e de progresso se, nas tarefas do mando como nas da obediência, trabalhar muito, cumprindo, fiel e sempre, os mandamentos do destino histórico de Portugal.

Senhores Accionistas:

1. No período a que se referem o balanço e as contas, agora sujeitas à vossa aprovação, o mercado foi instável e a actividade económica processou-se com fases de intensa perturbação: a persistência de factores inflacionários, os problemas do processo de crescimento da economia, nomeadamente os respeitantes ao financiamento do sistema económico e à sua liquidez global e sectorial, os movimentos, por vezes, paradoxais do mercado internacional — tudo isto justifica o clima de incerteza a que nos referimos. Sem dúvida que esta conjuntura teve expressão desfavorável nos resultados do exercício de muitas empresas. Estamos, no entanto, convencidos de que, no respeitante aos mercados do dinheiro e às instituições que o servem, nomeadamente a banca comercial, esses resultados terão, dentro de pouco tempo, contrapartida, na medida em que favoreceram a correcção de situações e de práticas que, de há muito, precisavam de ser alteradas. Para confirmar o que dissemos, basta ter em conta o progresso que, em 1970, se fez no caminho do saneamento da concorrência interbancária, por um lado e, por outro, no do ajustamento dos critérios de dação de crédito, próprios de cada banco, aos objectivos nacionais desse mesmo crédito.

2. O Ministério das Finanças empreendeu acção notável, dirigida à correcção quer do funcionamento interno de cada um dos mercados do dinheiro quer do sistema e condições de interligação destes mercados, de modo a permitir-lhes mais rápido e adequado ajustamento às exigências de cada momento nacional.

A orientação expressa pelo Governo e a sua concretização legal, foi, sem dúvida, mais realista e mais precisa na parte que teve por objecto o mercado monetário.

Pode dizer-se que o Ministério das Finanças se determinou, principalmente, por duas ordens de preocupações: dominar o curso de uma situação inflacionária, de efeitos já hoje sensíveis e que, a não ser contida, poderá exercer impacto de grave repercussão no processo de desenvolvimento da economia portuguesa; pôr ao serviço, desse mesmo processo de desenvolvimento, recursos financeiros e monetários, adequados às suas necessidades, tanto em volume como em preço e prazos de amortização.

3. A luta contra a inflação teve, certamente, o lugar de primazia que lhe confere o seu poder de malefício. No entanto, e apesar de tudo o que foi feito, o processo não está nem poderia estar concluso. Bem ao contrário, as pressões inflacionárias efectivas e, sobretudo, as perspectivas do seu agravamento, continuam a influir, fortemente, no comportamento geral da actividade económica e, portanto, também na bancária.

Compreende-se, por isso, que este problema se mantenha na linha das apreensões maiores dos dirigentes responsáveis, situem-se, eles, no sector público ou privado.

Acontece ainda termos de reconhecer que, no nosso caso, a política a adoptar, para domínio da situação, cria, a quantos tenham a alta responsabilidade de a definir, dificuldades peculiares e mais complexas do que as postas, hoje, aos governos dos países cujas economias atingiram já elevado grau de industrialização. É que, no nosso mercado, actuam simultâneamente, factores internos e externos de inflação, cada um exigindo, para sua correcção, processos diferentes e de difícil conciliação: na verdade, as medidas a tomar para, quanto possível, defender a economia portuguesa da inflação proveniente do estrangeiro, não são as que melhor se harmonizam com o tipo de estímulos de que a produção, urgentemente, carece para reduzir a actual insuficiência da oferta interna face à procura global. E, neste campo, por força dos compromissos internacionais, o Governo terá inibições que, os centros de decisão do sector privado, nomeadamente a banca comercial, não podem invocar se, alguma vez, precisassem de justificar procedimentos não conducentes à realização dos interesses nacionais autênticos.

Por isso, se nos afigura que este problema, sendo na presente conjuntura, um dos maiores da economia nacional, é também aquele em que, mais nítida, se evidencia a necessidade de uma urgente conjugação das acções dos sectores público e privado. E, essa convergência de acções, só será verdadeiramente produtiva quando conduzida em clima de inequívoco entendimento das intenções comuns e em concertada distribuição das tarefas a realizar por cada um dos referidos sectores.

Todos conhecemos o objecto prioritário da actividade económica nacional, superiormente fixado como sendo a primeira determinante do presente e do futuro do País: assegurar, ao processo da expansão da economia, as maiores taxas de crescimento do seu produto e de melhoria da produtividade dos factores de produção.

Como a defesa militar do País, implica, necessàriamente, a primeira afectação do rendimento nacional, nenhum de nós, trabalhador ou empresário, governado ou governante, pode, também, ignorar que o outro grande objectivo nacional — facultar, a todos os portugueses, acesso a, cada vez mais altos, padrões de vida, individual e colectiva — só será alcançado, em termos de suficiência e de segurança, mediante substancial aumento da produção do País. Só esse aumento, na verdade, poderá garantir que as melhorias sociais durem e se engrandeçam, em lugar de, a si mesmas, se consumirem, tão rápido como a palha se queima no fogo; tal e qual como não passaria de ilusão, a curto prazo, a melhoria do nível de vida realizada mediante a aplicação de critérios de distribuição dos rendimentos que, por incorrectos ou inadequados, desencorajassem os investimentos, em capital ou em trabalho, indispensáveis à criação daquilo mesmo que se quer distribuir, não só com justiça, mas em quantidade cada vez maior: a riqueza.

4. Foi neste contexto que nos pareceu devermos inserir e entender o Decreto-Lei n.º 180/70 e a Portaria n.º 217/70.

Podem, estes diplomas, levantar, num ou noutro aspecto, dúvidas, se não, mesmo, discordâncias. É, no entanto, indiscutível caber-lhes o mérito enorme de terem sido o ponto de partida para o cessar de uma concorrência desregrada, em matéria de taxas das operações passivas, que caracterizou o nosso panorama bancário, nos últimos anos e que, se foi lesivo para a banca comercial, também se afastava, por completo, da linha de rumo que, melhor e mais rápido, poderia defender os interesses económicos da Nação.

No entanto, se as medidas, a que nos referimos, produziram, já, reais benefícios, estão longe de terem atingido todo o seu valor potencial. Este, em nosso entender, será alcançado só quando o Ministério das Finanças determinar o mais que falta ainda para completar e fazer funcionar, no seu máximo rendimento, o mecanismo nacional do crédito, de que as medidas em referência são peças, ou partes, indispensáveis.

Para explicitação do nosso pensamento referiremos, por exemplo, que apesar de algumas inovações de indiscutível mérito que se introduziram no nosso mercado financeiro, tais como a programação anual dos Empréstimos a lançar, e a última emissão de Obrigações da SACOR que, pela primeira vez, deu acesso a títulos de rendimento variável, mesmo assim, continua a ser imperiosa a necessidade de promover o mais que necessário for para a sua decidida e rápida dinamização, pois que, a sua atonia, a persistir, virá pôr em causa o sinal, verdadeiramente positivo, em termos de interesse nacional, do esforço que, em 1970, o Ministério das Finanças fez no sector do crédito.

5. A partir do segundo trimestre do ano findo, o vosso Banco foi solicitado para uma concessão de crédito que, tanto pelo seu elevado volume global, como pelas suas características, denunciava a incidência, no mercado, de factores estranhos, se não, contrários, aos interesses e às necessidades, em recursos monetários, do processo de desenvolvimento da economia portuguesa. Razões de segurança, fundadas na evidente falta de estruturação técnico-económica de muitas das propostas de crédito que, então, nos foram apresentadas e, por outro lado, a razão da simples impossibilidade de satisfazermos todos os pedidos — resultante, essa, da insuficiência de recursos monetários disponíveis perante tão grande e inesperado volume de crédito solicitado — levaram a Administração do Banco à necessidade de se decidir, ràpidamente, por critérios de dação de crédito que, com objectividade, permitissem a selecção dos pedidos, de modo a ajustarmos a procura de que éramos objecto à nossa capacidade máxima de oferta de serviços.

Apesar de o aumento da rentabilidade do Banco ser, para nós, preocupação de todos os dias — e, a este ponto voltarmos mais adiante — o critério de selecção que, a partir de então, adoptámos, não foi dominado pelo maior lucro operacional imediato, mas sim pela decisão firme de identificar a nossa dação de crédito com a política de prioridades da economia nacional.

O clima de receio de maiores restrições de crédito que, nesse momento se generalizou a todo o País, continha, em si, enormes potencialidades de saneamento que aproveitámos e muito ajudaram à compreensão da nossa atitude, pela mais válida clientela do Banco.

Mas, de modo nenhum teria sido possível, em tão pouco tempo, afectar, a essa política nacional, parte tão importante dos nossos recursos, se não fora o apoio que, para isso, recebemos do Banco de Portugal — apoio que teve tanto de rigidez, nos objectivos a que se destinava, como de flexibilidade e de prontidão nos processos da sua concretização.

Pudemos, assim, terminar o exercício tendo, em relação ao anterior, concedido mais crédito e crédito melhor.

Supomos que evolução semelhante se tenha verificado na maioria das unidades componentes do sistema bancário. Se foi assim, com a sua actuação tão silenciosa e invisível como rápida e certa, o Banco de Portugal, se não pôde — como necessàriamente acontece ao aplicar-se qualquer critério prioritário — ajudar a evitar totalmente as dificuldades imediatas consequentes, que a nova orientação causou a determinados sectores da actividade económica, pôde, já, impulsionar e conceder ajuda decisiva a uma transformação da política de crédito que, em termos do presente e do futuro da economia portuguesa, constitui, em nosso entender, uma das maiores conquistas de 1970.

6. Ao longo do exercício, a que se referem o balanço e as contas, e com a extensa repercussão nestas, o vosso Banco prosseguiu com maior intensidade a sua política de reorganização e de reapetrechamento, humano e material.

A reorganização, no que respeita a capital humano do Banco, processou-se tanto nos esquemas de trabalho da sua administração, como na orgânica e composição dos serviços. Nessa reestruturação interna que, em termos de perfeição, jamais chegará ao seu final, temos sido determinados por este triplo objectivo: encurtar os tempos de apreciação dos problemas, por processos que, simultâneamente, garantam cada vez maior segurança nas decisões; racionalizar e mecanizar os serviços, em função dos interesses da empresa — o aumento da sua rentabilidade — mas em ordem, também, a permitir, a quantos neles trabalham, a demonstração da sua produtividade, de modo a podermos recompensar cada um o mais possível e, sobretudo, o mais justamente possível; enriquecer o património da Instituição com os serviços novos, indispensáveis à realização de todas as tarefas, que possa ser chamado a executar um banco com a dimensão, as características e a ambição de bem servir que o nosso Banco tem. Nesta linha de orientação, e em cumprimento do que havíamos anunciado, na última Assembleia Geral, foi criado e equipado o Gabinete de Estudos. Este corpo de técnicos passa a constituir a base do Serviço de Apoio Técnico e Financeiro que desejamos pôr à disposição dos clientes desta Casa.

No que toca à formação e aperfeiçoamento dos quadros, continuámos a recorrer a cursos especializados, instalados tanto no seio do próprio Banco como fora dele.

No plano do reapetrechamento material, quer pelo seu elevado custo de instalação e utilização, quer, sobretudo, pelo seu enorme apoio à criação de uma nova mecânica dos serviços e ao alargamento dos seus campos de acção, limitar-nos-emos a dizer que, de acordo com as previsões feitas, entrou em funcionamento um ordenador IBM 360.30, que dispõe do maior disco magnético, até ao momento, posto ao serviço do País.

A instalação dos serviços centrais constitui o nosso mais difícil problema administrativo, problema que, aliás, se torna, em cada dia, mais agudo, na medida em que, em cada dia, também, se processa o crescimento do Banco. Não está em causa só o acrescento inútil de despesa, resultante da dispersão dos serviços; está em causa, também, a impossibilidade de atingirmos a máxima produtividade do trabalho, enquanto não concentrarmos, num só e apropriado edifício, todos os serviços centrais ou de retaguarda. Por isso, este problema está a ser objecto da mais intensa análise.

No entanto, e a título de solução intercalar, pudemos atenuar, em 1970, algumas das dificuldades que nos surgiram, nomeadamente as resultantes da modernidade e da força do próprio equipamento que instalámos. Neste campo, merece referência especial a nova localização do Centro de Processamento Electrónico de Dados, na Avenida Fontes Pereira de Melo, em Lisboa. Esperamos, por outro lado, que, já em 1971, possa ser utilizado o prédio que, há anos, o Banco adquiriu, em Lisboa, na Rua de S. Julião e que permite ligação directa e interior com o edifício Sede, na Rua do Comércio.

Quanto temos vindo a referir, em matéria de reorganização e equipamento, teve já a sua total expressão nas despesas do exercício findo; mas, como é evidente, só uma parte mínima das suas potencialidades se pôde concretizar, em termos de receita do mesmo exercício. Neste aspecto, a gerência de 1970 demonstra termos aceitado um sacrifício, no presente, em nome de muito mais largas perspectivas de benefício, no futuro.

7. Todo este esforço, de reorganização dos serviços existentes e da criação de novos, de racionalização dos circuitos de trabalho, de melhoria da formação dos servidores, de mecanização das tarefas, tudo, enfim, o que empreendemos e afirma a vitalidade acrescida desta Instituição, haveria de ser, em termos de rentabilidade do capital nela investido, considerado como um erro de administração, se o Banco não fosse autorizado a proceder, em tempo útil, à sua expansão, pela via normal e mais barata — a da abertura de novos balcões, localizados onde a estratégia de actuação no mercado o aconselhar, de modo a permitir-lhe a captação de mais matéria-prima e a venda de mais serviços. Sem dúvida que esta expansão deve realizar a ambição de toda a empresa privada progressiva, instalada em economia do mercado: ganhar mais, remunerando, cada vez melhor, o capital e o trabalho nela aplicados. Mas, para além desta legítima ambição, consideramos que os próprios interesses do País não consentem que o volume dos seus recursos, nomeadamente do capital e dos fundos próprios do Banco, que o apetrechamento humano e técnico de que dispõe, que a sua experiência, a reputação do nível dos seus serviços, nos mercados financeiro e monetário, o cumprimento que nele se tornou tradição, das orientações superiormente definidas, sejam insuficientemente aproveitadas. Tudo isto, determina a este Banco dever de, no conjunto das instituições integrantes da banca comercial e, portanto, da banca de pagamentos, ocupar posição relativa muito maior.

Para tanto, não pedimos mais do que autorização para cumprir esse dever, em regime de igualdade com as instituições que possuam idênticas condições e em clima de perfeita concorrência com todos.

Deve ficar bem claro que a posição em que este Banco se encontra, no que respeita à sua rede de agências, não resulta de critério menos justo ou defeituoso do Ministério das Finanças, em matéria de concessão graciosa de licenças para a instalação, pelos bancos, de balcões. Bem ao contrário; na origem da desigualdade presente, está uma deliberada atitude desta Casa que, dadas as características do mercado e o comportamento, perante ele, do sector público e do sector privado, durante muito tempo renunciou a uma concorrência comercial mais activa. Acontece só que, por crescimento da economia e por nova orientação dada ao comportamento do sector público, se alteraram, por completo, as condições do mercado que determinaram a atitude inicial do Banco.

Por outro lado, o facto de termos diferido a utilização da nossa capacidade total de incidência, no mercado, da nossa capacidade de banco comercial e de pagamentos, só pode ter beneficiado as empresas que, connosco, constituem a banca comercial.

Estamos, por tudo isto, certos de que o Ministério das Finanças, no labor da sua constante preocupação de imprimir maior dinamismo e maior especialidade às unidades motoras do sistema nacional de crédito, não deixará, em seu alto critério, de considerar, também, necessário e justo o descongelamento das actuais posições relativas de cada banco no mercado. Não parece, na verdade, de aceitar que, em parte considerável, essas posições resultem de simples autorizações, que pediram e obtiveram, de ocupação do mercado, em lugar de traduzirem, para cada uma das unidades do sistema, a sua capacidade de servir, bem e em segurança.

8. Cumprindo as tarefas de quem, como nós, ao longo dos tempos, vem desempenhando funções de charneira entre o mercado monetário e o mercado de capitais, estivemos presentes nos mais importantes sindicatos financeiros, constituídos em 1970, para a concretização de operações relacionadas com grandes investimentos, quer no território europeu, quer no Ultramar. No domínio do mercado primário de acções e obrigações, e mau grado a sua reduzida actividade, participámos em todas as emissões levadas a efeito, e nelas ocupámos a posição cimeira que sempre, neste domínio, pertenceu ao Banco.

9. Honrando uma tradição, que constitui a nota dominante da nossa política de estruturação do Activo, tomámos todas as Obrigações do Tesouro que nos foi possível obter.

Por outro lado, não só adquirimos as Promissórias de Fomento Nacional necessárias para substituir as que se venceram, como elevámos a posição destas na nossa carteira.

10. O Banco tomou a posição máxima, que a lei lhe consente, no capital da Celulose do Norte, S. A. R. L. — CELNORTE.

Trata-se de um grande investimento industrial que poderá ter importância decisiva no desenvolvimento económico da região que tem, por porto de mar, Viana do Castelo.

Afigura-se-nos que a presença da banca, na constituição inicial do capital de empresas de produção, constitui factor de con-

BANCO FONSECAS & BURNAY

S. A. R. L.

RELATÓRIO, BALANÇO E CONTAS DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO E RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

fiança de grande importância na fase de arranque dessas mesmas empresas. Uma vez consolidado o empreendimento, tudo poderá aconselhar que a banca ceda, no todo ou em parte, as suas posições iniciais, para dar impulso a outros empreendimentos válidos.

11. Já, no decurso do penúltimo exercício, ao fazermos os estudos respeitantes ao estabelecimento da estratégia de gestão que mais valorizasse, em rendimento e em segurança, o património do Banco, não se levantaram dúvidas quanto às vantagens de ele participar na actividade seguradora. Por outro lado, não é difícil acreditar que um banco, com a dimensão e características que, este, possui, possa dar contribuição decisiva para o engrandecimento de uma empresa seguradora.
Podemos, agora, anunciar-vos, Senhores Accionistas, que foram concluídas as negociações que permitiram, ao nosso Banco, tomar posição no capital da companhia de seguros denominada A Seguradora Industrial.
Esta tomada de posição constitui um ponto de partida que, em nosso entender, tem o maior interesse.

12. Pensamos serem estas as inovações a salientar sobre a nossa carteira de títulos que, ao longo dos anos, constituída com extensão e administrada com a prudência, patenteadas no Balanço, em cada exercício se apresenta razão de maior orgulho e de maior segurança desta Casa.

13. No novo sector do crédito a médio prazo, e dentro dos esquemas previstos pelo Decreto-Lei n.º 48 948, pudemos, até agora, submeter a exame apenas um tipo de operações de vulto: aquelas que se destinam a suportar parte de investimentos industriais, quase todos encorajados pelo próprio Governo e constituindo importantes elos de ligação entre as possibilidades do espaço português e a iniciativa estrangeira.

14. O balanço, as contas e os gráficos que ilustram este Relatório, atestam o que foi, na conjuntura e nas circunstâncias que descrevemos, o nosso crescimento no último exercício.
O activo total expandiu-se em 19 %, enquanto que o número de clientes aumentou em 44 %.
O volume de depósitos que permaneceram, durante o ano de 1970, foi em 32 % maior que o relativo ao ano anterior. Em 31 de Dezembro último, os depósitos registavam quase um milhão de contos a mais do que em igual data em 1969, a que correspondia um aumento de 17 %.
Feita igual análise para o crédito concedido, encontram-se taxas de crescimento, respectivamente, de 36 % e de 18 %.

15. Nestas condições temos, Senhores Accionistas, a honra de vos propor a seguinte aplicação para o lucro líquido apresentado, no total de Esc. 41 010 324$36:

Para dividendo (cativo de imposto)	35 358 400$00
Para reforço de provisões	5 651 924$36
	41 010 324$36

Se esta proposta vier a ter a concordância da Assembleia Geral, o dividendo distribuído por acção, referente ao exercício de 1970, será de Esc. 440$00.

16. Não podemos, Senhores Accionistas, deixar de assinalar, neste Relatório, a sentida gratidão do Conselho de Administração, pelo apoio que a todo o momento recebeu do Presidente do seu Conselho Geral, Senhor Dr. Fernando Bessa d'Almeida e Castro. As suas altas qualidades intelectuais e morais, o seu saber e a sua longa e funda experiência de homem de leis, o seu completo conhecimento da vida deste Banco, eram já, por todos nós, há muito conhecidos e há muito admirados.

17. Ao Conselho Fiscal e ao seu ilustre Presidente renovamos a expressão da nossa admiração e do nosso reconhecimento. Nada nos poderá ser mais grato do que ver, no próximo exercício, ainda mais vincada, a tendência que ele tem vindo a acentuar e que marca, por parte dos seus membros, um nítido interesse pela problemática total do Banco. Por esta via, viremos a receber do Conselho Fiscal uma contribuição cujo valor transcende, em muito, a alta missão de fiscalizar, entendida, esta, dentro dos limites que a tradição lhe fixava.

18. No ano findo, deixámos de poder contar com a colaboração do Senhor António Pissarra Lobo Xavier que, com tanta dedicação, há longos anos vinha desempenhando o cargo de 2.º Secretário da Mesa da Assembleia Geral.
Mais uma vez, a morte nos privou de um saudoso amigo.

19. Não podemos deixar de agradecer, a quantos verdadeiramente serviram o Banco, a ajuda que nos deram. De todos depende o podermos fazer com que esta Casa possa ser, para todos também, garantia de um futuro, em cada ano mais seguro e promissor.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1971

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

José Gonçalo da Cunha Sottomayor Corrêa d'Oliveira
Presidente

Pedro de Figueiredo
Presidente da Direcção

Mário Luís Santos Calleya
Eurico Macedo Ferreira Nunes
Abel Pinto Repolho Correia
Fernando Correia Pessoa
Hermenegildo Augusto Parreira de Faria Blanc
José Maciel Alves
D. Miguel Bernardo de Macedo de Bragança

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1970

ACTIVO

DISPONÍVEL E REALIZÁVEL			
Caixa e Depósito no Banco de Portugal	1 079 462 772$21		
Depósitos noutras Instituições de Crédito	721 598 705$43		
Promissórias de Fomento Nacional	160 000 000$00	1 961 061 477$64	
Correspondentes no Estrangeiro	393 262 579$90		
Ouro, Moedas e Notas Diversas	15 141 182$50		
Carteiras de Títulos e Cupões	1 159 314 571$57		
Carteira Comercial	3 656 393 054$14		
Letras sobre o Estrangeiro	144 735 700$06		
Correspondentes no País	5 948 933$65		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	447 493 789$66		
Devedores e Credores	849 277 100$50		
Empréstimos a mais de um ano	112 829 270$64		
Outros Valores Realizáveis	33 934$30	6 784 430 116$92	8 745 491 594$56
IMOBILIZADO			
Participações Financeiras		52 701 324$80	
Imóveis	122 447 403$14		
Amortizações (a deduzir)	53 378 311$26	69 069 091$88	
Imobilizações Diversas		42 420 867$75	164 191 284$43
OUTRAS CONTAS DO ACTIVO			
Contas Diversas			343 996 906$96
			9 253 679 785$95
CONTAS DE ORDEM			
Valores de Conta Alheia		4 115 766 398$94	
Valores Recebidos em Caução		1 971 784 668$07	
Devedores por Garantias e Avales Prestados	1 912 449 377$45		
Devedores por Aceites	2 468 050 169$36		
Devedores por Créditos Abertos	100 166 397$00	4 480 665 943$81	
Outras Contas de Ordem		7 924 784 623$93	18 493 001 634$75
			27 746 681 420$70

O CHEFE DA CONTABILIDADE

PASSIVO

EXIGÍVEL			
Depósitos à Ordem — Moeda Nacional	4 426 953 071$93		
Depósitos à Ordem — Moeda Estrangeira	1 627 357$40		
Depósitos com Pré-Aviso — Moeda Nacional	34 352 702$13		
Depósitos a Prazo — Moeda Nacional	2 283 236 276$24	6 746 169 407$70	
Cheques e Ordens a Pagar	126 858 893$88		
Exigibilidades Diversas	4 609 901$27		
Correspondentes no País	2 298 131$19		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	37 322 009$90		
Devedores e Credores	720 803 826$25	891 972 762$49	7 638 142 170$19
NÃO EXIGÍVEL			
Contas Diversas e Provisões			574 527 291$40
CAPITAL E RESERVAS			
Capital		21 440 000$00	
Fundo de Reserva Legal		492 900 000$00	
Reserva de Reavaliação		68 669 662$87	
Outros Fundos de Reserva		116 990 337$13	1 000 000 000$00
RESULTADOS			
Lucros e Perdas			
Resultados do exercício			41 010 324$36
			9 253 679 785$95
CONTAS DE ORDEM			
Credores por Valores de Conta Alheia		4 115 766 398$94	
Credores por Valores Recebidos em Caução		1 971 784 668$07	
Garantias e Avales Prestados	1 912 449 377$45		
Aceites	2 468 050 169$36		
Créditos Abertos	100 166 397$00	4 480 665 943$81	
Outras Contas de Ordem		7 924 784 623$93	18 493 001 634$75
			27 746 681 420$70

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CONTA DE LUCROS E PERDAS

DÉBITO			CRÉDITO		
Juros e comissões a nosso cargo	169 916 696$84		Juros e comissões a nosso favor	348 627 803$05	
Contribuições e impostos	16 610 926$80		Resultados em operações cambiais e sobre títulos	102 599 840$83	
Despesas com o pessoal	164 878 780$37		Rendimento de títulos de crédito	40 179 369$80	
Despesas gerais	70 598 639$33		Outros rendimentos, receitas e lucros	22 268 502$84	513 675 516$52
Encargos diversos	648 038$60				
Provisões e amortizações	50 012 110$22	472 665 192$16			
Saldo		41 010 324$36			
		513 675 516$52			513 675 516$52

Senhores Accionistas:

No decurso do ano findo sofremos a perda do Presidente Prof. Doutor António de Oliveira Salazar, cuja memória evocamos associando-nos às sentidas e muito justas palavras do digníssimo Conselho de Administração.

O Conselho Fiscal, em obediência aos preceitos legais e estatutários, vem submeter à vossa apreciação o seu Relatório e Parecer sobre o Balanço e Contas referentes ao exercício de 1970.

O Relatório do Conselho de Administração, que precede este Parecer, esclarece devidamente as tendências da evolução económica do nosso País e o ambiente do mercado monetário no decurso do exercício findo.

No cumprimento das suas atribuições, o Conselho Fiscal examinou repetidas vezes os livros de contabilidade e conferiu sempre que foi conveniente os saldos e valores que sempre encontrou em perfeita ordem.
Foram submetidos à sua apreciação, o Balanço e a Conta de Ganhos e Perdas baseados em são critérios valorimétricos assim como o Relatório do Conselho de Administração com a proposta para a aplicação dos resultados.
Considerando-os devidamente elaborados e dando satisfação às disposições legais e estatutárias, tem a honra de propor:

1.º — Que aproveis o Relatório do Conselho de Administração, Balanço e Contas de Ganhos e Perdas e, consequentemente, a proposta da aplicação dos resultados relativos ao exercício de 1970;

2.º — Que aproveis um voto de muito merecido louvor ao Conselho de Administração pela sua competência e criteriosa gerência;

3.º — Que aproveis um voto de louvor ao Director-Geral, Directores e todos os demais funcionários pela sua dedicada colaboração;

4.º — Que se proceda à eleição para preenchimento das vagas do Conselho Fiscal.

Lisboa, 1 de Março de 1971

O CONSELHO FISCAL

António Calheiros Lopes
Presidente
Carlos Meleiro de Sousa
João Bello de Ortigão Ramos
Manuel Carlos de Viveiros Avides Moreira
António Alves de Carvalho Fernandes

O relatório, balanço e contas transcritos foram apresentados e aprovados na Assembleia Geral Ordinária realizada em 27 de Março de 1971. O dividendo de 11 % — Esc. 440$00 — por acção, cativo dos respectivos impostos, estará a pagamento na Sede, Filial, Sucursais, Agências e Dependências a partir de 1 de Abril próximo.

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

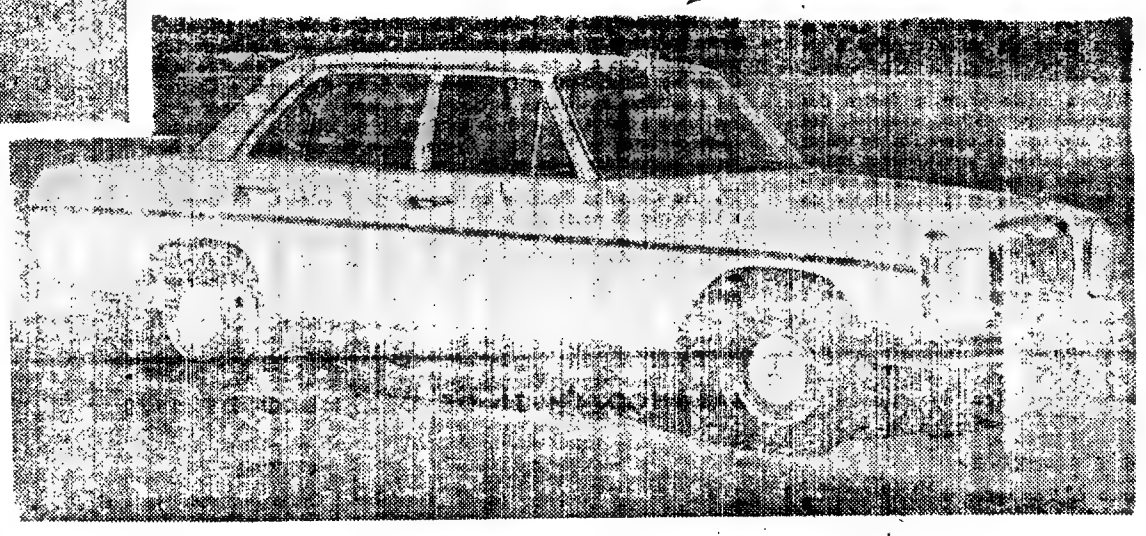
FALTAM POUCOS DIAS PARA O SORTEIO

FALTAM poucos dias para o sorteio dos fabulosos prémios da iniciativa Leitor do «Diário de Lisboa», com que abrimos o ciclo comemorativo do cinquentenário do nosso Jornal. Recordamos que o primeiro prémio é o maior instituido na história da Imprensa portuguesa: um confortável andar no Parque Residencial e Turístico de Miraflores (com mobiliário Gibo) e um luxuoso automóvel «Mercedes-Benz-220», com valor total superior a mil contos. Um leitor do «Diário de Lisboa», pelo simples facto de provar ser leitor habitual do nosso Jornal, exibindo os «cabeçalhos» dos exemplares do «Diário de Lisboa» publicados entre 2 de Janeiro e 31 de Março, desde que seja contemplado no sorteio, pode tornar-se milionário.

Muitos outros prémios estão ao alcance dos participantes na nossa iniciativa, para quem continuamos a remeter os cartões de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» com os números que os vão habilitar ao sorteio. Os cartões estão a ser enviados, depois de executada a classificação por ordem alfabética e numérica dos cupões-duplos de identificação, tomando em linha de conta a data de entrada nos nossos serviços.

Não se surpreendam muitos dos participantes: os cartões de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» serão enviados para as suas residências antes da data marcada para a realização do sorteio. Poucos dias faltam já para sabermos quem serão os felizes contemplados.

O FABULOSO PRIMEIRO PRÉMIO



Este é o fabuloso primeiro prémio da iniciativa Leitor do «Diário de Lisboa»: o amplo primeiro andar, na Avenida Principal do Parque Residencial e Turístico de Miraflores (com mobiliário Gibo) e o luxuoso automóvel «Mercedes-Benz-220».

Mamã leitora: aqui tem o carrinho de bebé do futuro, apresentado em Londres numa exposição inaugurada pela princesa Margarida. O veículo pode ser utilizado nas manhãs de nevoeiro cerrado e de noite sem qualquer perigo para o bebé: tem luzes vermelhas á frente e na retaguarda. Se o bebé faz chichi, a mamã é alertada por um botão luminoso. Musica apropriada, registada, embala o bebé — e um transistor tem sempre a mãe a par das ultimas noticias e das novas canções do mundo...

DISCOS

LIQUIDAÇÃO TOTAL
A PREÇOS SENSACIONAIS

POR MOTIVO DE TRESPASSE
PARA OUTRO RAMO

DISCOTECA
DA AVENIDA DE ROMA, 29-A

Quatro octogenárias de Évora no concurso de culinária da próxima «Feira dos Ramos»

ÉVORA, 30 — Começa no próximo dia 2 de Abril a tradicional «Feira dos Ramos», instalada no Rossio de S. Brás.

Do certame deste ano destaca-se uma exposição de merinos precoces no Pavilhão Sul, montada com a colaboração dos criadores de raças selectas e que tem, como um dos principais objectivos, incentivar os expositores na melhoria do armentio ovino português.

No Pavilhão Norte realiza-se uma exposição de máquinas agrícolas, subordinada ao tema «A máquina através do tempo», que apresenta modelos bastante antigos e dignos de museu. Ambas as exposições serão decoradas com aves raras engaioladas.

Próximo deste pavilhão está instalado o «Monte Alentejano», que sofreu alguns melhoramentos. O serviço será gentilmente mantido por equipas de senhoras e o produto da exploração destina-se a obras de assistência citadinas.

Nos dias 3 e 4 haverá um concurso de culinária, para o qual estão inscritas oito dezenas de concorrentes, entre as quais quatro senhoras com mais de 80 anos

SOCIEDADE PROTECTORA DOS ANIMAIS

Com a presença de uma centena de sócios reuniu a Assembleia Geral da benemérita e quase centenária Sociedade Protectora dos Animais, que aprovou o relatório e contas da Sociedade referentes ao ano de 1970, bem como o Parecer do Conselho Fiscal da Presidência do dr. Armando de Oliveira Hagatong, tendo também sido aprovado um voto de louvor à Direcção, da Presidência de Carlos de Barros Queirós.

Por último, foram eleitos para as vagas existentes de presidente e vice-presidente da Assembleia Geral os srs. Júlio Eduardo dos Santos e António Pinto Tibúrcio.

A VISITA PASCAL EM COIMBRA

COIMBRA, 30 — A assembleia de paroquianos de Santa Cruz, reunida para estudar a renovação da visita pascal, depois de lidas as conclusões, depositou no Conselho Paroquial um voto de confiança para concretização das sugestões mais votadas. Reunido para tal fim, fez a avaliação da referida assembleia e considerou o valor de todas as sugestões e a possibilidade de as efectivar e, atendendo a que a proposta mais votada foi a de celebração Pascal que reunisse pároco e paroquianos; e, verificando a inviabilidade da sua realização nos domingos de Páscoa ou de Pascoela, dado o convívio familiar destes dias, o Conselho Paroquial resolveu:

1) — Que, no presente ano, a intercomunicação entre o pároco e os paroquianos se faça ùnicamente através de uma celebração no dia 2 de Maio (Domingo do Bom Pastor), cujo programa, em estudo, será divulgado oportunamente. 2) — Não excluir a possibilidade de novas formas nos anos seguintes, dado que este é o ano de transição e experiência.

Entre estas formas se situa a inscrição para receber a visita do seu pároco ao longo do ano.

GRÁTIS

O nosso conselho é gratuito.
Você fará como entender...

APLIQUE AS SUAS ECONOMIAS EM PROPRIEDADES
HOJE PROPORCIONAR-LHE-ÃO UM ALTO RENDIMENTO
AMANHÃ VALERÃO MUITO MAIS

ANDARES * APARTAMENTOS MOBILADOS * MORADIAS

J. PIMENTA SARL

UMA CASA PARA CADA CASO

Informações
LISBOA — P. Marquês de Pombal, 15 — Telefs.: 4 58 43/4 78 43

Dê sangue para os Hospitais Civis
Uma sugestão de J. PIMENTA, S.A.R.L.

Agente oficial:
ELECTRO ÊXITO
BAU & SANTOS, LDA.
(VÁ AO FERNANDO)
Av. Marquês de Tomar, 94-A — Tel. 778170
LISBOA

CCN companhia colonial de navegação

PARTIDAS	DESTINOS
LINHA DE AFRICA	
«UIGE» a sair em 31 de Março às 12 horas	Com escala prévia por Leixões para: LAS PALMAS, CABINDA, LUANDA, LOBITO e MOÇAMEDES
«PÁTRIA» a sair em 8 de Abril às 12 horas	Com escala prévia por Leixões para FUNCHAL, S TOMÉ, LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE, NACALA e PORTO AMÉLIA Carrega em Lisboa de 1 a 3 de Abril
«BAILUNDO» a sair em 10 de Abril	Com escala prévia por Leixões para LUANDA, LOBITO, MOÇAMEDES, LOURENÇO MARQUES, BEIRA, MOÇAMBIQUE e NACALA Carrega de 3 a 7 de Abril
«INF. D. HENRIQUE» a sair em 13 de Abril às 12 horas	Com escala por Funchal para: LUANDA, LOBITO, CIDADE DO CABO, LOURENÇO MARQUES e BEIRA Carrega de 8 a 11 de Abril
LINHA DA AMÉRICA CENTRAL	
«SANTA MARIA» a sair em 5 de Maio às 18 horas	Com escala por Vigo e Funchal para: TENERIFE, PORT EVERGLADES (MIAMI), LA GUAIRA e CURAÇAU.

Chama-se a atenção dos Senhores Passageiros para o que está regulamentado sobre o transporte de bagagens

LISBOA — Rua de S Julião, 63 — Tel. 369621/8
PORTO — Rua Infante D Henrique, 9 - Tel 23342

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES
PRETENDE:

Preparadores

Que reunam os seguintes requisitos:
— Curso industrial completo ou 2.º ciclo liceal ou Instrução primária e formação profissional especializada adquirida em organizações oficiais ou privadas de reconhecida idoneidade.
— Nacionalidade portuguesa
— Serviço militar cumprido ou dele isento
— Menos de 36 anos

OFERECE:
— Vencimento inicial compatível com as condições exigidas
— Benefícios sociais
— Salários diferidos

Só serão consideradas as candidaturas que respondam às exigências postas

Inscrições no Serviço do Pessoal
Rua do Conde de Redondo, 79-1.º

O melhor artigo sobre a Costa do Sol

Tem despertado grande interesse no País e no estrangeiro, o concurso promovido pela Junta de Turismo da Costa do Sol e destinado a premiar os melhores artigos sobre esta região.

São atribuídos prémios de 5 mil escudos aos melhores artigos sobre a Costa do Sol, publicados respectivamente, na Imprensa diária e não diária portuguesa, e na Imprensa diária e numa revista do estrangeiro.

Apenas serão admitidos ao concurso os trabalhos que tiverem sido pela primeira vez publicados de 1 de Janeiro a 31 de Dezembro de cada ano a que aquele se reportar.

Os concorrentes deverão entregar até 31 de Janeiro do ano imediato à publicação do respectivo trabalho, sete exemplares do jornal ou revista onde o mesmo conste.

MUNICÍPIO DE TORRES VEDRAS

O sr. António Teixeira de Figueiredo, presidente cessante da Câmara Municipal de Torres Vedras, esteve no «Diário de Lisboa» a apresentar cumprimentos ao nosso director. Aquele homem público aproveitou para agradecer a colaboração recebida durante os doze anos em que se manteve à frente do Município torrense.

S. R.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL
Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas Artes

BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

LIMPEZA DAS INSTALAÇÕES DA BIBLIOTECA NACIONAL DE LISBOA

Está aberto concurso, pelo prazo de 15 dias, a contar de 29 do corrente, para a limpeza diária das instalações da Biblioteca Nacional, Rua Ocidental do Campo Grande, n.º 83, a efectuar durante o ano de 1971.

O caderno de encargos existente no Serviço de Contabilidade da Biblioteca Nacional, pode ser consultado todos os dias úteis às horas de expediente.

BANCO TOTTA & AÇORES

S. A. R. L.

RUA ÁUREA, 88 • LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL

Prof. Dr. João Pinto da Costa Leite (Lumbrales), Presidente; **Dr. Alfredo Manuel Pimenta**, Vice-Presidente; **Francisco Guimarães**, Secretário; **Prof. António Gouvêa Portela**, Secretário

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Dr. João António Simões de Almeida, Presidente; **Dr. António Bandeira Guimarães, Dr. Alexandre Carlos de Almeida Fernandes, Dr. Rolando Pereira Galvão, Dr. José da Cunha Guimarães, Dr. António Manuel de Sousa Vieira, Dr. Augusto Leite Ferreira dos Santos e Dr. António de Arriaga Mardel Correia**, Administradores

CONSELHO FISCAL

Efectivos: **Sociedade Comercial Santa Justa, S. A. R. L. (representada por Manuel José Gonçalves)**, Presidente; **Sociedade Agrícola Valle Flor, Lda. (representada por D. Carlos de Mello e Castro); Sociedade Agrícola do Arneiro Grande, S. A. R. L. (representada pelo Prof. Eng.º Jaime Rebelo Pinto); Manuel Luís Alves Dinis; Eng.º Fernando de Melo e Castro de Oliveira Santos;** Suplente: **Arquitecto Diogo José de Mello**

RELATÓRIO E CONTAS—1970

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Senhores Accionistas

De harmonia com a lei e os Estatutos, temos a honra de submeter à vossa apreciação o Balanço e as Contas do exercício de 1970.

O ano findo, o primeiro do Banco Totta & Açores, resultante da fusão de duas das mais antigas instituições de crédito do nosso País, só por isso seria um ano singular se nele não tivessem concorrido outros factores externos, adiante referidos, que acentuaram as suas peculiaridades.

Com efeito, a expectativa que dominava a Banca portuguesa relativamente à indispensável intervenção das Autoridades no sentido de corrigir defeitos e introduzir melhorias nas estruturas e no funcionamento dos mercados do dinheiro, tem vindo a encontrar respostas adequadas através de medidas legislativas que, impondo aos bancos comerciais profundas adaptações da sua actuação, não deixarão de contribuir para tornar mais profícua a sua acção em termos de desenvolvimento económico ncional, única via que legitima e exige uma Banca sólida.

Das aludidas providências governamentais destacam-se as que se referem ao regime de funcionamento do mercado monetário, às condições de outorga de crédito a médio prazo e ao movimento de capitais estrangeiros.

Todavia, e independentemente de eventuais influências da conjuntura económica, circunstâncias puramente monetárias e cambiais que se observaram na transição para o ano findo e ainda nos primeiros meses deste, determinaram, no domínio bancário, uma situação cujo desanuviamento parece vir a acentuar-se desde o segundo semestre de 1970, graças sobretudo à perfeita orientação e clarividente actuação do Banco de Portugal. Deverá dizer-se que aquelas circunstâncias contribuíram para a redução do ritmo de expansão da actividade bancária quando observada sob a forma de recursos e aplicações ou, por outras palavras, de depósitos angariados e de créditos concedidos. Como não podia deixar de ser, os resultados reflectem as consequências inevitáveis do que se deixa exposto, acrescidas ainda dos efeitos da revisão do Contrato Colectivo de Trabalho.

Emergente da fusão do Banco Totta-Aliança e do Banco Lisboa & Açores, o vosso Banco teve de enfrentar um complexo de problemas, cujo reconhecimento pôde ser oportunamente feito, e que, aliás, se entrevia através do conhecimento de casos análogos ocorridos com bancos estrangeiros. Se é certo que uma fusão formal pode ser feita em prazo extraordinàriamente curto, ninguém ignorava que a integração efectiva numa nova instituição era processo longo, dispendioso e, mais do que isso, trazia de início consequências nem sempre cómodas à clientela, por muito que se trabalhasse no sentido de a defender de todos os contratempos. Impõe-se desde já manifestar o nosso reconhecimento pela generalizada compreensão e apoio de que, nesta circunstância, os nossos estimados Clientes fizeram prova e manifestar o propósito de continuar a dar prioridade a todas as medidas indispensáveis para que se alcance ràpidamente o mais alto nível de qualidade dos serviços que prestamos.

Como simples ilustração da natureza e complexidade dos problemas de integração resultantes da fusão, mencionam-se os respeitantes: à harmonização e à revisão dos vencimentos do Pessoal, decorrentes das novas disposições contratuais; à extensão a uma parte do Pessoal do esquema de previdência de que eram beneficiários os componentes da outra parte e que só ela representou um encargo anual de duas dezenas de milhares de contos; à reestruturação dos serviços com vista à eliminação das duplicações; à uniformização dos métodos de trabalho; à indispensável compatibilização dos sistemas electrónicos de tratamento de dados; à adaptação do Pessoal a todas estas transformações por que tem passado, há que reconhecê-lo, com o melhor espírito de colaboração por parte de todos.

A fusão e todos os problemas conexos, sucintamente mencionados, não fizeram descurar e até acentuaram a necessidade de continuar acções, há anos em curso, no tocante à aplicação efectiva de normas de gestão planeada, à extensão do tratamento electrónico de dados, à formação bancária do Pessoal, à instalação de serviços e ao desenvolvimento de estudos.

Em 1970 não nos foi permitido abrir nem novas agências, nem novas dependências urbanas, razão pela qual nos limitámos a melhorar as instalações do Banco para serviço público na Rua do Ouro, em Lisboa, em Aveiro, em Santarém e em Setúbal. Prosseguindo a acção iniciada com o nosso escritório de representação em Londres, inaugurámos no ano findo análogo escritório em Caracas.

No final do ano os depósitos atingiram mais de 14 milhões de contos e o crédito concedido ao longo do ano foi de cerca de 42 milhões de contos.

As instituições bancárias e parabancárias a que o Banco está ligado continuam a exercer as suas actividades normalmente e afirmam-nos como um dos primeiros grupos bancários e parabancários portugueses. Merecem destaque o Banco Totta-Standard de Angola, o Banco Standard-Totta de Moçambique, a Sogestil (Sociedade de Gestão de Títulos, S. A. R. L.), que administra o Fundo de Investimento para o Desenvolvimento Económico e Social (F. I. D. E. S.) e a Sociedade Internacional de Factores (Portugal), S. A. R. L.

Quando da fusão do Banco Lisboa & Açores e do Banco Totta-Aliança, considerou-se de boa política que as Administrações de um e outro Banco transitassem para a nova Administração do Banco Totta & Açores, de modo a conseguir-se um rápido e perfeito encontro nos respectivos serviços — embora na predisposição, desde logo por todos aplaudida, de que se reduziria o número dos Administradores, assim que as circunstâncias o permitissem.

É com justificado regozijo, que podemos afirmar que tudo se ultimou sem dificuldades e, antes, com a geral e amistosa compreensão de quantos connosco vêm colaborando. Na sua última reunião, no decurso do exercício findo de 1970, o vosso Conselho de Administração reconheceu unânimemente que se tinha atingido, e com manifesta vantagem, o objectivo previsto na altura da fusão. Isto é, admitiu-se ter chegado a oportunidade de submeter este caso à consideração do Conselho Geral do Banco, a fim de que o mesmo, no exercício das atribuições que lhe confere o § 1.º do artigo 22.º dos Estatutos, elaborasse, querendo, a proposta a submeter à Assembleia Geral para fixação do número dos futuros Administradores. Posteriormente, em cartas dirigidas ao Ex.mo Presidente da Mesa da Assembleia Geral, deixaram de exercer funções, a seu pedido, o Presidente do Conselho de Administração, Sr. Dr. Guilherme Luisello Alves Moreira, os Vice-Presidentes do Conselho de Administração, Srs. José Manuel de Mello e Jorge Artur Rego de Brito, e ainda os Administradores Srs. Dr. Manoel César da Fonseca, Dr. António Júdice Bustorff Silva, Dr. Arnaldo Mendes de Campos e Jorge Salazar Antunes.

Lamentando não poder continuar a dispor da sua valiosa colaboração, é nosso dever agradecer os serviços meritórios que prestaram ao Banco e às instituições que o precederam durante períodos mais longos ou mais curtos, abrangendo fases diversas e importantes da vida daquelas instituições, e através dos quais sempre puderam afirmar as suas personalidades, a sua experiência e o seu labor. Apraz-nos ainda destacar neste ponto — e estamos em crer que interpretamos o sentimento geral — o prestigioso nome do Presidente do Conselho de Administração, Sr. Dr. Guilherme Luisello Alves Moreira.

É também com profunda mágoa que temos a registar o falecimento do Sr. Dr. Manuel António de Seabra, membro suplente do Conselho Fiscal.

Para preencher uma das vagas ocorridas foi convidado, nos termos dos Estatutos, e veio a ser designado para Presidente do Conselho de Administração, até à próxima Assembleia Geral, o Sr. Dr. João António Simões de Almeida, individualidade tão conhecida nos meios financeiros nacionais e estrangeiros que não carece de apresentação.

O resultado líquido do exercício de 1970, depois de constituídas as provisões e amortizações consideradas convenientes, ascende a 45 985 624$42 que, adicionado ao saldo do exercício anterior, soma 46 071 765$35, para o qual propomos a seguinte distribuição:

Para o Fundo de Reserva Legal	5 000 000$00
Para Dividendo	40 000 000$00
À disposição da Assembleia Geral	1 071 765$35

Se esta proposta merecer a vossa aprovação, os capitais próprios do Banco elevar-se-ão a Esc. 869 000 000$00.

Ao terminarmos este Relatório, é-nos grato manifestar o mais vivo apreço ao Banco de Portugal pela colaboração que nos prestou e pela compreensão sempre dispensada aos problemas peculiares que tivemos de enfrentar em resultado da criação do novo Banco Totta & Açores.

São também credores de agradecimentos os nossos Clientes pelo apoio, a confiança e a compreensão que, como sempre, nos reservaram e nos são indispensáveis. É também com o maior prazer que manifestamos o nosso reconhecimento ao Conselho Fiscal pela criteriosa e franca cooperação que sempre nos dedicou. Finalmente, é de inteira justiça evidenciar o zelo, a dedicação e a competência dos nossos Directores, Subdirectores, Procuradores e de todo o demais Pessoal

Lisboa, 13 de Janeiro de 1971.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

BANCO TOTTA & AÇORES

BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1970

ACTIVO

DISPONÍVEL E REALIZÁVEL			
Caixa e Depósito no Banco de Portugal	2 237 979 762$15		
Depósitos noutras Instituições de Crédito	760 968 234$43		
Promissórias de Fomento Nacional	211 000 000$00	3 209 947 996$58	
Correspondentes no Estrangeiro	538 640 071$79		
Ouro, Moedas e Notas Diversas	40 170 509$10		
Carteira de Títulos e Cupões	672 669 302$27		
Carteira Comercial	8 455 562 031$92		
Letras sobre o Estrangeiro	38 909 918$80		
Correspondentes no País	214 258 093$51		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	1 459 471 634$35		
Devedores e Credores	1 115 695 487$62		
Empréstimos a mais de um ano	111 713 194$05		
Outros Valores Realizáveis	1 520 870$06	12 648 611 113$47	15 858 559 110$05
IMOBILIZADO			
Participações Financeiras		202 235 127$88	
Imóveis	115 333 520$76		
Amortização (a deduzir)	19 311 133$26	96 022 387$50	
Imobilizações Diversas		122 940 259$43	421 197 774$81
OUTRAS CONTAS DO ACTIVO			
Contas Diversas			5 867 445 970$75
			22 147 202 855$61
CONTAS DE ORDEM			
Valores de Conta Alheia		7 160 278 190$53	
Valores Recebidos em Caução		4 258 363 640$95	
Devedores por Garantias e Avales Prestados	4 242 002 590$99		
Devedores por Aceites	2 427 363 319$19		
Devedores por Créditos Abertos	531 647 631$60	7 201 013 541$78	
Outras Contas de Ordem		12 635 569 899$00	31 255 225 272$26
			53 402 428 127$87

PASSIVO

EXIGÍVEL			
Depósitos à Ordem — Moeda Nacional	8 191 469 117$53		
Depósitos à Ordem — Moeda Estrangeira	6 414 827$00		
Depósitos com Pré-Aviso — Moeda Nacional	261 816 976$61		
Depósitos a Prazo — Moeda Nacional	5 611 114 710$10	14 070 815 631$24	
Cheques e Ordens a Pagar	63 789 401$66		
Exigibilidades Diversas	21 000 055$77		
Correspondentes no País	12 164 823$29		
Correspondentes no Estrangeiro	47 126 245$80		
Empréstimos e Contas Correntes Caucionados	567 289 202$02		
Devedores e Credores	124 632 176$26	836 001 904$80	14 906 817 536$04
NÃO EXIGÍVEL			
Contas Diversas e Provisões			6 330 313 554$22
CAPITAL E RESERVAS			
Capital		500 000 000$00	
Fundo de Reserva Legal		112 000 000$00	
Outros Fundos de Reserva		252 000 000$00	864 000 000$00
RESULTADOS			
Lucros e Perdas:			
Saldo do exercício anterior		86 140$93	
Resultados do Exercício		45 985 624$42	46 071 765$35
			22 147 202 855$61
CONTAS DE ORDEM			
Credores por Valores de Conta Alheia		7 160 278 190$53	
Credores por Valores Recebidos em Caução		4 258 363 640$95	
Garantias e Avales Prestados	4 242 002 590$99		
Aceites	2 427 363 319$19		
Créditos Abertos	531 647 631$60	7 201 013 541$78	
Outras Contas de Ordem		12 635 569 899$00	31 255 225 272$26
			53 402 428 127$87

O CHEFE DA CONTABILIDADE

Francisco da Costa Lopes

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CONTA DE LUCROS E PERDAS DO EXERCÍCIO DE 1970

DÉBITO

Juros e Comissões a nosso cargo	284 171 974$34	
Contribuições e Impostos	32 166 620$62	
Despesas com o Pessoal	324 127 911$80	
Despesas Gerais	67 687 557$44	
Encargos Diversos	359 938$80	
Provisões e Amortizações	34 526 583$23	743 040 586$23
Saldo		46 071 765$35
		789 112 351$58

CRÉDITO

Saldo do Exercício anterior	86 140$93	
Juros e Comissões a nosso favor	662 407 357$72	
Resultados em Operações Cambiais e sobre Títulos	79 872 794$91	
Rendimento de Títulos de Crédito	28 598 314$57	
Outros Rendimentos, Receitas e Lucros	18 147 743$45	789 112 351$58
		789 112 351$58

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

Antes de dar início ao seu Relatório e Parecer, não quer o Conselho deixar de manifestar o seu pesar pelo desaparecimento do Senhor Dr. Manuel António de Seabra, membro suplente deste Conselho, que exerceu durante largos anos o cargo de vogal do Conselho Fiscal do extinto Banco Totta-Aliança, granjeando a maior estima e consideração pela forma competente e afável como sempre desempenhou as suas funções.

No ano findo este Conselho tomou conhecimento, com mágoa, que deixaram, a seu pedido, de exercer os cargos de Administradores os Senhores Dr. Guilherme Luisello Alves Moreira, José Manuel de Mello, Jorge Artur Rego de Brito, respectivamente Presidente e Vice-Presidentes do Conselho de Administração, e os Senhores Dr. Manoel César da Fonseca, Dr. António Júdice Bustorff Silva, Dr. Arnaldo Mendes de Campos e Jorge Salazar Antunes, pessoas que sempre prestaram a melhor colaboração aos membros do Conselho Fiscal no desempenho das suas funções.

Nos termos da lei e dos Estatutos examinou este Conselho todos os meses os livros de contabilidade, procedendo à verificação de valores confiados à guarda do Banco, verificando entre outros os que constituem a Carteira de Títulos e os que estão sob a responsabilidade da Tesouraria, tendo sempre achado tudo na melhor ordem.

Analisando o Relatório do Conselho de Administração e verificando que o Balanço e Contas apresentados correspondem aos números apurados pela Contabilidade e que os critérios valorimétricos adoptados conduzem a uma correcta avaliação do património e dos resultados, é parecer deste Conselho:

1.º Que merecem completa aprovação o Relatório, Balanço e Contas relativos ao exercício de 1970;

2.º Que deve ser aprovada a proposta para o saldo da conta de Lucros e Perdas, com um voto de louvor ao Conselho de Administração pela forma como geriu os negócios sociais;

3.º Que deve proceder-se às eleições para o Conselho de Administração, Conselho Fiscal, Mesa da Assembleia Geral, accionistas que deverão fazer parte do Conselho Geral e Comissão a que se refere o artigo 40.º dos Estatutos, para o triénio 1971-73;

4.º Que sejam testemunhados os agradecimentos do Banco aos seus Clientes e Amigos, Directores, Subdirectores, Procuradores e restantes Empregados, pela dedicada colaboração prestada.

Lisboa, 28 de Janeiro de 1971.

O CONSELHO FISCAL

AS NOVAS PARAGENS DOS TRANSPORTES SUBURBANOS

NEM OITO NEM OITENTA... AÍ POR VOLTA DOS QUARENTA

Enquanto os alunos das escolas da província vão beneficiar, por decisão do Governo, de descontos nos transportes para as escolas, muitos estudantes residentes na periferia de Lisboa deixaram de beneficiar dos descontos que lhes eram concedidos, pois esta é uma das consequências (acredita-se que involuntária) da recente disposição da P. S. P. que obriga as camionetas das carreiras suburbanas a respeitar rigorosamente as poucas paragens estabelecidas dentro de Lisboa.

Na verdade, centenas de jovens que beneficiavam de descontos de 50 por cento, nos transportes suburbanos, vêem-se agora obrigados a recorrer aos autocarros e «eléctricos» da Carris, onde não gozam de qualquer diminuição de preço dos bilhetes pelo facto de serem estudantes.

Reportagem de JOSÉ SILVA PINTO
Fotos de SALVADOR RIBEIRO

«*Que diabo! Nem oito nem oitenta*» — comentava, na improvisada central de camionagem da Arboricultora, em Odivelas, um passageiro habitual dos autocarros da empresa.

Para a maioria dos utentes das carreiras daquela empresa, cujos autocarros estabelecem ligação entre Odivelas e diversos pontos de Lisboa, passou-se, na verdade, dos oitenta aos oito, sem passar pelos quarenta, como quer o rifão...

Até 14 do corrente, praticamente todos os autocarros suburbanos vindos dos arredores, quer pela Calçada de Carriche, quer pela Estrada de Benfica, quer ainda pela Rotunda do Aeroporto, iniciavam (ao entrar na cidade) um minucioso rosário de paragens, a largar passageiros. Do mesmo modo, ao fazerem os percursos contrários, paravam ao sinal dos passageiros, mesmo que estes não se encontrassem nas paragens assinaladas. Era o «oitenta». O exagero.

Poncarpo Raisano: «Já protestámos junto do presidente da Câmara de Loures».

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

A Polícia avisou...

Em 26 de Fevereiro, o comando da Divisão de Trânsito da P.S.P. de Lisboa oficiou ao Grémio dos Industriais de Transportes Automóveis (G.I.T.A.) dizendo que a tolerancia da Polícia para as paragens em qualquer sítio iria terminar em 15 de Março. A partir dessa data, os agentes da P.S.P. deixariam de fechar os olhos.

E assim foi. Ante a estupefacção dos passageiros, as camionetas suburbanas passaram a deter-se apenas nas paragens estabelecidas. No caso da carreira Odivelas--Lisboa: Senhor Roubado, Lumiar (junto do antigo posto da P.V.T.), Campo Grande (no entroncamento com a Avenida do Brasil e na rotunda da estátua da Guerra Peninsular), Avenida da República (junto da estação do «Metro» do Saldanha), Avenida Casal Ribeiro (perto do Saldanha) e Rua Antero do Quental (junto ás estações das empresas Arboricultora, Lda. e Auto-Viação Bucelense). Para os utentes das carreiras e para as empresas concessionárias é, agora, o exagero de sinal contrário: o «oito» do rifão.

... e agora é assim

Residente em Odivelas, a estudante Maria Teresa Sequeira, aluna do 7.º ano de um externato do Campo Pequeno, obriga-se agora a uma pequena «maratona» para chegar ao colégio, todas as manhãs. De duas uma: ou sai em Entrecampos ou no Saldanha. Prefere a segunda — e volta para trás, como o caranguejo...

Para a jovem Maria de Fátima Lemos, aluna do 2.º ano do Comércio, na Escola Josefa de Óbidos, ir de Odivelas á escola passou a ser uma excursão mais complicada. Dantes, o autocarro da Arboricultora deixava-a na Estefania, onde apanhava a carreira n.º 15 da Carris. A nova «lei» obriga-a a ir a pé do Saldanha á Estefania, onde perde o autocarro da Carris. Se quiser apanhar a aula, terá de ir de táxi, ou sair de casa muito mais cedo...

«Entrego o boné...»

«*Qualquer dia entrego o boné e vou para as obras. Já disse ao meu patrão: ou a empresa resolve o problema ou vou-me embora. Já não posso ouvir as reclamações dos passageiros.*»

A queixa é do motorista Adérito Alves Ribeiro, 38 anos, trasmontano rijo, com carta de condução desde os 18 e que desde 1964 conduz autocarros da Arboricultora. Mas, em boa verdade, a frase podia ser de todos os motoristas dos autocarros suburbanos que entram e saem da cidade — sem, contudo, saírem da «grande Lisboa».

Numa roda de motoristas, comenta-se a situação.

Adérito Ribeiro, num discurso inflamado:

«*Desde que a nova ordem começou a vigorar, há uma semana, já recebi oito multas. Em vinte anos de motorista, só uma vez tinha sido multado. E agora é isto!*

«É PRECISO RESPEITAR O PÚBLICO»

Esta reportagem foi centrada nos problemas dos habitantes de Odivelas e, de um modo geral, do concelho de Loures. Mas o problema põe-se, também, com igual acuidade, para os utentes das carreiras de outras empresas, como todas as que têm autocarros a circular pela Av. do Aeroporto, Lumiar e Estrada de Benfica. Por exemplo, a Sintra-Atlântico tem autocarros entrando em Lisboa pelas Portas de Benfica (onde podem parar), só voltam a poder sair no Calhariz de Benfica e em S. Sebastião da Pedreira, Ficam, assim, por servir pontos importantes como a Escola Preparatória Pedro de Santarém, o Hospital da Cruz Vermelha e a Praça de Espanha. «É preciso respeitar o público», diz o sr. Moisés Augusto Raimundo, responsável pela agência da empresa na Rua da Glória. Estamos de acordo.

Não estou para isso... Vou entregar o boné, isso é que vou... Não posso estar a ganhar 105 escudos (com os descontos são 95) e pagar 200 escudos de multa por dia...

Mesmo assim, no outro dia sujeitei-me á multa. Eu sou sincero... Era uma velhinha, doente, que queria sair ao pé do Sanatório D. Carlos I, no Lumiar. Eu não podia parar. E ela a chorar, ao pé de mim. Pela lei, só podia parar no Campo Grande, ao pé da Avenida do Brasil. E ela a queixar-se: que ia fazer um exame ao coração, que não tinha dinheiro para apanhar um táxi.

Não pude mais. Parei, ali mesmo, e deixei-a sair. Por sorte, não estava nenhum agente. Mas sujeitei-me...»

«A culpa é da Carris» — diz o povo

À socapa, o povo já começa a dizer que a culpa de tudo é da Carris, da pressão que teria feito no sentido de se limitarem as paragens dos autocarros suburbanos.

«*O que eles querem é fazer mais negócio*» — disse um popular ao repórter. «*Mas o pior de tudo é que nem sequer fazem descontos aos estudantes.*»

Mas os prejuízos que advêm da excessiva distancia entre as paragens autorizadas aos suburbanos parecem atingir muito mais gente:

■ Entre o Lumiar e a Avenida do Brasil são quase dois quilómetros e meio de distancia. Ficam prejudicados: empregados da RTP; doentes, familiares e pessoal de enfermagem para o Sanatório do Lumiar; 62 pequenas alunas do Externato Marquesa de Alorna; público que se escoava, normalmente, para Benfica e Carnide (via 2.ª circular).

(As alunas do Externato Marquesa de Alorna residentes em Odivelas vão agora, a pé, até ao Senhor Roubado (400 metros), aí tomando o autocarro da Carris. Quanto aos descontos, adeus...)

Maria de Fátima Lemos: uma «ma... á escola ou á paragem onde agu...

■ Entre a Avenida Casal Ribeiro e a Rua Antero do Quental é outro grande estição, sem uma paragem. Prejudicados: doentes, familiares e pessoal de enfermagem para (ou dos) Hospitais de S. José, D. Estefania e Capuchos.

(No outro dia, uma jovem mãe, residente nos Camarões, Odivelas, teve de levar um filho de oito anos, anormal, ao Hospital de D. Estefânia. Queria ficar, como habitualmente, no Campo de Santana. Não pôde ser. E teve de transportar a criança, nos braços, desde a Rua Antero do Quental até ao hospital. E é sempre a subir...)

«*O grande prejudicado é o público*» — comenta o sr. Policarpo dos Santos Paisano, de 54 anos, gerente da Arboricultora desde 1940.

«*As empresas de Odivelas e Loures já fizeram uma exposição ao presidente da Camara de Loures, o nosso concelho, pedindo-lhe para intervir junto da Camara Municipal de Lisboa, no sentido de serem revistas as disposições agora em vigor*

Há, parag... Das ... solicit... conce... aprov... que s... das L... do es... forma... Sanat... Rua ... no Ca... quem ... de Id... pitais ... José).

Que ... de Ca... rifica... lómet... Sete ... uma ... vir, po... Luz e...

Cal... 120 m... concel... os t... para ... Poder... ria se... o nov... impos... oitenta...

Não... lá?

Adérito Ribeiro: «Se os meus patrões não conseguem resolver o caso, entrego o boné. Prefiro ir para as obras...»

SER...
GR...
TO...
Our...
Rua A...

...ma «maratona» para chegar ...de aguarda o autocarro...

Há, pelo menos, algumas paragens que se impõe criar. Das 33 paragens que foram solicitadas pelas empresas concessionárias só 10 foram aprovadas. Mas há algumas que se impõem: na Alameda das Linhas de Torres (perto do estádio do Sporting, de forma a servir a RTP e o Sanatório do Lumiar), na Rua Joaquim Bonifácio ou no Campo de Santana (para quem se dirige ao Arquivo de Identificação ou aos Hospitais da Estefania e de S. José).

Quanto á carreira que vai de Caneças a Sete Rios, verifica-se que durante sete quilómetros (entre a Pontinha e Sete Rios) não é autorizada uma paragem: ficam por servir, por exemplo, o Largo da Luz e o Bairro de S. João.»

Calcula-se que cerca de 120 mil pessoas residentes no concelho de Loures utilizem os transportes suburbanos para se dirigirem a Lisboa. Poderá dizer-se que a maioria se sente prejudicada com o novo figurino de paragens imposto. Entre os oito e os oitenta, há os quarenta.

Não seria possível chegar lá?

Sugestão final:

Pode, na verdade, aceitar-se que o estabelecimento de paragens excessivas nos percursos prejudique o bom andamento do trânsito. Mas, neste caso, porque não entram em acordo as diversas empresas suburbanas e a Carris, para transporte dos passageiros que precisem de sair ao longo do percurso?

SERVIÇOS DE CHÁ
GRANDE VARIEDADE
TODOS OS ESTILOS
Ourivesaria Pimenta
Rua Augusta, 255-Tel. 32 45 64

EM COIMBRA: CONCURSO EUROPEU DE LÍNGUA FRANCESA

COIMBRA, 30—Na Aliança Francesa, vai decorrer no próximo dia 16 de Abril, o Concurso Europeu de Língua Francesa, aberto a todos os estudantes desse idioma de idade entre os 16 e os 18 anos.

A prova constará de uma dissertação e tem como prémio uma viagem a França e a estadia de dez dias nesse país.

As inscrições são gratuitas e encontram-se abertas na secretaria daquele organismo, na R. Pinheiro Chagas, 60 e até ao ultimo dia da realização do concurso.

REUMATOLOGISTAS PORTUGUESES NUM SIMPÓSIO EM FLORENÇA

Os médicos do Instituto Português de Reumatologia dr.ª Yolanda Guerra, dr. Assunção Teixeira e prof. Luís de Pap, a convite da Merck Sharps Dhone, partem, amanhã, para Itália, a fim de assistirem, em Florença, ao «Simpósio Internacional da Inflamação e da sua terapêutica». O congresso dura até ao dia 14 de Abril.

ACORDE-O!

O dinheiro quando está parado não rende.
Multiplique o seu dinheiro e faça-o trabalhar para si com o nosso auxílio.

BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA
onde cada um conta mais do que a sua conta

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

SEDE: RUA DE ALEXANDRE HERCULANO, 244—PORTO

RELATÓRIO E BALANÇO DA GERÊNCIA DE 1970

RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

SENHORES ACCIONISTAS:

Para cumprimento das disposições legais e estatutárias temos a honra de apresentar a submeter à vossa deliberação o Relatório, Balanço e Contas referentes ao exercício de 1970.

Elementos característicos da exploração das redes de alta e baixa tensão

		1968 (kWh)	1969 (kWh)	1970 (kWh)
Energia hidráulica recebida da Central do Lindoso		270 114 711	281 668 357	212 639 654
Energia hidráulica recebida das centrais de Pego do Altar, Vale do Gaio e Campilhas		16 054 063	12 333 999	8 528 837
Energia térmica emitida	Freixo	—	—	—
	Cachofarra	27 027	—	—
Energia recebida da CPE e de outras empresas.	Norte	248 397 333	840 212 450	1 029 764 439
	Sul	168 655 828	491 028 212	534 117 519
Energia entregue às redes de alta tensão.	Norte	518 512 044	1 121 880 807	1 242 404 093
	Sul	184 736 918	503 362 211	542 646 356
	Total	703 248 962	1 625 243 018	1 785 050 449
Energia vendida com carácter eventual a outras empresas (Norte)		12 351 833	14 740 219	20 333 290
Energia vendida a clientes.	Norte	500 039 228	1 091 653 140	1 205 953 986
	Sul — AT	159 656 136	436 554 191	466 079 914
	Sul — BT	12 342 088	40 506 483	46 611 644
Energia total vendida		684 389 285	1 583 454 033	1 738 978 834
Emissão máxima diária e correspondente utilização (horas).	Norte	2 029 022 (15,10)	4 535 244 (16,30)	5 032 968 (16,95)
	Sul	634 869 (18,30)	1 693 719 (19,86)	1 917 525 (19,66)
Ponta máxima (MW)	Norte	134,7	278,2	296,9
	Sul	36,3	85,3	97,5
Repartição percentual das principais classes de consumo.	Distribuidoras	47,6	46,7	47,2
	Químicas	7,2	11,4	10,3
	Têxteis	11,9	9,5	9,4
	Cimento	7,2	4,3	4,6
Número de clientes de alta tensão.	Norte	570	892	1 010
	Sul	121	245	261
	Total	691	1 137	1 271
Número de clientes de baixa tensão		27 454	54 520	58 612
Número de postos de transformação	Norte	915	1 487	1 606
	Sul	242	483	518
	Total	1 157	1 970	2 124
Potência ligada (MVA)	Norte	227	554,1	747,7
	Sul	68	212,3	231,9
	Total	295	766,4	979,6
Contratos novos		32	46	19
Contratos renovados		59	124	27

O exame dos números atrás referidos permite conhecer a maneira como se processou a exploração das nossas redes durante o ano de 1970.

A energia vendida atingiu 1 738 978 834 kWh contra 1 583 454 033 kWh em 1969, pelo que se registou um aumento de 155 524 801 kWh correspondente a 9,8%. Nos últimos 5 anos verificaram-se os seguintes aumentos de consumo:

1966	62 GWh	5,4 %
1967	127 »	10,4 %
1968	122 »	9,0 %
1969	118 »	8,1 %
1970	155 »	9,8 %

Parece estar assim vencida a recessão havida nos últimos anos, retomando-se em 1970 a expansão habitual da venda com crescimento de consumo (cerca de 10%), o que se reflecte favoràvelmente na economia da empresa.

A central do Lindoso registou apenas a produção de 212 639 654 kWh, resultado de um ano hidrológico de fraco coeficiente de hidraulicidade, pelo que as nossas redes, como já tem vindo a suceder em anos anteriores foram abastecidas fundamentalmente com energia fornecida pelas centrais da rede primária (Companhia Portuguesa de Electricidade). Esta situação implica especiais cuidados na venda de energia, pois qualquer variação nas condições de aquisição àquela Companhia tem imediato reflexo no custo da distribuição.

As emissões máximas diárias nas redes do Norte e do Sul foram, respectivamente, 5 032 968 e 1 917 525 kWh, com utilizações diárias de 16,95 e 19,66 horas. Estes valores verificaram-se nos dias 30 e 29 de Dezembro, tendo as pontas máximas das nossas redes atingido 296,9 MW no Norte e 97,5 MW no Sul, nos dias 30 e 29 de Dezembro.

Na repartição percentual das várias classes de consumo, as distribuidoras continuam ocupando lugar de relevo — 47,2% — seguidas das químicas e têxteis.

Contratos e clientes

O número de clientes em alta tensão passou a ser 1271 com uma potência total de 979,6 MVA. Além dos contratos com novos clientes houve que renovar muitos outros, pelo que a actividade da empresa neste domínio foi intensa, a fim de podermos corresponder às necessidades dos clientes. É de registar a compreensão e boa vontade com que sempre todos os problemas foram resolvidos.

Já no início do corrente ano acordámos com a Câmara Municipal de Coimbra as condições de um novo contrato a celebrar, conjuntamente com a Companhia Eléctrica das Beiras, para o abastecimento do respectivo concelho durante os próximos 10 anos. A solução adoptada representa para as fornecedoras importante sacrifício económico, mas demonstra bem o desejo de colaboração com os seus clientes e em especial com aquela Câmara Municipal.

Obras e projectos

Foi muito intensa a actividade dos serviços técnicos da nossa empresa, pois a par do trabalho de estudo e construção de ramais para abastecimento de novos consumidores, de reforço e alteração de instalações existentes, houve que proceder à montagem de novas subestações e à instalação de equipamento para os telecomandos, no sentido de se melhorar a qualidade do serviço, diminuindo a frequência e duração das interrupções.

A rede de alta tensão atingiu 4 013 km, com um aumento de 181 km em relação ao ano anterior, e a sua composição, em percentagem, por níveis de tensão, é a seguinte:

	1965	1969	1970
60 kV	16,5 %	15,2 %	16,3 %
30 kV	24,1 %	24,8 %	24,1 %
15 kV	52,2 %	53,8 %	53,5 %
6 kV	7,2 %	6,2 %	6,1 %

ENERGIA FORNECIDA EM ALTA TENSÃO

Classes de consumo	Norte (kWh)	Sul (kWh)	Total (kWh)	Percentagens por classes 1970	1969	Variações
Distribuidoras:						
— próprias (concessões de BT)	—	49 733 633	49 733 633	2,9	2,7	+ 0,2
— outras	690 982 346	81 459 447	772 441 793	44,3	44,0	+ 0,3
Indústrias:						
— químicas	13 565 999	165 749 869	179 315 868	10,3	11,4	— 1,1
— têxteis	162 197 396	1 413 400	163 610 796	9,4	9,5	— 0,1
— do cimento	16 677 101	63 446 400	80 123 501	4,6	4,3	+ 0,3
— de construções mecânicas e eléctricas	22 962 323	38 128 418	61 090 741	3,5	3,5	—
— de alimentação	33 634 650	19 561 934	53 196 584	3,0	3,2	— 0,2
— da celulose e do papel	35 996 754	11 894 550	47 891 304	2,7	2.4	+ 0,3
— de cerâmica e de outros materiais de construção	33 744 446	8 915 049	42 659 495	2,4	2,5	— 0,1
— dos metais não ferrosos	23 001 964	813 400	23 815 364	1,4	1,3	+ 0,1
— da cortiça	3 691 552	15 007 337	18 698 889	1,1	1,2	— 0,1
— da borracha	7 508 608	10 035 058	17 543 666	1,0	1,0	—
— da madeira e da mobília	12 908 066	323 862	13 231 928	0.8	0,7	+ 0,1
— da metalurgia do ferro e do aço	12 233 143	170 320	12 403 463	0,7	0,6	+ 0,1
— do vestuário e acessórios	9 744 106	849 037	10 593 143	0,6	0,6	—
— da elevação de águas	1 602 801	8 106 870	9 709 671	0,5	0,5	—
— extractivas mineiras	3 080 852	5 399 000	8 479 852	0,5	0,5	—
— das peles e artigos de peles	6 729 941	—	6 729 941	0,4	0,4	—
— vidreiras	5 446 575	—	5 446 575	0,3	0,2	+ 0,1
— da extracção de carvão	1 422 385	—	1 422 385	0,1	0,2	— 0,1
— gráficas e do livro	1 163 144	—	1 163 144	0,1	0,1	—
— outras	31 138 027	29 929 157	61 067 184	3,5	3,1	+ 0,4
Electroquímica	67 713 004	—	67 713 004	3,9	4,4	— 0,5
Outras empresas	20 333 290	—	20 333 290	1,2	0,9	+ 0,3
Agricultura	895 934	3 368 769	4 264 703	0,2	0,2	—
Diversas	7 912 869	2 215 977	10 128 846	0,6	0,6	—
Totais	1 226 287 276	516 521 487	1 742 808 763	100,0	100,0	

Continua o crescimento da rede a 15 kV, que é a tensão de quase todos os ramais destinados à ligação de novos consumidores; e diminui, embora lentamente, a extensão da rede a 6 kV que está sendo substituída pela de 15 kV.

A distribuição em baixa tensão

Este sector da nossa actividade mereceu já, no relatório do ano passado, tratamento particular em capítulo destacado.

A referência feita à baixa tensão não resulta pròpriamente da sua importância relativa, medida pelo quantitativo de energia fornecida — cerca de 2,7 % do total se bem que progredindo a uma taxa (15 %) superior à média — mas sim das implicações que contém.

Se medirmos a interferência deste sector no conjunto da empresa pelo volume de investimento e de receita e pela máquina administrativa própria, verifica-se que a sua importância é bastante mais significativa do que a percentagem atrás referida poderia deixar antever.

É através das redes de baixa tensão que se leva a energia a todas as habitações, com as múltiplas possibilidades de consumo do mundo moderno que o aumento do poder aquisitivo torna mais acessíveis às populações. Pode fazer-se, portanto, uma ideia dos problemas que dia a dia se apresentam ao distribuidor da baixa tensão por uma clientela cada vez mais consciente das suas necessidades e portanto mais exigente.

Trata-se, dentro do campo da distribuição de energia eléctrica, de uma actividade bem específica carecida de estrutura adequada e cuja rendabilidade própria só poderá assegurar-se a partir de determinada dimensão e de determinado consumo.

Estamos certos de que os problemas criados pela insuficiente dimensão das entidades, a quem está cometida a distribuição em baixa tensão, encontrariam solução eficaz uma vez que as concessões da pequena distribuição se integrassem nos concessionários da grande distribuição.

Seria esta uma forma de, pelo aproveitamento dos órgãos de gestão, quadros técnicos e meios de financiamento assegurar uma exploração com menores encargos e portanto um serviço em melhores condições para o consumidor.

Outras soluções que tenham em vista resolver o problema mas em ordem inversa, partindo das entidades distribuidoras em baixa tensão, sempre de insuficiente dimensão à excepção dos grandes centros como os de Lisboa e Porto, só contribuirão para distorcer uma evolução que se nos afigura a mais indicada, criando situações de concorrência com actividades paralelas que reduzem a utilização dos equipamentos e portanto a produtividade do aparelho industrial.

Conhecemos as dificuldades que vem encontrando a distribuição de energia em baixa tensão por esse país fora.

Sua Excelência o Secretário de Estado da Indústria, em face do memorando sobre este problema apresentado oportunamente pelo Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade, determinou a constituição de um grupo de trabalho para estudar os problemas actuais da pequena distribuição de energia eléctrica, cujo exercício se manterá durante o ano de 1971.

Espera-se que deste grupo resulte trabalho válido, que permita a definição de uma orientação e de directivas sobre a forma de conseguir remediar-se o mal que afecta muitas distribuições em baixa tensão.

A empresa consciente da conveniência em encontrar-se uma solução à escala nacional, está disposta a colaborar construtivamente na resolução geral do problema, tendo em conta o interesse público e dentro de um critério de sã economia que assegure a defesa dos seus legítimos direitos.

(Continua na página seguinte)

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

(Continuação da pág. anterior)

Dentro da orientação que aqui defendemos, renovaram-se já os contratos de concessão de pequena distribuição nos concelhos de Almada e Sesimbra; esperamos, no decurso do ano de 1971, renovar os contratos com outras Camaras Municipais.

Trata-se de zonas que ficam englobadas dentro do perímetro suburbano onde se tem verificado, embora um pouco desordenadamente, uma expansão muito acentuada da construção.

Este surto de crescimento se por um lado, obriga a um trabalho aturado de actualização das instalações eléctricas exigindo um ritmo de investimento muito acelerado,

SUBESTAÇÕES

Designação	Concelho	Tensão kV	Potência MVA	Observações
Águeda	Águeda	60/15	1×20	Encomenda para o telecomando desde a SE Mogofores
Amieira	Matosinhos	60/15	2×30	Aquisição de seccionadores do 2.º barramento, execução fundações
Avanca	Estarreja	60/15	2×10	Ligação da nova linha 60 kV Avanca-Estarreja (CPE). Execução de fundações, canais e montagem estruturas 3 novos painéis 60 kV
Aveiro	Aveiro	60/15	2×10	Montagem de 2 novas saídas 15 kV SMA I e II e sua ligação
Freixo	Porto	130/60/15	2×35	Encomenda do quadro geral de comando e protecções. Construção de edifício; comando e ligação de novos painéis Ermesinde, Amieira e TR I
Ovar	Ovar	60/15	1×10	Projecto da SE e consulta para material
Paços de Ferreira	Paços de Ferreira	60/15	1×10	Aquisição do terreno
Pevidém	Guimarães	60/15	1×5	Aquisição do terreno, execução de terraplenagem, muros e acessos
Ponte	Braga	130/15	1×20	Execução de fundações e encomenda de disjuntor e seccionador TR II
Ruivães	Vila Nova de Famalicão	130/60/15 130/15	1×30 1×10,7 1×20	Transporte do transformador III 130/60/15 kV, 30 MVA
St.ª Cruz do Bispo	Matosinhos	60/15	1×20	Encomenda do telecomando desde SE Amieira
Setúbal	Setúbal	60/30/15	1×31,5 1×20 1×10	Em estudo
Santiago	Santiago de Cacém	60/30/15	1×9,5	Em construção
Pegões	Montijo	60/30	1×9,5	Em estudo
Barreiro	Barreiro	60/30/6	2×15	Ampliação; montagem do 2.º TR e de 2 novos painéis de 60 kV
Sobreda	Almada	60/30/15	2×20	Ampliação; montagem de 2 novos painéis de 60 kV
S. Francisco	Alcochete	60/30/15	2×13	Em exploração
Moita	Moita	30/6	2×1	Em estudo

LINHAS A 60 kV

Designação	Comprimento (m)	Secção (mm²)	Observações
Avanca-Estarreja (CEPE)	2 800	6×327 (al-aço)	Construída. Em exploração
Angeja-Aveiro	11 500	3×157,9 (AWAC)	Aguarda licença de estabelecimento
Ruivães-Pevidém	13 000	6×157,9 (al-aço)	Em estudo
CPE-Barreiro	20 000	6×325 (al-aço)	Em estudo
Setúbal-Pegões	30 000	3×160 (al-aço)	Em construção
Ferreira-Santiago	55 000	3×160 (al-aço)	Em exploração
Santiago-IFAP	13 000	3×160 (al-aço)	Em exploração
Sobreda-Piedade	2 350	6×160 (al?aço)	Em estudo
Piedade-LISNAVE I	3 270	3×240 (al)	Subterrânea. Em estudo
Piedade-LISNAVE II	3 200	3×240 (al)	Subterrânea. Em estudo

REDE DE ALTA TENSÃO

	1960	1969	1970
Norte	1 730 km	2 430 km	2 518 km
Sul	867 km	1 402 km	1 495 km
Total	2 597 km	3 832 km	4 013 km

por outro lado constitui um índice das potencialidades desta zona geográfica.

A empresa, fiel à sua missão de distribuidora de energia eléctrica, prestará toda a colaboração que lhe for solicitada, por forma a contribuir eficazmente para a expansão da electrificação do país

Economia e contas

As duas grandes zonas em que a sociedade exerce a sua acção, no Norte e no Sul, foram objecto de um esforço de investimento em 1970 que, em capitais fixos e em capitais circulantes afectos ao serviço das duas regiões, ultrapassou os 145 000 contos.

Em imobilizações, nas quais avultam naturalmente as referentes a linhas de alta tensão, a subestações e a redes de baixa tensão, a inversão em meios materiais de serviço foi de quase 46 200 contos no Sul e de uns 33 300 no Norte, a roçar a cifra total de 80 000 contos — número mais elevado que até agora a empresa atingiu na sua expansão anual.

Em capitais circulantes, diferentemente foi a região do Norte que apresentou à empresa maiores solicitações de afectação de novos capitais, com um acréscimo de quase 52 600 contos ao passo que no Sul o capital circulante aumentou mais moderadamente (cerca de 13 100 contos)

Em 1970 e quanto aos capitais circulantes exigidos, a retenção forçada de créditos sobre clientes de alta tensão no Norte, agravou-se em 40 319 contos, atingindo assim esses créditos um total superior a 180 000 contos — vultoso capital de imobilização creditícia que, longe de ter feição flutuante, apresenta ao longo dos anos manifesta tendência de consolidação, sublinhada pelas perspectivas de um período de pressão financeira de investimento nacional cujo termo não se avista e cujas dominantes económicas na ordem geral parecem dever persistir por muito tempo.

Excedendo muito o valor médio dos respectivos fornecimentos mensais de energia, corresponde a esse volumoso capital um diferimento geral e permanente de encaixe de cerca de 3 meses além do período normal do tráfego comercial corrente. E embora no Sul esse diferimento adicional se apresente em medida mais limitada (cerca de 1,75), a crescente inversão de capitais circulantes em créditos suplementares à indústria (no Norte, índice de 22,7) e aos Municípios (32,9) constitui uma exigência financeira de manifestas repercussões económicas que a empresa, aliás, mesmo com especial esforço de administração e sob natural preocupação da sua política de capitais, tem subordinado sempre às condições da acção industrial e social da Nação.

O investimento *per capita* da «população servida», feito em 1970 pela U. E. P., nos concelhos atingidos pelo seu sistema de distribuição (censo de base da Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos do ano anterior e com exclusão de Porto-cidade), foi o seguinte:

— no Norte

— em capitais fixos	19$34
— em capitais circulantes	30$54, no total de 49$88

— no Sul

— em capitais fixos e com exclusão do investimento privativo da pequena distribuição	97$45
— em capitais circulantes	40$45, no total de 137$90

divergência que repercute também, como é natural as conhecidas diferenças de densidade demográfica das duas regiões.

No importante sector da baixa tensão, ao qual a U. E. P. tem vindo a dedicar especiais cuidados, a empresa fez também um elevado esforço de investimento, em 1970, que se traduziu por pouco menos de 100$00 *per capita* (exactamente: 96$29), em relação à «população servida»

Esta intensificação de financiamento englobou ainda, como não podia deixar de ser, 8098 contos para resgate de obrigações de anteriores empréstimos — e foi suportada não só pela prestação complementar do capital accionista subscrito em 1968 (43 500 contos) como também pela elevação dos débitos da empresa perante diversas entidades, como inerência à própria intensificação de tráfego e ao volume crescente das operações comerciais. Apoiou-se ainda em autofinanciamento de três fontes:

— reinvestimento de resultados, em harmonia com a política geral do Governo e implícita retenção de lucros na empresa, sob a rubrica de «Fundo de Reserva Extraordinário»;

— retenção de natureza evidentemente temporária, da cobertura tarifária das cargas de deperecimento físico e funcional («quotas de reintegração»);

— retenção de natureza diferida a largo prazo da cobertura tarifária das cargas de reversão correspondentes às concessões de que a empresa é titular e que terá de suportar sem indemnização

---

O balanço estático, de conceito predominantemente patrimonialista, conforme tem vindo a suceder há longos anos, apresenta pela primeira vez na história da sociedade um activo fixo que excede o valor nominal de um milhão de contos. Muito acima desse nível subiria ainda se fosse medido no padrão ouro ou, pelo menos, com actualização valórica dos investimentos feitos em sucessivos exercícios e em grande parte já renovados, mediante incidência dos coeficientes oficiais de desvalorização da moeda.

A dinâmica respectiva, ao longo do exercício, está traduzida pelas contas de «Exploração» (reservadas clássicamente á actividade de natureza industrial da empresa, tanto quanto isso é exequível no domínio prático) e pelas contas de «Resultados de Exercício» que, na sequência daquelas, correspondem á acção de natureza comercial e administrativa. Estas últimas mercê da integração da U. E. P no conceito actualizado de empresa como unidade de acção privada integrada nos próprios fins gerais do Estado, inserem também os elementos de acção social.

Umas e outras («Exploração» e «Resultados de Exercício») são de polarização sectorial (Norte e Sul) — e nem seria de admitir como dispensável essa distinção numa gestão suficientemente atenta aos assuntos industriais, administrativos e sociais da empresa. Convergem essas contas depois, com aditamento de elementos de acção genérica e comum à conta de «Resultados Gerais».

Não pode hoje essa dinâmica, vinculada às leis da digrafia, responder simultâneamente a todas as solicitações de informação que, de múltiplas origens e em diferentes «ópticas» (industrial, financeira, fiscal, económica, administrativa, patrimonial e meramente estatística), em todo o mundo lhe são dirigidas. Parece que a pressão deste problema é mais ou menos sentida por toda a parte — e assim se compreende que os técnicos respectivos se tenham lançado na busca pressurosa das necessárias soluções. Entretanto, as disposições do Decreto-Lei n.º 49 381, de 15 de Novembro de 1969, sujeitando as sociedades anónimas á revelação explícita de determinados elementos valóricos da sua actividade, traduzem-se agora na conta de «Resultados Gerais» da U. E. P. (como conta subsidiada pelas de resultados que a antecedem e apenas na respectiva medida) por «movimentos» globais de simples trânsito, para efeito de prestação das informações requeridas pela lei, tendo-se recorrido para isso à «integração horizontal» dos aludidos elementos, os quais, disseminados já por várias contas da dinâmica da contabilidade industrial convergiram por essas outras vias á referida conta de «Resultados Gerais». E nada obstou assim a que um mesmo elemento de informação se integrasse nas várias «ópticas» requeridas, como na verdade sucede.

Cumprido o disposto no n.º 2 do artigo 12.º dos Estatutos, a conta de «Resultados Gerais» apresenta um saldo de 54 638 416$96 para o qual propomos a seguinte aplicação:

Fundo de reserva legal	3 000 000$00
Dividendo a distribuir	43 549 710$00
Gratificação a todo o pessoal (10% sobre o dividendo)	4 354 971$00
Para novo exercício	3 733 735$96
Total	54 638 416$96

Organização e actividade social

Continuámos dedicando a melhor atenção aos problemas de organização pelo emprego de modernas técnicas de gestão, embora com o cuidado de só adoptar as que se reconheçam úteis e eficazes no momento presente.

(Continua na página seguinte)

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

(Continuação da pág. anterior)

Nos termos do Contrato Colectivo de Trabalho processou-se novo aumento de vencimentos. Assim se atingiu com apreciável antecipação ao prazo estipulado no contrato, o valor aprovado para o ponto o que representa, sem dúvida, grande benefício para todo o pessoal

Na actividade social despendeu a empresa, durante 1970, o total de 23 694 169$44 dos quais 9 187 721$31 representam a contribuição obrigatória para a Caixa de Previdência. Mantiveram-se os benefícios que a empresa a todos faculta no prosseguimento de uma política social desde sempre seguida, tendo em vista a contribuição para o bem-estar de todos os que nela trabalham.

Grémio Nacional dos Industriais de Electricidade

Prestámos a este organismo toda a nossa colaboração, na certeza de que assim contribuímos para o desenvolvimento do sector da indústria eléctrica, de tão relevante posição na economia nacional

Aprovada pela Assembleia Geral Extraordinária a alteração dos Estatutos do Grémio, aguarda-se a necessária homologação para efeito de se proceder à constituição dos novos Corpos Gerentes.

Durante mais de trinta e seis anos serviu a U. E. P. com entusiasmo, dedicação e do estudo em curso de novos sistemas tarifários para a venda de energia em alta tensão e de aspectos comuns às actividades das várias empresas

Comparticipação noutras empresas

Mantivemos gostosamente a nossa colaboração a diversas empresas às quais estamos associados, apoiando assim iniciativas em curso que muito interessam ao desenvolvimento da economia nacional

Corpos gerentes

Ficou dolorosamente assinalado para nós o dia 13 de Abril de 1970 com o falecimento do Engenheiro Paulo de Barros.

Sentimos com amargura a sua perda, que ninguém previa tão rápida.

Durante mais de trinta e seis anos serviu o U. E. P com entusiasmo, dedicação e competência inexcedíveis, sendo cerca de trinta desses anos na gerência da nossa sociedade em conjunto e em fraternal entendimento com o Engenheiro Mamede Fialho.

De educação primorosa e fina sensibilidade, com uma inteligência esclarecida e uma cultura actualizada, enérgico sem dureza, competentíssimo na sua profissão e leal no trato, organizador e dinamizador eficiente, carácter íntegro, trabalhador incansável, bom engenheiro e bom amigo, sempre o engenheiro Paulo de Barros foi querido, estimado e admirado por todos os que com ele conviveram

Modelo de dirigentes, o seu nome permanecerá em definitivo ligado à vida e à expansão da U. E. P no decurso das últimas três décadas

Não o esqueceremos!

Após o falecimento do engenheiro Paulo de Barros, a gerência da U. E. P. continuou a ser assegurada pelo engenheiro Mamede Fialho agora na qualidade de Director-Gerente, assistido por dois Subdirectores, um no Norte, o engenheiro Raul Bessa, e outro no Sul, o engenheiro Luís Calheiros Braga.

Também sofremos o desgosto de perder em meados de Dezembro o dedicado accionista Senhor Arménio de Lemos, cujo interesse pela sociedade vinha de longa data, e que desde 1960 era vogal efectivo do Conselho Fiscal. Com sentida mágoa evocamos a sua memória

Terminado o mandato que nos foi conferido, haverá de proceder-se á eleição dos novos Corpos Gerentes para o triénio seguinte

Agradecimentos

Ao Senhor Delegado do Governo, Dr. Arménio Eduardo França e Silva, manifestamos o nosso melhor reconhecimento pelo interesse e dedicação com que acompanhou a resolução de todos os nossos problemas, prestando-nos pronta colaboração dentro do exercício das suas funções, que sempre exerceu com muito aprumo, alta dignidade e comprovada inteligência

Ao Conselho Fiscal exprimimos de igual forma os nossos agradecimentos pela excelente colaboração prestada durante todo o ano.

Todo o pessoal técnico e administrativo e a respectiva Gerência bem merecem o nosso louvor e agradecimento pela muita dedicação, alta competência e boa vontade sempre reveladas ao serviço da sociedade.

Manifestamos também os devidos agradecimentos às instituições de crédito que nos prestaram o seu apoio durante o ano, nomeadamente o Banco de Portugal, a Caixa Geral de Depósitos Crédito e Previdência, o Banco Pinto & Sotto Mayor, o Banco Português do Atlântico e o Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa.

Porto, 22 de Fevereiro de 1971.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

José Francisco Corrêa Matoso, presidente
Victor de Urrutia y Usaola
João Ruella Ramos
José Maria de Oriol y Urquijo
Fernando Baeta Bissaya Barreto
Enrique de Uriarte y Humaran
Alexandre Alberto de Sousa Pinto
Emilio de Usaola y Barrenengoa
Julio de la Mora y Garay
José Gualberto de Sá Carneiro

U. E. P. BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1970

ACTIVO			
1) — Disponível			
Títulos de Capital	140 641 031$57		140 909 131$57
Participações de Capital por Quotas	268 100$00		
2) — Circulante			
a) — Fluido			
Dinheiro	9 731 500$86		
Depósitos Bancários	44 107 023$54	53 838 524$40	
b) — Créditos			
Créditos sobre Clientes	250 222 180$90		
Créditos e Débitos Gerais (créditos)	58 551 627$39		
Accionistas	57 877$00	308 831 685$29	
c) — Permutável			
Material em Armazém	51 564 695$78		
Material de Propriedade Alheia	967 696$86		
Material a Receber	28 318 576$14		
Serviços de Oficinas (em curso)	2 122 732$47	82 973 701$25	445 643 910$94
3) — Fixo			
Móveis Utensílios e Biblioteca	19 069 116$22		
Veículos	9 050 395$06		
Material em Instalações Alheias	35 220 831$08		
Aparelhos, Ferramentas e Inst. Acessórios	18 772 081$48		
Oficinas Gerais	2 208 390$62		
Redes de Baixa Tensão	123 677 301$08		
Subestações e Postos de Seccionamento	309 241 793$03		
Linhas de Alta Tensão	450 786 706$24		
Edifícios de Serviço Próprio e Terrenos	61 716 951$04		1 029 743 565$85
4) — De compensação			
Cauções de Administração	500 000$00		
Cauções Alheias	3 181 600$40		
Créditos por Cauções Prestadas	44 141 331$10		
Valores em Depósito	500 000$00		48 322 931$50
			1 664 619 539$86

PASSIVO			
1) — Débitos			
a) — De vencimento imediato			
Retribuições do Pessoal	164 313$45		
Débitos por Resgate de Obrigações	1 416 811$15		
Juros de Empréstimos (vencidos)	5 590 193$68		
Débitos Gerais por Aquisições e Serviços	18 747 475$31		
Créditos e Débitos Gerais (débitos)	46 471 188$58		
Dividendos Vencidos	928 723$97	73 318 706$14	
b) — De vencimento a curto prazo			
Letras a Pagar	41 790 443$50		
Débitos por Aquisição de Energia	105 854 746$13		
Obrigações de Resgate Próximo	9 473 300$00		
Provisões para Débitos a Liquidar	32 506 263$40	189 624 753$03	
c) — De vencimento a longo prazo			
Financiamentos	19 500 000$00		
Obrigações de Resgate Diferido	182 619 100$00		
Quotas de Reversão	114 035 106$43	316 154 206$43	
2) — De ordem			
Reintegr. de Móveis, Utensílios e Biblioteca	16 827 610$89		
Reintegr. de Veículos	6 040 019$36		
Reintegr. de Material em Instalações Alheias	24 417 685$00		
Reintegr. de Apar., Ferram. e Inst Acessórias	12 410 348$25		
Reintegr. de Oficinas Gerais	1 468 689$61		
Reintegr. de Redes de Baixa Tensão	52 901 319$97		
Reintegr. de Subestações e Postos de Seccionamento	106 900 056$86		
Reintegr de Linhas de Alta Tensão	174 674 318$34		
Reitegr. de Edif de Serv Próprio e Terrenos	23 017 414$72		
Quotas de Obsolência de Material em Armazém	2 704 625$11	421 362 088$11	
3) — De compensação			
Débitos por Cauções da Administração	500 000$00		
Débitos por Cauções Alheias	3 181 600$40		
Cauções Prestadas	44 141 331$10		
Débitos por Valores em Depósito	500 000$00	48 322 931$50	1 048 782 685$21
SITUAÇÃO ACTIVA			
1) — De constituição			
Capital		450 000 000$00	
2) — Acumulada			
Fundo de Reserva	41 807 945$34		
Fundo Variável para Amortizações	8 650 000$00		
Reservas Especiais	25 740 492$35		
Fundo de Reserva Extraordinário	35 000 000$00	111 198 437$69	
3) — De exercício			
Resultados Gerais		51 638 416$96	615 836 854$65
			1 664 619 539$86

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
A. Tavares Júnior

Pelo CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
O Director-Gerente,
Mamede Fialho

(Continua na página seguinte)

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

(Continuação da pág. anterior)

«EXPLORAÇÃO»

(ACTIVIDADE INDUSTRIAL — ZONA NORTE)

1970

ENCARGOS		RENDIMENTOS ACESSÓRIOS («subprodutos» de exploração)	
Energia Emitida	396 956 391$91	Aluguer de Material	703 219$10
Encargos de Conservação e Reparação	4 433 6[illegible]$52	Serviços de Conta Alheia e Vendas (parcial)	32 819$58
Encargos Gerais de Exploração	22 118 3[illegible]$17	Custo de exploração *(industrial)*	447 107 428$58
Contribuições e Impostos (parcial)	3 191 25[illegible]$23		
Reintegração de Subestações e Postos de Seccionamento	8 525 [illegible]$83		
Reintegração de Linhas de Alta Tensão	10 420 821$00		
Reintegração de Edifícios de Serviço Próprio (industriais) e Terrenos	377 081$65		
Reintegração de Material em Instalações Alheias	665 306$08		
Reintegração de Aparelhos, Ferramentas e Instalações Acessórias	934 208$37		
Reintegração de Oficinas Gerais	210 427$32		
Serviço de Transportes Próprios	452$61		
	447 843 467$19		447 843 467$19

«EXPLORAÇÃO»

(ACTIVIDADE INDUSTRIAL — ZONA SUL)

1970

ENCARGOS		RENDIMENTOS ACESSÓRIOS («subprodutos» de exploração)	
Energia Emitida	196 515 472$59	Aluguer de Material	4 214 650$00
Encargos de Conservação e Reparação	6 380 778$29	Taxas de Ligação	250 838$00
Encargos Gerais de Exploração	20 433 091$30	Serviço de Transportes Próprios	8 117 293$11
Contribuições e Impostos (parcial)	3 186 790$20	Serviços de Conta Alheia e Vendas (parcial)	197 081$21
Reintegração de Subestações e Postos de Seccionamento	6 413 521$50	Custo de exploração *(industrial)*	200 295$22
Reintegração de Linhas de Alta Tensão	7 610 781$00		236 527 045$65
Reintegração de Redes de Baixa Tensão	6 183 865$00		
Reintegração de Edifícios de Serviço Próprio (industriais) e Terrenos	392 063$41		
Reintegração de Material em Instalações Alheias	1 417 949$00		
Reintegração de Aparelhos, Ferramentas e Instalações Acessórias	942 989$80		
	249 507 318$19		249 507 318$19

«RESULTADOS DE EXERCÍCIO»

(ACTIVIDADE COMERCIAL, ADMINISTRATIVA E SOCIAL — ZONA NORTE)

1970

ENCARGOS		RENDIMENTOS	
Exploração *(custo industrial)*	147 107 428$51	Energia Fornecida	532 056 132$22
Encargos Comerciais e Administrativos	13 895 [illegible]$12	Juros, Descontos e Dif. Cambiais (credor)	1 212 855$41
Juros, Descontos e Diferenças Cambiais (devedor)	[illegible]$71	Serviços *(administ.)* de Conta Alheia e Vendas (parcial)	164 920$33
Contribuições e Impostos (parcial)	20 [illegible]$26	Lucros Eventuais	869 554$39
Juros de Empréstimos	6 25[illegible]$22	«Comparticipações» em Reserva Utilizadas	345 430$84
Reintegração de Móveis, Utensílios e Biblioteca	327 [illegible]$59		
Reintegr. de Edifícios de Serviço Próprio (administrativos) e Terrenos	[illegible]$71		
Quotas de Reversão	5 794 [illegible]$65		
Serviços Sociais	8 131 6[illegible]$87		
Quotas de Obsolência de Material em Armazém	[illegible]$84		
Reserva para Créditos Incobráveis	1 800 [illegible]$80		
Saldo positivo	49 363 903$36		
	551 618 893$19		554 648 893$19

«RESULTADOS DE EXERCÍCIO»

(ACTIVIDADE COMERCIAL, ADMINISTRATIVA E SOCIAL — ZONA SUL)

1970

ENCARGOS		RENDIMENTOS	
Exploração *(custo industrial)*	236 527 015$65	Energia Fornecida	309 333 992$94
Encargos Comerciais e Administrativos	12 322 683$47	Juros, Descontos e Dif. Cambiais (credor)	704 807$03
Juros, Descontos e Diferenças Cambiais (devedor)	473 560$13	Lucros Eventuais	141 846$13
Contribuições e Impostos (parcial)	11 877 015$00	«Comparticipações» em Reserva Utilizadas	313 590$34
Juros de Empréstimos	4 994 099$89	Diversos	12 262$00
Reintegração de Móveis, Utensílios e Biblioteca	378 119$00		
Reintegr. de Edifícios de Serviço Próprio (administrativos) e Terrenos	178 784$01		
Serviços Sociais	6 371 838$28		
Quotas de Reversão	3 490 100$00		
Quotas de Obsolência de Material em Armazém	56 322$80		
Serviços *(administ.)* de Conta Alheia e Vendas (parcial)	1 889 539$96		
Perdas Administrativas Eventuais	6 788$34		
Reserva para Créditos Incobráveis	700 000$00		
Saldo positivo	31 243 599$78		
	310 509 498$44		310 509 198$14

(Continua na página seguinte)

UNIÃO ELÉCTRICA PORTUGUESA

(Continuação da pág. anterior)

«RESULTADOS GERAIS»

(CONTA GERAL DA EMPRESA)

1 9 7 0

ENCARGOS (DE NATUREZA GERAL)

Exercícios Anteriores		3 953 706$70
Encargos Gerais de Administração		5 294 571$39
Contribuições e Impostos (parcial)		1 002 464$09
Fundo de Reserva Extraordinário		25 000 000$00
Contas Transitórias		
Encargos sujeitos a especificação legal		
Órgãos sociais e Delegação do Governo		
Retribuições e outros encargos	+ 3 366 696$20	
Encargos imputados	− 3 366 696$20	—$—
Publicidade		
Encargos suportados	+ 170 550$00	
Encargos imputados	− 170 550$00	—$—
Material (excepto para investimento)		
Material consumido	+ 13 916 947$98	
Custos de material imputados	− 13 916 947$98	—$—
Remunerações e outros encargos com o pessoal (excepto para auto-investimento)		
Retribuições directas e indirectas a pessoal	+ 81 495 867$66	
Custos de pessoal imputados	− 81 495 867$66	—$—
Provisões		
Estabelecidas	+ 15 891 204$00	
Atribuídas ou imputadas	− 15 891 204$00	—$—
Reintegrações		
Sofridas	+ 46 221 860$57	
Imputadas	− 46 221 860$57	—$—
Encargos fiscais e parafiscais		
Suportados	+ 35 206 577$47	
Integrados	− 35 206 577$47	—$—
Balanço		54 638 416$96
		89 889 159$14

RENDIMENTOS (DE NATUREZA GERAL)

Exercícios Anteriores (inclui o saldo anterior de 3 142 315$81)		4 479 487$57
Resultados de Exercício (das zonas Norte e Sul)		80 607 503$24
Rendimentos Gerais		4 801 993$93
Juros, Descontos e Diferenças Cambiais		174$40
Contas Transitórias		
Rendimentos sujeitos a especificação legal		
Rendimentos do activo disponível		
Obtidos	+ 4 815 439$93	
Integrados	− 4 815 439$93	—$—
Exercício de cargos		
Rendimento obtido	+ 48 354$00	
Rendimento integrado	− 48 354$00	—$—
Rendimentos financeiros		
Obtidos	+ 1 355 192$64	
Integrados	− 1 355 192$64	—$—
Serviços de assistência técnica prestados		
Valores atribuídos	+ 224 215$00	
Valores imputados	− 224 215$00	—$—
		89 889 159$14

O DIRECTOR DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS
A. Tavares Júnior

Pelo CONSELHO DE ADMINISTRAÇAO
O DIRECTOR - GERENTE
Mamede Fialho

RELATÓRIO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

SENHORES ACCIONISTAS:

Cumpre-nos submeter à vossa apreciação o relatório e parecer que nos são impostos pela lei vigente

RELATÓRIO

1. Porque acompanhámos a vida da empresa durante o exercício de 1970 e nos inteirámos do conteúdo do balanço final do mesmo ciclo, da conta de resultados do mesmo e do relatório do Conselho de Administração não hesitamos em assegurar que essas peças satisfazem às disposições legais e estatutárias

Pelas verificações a que procedemos, podemos também garantir que o mesmo Conselho fornece os esclarecimentos necessários para se concluir que o balanço final apresentado é exacto e completo indicando expressamente os valores do activo e do passivo, com a consequente apresentação separada da conta da «Situação Activa», cuja composição qualitativa e de origem está definida especificadamente Os valores de mera informação igualmente integrados no balanço, são também objecto da revelação devida.

O balanço patenteia ainda nas respectivas zonas as reintegrações acumuladas, assim como as quotas de reversão correspondentes à estrutura económica da empresa como concessionária

Por sua vez, a conta geral de resultados insere de maneira explícita movimentos destinados ao registo da informação legal agora requerida para determinados elementos da dinâmica administrativa ao longo do exercício

Mais uma vez tivemos ensejo de verificar que os critérios valorimétricos dos números fornecidos aos senhores accionistas correspondem à correcta avaliação patrimonial do activo da empresa, assegurando-se assim a exactidão dos resultados expressos no balanço.

O investimento no «Activo Fixo» teve neste exercício, um acréscimo de cerca de 79 510 contos

E é de consignar que como nos anos pretéritos, na valorimetria adoptada tomou-se como base o custo efectivo das ampliações efectuadas, sem a menor distorsão e sem depreciações ou valorizações de índôle administrativa incluídas naquela cifra

Acresce que o depreciamento físico das instalações foi coberto pelas quotas de reintegração que somaram 43 468 084$99 no decurso do ano

2 Cumpre-nos ainda destacar o excelente resultado do exercício.

Não obstante o ano em causa ter sido de fraca pluviosidade, o que encareceu o custo da energia comprada o balanço apresenta um lucro líquido de 54 638 416$96.

Por esse motivo não podemos deixar de render a nossa homenagem ao Conselho de Administração e à devotada Gerência, que, mais uma vez, deram provas de grande dinamismo e inteligente orientação no desempenho da sua actividade

Também devemos, mais uma vez, elogiar a contabilidade social, que utiliza plenamente os meios automáticos e orgânicos de que dispõe, dando uma ideia perfeita das operações realizadas em cada exercício.

Em conclusão: o vosso Conselho Fiscal não hesita em dar o seu voto á aprovação do balanço e contas

3 Antes de concluirmos, devemos associar-nos ás sentidas palavras do relatório sobre o falecimento do Senhor Engenheiro Paulo de Barros e do membro do Conselho Fiscal Senhor Arménio de Lemos.

A morte do Senhor Engenheiro Paulo de Barros foi deveras sentida por quantos conheceram e admiraram as suas altas qualidades de técnico e administrador.

Também o Conselho Fiscal sente deveras a morte do seu estimado companheiro de trabalho, que há 10 anos fazia parte deste Conselho.

Ao Conselho de Administração agradecemos as amáveis referências que nos são feitas, associando-nos ás saudações ao Excelentíssimo Delegado do Governo.

PARECER

Em conclusão é nosso parecer:

1.º — que sejam aprovados o Relatório, Balanço e Contas referentes ao exercício de 1970;

2.º — que ao saldo da conta de «Resultados Gerais» seja dada a aplicação proposta;

3.º — que o Conselho de Administração seja louvado pela sua acção criteriosa durante o mesmo exercício;

4.º — que idêntico louvor seja prestado ao Director-Gerente Senhor Engenheiro Mamede de Sousa Fialho e Subdirectores Senhores Engenheiros Raul Bessa e Luís Calheiros Braga, pela acção notável exercida a favor da sociedade;

5.º — que seja louvado todo o pessoal e especialmente os chefes de serviços pela dedicação e competência com que agiram.

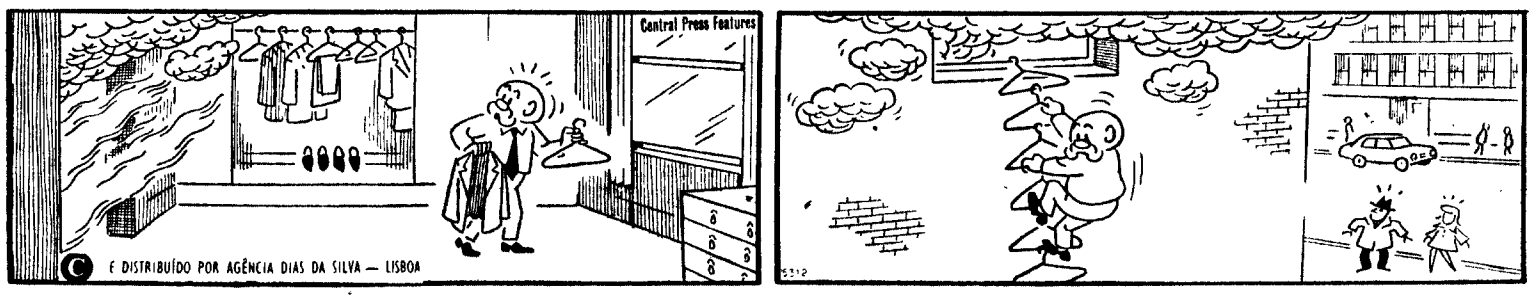
Porto, 25 de Fevereiro de 1971.

O CONSELHO FISCAL
Francisco de Sá Carneiro, presidente
Armando de Sousa Correia Barbosa
Pedro Trueba Orbea

OS PEANUTS

CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 30 de Novembro de 1941 publicava:

«LONDRES, 30 — A conhecida canção brasileira «Mamã: eu quero!...» tornou-se a canção mais popular das noites de escuridão de Londres. Canta-se por toda a parte. Apresentada pela primeira vez por Carmen de Miranda, divulgou-se imediatamente, através das bandas de musica e da rádio. Em Londres é musica obrigatória nos «cafés», clubes, salões de baile e, principalmente, nos refugios anti-aéreos. Cantam-na os soldados e oficiais que se encontram de licença. As mais conhecidas orquestras de rádio executam-na várias vezes por dia, e é cantada numa adaptação inglesa, que traduz o seu sabor original.»

Representação de cavalos franceses

A Union National et Interprofessionnelle du Cheval (UNIC) nomeou seu agente exclusivo para Portugal metropolitano e ultramarino o conhecido lavrador português sr. Francisco José Simões, proprietário da Quinta das Terras, de Pinheiro de Loures e representante de outras afamadas castas europeias.

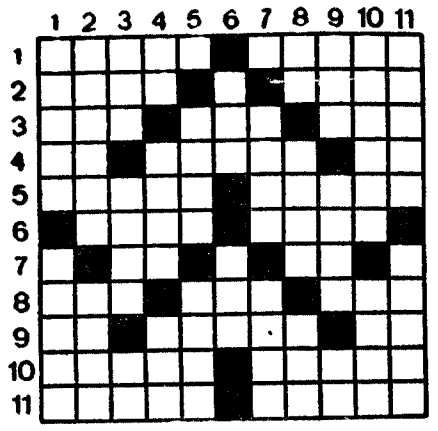
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5848

HORIZONTAIS: 1 — Azedo. Trilhar. 2 — Endurecimento na videira junto ao corte do ramo da poda. Cidade da Arábia. 3 — Antiga cidade da Finlândia. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses Bondoso. 4 — Berilo (s. q.). Bebedeira (fig.). Ilha francesa do Atlântico 5 — Recuar. Charrua. 6 — Fruto africano. Vago. 7 — Em partes iguais. O sono das crianças. 8 — Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Antiga capital da Birmânia. Rente 9 — Ruim. Ansiedade. Item. 10 — Auxílio (fig.) Erguera 11 — Vento forte (pl.) Destruir.

VERTICAIS: 1 — Termina. Devora (fig.) 2 — Autor (fig.). Ilha do Pequeno Belt. 3 — Re lendário de Tróia. Rio da Russia. Alumínio (s. q.). 4 — Compaixão Onda. Ferro temperado. 5 — Rio de Portugal. Aniversário. 6 — Nome de diversos reis lendários da Dinamarca. Rio de Portugal. 7 — Terreno. O mesmo que alime. 8 — Prefixo de negação. Adorno. Vã. 9 — Por baixo de. Adória. Átomo (abrev.). 10 — Ajusta. Terreno duro e liso onde se secam e malham cereais. 11 — Que nasce nos ramos das plantas (falando-se de raizes e flores). Assistir



Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5847

HORIZONTAIS: 1 — QUEM. SABE. 2 — Ume DAR. Sol. 3 — Ea. Arses Ta. 4 — Dramas. Içar. 5 — Oásico. Marã. 6 — Amo. Cui. 7 — Lida Talara. 8 — Amor. Olaria 9 — Pó, Armar. Mr. 10 — Aló. Soi. Deã 11 — SABE. Toso

VERTICAIS: 1 — Quedo. Lapas. 2 — Umara. Imola. 3 — EE Asado. Ob. 4 — Amimara. 5 — Draco. Rs. 6 — Lasso. TOMAR. 7 — Re Calai. 8 — Simular. 9 — As. Caiar Do. 10 — Botar. Rimes. 11 — Elara. Aarão.

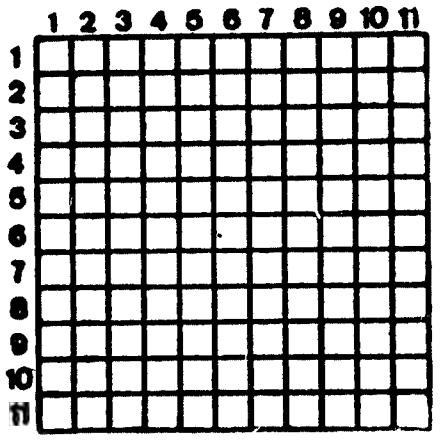
Provérbio: QUEM SABE DAR, SABE TOMAR

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9691

HORIZONTAIS: 1 — Planta gramínea cultivada nos terrenos pantanosos. Destemida. 2 — Adeje Mover os remos. 3 — Pronome pessoal. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico. Oásis 4 — Nota musical Mapa. Ouro (s. q.) 5 — Talhara. 6 — Atmosfera. Prefixo que designa ar. Em a. 7 — Pássaros. Sorte (pop.). 8 — Macias. Descascar 9 — Arsénio (s. q.) Cobalto (s. q.). Sufixo que designa estado Porco 10 — Palácio real. Escameçam. 11 — Freguesia do concelho de Guimarães Fora para fora

VERTICAIS: 1 — Chama em socorro Esconde 2 — Moi. Notificar 3 — Graceje Acreditos. Cobalto (s. q.). 4 — Sufixo que designa estado. Prefixo com o sentido de companhia. Bolsos. 5 — Velara. O mesmo que sob (ant.). 6 — Aparelhos para pesca 7 — Triturar. Rio de Itália 8 — Nota musical. Viração. O mesmo que bonito (peixe) 9 — Gosta muito de. Tinge de azul Segundo. 10 — Apupo. Tomar semelhante a nata 11 — Distribui por ruas Cheiro.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9690

HORIZONTAIS: 1 — Cá. Ático. Fa. 2 — Ado. Ama. Aló. 3 — Rosa. Ofir. 4 — Descolariam. 5 — Aca. Lãs. Aro 6 — Ração. Arras. 7 — Arcania. 8 — Cosem. 9 — Mur. Cem. Ida. 10 — Dr. Somos. Ui. 11 — Velas Secar.

VERTICAIS: 1 — Cardaro. MDV. 2 — Adceça. Puré. 3 — Assaca. 4 — AC. Arc. Sa. 5 — Ta. Olococos. 6 — Imola. Asem. 7 — Ca Asaremos. 8 — Or. Rim. Se. 9 — Afiara. 10 — Aliara. Adua. 11 — Formosa. Air.

O C. P. M. na diocese de Coimbra

COIMBRA, 30 — O Centro de Preparação para o Matrimónio, que nesta diocese já efectivou alguns cursos, pretende este ano alargar a sua acção dirigida a todos os noivos, independentemente da sua formação.

Para tanto, tem em actividade algumas equipas de casais e respectivos assistentes que cobrem, para já, a cidade de Coimbra, a região da Mealhada Luso e Pampilhosa

Nessas áreas, decorrerão alguns cursos a seguir descritos: Coimbra-Norte (freguesias de São José, Santa Clara, São Bartolomeu, e Santa Cruz) começará outro curso num dos fins-de-semana da última quinzena de Maio e outro ainda na última quinzena de Setembro ou na primeira de Novembro. Em Mealhada-Luso e Pampilhosa do Botão — um primeiro curso nos dias 25 de Abril e 2 de Maio e um outro em data a marcar posteriormente.

JOGOS FLORAIS DE MOÇAMBIQUE

Nas modalidades de Soneto, Poesia Lírica, Poesia obrigada a mote (*«Quando vindes não vou eu, / Quando vou não vindes vós»*), Conto, Teatro e Ensino Histórico, vão realizar-se os Jogos Florais de Moçambique.

Os Contos, as peças de Teatro (em 1 acto) e o Ensaio Histórico não podem exceder 15 páginas dactilografadas a dois espaços. Os trabalhos (1 original e 5 cópias) enviados á Sociedade de Estudos de Moçambique — Jogos Florais — Avenida Couceiro da Costa, n.º 1961, Caixa Postal 1138, Lourenço Marques, até 31 de Julho do ano corrente, serão firmados com um pseudónimo a acompanhados dum sobrescrito lacrado, dentro do qual devem figurar o nome e a morada do concorrente.

Os resultados dos Jogos Florais serão divulgados na segunda quinzena de Setembro, realizando-se, nos princípios de Outubro, a cerimónia da entrega dos prémios.

Os Prémios: Soneto — 1.º prémio 5000$; 2.º — 2500$; Poesia Lírica — 1.º prémio, 5000$; 2.º — 2500$; Poesia obrigada a mote — 1.º prémio, 5000$; 2.º — 2500$; Conto — 1.º prémio, 10 000$; 2.º — 5000$; Teatro — 1.º prémio, 10 000$; 2.º — 5000$; Ensaio Histórico — 1.º prémio, 10 000$; 2.º — 5000$.

NOVA SALA DE AULA EM QUEIXOMIL

SANTA CRUZ DO DOURO (Baião), 30 — Durante muitos anos as crianças do lugar de Queixomil, nesta freguesia, foram obrigadas a percorrer grandes distâncias para irem à escola. No Inverno o facto tornava-se particularmente difícil, e daí as contínuas reclamações para se conseguir uma sala de aula.

O pedido foi agora satisfeito, graças ao empenho posto no caso pelo presidente da Câmara Municipal. Dezenas de crianças começaram a frequentar a nova sala de aula, conseguida no próprio lugar, e que lhes evita o percurso de muitos quilómetros.

CAMPEONATO NACIONAL DE FUTEBOL

(1.ª Divisão)

PORTO-SPORTING

4 de Abril

A C. P. organiza, em colaboração com o Sporting Club de Portugal, um comboio especial de Lisboa (Rego) a Porto (Campanhã), e volta, no dia 4 de Abril, por ocasião do desafio de futebol «Porto-Sporting», ao preço de 130$00.

HORÁRIO

Partida de Lisboa — (Rego) às 6.48 h. Chegada a Porto (Campanhã), ás 11.15 h.

Partida de Porto — (Campanhã), às 19.40 h. Chegada a Lisboa (Rego) às 0.13 h.

Bilhetes à venda no Estádio José Alvalade, e nas estações de Lisboa (Rossio), Lisboa (Santa Apolónia) e Lisboa (Rego).

O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da Republica, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

Actualidade internacional

O novo governo norueguês favorece a entrada na CEE

OSLO — A crise provocada por uma «indiscreção» do ex-primeiro-ministro norueguês Per Borten, levou os socialistas de regresso ao poder na Noruega, depois de cinco anos e meio de afastamento. Depois de o sr. Kjell Bondevir, ex-ministro da Educação e membro do Partido Cristão Democrata, ter falhado na sua tentativa de formar um novo Governo de coligação, coube a vez ao sr. Trygve Bratteli, dirigente do Partido Social Democrata, de ser convidado para Primeiro-Ministro cargo que, como se sabe, aceitou.

Bratteli é um veterano do movimento social-democrata norueguês. Antes de se dedicar á política, exerceu numerosas profissões e foi, nomeadamente, redactor de um jornal socialista da província, nas vésperas da segunda guerra mundial. Preso em virtude da sua acção na Resistência foi deportado para a Alemanha. Quando regressou, ocupou diferentes cargos governamentais, entre os quais o de ministro das Finanças.

Numa conferência de Imprensa que deu, logo a seguir á sua aceitação do cargo de primeiro-ministro Bratteli declarou que orientaria a sua

DE «LE MONDE» em exclusivo para o DIÁRIO DE LISBOA

acção em duas direcções: por um lado, o restabelecimento da situação económica, comprometida pela inflação; por outro, a adesão norueguesa ao Mercado Comum Europeu.

A hostilidade dos pescadores e dos agricultores

Agora, o Partido do Centro poderá encabeçar a oposição á entrada da Noruega no Mercado Comum. Quatro das cinco principais organizações políticas de juventude preconizavam publicamente a retirada norueguesa das conversações de Bruxelas. Contudo, o mais importante destes movimentos a Liga dos Jovens Conservadores não se pronunciou nesse sentido.

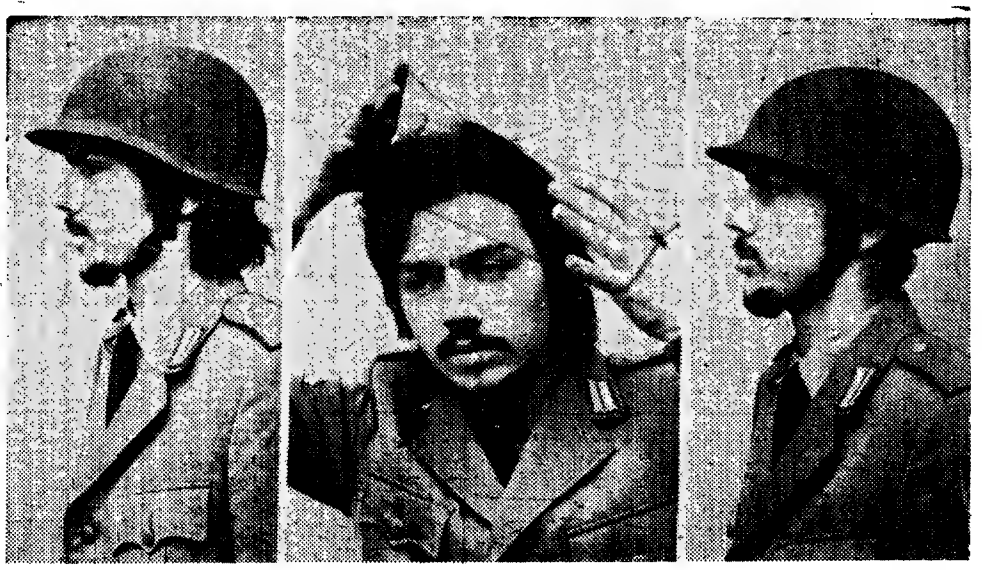
Algumas categorias de noruegueses são resolutamente hostis á ideia de uma integração na C. E. E. Os pescadores em especial, recusam-se a subscrever a obrigação comunitária de partilhar as zonas de pesca territoriais com estrangeiros. Os agricultores, por sua vez, temem uma queda de rendimentos da ordem de 40 a 50 % no caso de terem de entrar em concorrência com os produtores alemães e farenses. Por isso, não é de surpreender que o antigo partido agrário — o Partido do Centro de hoje — assegure a sua representação política. Embora tenha sido sob o governo do ex-primeiro-ministro Borten que se encetaram as negociações com Bruxelas, aquele político inclinara-se mais a favor de uma união económica limitada com a Suécia a Dinamarca e a Finlândia.

A opinião norueguesa parece continuar indecisa. Uma sondagem recentemente tornada pública em Oslo revelava que 18% das pessoas interrogadas são favoráveis á continuação das negociações até á completa integração na C. E. E.; 15% são pela retirada pura e simples da candidatura norueguesa; 26% desejariam *«laços de um género diferente»*, 41% não se pronunciaram. Estas hesitações serão decerto dissipadas quando os trabalhos em Bruxelas tiverem chegado a propostas concretas.

O actual primeiro-ministro é partidário convicto da causa europeia. *«O novo Governo»* —disse ele, *«ocupar-se-á das relações com a C. E. E. com base na decisão do Parlamento de Junho de 1970.»*

O Parlamento encarregara, então, o Governo de discutir condições da entrada da Noruega na Comunidade como membro de pleno direito.

A decisão definitiva deverá ser ratificada pelos deputados sob precedência de um referendo popular. Segundo a Contituição, a adesão ao Mercado Comum deverá beneficiar de uma maioria de 3/4 no Parlamento. Espera-se que o Governo Bratteli venha a conseguí-la.



«Soldads cujas funções e segurança forem perturbadas pelas suas cabeleiras deverão usar em serviço uma rede» — decretou há um mês o Ministério da Defesa da Alemanha Federal. A sequência fotográfica exemplifica o modo de utilização da referida rede, sob cuja armação desaparece boa parte dos cabelos deste jovem militar

ATAQUE DA CHINA À U. R. S. S. AO INICIAR-SE O XXIV CONGRESSO

HONG-KONG — A poucos dias da realização do 24.º Congresso do Partido Comunista da U. R. S. S., a China salientou a sua falta de interesse por uma aproximação sino-soviética.

Numa extensa denúncia da U. R. S. S., claramente destinada a azedar o ambiente do Congresso de Moscovo, Pequim deixou bem claro que é uma luta de poder político e não apenas uma disputa ideológica que devide os dois Estados Comunistas.

A luta deriva do facto de a China desejar ter um papel directivo no mundo — ambição que Pequim supõe bloqueada pela U. R. S. S. e pelos E. U. A., os quais procuram manter o seu estatuto de «as duas superpotências» (como a China lhes chama).

O ultimo ataque da China contra a U. R. S. S. foi publicado num artigo que saiu no mesmo dia em três jornais: o «Diário do Povo» (jornal do P. C. chinês), «Bandeira Vermelha» (o jornal doutrinário) e o «Diário do Exército de Libertação» (o jornal das Forças Armadas, por ocasião do centenário da comuna de Paris).

O artigo é escrito num tom sereno que constrasta com os estridentes epitetos normalmente característicos das declarações publicas chinesas.

«As largas massas populares saberão distinguir o certo do errado. Saberão afastar todos os revisionismos — afirma o artigo.

ATAQUE TEÓRICO

«O Estado Soviético» — acusa a China — «transformou-se num instrumento com o qual a burguesia restaurada oprime o proletariado». O artigo acusa os dirigentes soviéticos de se manterem no poder apenas pela força — o que constitui um eco da frequente alegação soviética de que Pequim instaurou um regime militar na China.

Desde Abril que os chineses não lançavam um ataque teórico tão grave contra a U. R. S. S. Mas, embora a China tenha parado com as explosões anti-soviéticas que no passado surgiam quase diáriamente na Imprensa de Pequim, o certo é que não abrandou nada a sua atitude para com Moscovo.

Por iniciativa soviética nestes ultimos 17 meses as 2 nações entabularam conversações sobre os seus problemas de fronteiras, trocaram embaixadores, pela primeira vez, desde 1966, e assinaram um acordo comercial (o primeiro desde 1967).

Contudo, embora a China tenha notóriamente deixado de levantar o espectro de uma guerra, na sua fronteira soviética — artigo de que estamos a tratar menciona apenas como um pró-forma as ameaças soviéticas contra a China — não fez quaisquer concessões ao seu rival comunista.

Por LEE LESCAZE

(Exclusivo «The Washington Post»-«D. L.»)

A presente situação (com a U. R. S. S. a continuar os seus ataques na Imprensa e na Rádio, e a China a manter a serenidade) indica as grandes mudanças que se operaram em Pequim, desde o começo dos anos 60 para cá. Nessa altura, a disputa com Moscovo era o elemento mais importante da política externa chinesa. Agora o conflito é apenas mais um, entre tantos os que ocupam a China em todo o mundo.

E, em vez de ripostar em ataque contra-ataque, Pequim parece agora decidida a vencer Moscovo na arena diplomática.

A China estéve o ano passado a tirar as peças da gaveta para as colocar no tabuleiro. Quando o príncipe Sihanouk foi deposto, em Março do ano passado e Moscovo ficou hesitante, Pequim tomou-o sob protecção e promoveu o «alto nível» indochinês de Abril. Moscovo manteve a sua embaixada em Phnon Penh.

No mesmo mês, Chou En Lai visitou a Coreia do Norte e notou uma amizade com esse vizinho comunista que sofrera violentas diatribes de Pequim durante a Revolução Cultural.

A total recompensa da viagem de Chon e dos subsequentes encontros Pequim-Pyong Yang veio no principio deste ano quando a Coreia do Norte, pela primeira vez, publicou críticas contra os «revisionistas» — a U. R. S. S.

DOUTRINA MAIS ACEITÁVEL

Ao mesmo tempo que procurava reforçar a sua influência na Ásia comunista, Pequim fazia novos esforços para granjear amigos no Leste europeu. A Albânia é uma velha aliada, mas Pequim pode agora também com algum apoio de duas outras nações — Roménia e Jugoslávia. A amizade com Pequim é um meio eficaz que estes países têm ao seu alcance para demonstrarem a sua independência em relação a Moscovo. Pequim, por sua vez, mantendo-se fiel á sua tradição de esquecer factos desagradáveis; nunca se refere ao facto de a Jugoslávia ter sido o primeiro Estado revisionista e ao de a Roménia ser pouco conciliável com os padrões da pureza marxista-leninista stguidos pelos maoistas.

O desejo de Pequim de manter esta espécie de flexibilidade foi visível no artigo sobre a Comuna de Paris, no qual se não utilizava a fórmula tripartida «o pensamento marxista-leninista-Mao Tse Tung», para descrever a ideologia correcta. Eliminando Mao da frase e deixando em geral de salientar o seu papel como filósofo, o artigo apresentou uma doutrina mais aceitável para as nações comunistas que não se mostram ansiosas por incluir Mao no seu Panteão.

O artigo, embora renegue a chefia do Kremlim, evitou também frases chinesas de outros tempos que descreviam os países do Leste europeu como colónias ou satélites da U.R.S.S. Em vez disso, diz simplesmente que esses países se encontram sob rígido «contrôle» da U. R. S. S.

A invasão do Laos pelas tropas sul-vietnamitas deu á China nova oportunidade de engrandecer a sua influencia na Indochina. Novamente Chu-En-Lai se deslocou além-fronteiras, demorando-se quatro dias em Hanói, para tranquilizar o norte-vietnamitas e receber os seus agradecimentos. A China assinou também um acordo de auxílio suplementar com o Vietnam do Norte.

Noutras zonas do mundo, a China conseguiu menos resultados no ano passado. O Médio Oriente não se mostrou menos fértil: Moscovo manteve uma rédea firme sobre o Egipto e o Movimento de Libertação Palestina mergulhou em graves problemas internos. Contudo, os chineses fizeram abordagens cautelosas nos países africanos e latino-americanos e foram muito prontos em oferecer auxílio aos países vítimas de tremores de terra e inundações.

A U.R.S.S. parece ter hesitado um tanto na resposta a dar á incansável hostilidade dos chineses. Embora ataque contínuamente os dirigentes de Pequim, Moscovo tem-se mostrado disposto a fazer repetidas aberturas aos chineses. A ultima dessas aberturas de que se tem notícia é o acordo comercial feito com a China sobre a venda de 62 jactos Ilyushin de longo alcance.

Recentemente tem parecido que os soviéticos estão ansiosos por apresentar o melhor tom possível nas suas relações com os chineses e mostram-se relutantes em responder a Pequim de uma maneira que possa justificar uma eventual acusação dos chineses contra nova cisão.

Por exemplo, quando as conversações de 1970 sobre a navegação nos rios fronteiriços terminaram em Dezembro, Moscovo anunciou que tinha sido assinado um protocolo, o que implicava a existência de acordo sobre problemas relativamente pouco importantes de navegação. Daí a cinco dias, a China anunciava que não tinha havido acordo e que só tinha assinado um sumário dos pontos de vista em conflito.

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

NECESSITA

Mecânicos de avião

que reunam os seguintes requisitos:

— Curso industrial ou equivalente oficial e especialidade
— Nacionalidade portuguesa
— Serviço militar cumprido ou dele isento
— Menos de 36 anos de idade

OFERECE:

— Bom ambiente de trabalho
— Alta valorização profissional
— Contactos com novas técnicas
— Vencimento compatível com as condições exigidas
— Benefícios sociais
— Salários diferidos

Só serão consideradas as candidaturas que respondam inteiramente às exigências postas.

Inscrições no Serviço do Pessoal
Rua do Conde de Redondo, 79-1.º
Lisboa

A LIQUIDAÇÃO DA NATO E DO PACTO DE VARSÓVIA PROPOSTA POR BREJNEV NO CONGRESSO DO PC

MOSCOVO, 30 — (F. P. e R.) — O presidente Nikolai Podgorny abriu hoje oficialmente no Kremlin, ás 10 horas locais, o 24.º Congresso do Partido Comunista da União Soviética.

Ao Congresso assistem delegações dos partidos comunistas ou pró-comunistas de 90 países estrangeiros.

No seu discurso inaugural o secretário-geral do P.C.U.S.,Leonid Brejnev, propôs um plano em cinco pontos para a manutenção da paz mundial. São eles:

1 — O reconhecimento de todas as fronteiras existentes.

2 — A liquidacão dos blocos N.A.T.O. e Pacto de Varsóvia.

3 — Rejeição do colonialismo e do racismo.

4 — Proibição das armas nucleares, bacteriológicas e químicas.

5 — A completa interdição do fabrico dos armamentos nucleares.

Brejnev declarou que o Kremlin tinha a certeza de que seriam reatadas boas relações de vizinhança e amizade com a China Popular.

Contudo, Brejnev declarou que Moscovo não cederia ás exigências da China para alterar a sua política.

Brejnev propôs, mais adiante, uma conferência das cinco potências nucleares — China, U.R.S.S., França, Grã-Bretanha e Estados Unidos — para discutir o desarmamento nuclear, sob todas as formas.

«A República Democrática do Vietnam pode ter a certeza de que, na luta militar e no trabalho pacífico, poderá contar imediatamente com o auxílio fraternal da U.R.S.S.», declarou ainda o secretário-geral do P. C. soviético.

Morreu o industrial Donatus Dornier

MUNIQUE, 30 — (A. N. I.) — O grande industrial Donatus Dornier, filho do fundador das fábricas de aviões Dornier e director-gerente do actual conjunto de empresas com o mesmo nome, morreu ontem, num desastre de automóvel.

A empresa dedicava-se actualmente á aviação e á astronáutica, cabendo-lhe a construção do segundo satélite alemão de investigação espacial, o aeros.

Morte ou prisão perpétua para o tenente Calley

FORT BENNING (Geórgia), 30 — (F. P.) — O tenente William Calley é desde ontem o primeiro militar americano considerado culpado da chacina de My Lai, em 16 de Março de 1968. Um juri de seis oficiais deu como provados quatro quesitos, entre eles o de assassinato com premeditação, após 13 dias de deliberações.

Iniciado em 12 de Novembro de 1970 e terminado em 16 de Março (dia do terceiro aniversário da chacina), este julgamento terá sido o mais longo da história militar dos Estados Unidos.

Incorre na pena de morte ou em prisão perpétua o jovem oficial de 27 anos, que atribuiu a responsabilidade do morticínio ao seu superior directo, o capitão Ernest Medina, o qual lhe ordenara que arrasasse My Lai e destruísse tudo o que ali encontrasse no decurso de uma operação lançada contra o Vietcong.

BODE EXPIATÓRIO?

NOVA YORK, 30 - (R.) — o «New York Times» escreve hoje em editorial que a condenação do tenente William Calley pelo massacre de My Lai «não chega para ilibar a consciência do Exército e da nação».

Salientando que a defesa tem razão quando afirma que Calley é apenas um bode expiatório, o prestigioso jornal recorda os precedentes estabelecidos nos julgamentos de crimes de guerra em Nuremberg e Tóquio, quando as responsabilidades foram pedidas a um escalão mais alto na hierarquia militar.

Para além do massacre de My Lai, os Estados Unidos ainda não encararam as implicações morais e legais da morte de dezenas de milhares de civis causada pelos bombardeamentos indiscriminados no Vietnam, nas chamadas zonas de fogo livre, acrescenta o jornal.

APELO DA ÍNDIA

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 30 — (F. P.) — O representante da Índia na O.N.U., Samar Sen, visitou ontem o secretário-geral das Nações Unidas e pediu-lhe que tome uma iniciativa no sentido de impedir «o massacre de civis desarmados com os tanques, aviões e armas modernas do Exército paquistanês».

Tropas chinesas prontas a intervir na Indochina

PARIS, 30 — (R.) — Um informador norte-vietnamita sugeriu a noite passada que tropas chinesas estavam prontas a intervir se forças americanas e sul-vietnamitas invadissem o seu país.

O informador para a Imprensa da delegação de Hanói ás conversações de paz de Paris, Nguyen Thanh Pe, acentuou a possibilidade de tal invasão, mas avisou que os americanos e sul-vietnamitas sofreriam derrotas ainda mais pesadas do que as que tiveram no Laos.

Estudantes presos em Valladolid

VALLADOLID, 30 — (F. P.) — No domingo, a Polícia prendeu nove estudantes em Valladolid — anuncia um comunicado do Governo civil, publicado ontem.

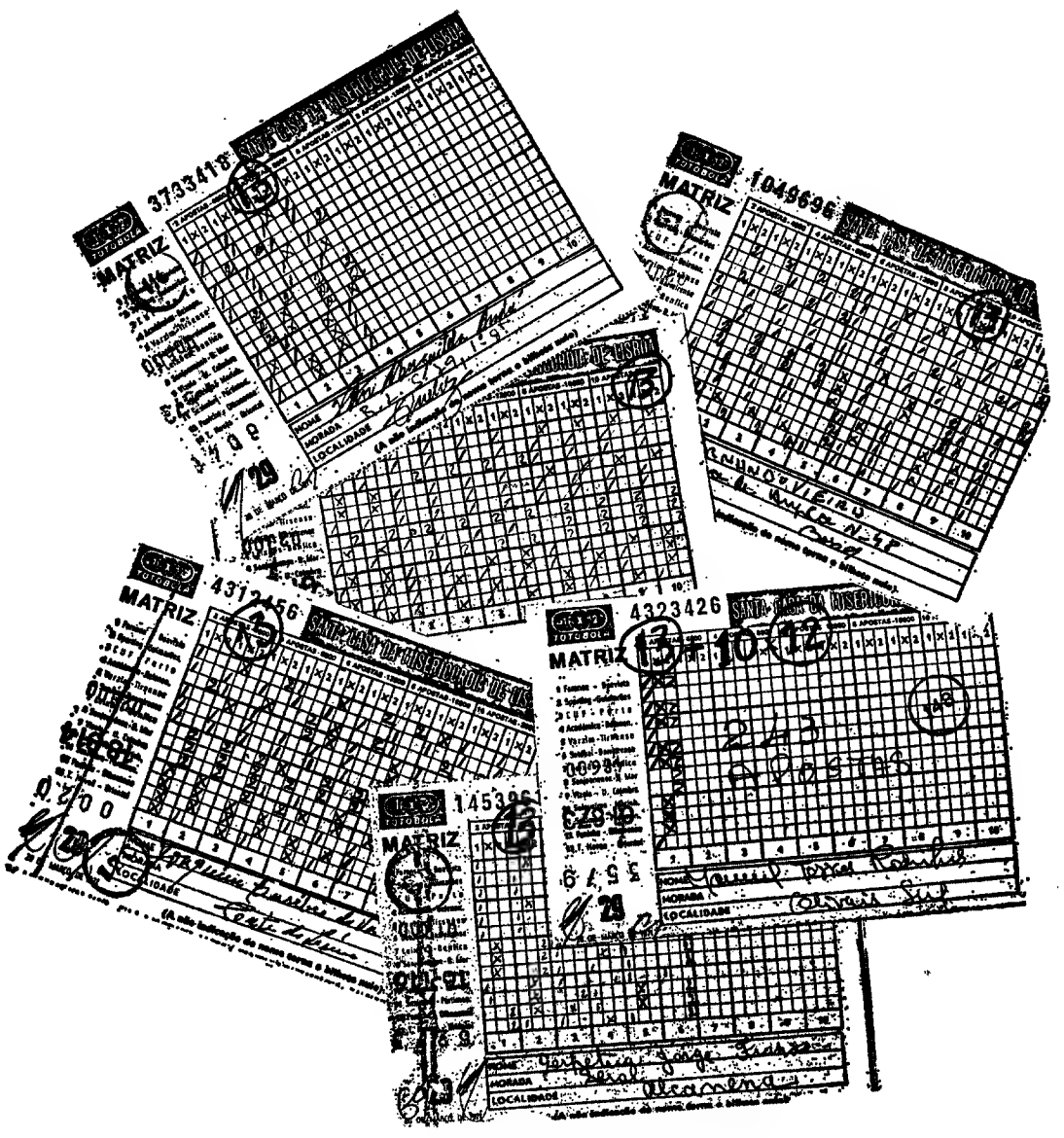
Trata-se de estudantes de Filosofia e de Medicina, que se entregavam, segundo o comunicado, a actividades «subversivas».

Sete dos estudantes foram postos á disposição da Justiça e encarcerados na prisão provincial de Valladolid. Os outros dois continuam nas mãos da Polícia, que prossegue os interrogatórios, ao abrigo das medidas de excepção de 14 de Dezembro de 1970, que suspenderam por seis meses, em todo o território espanhol, o artigo 18 da «Carta dos Espanhóis», que fixa em 72 horas o prazo legal de prisão preventiva.

A Polícia descobriu importante quantidade de material de propaganda, quando da prisão dos estudantes — acrescenta o comunicado.

O GOSTO E O PROVEITO
DE ENCONTRAR A «CHAVE» DO

TOTOBOLA



• ESTES SEIS CONCORRENTES (E MAIS DOIS DE ANGOLA) ENCONTRAM A «CHAVE» NO CONCURSO DO PASSADO DOMINGO

• PARA CADA UM DESSES «TREZES», 436.249$30

• PARA CADA UM DOS 203 QUE FALHARAM APENAS UM RESULTADO: 17.192$00

• TODOS OS DOMINGOS HÁ UMA «CHAVE» QUE VOCÊ PODE ENCONTRAR

Actualidade internacional

AVIÃO DESVIADO PARA A CHINA

HONG-KONG, 30 — (R.) O avião de passageiros Filipino que hoje foi raptado e fez escala por Hong-Kong aterrou já na cidade chinesa de Cantão, segundo anunciou aqui um informador da companhia de aviação.

Por enquanto, nada se sabe sobre o destino das 30 pessoas que seguiam a bordo, incluindo 25 passageiros e cinco tripulantes.

Os 19 passageiros, autorizados pelos raptores a desembarcar aqui durante a paragem de reabastecimento, vão regressar a Manila num avião da carreira.

Um total de 44 passageiros encontrava-se a bordo do aparelho quando elefoi assaltado e desviado para a China, durante um voo de uma carreira interna das Filipinas.

Segundo se julga este é o primeiro caso do desvio de um avião para território chinês.

Segundo anunciaram as autoridades locais, o assalto foi levado a cabo por cinco homens que tinham duas pistolas e uma espingarda e ameaçaram fazer explodir o avião no aeroporto local, se ele não fosse autorizado a levantar voo novamente.

Após uma permanência de duas horas e meia durante a qual o avião recebeu combustível e 19 passageiros incluindo uma criança, foram autorizados a desembarcar, o piloto levantou voo com rumo a Cantão que fica apenas a 20 minutos de viagem.

Os raptores parecem ser todos filipinos e pretendiam inicialmente ir para Pequim, mas aceitaram Cantão quando o piloto explicou que não possuia mapas da China e nunca tinha voado para aquele país.

BELFAST continua a ser uma cidade sacudida por explosões de violência. Mas este soldado inglês arranjou tempo para confraternizar com uma menina irlandesa, num raro momento de paz e descontracção

ASSASSINADO UM ANTIGO VICE-PRESIDENTE IRAQUIANO

KOWEIT, 30 — (F. P.) — Desconhecidos assassinaram, hoje de manhã, nesta cidade, o general Hardane Abdel Ghaffar, demitido de vice-presidente do Iraque em Outubro.

O general ia num carro com o embaixador do Iraque no Koweit. Os assassinos usaram armas automáticas.

O embaixador Madhat Jorana, ficou ferido.

O assassínio produziu-se a uma centena de metros do palácio do emir Sabah Al Salem Al Sabah.

O embaixador foi hospitalizado. Quanto ao general Ghaffar, teve morte imediata.

OPINIÕES DIVERGENTES NA IMPRENSA ESTRANGEIRA SOBRE O PARAÍSO EM PORTUGAL

PARIS, 30 — (A. N. I.) — Três grandes nomes do jornalismo turístico publicam em revistas francesas importantes artigos sobre o nosso país.

Pierre Lucen (artigo de quatro páginas, profusamente ilustrado, na «Revista do Touring Club») acentua:

«Não acredite demasiadamente nas palavras daqueles que me afirmam que o Algarve é o paraíso português. Enganam-se. O verdadeiro paraíso, o Alentejo de Portugal, é o Minho. Tenho mesmo vontade de chamar a esta região de Portugal a nova Arcádia.»

Por sua vez, para Claude Durand (seis páginas ilustradas na revista «Caravaning») o paraíso português é o Algarve, que descreve, cidade por cidade, louvando as praias «de areia mais doirada do que quaisquer outras, banhadas por águas tépidas e avistando-se até ao infinito o céu sem nuvens de um azul que ao pôr do Sol se transforma em violeta».

Claude Durand termina o seu artigo afirmando:

«Nunca poderei esquecer as férias passadas no Algarve. Voltei com a vontade de repetir a viagem — viagem que começa a ser o meu percurso obrigatório de férias.»

Quanto a Reymond Peyrac (artigo de quatro páginas na revista «Bien Vivre»), diz que o paraíso da Terra se encontra na Madeira.

«O espectáculo que nos proporciona uma das mais belas e artísticas jóias da natureza obriga-nos a sonhar. A sonhar durante muito tempo, tanto lá como depois de voltarmos.»

DIREITOS DOS PORTUGUESES NO BRASIL

RIO DE JANEIRO, 30 — (A. N. I.) — O projecto que confere aos portugueses do Brasil direitos de brasileiros natos já está em condições de ser enviado ao Congresso — informa Alves Pinheiro, na sua secção «Portugal de Hoje», do vespertino «O Globo».

Alves Pinheiro, acrescenta que todos os ministérios consultados já se pronunciaram favoràvelmente, faltando agora a decisão da Assembleia Nacional — e essa decisão «vai demorar, pois a reciprocidade insere-se na revisão da constituinte de Portugal».

APÓS AS CONDENAÇÕES À MORTE

VAI SER PEDIDO NOVO JULGAMENTO DE MANSON E DAS TRÊS CÚMPLICES

LOS ANGELES, 30 — (F. P.) — Charles Manson, Patrícia Krenwinkel, Leslie Van Houten e Susan Atkins foram condenados á camara de gás, pelos doze jurados do tribunal de Los Angeles. A acusação tinha pedido a pena de morte, qualificando os réus de «monstros humanos». Os advogados de defesa tinham tentado comover o juri — sete homens e cinco mulheres — por meio de uma descrição sinistra do que seriam os últimos minutos dos condenados na camara de gás da prisão de San Quentin se fossem condenados á pena de morte.

Manson não estava presente na altura em que foi anunciada a sentença. Tinha sido expulso, mais uma vez, por ter perturbado a audiência. Enquanto os guardas o obrigavam á força a sair do tribunal, Manson gritava: «Não têm o direito de me julgar. Isto não é um tribunal do povo».

As três cúmplices de Manson, que tinham os cabelos cortados quase rentes, evitaram olhar para o juri enquanto eram anunciadas as sentenças.

Ao ouvirem a condenação de Manson, Patrícia Krenwinkel e Leslie Van Houten gritaram aos jurados. «Acabais de vos julgar a vós próprios».

Depois de terem sido anunciadas as outras sentenças, Susan Atkins exclamou: «Isto vai acabar mal. Vai-vos acontecer qualquer coisa. Fariam melhor se pusessem barricadas por trás das portas e vigiassem os vossos filhos. Desapareçam da face da Terra. Vocês não passam de imbecis».

Duas das mulheres que faziam parte do juri choravam convulsivamente, enquanto as sentenças eram lidas pelo juiz e se ouviam as exclamações de raiva dos condenados.

O dr. Irving Kanarek, defensor de Manson, indicou que a defesa requer um novo julgamento. O caso está longe de ter terminado — afirmou — e deverá certamente ir até ao Supremo.

O juiz Charles Older marcou para 19 do próximo mês o anúncio oficial da sentença e o exame das questões que a defesa ou a acusação possa apresentar. O juiz tem, de resto, a possibilidade de comutar a pena de morte em prisão perpétua, e justamente o juiz Older ainda recentemente usou deste seu poder.

Por outro lado, existe há vários anos uma moratória nas execuções dos Estados Unidos á espera que o Supremo Tribunal termine o acórdão a respeito de um certo número de penas de morte submetidas ao seu exame. A última execução nos Estados Unidos data de 1967.

O julgamento durou nove meses (sete meses para o veredicto de culpabilidade e dois meses para a sentença). É o mais longo nos anais judiciários da Califórnia e, provàvelmente, dos Estados Unidos. Mas o assunto está longe de ter concluído: de apelo em apelo, pode arrastar-se durante anos. Desde já custou mais de um milhão de dólares aos contribuintes da Califórnia.

NOVO PRESIDENTE

TEGUCIGALPA (Honduras), 30 — (A. N. I.) — O candidato governamental Ramon Ernesto Cruz, de 68 anos, venceu as eleições presidenciais, derrotando o candidato da Oposição, Jorge Pueso Arias, de 51 anos.

BANCO PORTUGUÊS DO ATLÂNTICO

S. A. R. L.

Capital e Reservas: 1 353 000 contos

DIVIDENDO DE 1970 — 10 %

Informam-se os Senhores Accionistas que, a partir do dia 5 de Abril estará em pagamento todos os dias úteis, excepto aos Sábados, na Sede Social do Banco no Porto, no Estabelecimento Central de Lisboa e em todas as suas Agências na Metrópole e Ilhas Adjacentes, o dividendo de Esc. 100$00 (cem escudos) por acção, com as seguintes deduções:

ACÇÕES	IMPOSTOS	IMP. LÍQUIDAS
Portador	Esc. 34$53,28	Esc. 65$46,72
Portador Registadas	» 12$28	» 87$72
Nominativas	» 13$28	» 86$72

Porto, 29 de Março de 1971

O Presidente do Conselho de Administração

ENG.º JOÃO CARLOS SOBRAL MEIRELES

DISPOSITIVO ANTIBÊBADOS EM AUTOMÓVES

DETROIT, 30. — (F. P.) A General Motors julga ter encontrado o meio eficaz de impedir que os condutores de automóveis possam em estado de embriaguez tomar conta do volante. O sistema engenhoso compõe-se de um «écran» por cima de um teclado, de dez teclas, colocado no «tabler». Para conseguir pôr o carro em andamento, o condutor tem de vencer o teste proposto por este aparelho, tocando nas teclas que deve ser, sem o que o automóvel não sairá da sua imobilidade.

O condutor começa por ter de carregar num botão. Este acende no «écran» cinco numeros, que se apagam ao fim de um segundo e meio. O condutor tem depois três segundos e meio para carregar nas teclas indicadas por aqueles cinco numeros. Se o conseguir, pode, sem receio, tomar conta do volante e ir ao seu caminho. Mas, se não o conseguir ou se enganar, o contacto não se faz. Segundo as pessoas que inventaram este dispositivo, o condutor embriagado tem muitas probabilidades de falhar, pelo menos uma vez em cada duas.

Para os casos de urgência, o condutor tem sempre a possibilidade de desligar o dispositivo, mas, nesse caso, as lâmpadas de aviso do automóvel começam a funcionar, apagando-se e acendendo constantemente, o que indica á Polícia que vai um bêbedo ao volante.

ESCORT

EM 6 VERSÕES

EXPERIMENTE...

E DEPOIS DECIDA

NO SEU CONCESSIONÁRIO

FORD LINCURI

AV. DA REPÚBLICA, 32 — LISBOA

e concelhos de Cascais, Loures, Oeiras, Sintra e V. F. Xira

EXPANSÃO ECONÓMICA E POLÍTICA SOCIAL

— notas dominantes do relatório da SOREFAME

Presidida pelo Prof. Doutor Fernando Olavo, secretariado pelos Srs. Eng. Alberto Aldim e Alexandre Cardoso realizou-se a Assembleia Geral Ordinária da SOREFAME, estando presentes e representados accionistas possuidores de mais de 95 % do capital social.

Dentro da ordem dos trabalhos, quando da apreciação do Relatório e Contas do Conselho de Administração, como já é tradição na empresa, usou da palavra o Presidente do Conselho de Administração, Sr. Eng. Francisco Malheiro, que a todos dirigiu a seguinte alocução:

«Não nos acompanham na Assembleia Geral de hoje dois membros do Conselho de Administração que durante oito anos consecutivos muito me ajudaram na Administração desta casa — os Senhores Engenheiros Carvalho Xerez e Nuno Coelho.

Não quero deixar de lhes expressar todo o meu reconhecimento pela franca, leal e inteligente colaboração que me deram.

Também deixou o cargo de Presidente do Conselho Fiscal, por ter sido chamado a desempennar altas funções publicas no Ultramar Português, o Sr. Dr. Teixeira Marques, cujas opiniões, sempre que solicitadas, foram marcadas pelo seu extraordinário bom senso, inteligência e ponderação.

Esta a Província de Angola de parabéns

No desempenho do seu novo cargo lhe desejamos todos os êxitos que merece.

Pela primeira vez assiste á nossa Assembleia Geral o Sr. Eng. Marques do Carmo, eleito para membro do Conselho de Administração na ultima Assembleia Geral. Um ano de trabalho em conjunto permitiu-me apreciar as suas qualidades de inteligência e de leal colaborador

Para cumprimento dos Estatutos reuniu o Conselho de Administração 54 vezes durante o ano de 1970 e, com raríssimas excepções, assistiu a estas reuniões Sr. Presidente do Conselho Fiscal.

Dado que nas reuniões do Conselho são tratados todos os assuntos de política geral da Empresa e ainda, todos aqueles de maior interesse para a vida da nossa Sociedade, pôde o Conselho Fiscal seguir a par e passo a Administração da Sociedade.

Mais um ano, em que todas as decisões do Conselho foram tomadas por unanimidade.

Referi o ano passado que o Conselho de Administração havia deliberado organizar a macro-estrutura da Empresa. Em boa hora o fez e como o fez, nomeando Director-Geral o Sr. Eng. Eduardo Magalhães, até então Director de Produção

Os resultados confirmaram as nossas previsões. O Sr. Eng. Magalhães secundado pelos seus Directores deu bem provas do seu dinamismo e do seu espírito de equipa.

Durante o ano findo e em obediência a uma linha de política definida, fez a Sorefame um novo acordo de colaboração com Neyrpic, actualizando mais uma vez os que já vinham existindo desde a fundação da Empresa.

Também com a Alsthom, que absorveu os Etablissements Neyrpic, estabeleceu a Sorefame um acordo de colaboração técnica e industrial.

Como referido no relatório do Conselho de Administração assinou a Sorefame contratos de licença com as firmas BRODERICK, de Johannesburgo e BARDELLA, de S. Paulo, para lhes fornecer o seu «Know-How».

Como fruto do segundo contrato já se concretizaram duas encomendas e no terceiro trabalho a que concorremos estamos muito bem colocados.

Também temos procurado abrir caminho á concentração de Empresas, e no campo dos consórcios tomámos uma iniciativa que já foi coroada de êxito com a adjudicação pela C. P. ao Consórcio Cometna-Dargent - CUF - Sorefame, de 330 vagões.

Continuamos a praticar a política dos subcontratos que este ano esperamos atinja a sua máxima expressão.

Julgamos poder afirmar que continua a existir na Sorefame uma linha de rumo que se veio a inserir na política definida pelo Governo e que continuamos a trilhar sem desfalecimentos e com entusiasmo.

Nas palavras que li na Assembleia Geral de 1969 afirmei que nenhum trabalhador deveria auferir menos de 3000$00 por mês.

Ainda este ano se não conseguiu atingir esta meta, embora estejamos dela muito próximo pois que o nosso salário mínimo — para serventes não qualificados — se situa agora nos 2800$00 mensais e só uma pequenissima parte do nosso pessoal se encontra nesse escalão.

Os aumentos anuais de salários têm excedido sempre os aumentos do custo de vida, donde uma melhoria do nível de vida dos nossos trabalhadores.

Este um dos factores do nosso aumento de produtividade.

Esperamos poder, num futuro próximo, dar novas regalias ao nosso pessoal no que diz respeito ás pensões de reforma. Este virá a ser um outro factor no aumento da produtividade

Na Sorefame de Angola, S. A. R. L., foi construida a nova ponte-cais e adquirida a doca flutuante a que fiz referência o ano passado, estando em fase de conclusão a quarta carreira e o acrescento da oficina que a serve.

Também ali procuramos integrar-nos na linha de rumo por nós traçada.

Começámos a explorar um pequeno estaleiro em Moçâmedes e estamos em negociações para uma maior expansão das nossas actividades para cumprirmos o que prometemos á Província, acompanharmos o seu desenvolvimento.

O plano de investimentos, só no Lobito, será este ano da ordem dos 9000 contos e outros serão levados a cabo como esperamos.

Tivemos a honra de nos ser encomendado o maior rebocador jamais construido em estaleiros nacionais.

Completaram-se já oito anos que sirvo esta casa como presidente do seu Conselho de Administração.

Dispensem-me todos os meus colaboradores dos cumprimentos e agradecimentos para apenas dizer.

Feliz dirigente que tais colaboradores tem tido.

Tenho dito. Obrigado por me haverem escutado.»

O Sr. Presidente da Mesa da Assembleia Geral, Prof. Doutor Fernando Olavo, pôs em relevo a prática de em Assembleias Gerais Ordinárias da SOREFAME o Presidente do Conselho de Administração completar com uma exposição o conteudo do Relatório do Conselho, associando-se especialmente á referência feita aos membros dos Corpos Gerentes que cessaram as suas funções e que durante anos deram valioso contributo para a vida da sociedade.

O Relatório, Balanço e Contas do Conselho de Administração e Parecer do Conselho Fiscal, foram seguidamente aprovados por unanimidade, tendo havido intervenções de alguns accionistas.

Merece especial referência a proposta do Conselho de Administração para que, por aplicação parcial dos lucros, o Pessoal participe no resultado do exercício de 1970 com a verba de 2370 contos. Esta proposta, devidamente justificada no Relatório do Conselho de Administração, merecendo a aprovação unânime da Assembleia, traduz a justa retribuição ao Pessoal pelo decisivo esforço com que vem contribuindo para a extraordinária expansão económica da empresa conforme os documentos agora publicados amplamente evidenciam.

Para os cargos vagos nos orgãos sociais foram eleitas, por unanimidade, as seguintes entidades:

— Mesa da Assembleia Geral: Prof. Doutor Fernando Olavo (Presidente), Banco de Fomento Nacional (Vice-Presidente), Alexandre Cardoso e Eng. Alberto Aldim (Secretários).

— Conselho de Administração: Dr. Dominique Rousseau, Dr. Manuel dos Santos Loureiro e Dr Fernando Cid Proença (Vogais).

— Conselho Fiscal: Dr. António Miranda (Presidente), Marcelo Olavo (Vogal Efectivo) e Dr. Joaquim de Almeida Lima (Vogal Suplente).

— Para a Comissão prevista no artigo 30.º dos Estatutos foi eleito o Banco de Fomento Nacional.

Por ultimo a Assembleia votou, também por unanimidade, diversas alterações dos Estatutos tendentes a uma actualização e dinamização do funcionamento da sociedade.

O dr. Morbey Rodrigues eleito administrador-delegado da Philips

Para apreciação do relatório do conselho de administração, balanço e contas e parecer do conselho fiscal, efectuou-se ontem a assembleia geral ordinária da Philips Portuguesa.

Presidiu o sr. prof. Luís Teixeira Pinto, que, antes da ordem do dia e depois de palavras de homenagem por ver entre os presentes o sr dr. Orlando Morbey Radrigues, manifestou o pesar da assembleia pelo luto que ele recentemente teve, assim como o outro membro do conselho administrativo sr. capitão Francisco Soares da Cunha.

Seguidamente lamentou que, por motivo de doença, não estivesse na assistência da reunião o sr. prof. Armando Marques Guedes.

Então o sr. dr. Morbey Rodrigues teve expressões de agradecimento pelas palavras que lhe tinham sido dirigidas, manifestou prazer por, depois da ausência prolongada poder estar presente entre tantas pessoas amigas e fez sinceros votos pelo restabelecimento do sr. prof. Marques Guedes.

Entrando-se na ordem do dia, o relatório, balanço e contas e parecer do conselho fiscal mereceram aprovação por unanimidade.

Depois, como a convocatória da assembleia indicava a eleição de um membro do conselho de administração, procedeu-se ao acto, tendo sido designado para o cargo de administrador-delegado, também por unanimidade, o sr. dr. Orlando Morbey Rodrigues, que agradeceu a confiança nele depositada, acentuando que apenas duas qualidades tinha: a dedicação total ás funções de que era incumbido e um verdadeiro culto pela amizade que tão forte era com a maioria dos presentes.

Quase 500 mil contos de lucros da Companhia Nacional de Electricidade no exercício de 1970

O relatório da Companhia Nacional de Electricidade relativo ao exercício de 1970 constitui um documento importante para o estudo da vida económica portuguesa, dadas as funções de produtora e fornecedora de energia que ela desempenha em grande parte do País.

Trata-se do primeiro exercício completo da companhia, constituída que ela foi em 1969, com a fusão de cinco empresas produtoras e fornecedoras de energia eléctrica. Daí também particular interesse desse relatório.

A companhia tem presentemente em exploração os sistemas Cávado - Rabagão, o do Douro e o do Zêzere, num total de 12 barragens; tem, ainda, as fábricas termo-eléctricas do Outeiro e do Carregado. Ao todo 1223 MW, de produção hídrica e 400 MW de produção térmica. A rede de transporte eleva-se a nada menos de 2395 MVA. Nos custos das fábricas e da rede de transporte, bem como do laboratório e telecomunicações, o capital empregado eleva-se a 12 639 mil contos.

Em curso de realização tem a companhia mais as seguintes centrais: de Fratel, no Tejo, Carrapatelo, Régua e Valera, no Douro, e Vilarinho das Furnas, no Homem

Em estudo acham-se as centrais de Crestuma, Pocinho e a bacia do Tâmega, assim como o aproveitamento do Mondego e o do Guadiana. Para mais longe ainda o Minho Internacional e a bacia do Lima.

O relatório foca o plano de investimentos para 1971 e dá-nos o balanço relativo a 31 de Dezembro de 1970, com um activo de 16 807 882 contos. No passivo a verba de lucros e perdas do ano de 1970 elevou-se a 499 215 contos.

Preside a assembleia geral o prof. eng.º Daniel Vieira Barbosa, sendo o conselho de administração presidido pelo eng.º José Albino Machado Vaz.

A assembleia geral da Hidroeléctrica da Serra da Estrela

Para aprovação (que se verificou por unanimidade) dos documentos e contas relativos ao exercício de 1970, reuniu-se a assembleia geral ordinária da Empresa Hidroeléctrica da Serra da Estrela. Presidiu o prof. Adelino da Palma Carlos, secretariado pelos srs. dr. Nazaré de Oliveira e Brás Frade. Abriu a sessão o prof. Palma Carlos que pôs em evidência o relatório do conselho de administração a que preside o sr. dr. Manuel Bastos Mendes, que, em seguida, fez uma larga exposição sobre alguns dos aspectos económicos e financeiros daquela empresa e aludiu aos problemas bancários e financeiros do País. Pôs em destaque que a distribuição da energia a cargo da empresa aumenta constantemente, tendo sido electrificadas seis sedes de freguesia e 19 povoações; construídos 13 postos de transformação e remodeladas redes de 5 povoações. Incluídas as redes do concelho da Guarda, a pequena distribuição ficou a alimentar 279 sedes de freguesia e 596 povoações.

No decorrer da sessão foram evocadas a memória de António Marques da Silva, fundador daquela empresa e do eng. Carlos Machado Ribeiro Ferreira. Foi depois eleito para uma vaga do conselho de administração o sr. eng. Pinto Machado que, por esse motivo, recebeu cumprimentos

O futuro incerto das empresas foi salientado pelo Sr. José da Silveira Machado na assembleia da Guérin

Na sede social, Avenida da Liberdade, 12, 1.º, realizou-se a assembleia geral da Sociedade Comercial Guérin, S. A. R. L., para apreciação e votação do relatório e contas da administração de 1970, a que presidiu o sr. dr. Dantas Perdigão.

O presidente do conselho de administração, sr. José da Silveira Machado, em breves palavras, pôs os accionistas ao corrente da situação financeira da empresa, salientando que «embora longe de compensar os grandes investimentos efectuados, foi possível, contudo, fechar 1970 com resultados satisfatórios. Isto porque, mantendo uma norma que, felizmente, nos impusemos desde há longos anos, todos se contentam com reduzidos dividendos».

E acrescentou: «A constante adaptação provocada pelas modificações com que o Governo procura a todo o transe corrigir, alterar e implantar a forma mais eficiente na actual estrutura, obriga o sector industrial a agir segundo técnicas e processos que não podem ter cariz de duradoiros, e que, por isso, implicam, não só dispêndio de energias para fazer face a essas frequentes inovações, como grandes e imprevistas despesas.

Seria de desejar que nesta fase, em que tão transitórias são as normas aplicadas á indústria e ao comércio, fosse criado, antes da sua entrada em vigor, um período durante o qual as mesmas fossem apreciadas tão objectivamente que permitisse evitar os efeitos negativos que com tal gravidade se reflectem na provável estrutura do desejado plano do desenvolvimento industrial do País.

Por outro lado, a renovação dos contratos de trabalho em quase todas as classes, sem que a melhoria individual do trabalhador ou a sua rentabilidade se verifique, é também uma séria ameaça á continuidade de certas indústrias.

É, portanto, com graves apreensões que todos nós, chefes de empresa, temos que encarar o futuro».

Seguidamente, foi aprovada a proposta do conselho de administração, em que continue a ser manifesta a boa política de retenção dos lucros conseguidos, pois verificou-se a constituição de 14 500 contos de provisões e 2000 contos para novos empreendimentos

FEIRA DE PARIS

(24 DE ABRIL — 9 DE MAIO)

A apresentação mais completa dos bens de consumo

Pavilhões estrangeiros

Informações:
AGÊNCIA DE VIAGENS TAGUS
R. Eça de Queirós, 20-A
LISBOA - 1
Telef. 42988 e 48635

O licor aristocrata feito a base de Whiskies velhos

Importado directamente da origem

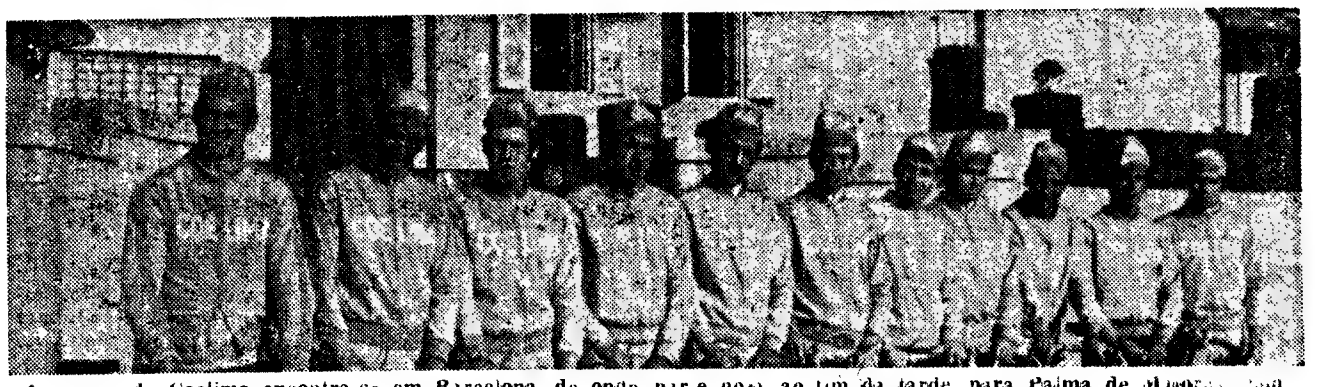
AGENTES

J. A. DA COSTA PINA, L.DA

Rua do Alecrim, 73 — LISBOA — Telef. 32 00 31/4

COSTA PINA & VILAVERDE, L.DA

Rua do Bonjardim, 420 — PORTO — Telef. 26562



A equipa da Coelima encontra-se em Barcelona, de onde parte hoje, ao fim da tarde, para Palma de Maiorca com o objectivo de disputar a volta áquela ilha que decorrerá de 1 a 4 de Abril. Os benfiquistas Fernando Mendes e Manuel Correia reforçam a turma da Coelima, nesta competição a que também concorre o Sporting, com todas as suas «vedetas»

Acontecimentos DE ONTEM

LUTA GRECO-ROMANA

Para o Campeonato Nacional de luta greco-romana verificaram-se os resultados seguintes: Académica da Amadora, 4-Baixa da Banheira, 3; Belenenses, 1--Sporting, 6; Mem Martins, 1--Benfica, 7 e Runa, 8-Linda--a-Velha, 0.

BASQUETEBOL

A C. U. F. venceu o Vitória de Setubal por 39-27 para o Campeonato Feminino de Basquetebol da I Divisão, passando á fase final embora o resultado do jogo esteja dependente de um protesto apresentado pelo Vitória.

As equipas e marcadores: C. U. F. — Maria Baptista (12), Maria Carvalho (12), Maria Viegas (4), Lucinda Valente (4), Albertina (4), Maria Mota (3), Delfina e Maria Sousa.

VITÓRIA — Maria Fonseca (3), Maria Santos (6), Maria Cruz (5), Maria Sequeiro (2), Clotilde (4), Maria Miranda (6) e Maria Peralta (1).

Resultados que contam para o campeonato nacional da II Divisão: Sangalhos-Nun'Alvares, 57-52; Gaia--Ieça, 38-39; Olivais-Naval, 55-57; Esgueira-Sanjoanense, 65-52; Marinhense-Fluvial, 66-47; Galitos-C. D. U. P., 71-59; E. Física-Sp. Figueirense 55-46; Conimbricense Illiabum 56-62; e Montijo-C. Quebradense, 57-34.

BADMINTON

Vítor Quinaz (Cascais) é o campeão nacional de badminton (na 2.ª categoria). Outra titular: Lavínia Pais (C. I. F.), em singulares senhoras.

HÓQUEI EM PATINS

Torneios de hóquei em patins interassociações:

JUVENIS — Lisboa-Santarém, 9-3; Aveiro-Porto, 4-3; Lisboa-Aveiro, 14-1, e Porto--Santarém, 9-1.

SENIORES — Lisboa Aveiro 14-0; Porto-Santarém, 11--2; Aveiro Santarém, 4-2, e Lisboa-Porto, 3-1.

O Hóquei Clube de Sintra venceu (por 8-6) a equipa do Estremoz e conquistou o primeiro lugar no Torneio de Preparação da II Divisão.

TIRO

Em Sevilha, Alípio Morais ganhou um torneio de tiro dotado com valioso troféu.

TÉNIS DE MESA

Campeonato regional de juniores em ténis de mesa: Benfica-Águias 2-5; Desp. Carmo-Sporting, 1-5, e Alunos Apolo-Belenenses 2-5.

Campeonato distrital da III Divisão: Oeiras-Cimentos Teio 5-2; Desp. da Graça-Alunos de Apolo 5-4.

Tal como no passado domingo, os campeonatos das duas principais divisões voltam a constituir a grande «interrogação» do Totobola. Trata-se de um concurso verdadeiramente aliciante, com os sete jogos da primeira divisão, e todos eles do maior interesse.

1x2 totoBOLA

O próximo concurso

Duas dúvidas entre treze: Porto-Sporting e Benfica-V. Setúbal

Na verdade, pode dizer-se que cada um destes jogos representa um repto ao bom palpite dos totobolistas. Trata-se, sem dúvida, de uma «jornada em cheio» e — desejando que para algum ou alguns dos nossos leitores seja também um «concurso em cheio», aqui estamos a dar a indicação costumada: o registo dos últimos resultados das 26 equipas, na situação de visitadas ou visitantes, conforme se apresentem neste concurso.

I DIVISÃO

1. GUIMARAES — (14.º lugar, 14 pontos). Nos últimos jogos em casa: Barreirense, 1-1; Leixões, 0-0; Varzim, 3-0; CUF, 0-2.

BOAVISTA — 7.º, 20 pontos. Nas últimas «saídas»: Barreirense, 1-2; Leixões, 1-0; Varzim, 0-2; Cuf, 1-0; Farense, 0-0.

★

2. PORTO — 3.º, 32 pontos. Nos jogos mais recentes, nas Antas: Tirsense, 3-0; Benfica, 4-0; Setubal, 2-1; Académica, 6-0.

SPORTING — 2.º, 35 pontos. Nas últimas deslocações: Benfica, 1-5; Setúbal, 0-0; Académica, 0-0; Farense, 2-1; Boavista, 0-1.

★

3. BELENENSES — 6.º, 20 pontos. Últimos resultados no Restelo: Farense, 1-0; Barreirense, 0-0; Leixões, 3-0; Varzim, 1-0.

CUF — 9.º, 19 pontos. Nas «saídas» mais recentes: Varzim, 1-1; Farense, 1-1; Sporting, 1-2; Guimarães, 2-0.

★

4. TIRSENSE—11.º, 17 pontos. Foram os seguintes os seus últimos resultados em «casa»: Belenenses, 3-1; Farense, 2-0; Benfica, 2-4; Setúbal, 0-0.

ACADÉMICA — 5.º, 30 pontos. Nas últimas «saídas»: Farense, 2-2; CUF, 1-2; Boavista, 1-0; Porto, 0-0.

★

5. BARREIRENSE — 12.º, 16 pontos. Nos últimos jogos em «casa»: Porto, 0-2; Tirsense, 0-0; Farense, 1-0; Leixões, 0-0.

VARZIM — 10.º, 18 pontos. Nas últimas «saídas»: Académica, 0-4; Sporting, 1-5; Guimarães, 0-3; Belenenses, 0-1.

★

6. BENFICA — 1.º, 35 pontos. Nos jogos mais recentes na Luz: Guimarães, 1-0; Belenenses, 3-1; Barreirense, 1-0, Farense, 5-0.

SETUBAL — 4.º, 31 pontos. Nas últimas deslocações: Cuf, 3-0; Boavista, 0-1; Porto, 1-2; Tirsense, 0-0.

★

7. LEIXOES — 13.º, 15 pontos. Ultimos resultados em «casa»: Cuf, 1-0; Boavista, 0-1; Porto, 1-2; Tirsense, 2-0; Benfica, 1-2.

FARENSE — 8.º, 19 pontos. Nas ultimas «saídas»: Belenenses, 0-1; Tirsense, 0-2; Barreirense, 0-1; Benfica, 0-5.

II DIVISÃO

Zona Norte

8. PENAFIEL — 12.º, 18 pontos. Nos últimos jogos em «casa»: U. Coimbra, 1-4; Espinho, 2-0; Salgueiros, 1-1; Sanjoanense, 1-0.

LAMAS — 4.º, 27 pontos. Nas ultimas «saídas»: Salgueiros, 3-1; Sanjoanense, 1-1; Braga, 1-3; Gouveia, 0-3.

★

9. BEIRA MAR — 1.º, 30 pontos. Foram os seguintes os seus últimos resultados em «casa»: Braga 2-1; Marinhense, 1-1; Riopele, 1-3; Penafiel, 5-0.

U. LEIRIA — 2.º, 29 pontos. Nas últimas «saídas»: Vizela, 4-1; Braga, 0-2; Lamas, 0-4; Famalicão, 0-1.

★

10. RIOPELE — 8.º, 24 pontos. Nos jogos mais recentes, em «casa»: Leiria, 3-1; Gouveia, 3-0; Penafiel, 1-0; União Coimbra e Espinho, 2-1.

BRAGA — 6.º, 26 pontos. Nas «saídas» mais recentes: B. Mar, 1-2; U. Coimbra, 0-3; Marinhense, 0-0; Espinho, 0-1.

Zona Sul

11. OLHANENSE — 6.º, 22 pontos. Nos últimos jogos em Olhão: Luso, 3-0; Sintrense, 0-0; Atlético, 0-3; Tramagal, 3-3.

PORTIMONENSE — 7.º, 22 pontos. Ultimos resultados «fora»: Luso, 2-0; Sintrense, 0-1; Atlético, 0-4; Tramagal, 1-2; Sesimbra, 1-1.

★

12. LUSO — 13.º, 16 pontos. Nos jogos mais recentes em «casa»: Seixal, 1-1; U. Tomar, 1-2; Sesimbra, 0-0; Sintrense, 4-1.

ATLÉTICO — 1.º, 40 pontos. Ultimos resultados «fora»: T. Novas, 4-0; Peniche, 0-0; Olhanense, 3-0; Oriental, 4-4.

★

13. TORRIENSE — 9.º, 19 pontos. Ultimos resultados em «casa»: Olhanense, 0-2; Oriental, 1-0; Luso, 1-0; Sesimbra, 2-1.

MONTIJO — 2.º, 34 pontos. Nas últimas «saídas»: Tramagal, 3-1; Portimonense, 0-1; Seixal, 4-2; U. Tomar, 0-3.

VAMOS FALAR DE SISTEMAS...

Para quem gosta de jogar em múltiplas, mas sem despender elevadas quantias, desdobrámos este sistema de 3 triplas e 4 duplas «condicionado ao 12».

O desdobramento, que se apresenta pronto a copiar, é feito em 5 boletins de 16 apostas cada.

Sem aquele condicionamento o sistema custaria 864$00 — assim custará apenas 160$00.

As duplas, como é hábito, apresentam-se para 1-x. O apostador já sabe que poderá ter o seu próprio palpite e alterá-las para 1-2 ou x-2.

TRIPLA	1	X	2	2	X
TRIPLA	X	1	2	1	2
TRIPLA	2	X	X	1	1
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X
DUPLA	1X	1X	1X	1X	1X

NAS ÉPOCAS ANTERIORES...

Com base nas nove épocas anteriores verificou-se as seguintes «chaves»:

61-62.....	1-x	x1x	1x1	22-2
63-64.....	112	11x	1xx	x212
64-65.....	122	22x	211	2x11
65-66	x1x	121	221	1111
66-67	2x1	11x	111	x112
67-68.....	222	111	x11	1xx2
68-69	x12	1x2	2xx	x121
69-70.....	112	111	x12	21x1

a) Na época 61-62 apenas contaram 11 jogos;
b) Na época 62-63 não se realizou o Concurso n.º 30;
c) Atenção ao jogo n.º 13 onde nunca saiu o símbolo «X».

OUTRA VEZ ESPANHA E ITÁLIA

Depois do êxito que constituiu o último concurso sobre jogos estrangeiros, já nenhum totobolista se «assustará» com o programa do concurso n.º 31, no dia 11 de Abril. Voltaremos a ter jogos de Espanha (3) e de Itália (4), além de 6 encontros do «nacional» da 3.ª divisão.

Assim:

3.ª DIVISÃO — Mirandela-Fafe, Lamego-Chaves, A. Viseu-Oliveirense, Sacavenense-Caldas, Vila-Franquense-Estoril e Juventude--Amora.

ESPANHA — Málaga-Atlético de Madrid, Gigon--Bilbau e Granada-Celta.

ITÁLIA — Bolonha-Cagliari, Varenossi-Juventus, Milan-Nápoles e Varese-Inter.

Medalha de Bons Serviços Desportivos para Afonso Pinto de Magalhães

O ministro da Educação Nacional, prof. Veiga Simão, desloca-se amanhã ao Porto para visitar as instalações do F. C. Porto, no complexo desportivo do Estádio das Antas e na sede social, na Praça do Município.

Aquele membro do Governo fara a entrega a Afonso Pinto de Magalhães da medalha de bons serviços desportivos com que o presidente do F. C. Porto foi agraciado pelo Governo.

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

Trinta e sete concorrentes no «Rallye» Nocturno do Sporting

Realizou-se ontem á noite o sorteio do «Rallye» Nocturno do Sporting que reuniu 37 concorrentes. A prova disputa-se na noite do próximo sábado. Os numeros atribuídos aos concorrentes foram os seguintes:

1 — Américo Costa e Silva-António Baptista (Imp); 2 —Mário Macedo-António Cruz (Austin Cooper); 3 — António Bastos-Raul Faguilha (Alpine 1600 S); 4 — António Mocho-Sarmento Pinto (BMW 1600); 5 — António Lino-Jorge Amaral (Opel GT 1900); 6 — António Borges-Pedro Garcia (BMW 2002); 7 — Manuel Tomás-José Marques (Cortina Lotus); 8 — Jorge Alves-Artur Pavão (Austin Cooper); 9 — António Ribeiro-Carlos Veloso (VW 1500); 10 — João Cardoso-N. N. (Gordini); 11 — Fidibus-Manuela Fulke (BMW 1600); 12 — «Pequêbê»-«Oico» (Opel GT); 14 — Carlos Robertson-C. Miranda (Austin Cooper S); 15 — Viegas Dias-Marques Faria (NSU 100 TT); 16 — Ribeiro de Araujo-N. N. (Imp); 17 — Santos de Almeida - «Olimac Leuman» (Lancia HF 1600); 18 — José Peixoto-Nuno Vilarinho (Austin 1000); 19 — João Teotónio Pereira-Luís Campos (VW 1302 S); 20 — Carlos Garcia-Fernando Ryder da Costa (Morris Cooper); 21 — Mário Silva-J. Sousa (R-8 Gordini); 22 — Fernando Morais-N. N. (Austin Cooper); 23 — Benito Calixto-Armando Matão (MG 1100); 24 — «Mequêbê»-N. N. (BMW 2002 TI); 25 — N. N.; 26 — Falcão da Silva-Manuel da Costa (Renault GS); 27 — eng.º Nascimento Piedade-José Casanova (Morris Cooper S); 28 — Rui de Araujo-«Esoy Nycolaev» (Austin Cooper S); 29 — Francisco Faria-Jorge da Silva (Morris Cooper); 30 — Filipe da Mota-Oliveira Calafate (Morris Cooper S); 31 — Luís Vilela-N. N. (Morris Cooper S); 32 — «Jodin» - «ABC» (Morris 1300 GT); 33 — Jorge Sucena de Sousa-Annie Sucena de Sousa (Morris 1000); 34 — João de Sousa-Francisco Reis (NSU 1200 TT); 35 — «Fred»-Manuel Meneses (NSU 1200 TT); 36 — José Pereira Ferreira-João Ferreira (Fiat 128); 37 — António de Almeida - Rui Freire (Fiat 124); 38 — «Max Cheng»-N. N. (Saab 96 U4); 39 — José Nunes dos Santos-Luís Rocha (Vauxhall Viva).

O LEIXÕES CONFIRMA O PROTESTO

Já foi remetida à Federação Portuguesa de Futebol a confirmação do protesto, por parte do Leixões, quanto ao resultado do jogo com o Sport Lisboa e Benfica.

Ponto-base da alegação matosinhense: o golo do empate benfiquista foi conseguido três minutos e 20 segundos após os legais 45 minutos da primeira parte, ante a contemporização do árbitro João Calado (de Santarém).

NOVO CAMPEÃO EUROPEU DE «PESADOS»

Mrs. Judy Bugner, a jovem esposa do campeão inglês dos pesos pesados, Joe Bugner, apareceu pela primeira vez em público quando felicitava o marido pelo seu 21.º aniversário

ESTA NOITE HÁ DESPORTO

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional Feminino da I Divisão: C. I. F.-Encarnação, ás 22 e 30; e Sporting-Nacional, ás 21, no pavilhão da Ajuda.

— Campeonato Nacional Feminino da II Divisão: Benfica-Algés, ás 21 e 30, no pavilhão da Luz.

TÉNIS DE MESA — Campeonato de Lisboa da III Divisão — 1.ª categoria: Desportivo da Graça-Oeiras e Cimento Tejo-Apolo. 2.ª categoria: Castelo-Fontainhas e A. Apolo-Cimento Tejo, ás 21 e 30, nas mesas dos primeiros.

— Taça de Portugal, de Seniores (fase de Lisboa): Benfica-Sporting, ás 21 e 30, na mesa do Armadorense.

— Campeonato de Lisboa de Veteranos: Alunos Apolo-Benfica e Estrela da Amadora-C. L. Águias, ás 21 e 30, nas mesas dos primeiros.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa Feminino: C. I. F.-Benfica (A), ás 20, no Liceu D. Pedro V.

VOLEIBOL

Jogos que não são jogos... jogos que não chegam ao fim

Prosseguiu ontem, o campeonato regional de voleibol, com jogos referentes á penultima jornada da competição. Uma jornada assinalada por dois casos insólitos, dois casos que em nada prestigiam a modalidade.

Contemos. O encontro no ginásio do Técnico não chegou ao fim pois, no início da segunda partida, o árbitro Fernando Rodolfo expulsou o jogador do Técnico Carlos Canas, ordenando-lhe também que se retirasse do recinto. Como o jogador se recusásse a cumprir a ordem, o árbitro deu o jogo Técnico-C.D.U.L. como terminado.

...E também na Escola Nuno Gonçalves, onde o Lisboa Ginásio devia defrontar o Nacional, o jogo não foi jogo. Esta ultima equipa recusou-se a alinhar por não concordar com a nomeação do árbitro Oliveira e Silva, que deveria dirigir a partida — mantendo-se, assim, firme a sua resolução tomada há tempos e já conhecida das entidades competentes.

Por fim, no Pavilhão da Ajuda, realizou-se o unico encontro desta jornada, tendo o Externato de Moscavide derrotado o Sintrense, por 3-2 (15-3, 9-15, 15-11, 8-15 e 15-6).

HOMENAGEM ALCANTARENSE

Na Adega Mesquita, efectua-se hoje, pelas 21 e 30, um jantar de homenagem á equipa de Andebol do Atlético que, com todo o brilhantismo, conquistou o campeonato regional da modalidade no escalão secundário.

APRESENTAÇÃO DO SIMCA 1100 S

No Guincho, a Chrysler de Portugal efectuou hoje a primeira apresentação do modelo Simca 1100 S, durante uma sessão de ensaios do carro, efectuada por numerosos elementos dos órgãos da Informação.

Mais tarde, aquela Companhia obsequiou os convidados com um almoço num hotel da zona.

Contamos apresentar, amanhã, as impressões de condução deste novo veículo no nosso mercado.

AGENCIA ABREU
PASSAPORTES
Av. Liberdade, 190

BANCO TOTTA & AÇORES
S. A. R. L.
RUA ÁUREA, 88 — LISBOA

DIVIDENDO DE 1970
ESC. 80$00 POR ACÇÃO

Comunica-se aos Senhores Accionistas que a partir do próximo dia 30 estará a pagamento, todos os dias uteis, excepto aos sábados, na Sede do Banco, em Lisboa, nas Filiais no Porto, Funchal e Ponta Delgada e em todas as suas Dependências e Agências, o dividendo de Esc. 80$00 por acção, ilíquido de impostos.

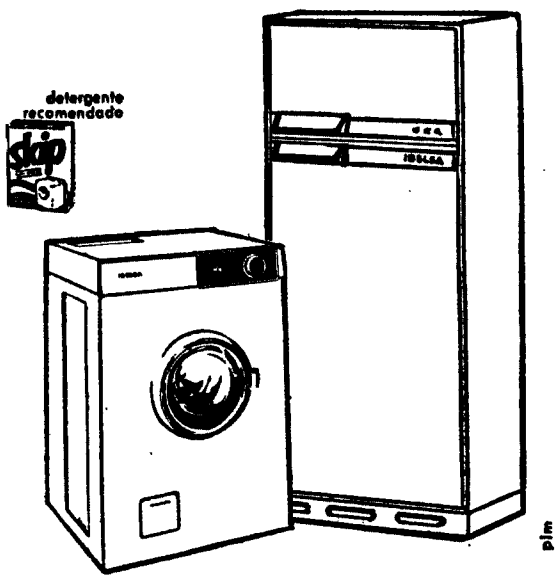
O montante liquido a receber por acção, será:

Acções nominativas . . . . . 67$57
Acções ao portador registadas . . . 70$17
Acções ao portador . . . . . 51$36

Lisboa, 27 de Março de 1971.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Electrodomésticos
IBELSA
qualidade sinónimo de garantia



DISTRIBUIDORES GERAIS
MONTEIROS & REYNOLDS, LDA.
(DIVISÃO ELÉCTRICA) TELFS. 83 81 70 · 42 49 5
À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Capital realizado: Esc. 193 560 000$00

SEDE — RUA DO COMÉRCIO, 148 — LISBOA

DIVIDENDO DE 1970

(2.º semestre)

Avisam-se os Srs. Accionistas de que se encontra a pagamento, a partir do dia 30 de Março corrente, em todos os dias úteis, das 9 e 1/2 às 12 e das 14 às 16 horas, excepto aos sábados, em que será das 9 e 1/2 às 11 e 1/2, o complemento do dividendo do exercício de 1970, na importância de 60$00 por acção.

Sobre este dividendo incidem os seguintes impostos, respectivamente, nas acções nominativas, ao portador registadas e ao portador não registadas:

	Nominativas	Portador registadas	Portador não registadas
— de capitais	4$36	4$36	4$36
— s/as sucessões e doações	3$00	3$00	3$00
— do selo de averbamento	$79	—$—	—$—
— complementar	—$—	—$—	13$35
sendo a importância líquida do dividendo	51$85	52$64	39$29

Nos recibos deverá figurar apenas a importância líquida do dividendo.

Para regularidade do serviço, pede-se aos Srs. Accionistas que utilizem recibos próprios conforme a natureza das acções.

Os Srs. Accionistas por acções ao portador registadas para efeitos de imposto complementar devem juntar aos recibos o respectivo duplicado da declaração do registo, em seu poder.

Lisboa, 29 de Março de 1971

Pelo BANCO DE PORTUGAL

Os Administradores

António Osório de Castro

Domingos Pereira Coutinho

VENTILAÇÃO INDUSTRIAL — AQUECIMENTO
AR CONDICIONADO

À VENDA EM TODO O PAÍS

Agentes Gerais para Portugal e Províncias Ultramarinas
SOC. TÉCNICA DE FOMENTO, L.DA
PORTO - LISBOA

O vendedor autorizado

ELECTRO LISBOA, LDA.

Rua Augusta, 243 — LISBOA

SANTARÉM

ALFREDO FERREIRA

Funcionário dos C. T. T.

FALECEU

Susana Maria de Azevedo Alcobia Ferreira e mais família cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações o falecimento do seu querido marido e parente e que o seu funeral se realiza, amanhã, dia 31, pelas 12.30 horas, da sua residência, Largo Infante Santo, 4, 1.º, dt.º, para o cemitério dos Capuchos.

TRATA: CAMPIÃO & CRUZ — Tel. 25074

LIVRELCO

COOPERATIVA LIVREIRA DE UNIVERSITÁRIOS

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do preceituado no art.º 37.º § 1 dos Estatutos convoco a Assembleia Geral da Livrelco-Cooperativa Livreira de Universitários, S. C. R. L. a reunir em sessão extraordinária na sede social em Lisboa — Rua José Carlos dos Santos, n.º 7-2.º, no próximo dia 17 de Abril pelas 14.30 h. com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1.º — Conhecimento dos factos respeitantes à seguinte carta enviada pelo Conselho Fiscal ao Presidente da Mesa da Assembleia Geral em 23 de Março de 1971: «O Conselho Fiscal, dentro das atribuições que lhe são conferidas pelo n.º 3 do art. 45.º dos Estatutos da Cooperativa e da lei geral, tomou conhecimento de irregularidades verificadas na orientação administrativa e financeira da Sociedade que determinam a aplicação do corpo e parágrafo 2.º do artigo 173.º do Código Comercial. Procedendo este Conselho Fiscal ao apuramento concreto da situação, com vista a uma actuação legal adequada, vem do mesmo dar conhecimento a V. Ex.ª»

2.º — Discussão e deliberação sobre as medidas a tomar, tendo em consideração o exposto no ponto 1.º.

Não havendo número legal de sócios para deliberar em primeira convocatória, convoco desde já a mesma Assembleia Geral para reunir em segunda convocação no mesmo local uma hora depois, deliberando então com qualquer número de sócios presentes.

Lisboa e Sede Social em 27 de Março de 1971.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Agostinho Mesquita Antunes de Carvalho

Montepio Geral

ASS. SOC. MUTUOS
Fundada em 1840

ASSEMBLEIA GERAL

SESSÃO ORDINÁRIA

Reune-se amanhã, dia 31, pelas 21 horas, em 2.ª Convocação, no edifício da Sede deste Montepio, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 — Discutir o relatório, os actos e as contas da Direcção do ano de 1970 da Caixa Económica de Lisboa, e o respectivo parecer do Conselho Fiscal, e deliberar a este respeito:

2 — Discutir o relatório os actos e as contas da Direcção do ano de 1970, do Montepio Geral, e o respectivo parecer do Conselho Fiscal, e deliberar a este respeito:

3 — Conhecimento da escusa concedida pelos Corpos Sociais do cargo exercido por um membro da Direcção.

Por intermédio do Comandante do Regimento de Cavalaria n.º 7 é avisado que deve comparecer até 3 de Abril de 1971, naquele Regimento o Tenente Miliciano, na situação de Disponibilidade JOÃO PEDRO FARINHAS DA CRUZ, residente na Rua José Duro, 17-2.º, Esq.º — Lisboa

O COMANDANTE
MANUEL M. PEREIRA COUTINHO CORREIA DE FREITAS
Cor. de Cav.ª

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	ctes	Compra	Venda
Consolidado 2 3/4%	—	—	486$
Consolidado 3%	—	—	495$
Consolidado 3 1/2%	—	—	604$
Centenários 4%	1.400$	—	1.400$
Obras Tesouro 5%	1.000$	—	1.000$
Externo 1.ª série	—	585$	—
Externo 2.ª série	—	605$	6 0$
Externo 3% 1.ª série	—	670$	700$
Externo 3% 2.ª série	—	—	770$
Cautelas 3% série	—	165$	70$

OBRIGAÇÕES	ctes	Compra	Venda
Águas Lisboa 5%	—	—	—
A... 5% 56	—	—	—
A... 5% 58	—	—	—
C. P. 4 1/2% 55	—	—	—
C. P. 4 1/2% 57	—	—	—
C. U. 5%	—	—	935$
C. ... 6% 58	925$	925$	—
Gás Elect. 4% 48	—	—	—
Gás Elect. 4 1/2% 51	—	860$	—
Gás Elect. 5% 54	—	—	—
Gás Elect. 5% 58	—	—	—
Gás Elect. 5% 59	—	—	—
Gás Elect. 5% 64	—	955$	—
Gás Elect. 5% 60	950$	950$	—
Gás Elect. 5% 55	—	—	—
Gás Elect. 5% 57	—	970$	—
H. E. Alentejo 5%	—	760$	—
H. E. Cávado 5%	—	935$	945$
H. E. Cávado 6%	765$	760$	—
H. E. Douro 5%	940$	935$	940$
H. E. Douro 6%	—	—	860$
H. E. Norte Port. 5%	—	930$	—
H. E. Estreito 6%	—	—	—
H. E. Zêzere 5% 55	—	780$	785$
H. E. Zêzere 5% 57	770$	—	770$
Lisnave 5%	—	—	—
Metropolitano 4%	900$	900$	902$
Metropolitano 4 3/4%	970$	970$	—
Moçambique 5%	—	680$	710$
Nac. Elect. 5%	755$	740$	755$
Nitratos 5%	—	750$	—
Nitratos 5% 60	—	750$	—
Petroquímica 5%	—	—	—
Port. Celulose 5%	—	—	—
Sacor 5% 54	970$	965$	970$
Sacor 5% 60	—	—	880$
Siderurgia 5% 2.ª	—	—	—
Siderurgia 5% 3.ª	730$	730$	—
Siderurgia 5% 4.ª	—	—	740$
Sonefe 5%	—	785$	—
T. A. P. 4%	—	—	—
Termoelect. Port. 5%	—	—	—
U. E. P. 3 3/4%	—	—	—
U. E. P. 4%	—	—	—
U. E. P. 4 1/2%	—	90$	—
U. E. P. 5%	—	71$	73$
U. E. P. 5% 60	—	710$	—
U. E. P. 5% 63	—	860$	—

ALMEIDA, BASTO & PIOMBINO & C.ª
TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS
Rua do Ouro 52-54 — LISBOA — Tel. 366066/7
Teleg. ALMEIRO — Telex 41 ALAP P

ACÇÕES — Bancos	ctes	Compra	Venda
Agricultura	—	2.750$	2.780$
Alentejo	1.170$	1.170$	1.173$
Angola	3.900$	3.880$	3.920$
Burnay	—	—	—
Crédito Predial	7.800$	7.700$	7.900$
E. Santo	6.450$	6.450$	6.480$
E. Santo n	—	—	—
Fonsecas S. B.	—	—	28.000$
Fomento	2.935$	3.935$	3.950$
L. Açores p	—	—	—
L. Açores n	—	—	—
L. Atlântico p	6.200$	6.160$	—
Portugal n	3.360$	3.350$	—
Portugal p	—	4 00$	4.250$
Tott. Aliança	—	—	—
Ultramarino n	3.935$	3.935$	3.950$
Ultramarino p	4.230$	4.220$	4250$

Seguros	ctes	Compra	Venda
Alentejo	156$	155$	156$
Douro	—	2.200$	—
Mundial	1.015$	1.015$	1.020$
Sagres	—	2.860$	2.950$
Tranquilidade	—	90.000$	100.000$
Ultramarino	—	—	—

Ultramarinas	ctes	Compra	Venda
Açúcar de Angola	—	730$	—
Ag. Cassequel	652$	650$	655$
Ag. Incomati	—	—	1.900$
Ag. Neves	—	—	—

Ultramarinas	ctes	Compra	Venda
Ag. S. Tomé e Príncipe	—	215$	230$
Boror	26$	25$	30$
Buzi	69$	68$	70$
Cabinda	—	2 2$	220$
Diamantes Angola	—	2.140$	2.200$
... Zambeze	—	610$	650$
... Príncipe	700$	680$	710$
Moçambique	—	—	—
Sonefe n	—	410$	425$
Sonefe p	—	425$	430$
Zambézia	—	65$	68$

Diversas	ctes	Compra	Venda
Lidic	—	6.900$	7.000$
Cim. Leiria	—	4.500$	4.600$
Cim. Tejo	—	9.200$	8.400$
Cia. Navegação	1.540$	1.530$	1.550$
...	—	1.350$	—
... Algarve	—	600$	680$
Nac. Navegação	3.900$	3.800$	4.000$
Petroquímica	1.280$	1.250$	1.300$
Port. e Colónias	—	—	—
Port. Celulose	4.200$	4.200$	4.250$
Port. Pesca	—	—	—
Port. Tabacos	600$	600$	605$
Sacor	3.850$	3.840$	3.850$
Siderurgia Nac.	—	2.300$	2.380$
Soce	3.700$	3.650$	3.720$
Tabacos de Portugal	—	1.400$	1.500$
Tabaqueira	6.220$	6.210$	6.250$
U. F. Azoto	658$	658$	660$

Água, Elect. e Gás	ctes	Compra	Venda
Águas Lisboa p	—	390$	—
Águas Lisboa 54	—	416$	420$
Águas Lisboa 56	—	405$	410$
C. R. Electricidade	1.201$	1.201$	[illegible]
C. R. Electricidade nom	—	1.195$	—
C. P. Electricidade 969	—	—	—
Elect. Beiras	—	710$	730$
Gás Elect.	446$	446$	447$
H. E. Alto Alentejo	180$	179$	180$
H. E. Norte Portugal	225$	225$	230$
H. E. Estreito	—	—	—
Nac. Electricidade	—	—	—
U. E. P.	202$	201$5	202$

FUNDOS DE INVESTIMENTO	ctes	Compra	Venda
F. Atlântico	—	202$4	208$5
F. O. E. S.	—	126$2	130$

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez. 65 100)

	23/3/71	29/3/71	30/3/71
GERAL	152,5	151,3	**151,7**
METROPOL.	147,8	147,4	**147,8**
ULTRAM.	186,8	180,1	**180,6**

PAÍSES	Compras	Vendas
África do Sul — Rand	35$50	38$00
Alemanha — Marco	7$70	8$00
América		
— Dollars de 1 a ...	27$90	28$40
— de 5 a 20	28$20	28$70
— de 50 a 100	28$30	28$80
Argentina — Peso Novo	5$00	6$50
Áustria — Schilling	$ 0	$ 6
Bélgica — Franco	$56	$59
Brasil — Cruzeiro	4$50	5$80
Canadá — Dólar	27$80	28$30
Dinamarca — Coroa	3$70	4$00
Espanha — Peseta	$40,5	$42
França — Franco	5$00	5$30
Holanda — Florim	7$80	8$10
Inglaterra — Libra	68$00	70$00
Itália — Lira	$04,4	$04,7
Marrocos — Dirhan	4$90	5$50
Noruega — Coroa	3$85	4$15
Suécia — Coroa	5$35	5$65
Suíça — Franco	6$58	6$78

Ouro	Compras	Vendas
Inglaterra — Libra Isabel	290$00	3 0$00
Inglaterra — 1/2 Libra	300$00	320$00
Ouro fino Barra	36$20	38$20

J. BURNAY, L.DA — RUA DO OURO 72 — Papeis de credito — Notas estrangeiras — Tel. 23127x

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da 1.ª página)

assim que se atrai o público. Afinal, o contacto com as televisões estrangeiras parece que não ajuda muito a melhorar processos de trabalho. É pena.

A certa altura, o apresentador e seleccionador, depois de traçar o elogio da variedade de géneros nos programas de televisão, acrescentou: «Não sei, e em princípio não creio, que nenhuma televisão no mundo consiga realmente abranger nos seus programas a audiência que corresponde ás espantosas possibilidades de difusão de que dispõe».

Não se admire, pois, ninguém, de ver tanta monotonia, tão pouca variedade na televisão portuguesa em horas de maior audiência. Isso é característico de todas as televisões do mundo. Devemos, pelo menos, crer nisso. Em princípio...

Quanto ao episódio, pròpriamente dito, o seu mérito maior consistiu em dar-nos a possibilidade de contactar com a tal série famosa que muitos de nós só conhecem de outiva. Quanto ao mais, o seu emaranhado de situações terá desnorteado a maior parte do público, pouco habituado, ainda por cima, a esta ginástica sumária de procurar o culpado. Um grão de inteligência (embora com a roupagem aliciante dos crimes) é coisa que mal conhecemos. Os crimes a que em geral assistimos, prescindem desse pormenor.

MÁRIO CASTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos

CARTAZ DOS CINEMAS

TIVOLI

(M 17 anos) Telef. 50595

4.ª SEMANA

Às 3 e 6.15 da tarde (a p. red.) e 9.30 da noite

Lilli Palmer, Cristina Galbo e John Moulder Brown em

INTERNATO DE RAPARIGAS

CONDES

(Adultos) Tel. 322523-326710

Às 21.45 — ESTREIA

Um filme de François Truffaut

DOMICILIO CONJUGAL

com Jean Pierre Léaud e Claude Jade (Colorido)

Às 14.15, 16.30 e 18.45

TRAIÇÃO INVEROSIMIL

ROMA

(Adultos) Tel. 72778

3.ª SEMANA

Às 15.30 e 21.45

JEAN GABIN

numa excepcional interpretação

A HONRA DA FAMILIA

Technicolor

VOX

(Adultos) Tel. 720808

Às 21.45 h.

4.ª SEMANA DE SENSAÇÃO

Com o excitante e discutido filme colorido de André Cayatte

OS CAMINHOS DE KATMANDOU

Soberbo desempenho de Pascale Andret, Serge Gainsbourg e Arléne Lahl

Às 18.30 (M. 6 anos)

A RAPARIGA DOS ALPES

Um belo filme em Technicolor

Junto a Av de Roma

CHIADO TERRASSE

(M. 12 anos) Tel. 20917

Às 21 horas

AS AVENTURAS DE GERARD

SUBMARINO X-1

AVIS

(Adultos) Tel. 47163

Às 15.30 e 21.45

Divertida comedia sentimental!

QUEM SE METE COM RAPAZES...

com Gianni Morandi

Technicolor

IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45923

Às 21 h

A VIDA DE UMA MULHER

O AVENTUREIRO DE THATI

BERNA

(M 12 anos) Tel 776098

Às 18.30 e 21.45 h.

2.ª SEMANA SENSACIONAL!

Peter O'Toole, Ava Gardner e Richard Harris

na espectacular superprodução de Lino de Laurentiis, realizada por mestre John Huston

A BIBLIA

Um filme de todos os tempos, agora em Panavision de 70 mm. e Technicolor!

À Av. Marquês de Tomar

ESTUDIO 444

(Adultos) Tel 779095

Às 15.30 18.30 — 21.45

13.ª SEMANA

Um filme romantico

O SILENCIO DO AMOR

com Marie Dubois e Matthieu Carrière

EASTMANCOLOR

SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172

2.ª SEMANA

Às 15.15 18.15 e 21.30

Gregory Peck — Tuesday Weld em

ENTRE A HONRA E O AMOR

Ele casado — 45 anos Ela bonita — 20 anos

Um filme de John Frankenheimer

Panavision — Color

ALVALADE

(Adultos) Tel. 717480

2.ª SEMANA

Às 15.45 e 21.45

Gregory Peck — Tuesday Weld em

ENTRE A HONRA E O AMOR

Ele casado — 45 anos: Ela, bonita — 20 anos

Um filme de John Frankenheimer

Panavision — Color

EUROPA

(Adultos) Tel. 661016

Às 15.15 — 21.30

4.ª SEMANA

Uma americana rica... uma italiana bonita... um homem sem escrúpulos... uma aventura a três!

O CEGO DESEJO

com Carrol Baker, Lou Castel, Colette Lescombes

Eastmancolor — Techniscope

IMPÉRIO

(Adultos) Tels 555134/5

Às 15 e às 21.15

A mais bela história de amor no ambiente escaldante da revolução

Segundo Boris Pasternack

Um filme de David Lean

«DOUTOR JIVAGO»

com Omar Sharif — Geraldine Chaplin — Julie Christie

70 m/m — Metrocolor

ATENÇÃO: O filme começa a ser exibido às 15.15 e às 21.30

ESTÚDIO

(Adultos) Tel. 555134

3.ª SEMANA

Às 15.30 18.30 e 21.45

A obra-prima de Jean Luc Godard

«O ACOSSADO»

(A Bout de Souffle)

com Jean Paul Belmond e Jean Seberg

POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 426305

Às 15.15, 18.30 (p. r.) e 21.30

GRANDE EXITO!

UM FILME DE ALTA EMOÇÃO E DE SENSAÇÃO ESPECTACULAR

AS RODAS DA LOUCURA

com Darren McGavin, Sean Garrison, Susan Clark e Anne Baxter

A VIDA DOS ASES DO VOLANTE NUM DESAFIO À MORTE ESTIMULADO PELA AMBIÇÃO DE GLÓRIA, DINHEIRO E PAIXÃO DAS MULHERES

Tecnicolor

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 264821

Às 17 e 21.30 h.

MADEMOISELLE DE MAUPIN

com Catherine Spaak, Robert Hossein e Tomas Milian

LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48560

Às 21 horas

A PROMESSA

FLINT, PERIGO SUPREMO

LUMIAR

(Adultos) Tel. 795293

Às 21 h.

A PRIMEIRA NOITE

OPERAÇÃO «KID BROTHER»

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131

ÀS 21.30 — ESTREIA

MELINDA

Bárbara Streisand — Yves Montand

Às 15 h — PATTON

QUINZENA SÉRIE NEGRA

Amanhã — Adultos — 18.45 h.

FALSA ACUSAÇÃO, de Joseph Mankiewicz com Richard Widmark e Sidney Potier

SATÉLITE

(Adultos) Tel. 562632

5.ª SEMANA

Às 15.30, 18.30 e 21.45

Um filme de Claude Soutet

COISAS DA VIDA

Eastmancolor

Premio Louis Delluc

com Michel Piccoli, Romy Schneider e Lea Massari

ROYAL

(M. 12 anos) Tel. 865037

Às 21 h.

O CRIADO

Uma obra excepcional de Joseph Losey

EDEN

(Adultos) Tel. 320768

Às 15.15, 18.30 e 21.45

...Onde termina o amor e começa o terror

MANEQUIM DESFIGURADO

(CRESCENDO)

com Stefanie Powers e James Olson

Technicolor

MUNDIAL

(M. 12 anos) Tel. 538743

ÀS 21.45 — ESTREIA

OS ABUTRES TÊM FOME

Um filme de Don Liegel com Shirley Maclaine e Clint Eastwood

numa espectacular aventura para não mais esquecer!

Às 18.30

UM TIRO PELA CULATRA

METRO: Estação Picoas

RESTELO

(M. 12 anos) Tel. 610375

Às 21.30

OS SEIS INVENCIVEIS

c/ Stuart Whitman, Elke Sommer

SÃO JORGE

(M 17 anos) Tel. 54159

Às 15.15, 18.15 e 21.30

EM 5.ª SEMANA

Um dos grandes êxitos da temporada

O PATIFE

com Jean-Louis Trintignant

ODEON

(M. 17 anos) Tel. 326283

Às 15.15, 18.15 (P. r.) e 21.30

4.ª SEMANA DE EXITO SENSACIONAL COM SARA MONTIEL

no seu mais extraordinario e apaixonante filme de sempre

ESSA MULHER

Emocionante odisseia de uma jovem a quem o destino nega o direito de ser feliz

GRANDIOSA REALIZAÇÃO

ADMIRAVEIS CANÇÕES

EASTMANCOLOR

LIDO

(M. 17 anos) Tel. 937593

Às 21.30 h.

Um filme moderno sobre um assunto actual!

CONTESTAÇÃO GERAL

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «A querida mamã» (17 anos).

TRINDADE — Às 21 e 45: «O Duelo» (17 anos).

LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Santo e a Porca» (12 anos)

VARIEDADES — Às 21 e 45: «O Contrato» (17 anos).

A B C — Às 20 e 45 e às 23 h.: «Frangas no Grelha» (17 anos).

MARIA MATOS — Às 21 e 45: «O Inocente» (17 anos).

VILLARET — Às 21 e 45: «Depois da queda» (17 anos).

CINEMAS

OLIMPIA — Às 19: «Tarzan em Nova York» (12 anos).

JARDIM — Às 21: «O filho de Shane» (12 anos).

PARIS — Às 21: «O Bom Pastor» (12 anos)

CINEARTE — Às 21: «Matar ou não matar» (12 anos).

IDEAL — Às 21: «Antes do Inverno chegar» (17 anos).

ENCARNAÇÃO — Às 21: «O Vale do Arco-Íris» (17 anos).

● Linha de Cascais

ALGÉS — STADIUM — Às 21 e 30: «Hello Dolly» (12 anos).

OEIRAS — OEIRAS-CINE — Às 21: «Operação Kid Brother» e «Popi» (17 anos).

PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «Vinte e Quatro Horas na Vida de uma Mulher» e «O Tigre Perfuma-se com Diamantes» (17 anos).

ESTORIL — CASINO — Às 17 e às 21 e 30: «Mademoiselle de Maupin» (17 anos).

PALÁCIO — Às 21 e 30: «Os Cinco Bandoleiros» (12 anos).

CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «Zita» (17 anos).

● Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21 e 15: «A Batalha de El Alamein» (12 anos).

QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Teatro da Morte» e «O Mistério dos 13» (17 anos).

MEM MARTINS — CINE-CHABY — Às 21 e 30: «A Caça» (12 anos).

AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Jovanka e as Outras» (17 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 15: «Sinal da Cruz» (12 anos)

BARREIRO — CINE-BARREIRENSE — Às 21: «Os Cavalos também se abatem» (17 anos).

LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «O Tesouro dos Incas» (12 anos).

● PORTO

TEATROS

ANTÓNIO PEDRO — Às 21 e 45: «As Bodas de Sangue» (17 anos).

SÁ DA BANDEIRA — Às 21 e 45: «E o Zé faz tudo!» (17 anos)

CINEMAS

SÃO JOÃO — Às 21 e 30: «A Bíblia» (12 anos).

COLISEU — Às 21 e 30: «A carta do Kremlin» (17 anos)

RIVOLI — Às 21 e 30: «Rainha por mil dias» (17 anos)

ÁGUIA DE OURO — Às 21 e 30: «Porto Massacre» (12 anos).

JULIO DINIS — Às 21 e 30: «Cinco para o Inferno» (17 anos).

BATALHA — Às 21 e 30: «O gendarme em férias» (12 anos)

TRINDADE — Às 21 e 30: «O Patton» (17 anos)

ESTUDIO — Às 21 e 30: «Uma mulher meiga» (17 anos)

CARLOS ALBERTO — Às 21: «Spartacus» (12 anos).

OLIMPIA — Às 21 e 30: «O preço do poder» (12 anos)

VALE FORMOSO — Às 21 e 30: «Tarzan e a Companheira» (12 anos)

● COIMBRA

GIL VICENTE — Às 21 e 30: «Os ossos do ofício» (17 anos).

AVENIDA — Às 21 e 30: «O jogo do crime» (12 anos)

TIVOLI — Às 21 e 30: «A guerra dos Gargantuas» (12 anos).

SOUSA BASTOS — Às 21 e 30: «À mão armada» (17 anos).

farmácias de serviço

● LISBOA

AJUDA — Moura, Travessa da Memória 55 (telef. 630944

ALCANTARA — Barrao R. Prior do Crato 25 (tel 66132) * Biotitar, Rua D João de Castro 27-B (tel 638824)

ALVALADE — Zil, Av da Igreja, 9-D (tel 7 780) * São João de Deus, Rua Pedro Ivo 4-A (tel 725 40) * Roma, Avenida de Roma, 85-B (tel 772466)

ANJOS — Confiança, Av Almirante Reis, 46 (telef 42453)

AREEIRO — Garantia, R Padre Manuel da Nóbrega 5-A (tel 727300) * Imperial, Av Guerra Junqueiro 30-B (tel 726860)

AVENIDA DA LIBERDADE — Fernandes, Rua de S José, 87 (tel 326476)

AVENIDAS NOVAS — Alcântara, Avenida da República, 74-A (tel 77 379) * Vale, Avenida Marquês de Tomar, 45 (tel 773043) * Dalva, Avenida Duque de Ávila, 125 (tel 45225)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Ascenso, Rua 27, 4 (tel 3 1216)

BAIRRO DA LIBERDADE — Salutar, Rua R, 75-A (tel 683694).

BAIXA — Azevedo, Rossio, 3 (tel 327478)

BENFICA — Lavinha, R Eng Paulo de Barros (ex-Rua C 6 Rua do Casquilho), 28-A (tel 708242) * União Estrada de Benfica, 59, (tel 700092) * Alegria Estrada de Benfica, 180-A (tel 7805

CAMINHOS DE FERRO — Frazão Rua da Cruz de Santa Apolónia, 90 (tel 847019)

CAMPOLIDE — Pinto, Rua de Campolide, 1 (tel 682610)

CAMPO DE OURIQUE — Nobel, Rua de Infantaria 16, 98-B (tel 688807) * União, Rua Saraiva de Carvalho 9 (tel 663643)

CASTELO — Ziler, Rua S Tomé 54 (tel 862835)

CHELAS — Banha, Estrada de Chelas, 173 (tel 38224')

ENTRECAMPOS — Alcântara, Av da República 1 (tel 6826 0)

ESTEFÂNIA — Mundial, Largo de D Estefânia 9 (tel 45578)

ESTRELA — Andrade Ribeiro, Av Infante Santo, 66-B (tel 66697')

LAPA — César, Rua das Trinas 02 (tel 662631)

LUMIAR — Central, Rua do Lumiar, 77 (tel 790480) * Douro, Alameda das Linhas de Torres 93-A (tel. 79' 3

OLIVAIS — Olivais, Rua Alves Gouveia 9 (telef. 3 1237)

PENHA DE FRANÇA — Central da Penha, Rua da Penha de França, 58 (tel 849245) * Vitális, Rua Morais Soares, 66-A (tel 8480'

PICHELEIRA — Luzmar, Rua João Nascimento Costa, 6-A (telefs 728395-720703)

POÇO DO BISPO — Freitas, Rua Zófimo Pedroso, 3 (tel 38 36)

REGO — Baptista, Rua Francisco Tomás Costa, 3-C (tel 77 873)

SANTO AMARO — Correia de Azevedo, Rua Luís de Camões 42-B (telef 638626.

S BENTO — Moz Teixeira, Rua do Poço dos Negros 5 (tel 67996)

S MAMEDE — Albano, Rua da Escola Politécnica 59 (tel 326750)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA — S. Sebastião, Largo de S Sebastião da Pedreira 9 (tel 48642) * Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (t 553468).

● Linha de Cascais

ALGÉS — Miramar, Rua Ernesto da Silva, 81 (Tel. 212048)

CAXIAS — Nova — R. Bernardim Ribeiro, 1-A — (tel 242839)

PAÇO DE ARCOS — Godinho da Silva — Av Patrão Lopes, 4 (T 2432039)

OEIRAS — Central — R Teixeira Simões, 8 (Tel 2430058)

PAREDE — Grincho — Av da Republica, 87 (tel. 2471204)

ESTORIL — Parque — Arcadas do Parque 3 (Telefone 260 9')

CASCAIS — Marginal — Av Marginal (Te. 280078 * A. Costa — R Freitas Reis 24-C (Tel 2802 4)

S. PEDRO DO ESTORIL — S. Pedro (Tel 263052).

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco R. Elias Garcia, 209 (telefone 930019) * Flama, R Elias Garcia, 78-B (telefone 932485) * Confiança, Av D. Nuno Álvares Pereira, 5-A tel. 938 49).

DAMAIA — Damaia — P Alexandre Gusmão, 9 (Tel 970523)

QUELUZ — Gil — Av Miguel Bombarda, 18 (Telefone 950 7) * Simões Lopes — Av Elias Garcia, 5 (Tel 950123)

CACÉM — Central — R Elias Garcia, 55 (Telefone 2940034)

MEM MARTINS — Quimia — Estrada Mem Martins, 285 (tel 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA — Valentim (Tel 980456).

SINTRA — Marrazes — L Rainha D Amélia, 20 (Tel. 980155).

COLARES — Colares — Abreia (Tel 299088).

● Outra banda

ALCOCHETE — Nunes, C. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel 234137).

ALHOS VEDROS — Gusmão — Rua Cândido dos Reis, 30 (Tel 224020)

ALMADA — Central — Rua de Olivença, 11 (Tel. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA — Aliança — Est Nacional, 74 (Tel 224302

BARREIRO — Pimenta — R Cons Joaquim António de Aguiar, 259 (Telefone 2273012)

COVA DA PIEDADE — Rainha Santa — Estrada das Barrocas, 50-A (telef 2760182).

MOITA — Silva Rocha — P da Republica, 16 (Tel 239029)

MONTIJO — Moderna, R Bulhão Pato, 60 (telefone 230156)

SESIMBRA — Leão — Av Salazar (Tel 22947').

SETÚBAL — Lisboa — R Dr Paulo Borba (Telefone 22248) * Saião — Av Portela (Tel 22709)

SEIXAL — Soromenho — R Paiva Coelho, 38 (Tel 2218560).

PORTO

Ameal, Rua do Ameal, 221 (Tel 43550) * Birra, P da Liberdade, 25 (Telefone 20463) * Costa Lima, Av da Boavista, 855 (Tel 60606 * Falcão, R. Santo Ildefonso 6 (Telefone 2 566) * Invicta, R. do Bomfim, 330 (T 5 2 2) Lapa R Antero de Quental 21 (Tel 40697) * Martins Sucr., P Marquês de Pombal 22 (T 40747) * Ordem da Trindade, R H e Mort de Ang (Telefone 27420 * Ramos, P. do Exército Libertador 9 (Tel 64935) * Santa Teresa, P G Gomes Fernandes 00 (Tel 357 3) * Terreiro R do Reboleira, 2 (Tel 23576) * Vaz Teixeira, Sucr.ª, Rua do Heroísmo 56 (Tel 5285') * Vilarinho, Rua do Vitorinha 6 (T 68201 4) * Nacional, Rua Senhora da Luz 56-Foz (T 680833).

● COIMBRA

Neves Morgado — Rua da Moeda (tel. 23733) * Rodrigues da Silva — Rua Ferreira Borges (t. 24348) * São José — Arcos do Jardim (tel. 24697).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade:
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos:
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

O Conservatório Regional foi inaugurado em Aveiro pelo Presidente da República

AVEIRO, 30 — O Conservatório Regional de Aveiro Calouste Gulbenkian foi oficialmente inaugurado, dois anos após ter entrado em funcionamento. Presidiu á cerimónia o Chefe do Estado, estando presentes os ministros da Educação Nacional e da Saúde e Corporações e outras altas autoridades civis, militares e religiosas. Pela Fundação Gulbenkian assistiram, além do respectivo presidente, dr. Azeredo Perdigão, acompanhado da esposa, vários administradores e directores de serviço.

O almirante Américo Thomaz, acompanhado também da esposa, chegou a esta cidade ao fim da manhã, vindo do Buçaco. Após os cumprimentos das entidades oficiais, esteve na sede do Clube Galitos de Aveiro, onde recebeu a medalha de ouro do clube. Seguiu-se almoço íntimo na Casa de Chá do Parque.

A bênção do edifício do novo Conservatório de Música foi feita pelo bispo da diocese. O almirante Américo Thomaz descerrou, depois, um busto de Calouste Gulbenkian e percorreu as instalações, tendo assistido a um concerto em que actuaram antigos e actuais alunos e alguns professores.

Na sessão inaugural, o dr. Azeredo Perdigão fez algumas considerações e acentuou que o conservatório *«foi concebido e está equipado para realizar, em boas condições técnicas e pedagógicas, as seguintes modalidades de ensino: classes infantil e primária, ciclo preparatório, curso de línguas, cursos de iniciação artística (música e artes plásticas), bailado e cursos gerais e superiores de música»*. Assinalou, depois, que *«a Fundação Calouste Gulbenkian, tendo feito, neste Conservatório, um investimento, sem incluir subsídios de manutenção, de mais de 16 mil contos, e pondo todos esses valores, em regime de comodato (empréstimo gratuito), á disposição da respectiva associação, necessita de libertar-se de novos encargos para poder tomar, noutros lugares, idênticas iniciativas»*

O almirante Américo Thomaz partiu, ao fim da tarde, para Braga, onde vai inaugurar, também, um conservatório de música, igualmente iniciativa da Fundação Gulbenkian.

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental, o céu estava em geral muito nublado; o vento era fraco a moderado de Noroeste; chovia e havia nevoeiro em algumas regiões.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Elvas, 7°,4; mínima: Penhas da Saúde, —2°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra 8°; Faro, 0°; Funchal, 11°; Lisboa 9°; Penhas Douradas, 0°; Portalegre, 5°; Porto 9°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, ÀS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL — Na atmosfera: 9°; na água do mar: 13°.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu com períodos de muita nublado; vento moderado de Noroeste, por vezes com rajadas fortes; aguaceiros e trovoadas.

Amanhã

Ocaso ás 19 e 58

Dia 2 Dia 10 Dia 18 Dia 25

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 6 e 47 (4,0 m), 19 e 07 (3,9 m). **Dia 31** — 7 e 35 (3,7 m), 19 e 54 (3,7 m). **Dia 1** — 8 e 27 (3,4 m); 20 e 48 (3,5 m).

BAIXA-MAR: **Hoje** — 12 e 02 (0,9 m). **Dia 31** — 0 e 28 (1,0 m); 12 e 45 (1,1 m). **Dia 1** — 1 e 11 (1,3 m); 13 e 32 (1,6 m).

CHEFE DO GOVERNO

O Presidente do Conselho recebe, ao fim da tarde, a direcção e o comando dos Bombeiros Voluntários de Lisboa que lhe entregam a medalha de ouro da corporação.

A DECLARAÇÃO DO EPISCOPADO

(Continuação da 1.ª página)

traduz o pensamento do Episcopado português na Metrópole sobre o notável documento.

«Antes de mais, merece o projecto, nos seus princípios e objectivos fundamentais, palavras de reconhecimento, apreço e aplauso, exortando todos quantos para tal se sintam aptos a darem o seu contributo á discussão em curso, manifestamos o nosso louvor pelo esforço feito afim de traçar de forma global, as grandes linhas de um sistema educativo aberto, coerente e personalizado, condição básica da promoção da pessoa humana e do desenvolvimento da sociedade portuguesa, perante a tarefa urgente de melhorar, espiritual e materialmente, as condições de vida do nosso povo, não admite duvidas á prioridade a dar á política educacional.

«Consideramos em particular merecedor de aplausos, o alargamento da escolaridade obrigatória, de seis para oito anos. Os reflexos positivos que tal medida decerto terá nas condições de vida e trabalho dos portugueses, especialmente os mais desfavorecidos, justificam uma atitude de franco regozijo, com a esperança de que na sua rápida realização se empenhem os poderes públicos, as instituições, os educadores e todas as pessoas de boa vontade.

«Diversas outras medidas programadas exprimem a intenção de alargar, em benefício de todos, o acesso á educação, como primeira expressão do direito á fruição dos bens da cultura, sem outra limitação que não a resultante dos méritos e capacidades de cada um. Todas as providências que se tomem no sentido de levar a escola a garantir a igualdade de oportunidades, designadamente suprimindo as discriminações escolares que dificultem a promoção dos menosricos e dos residentes nas regiões afastadas dos grandes centros, são credoras do mais incondicional apoio. Só assim o sistema de ensino acompanhará o crescimento na comunidade em que se insere, aproveitando cabalmente os recursos humanos de que ela dispõe, resolverá os graves problemas sociais de que o País sofre e permitirá a prazo, que cada um prossiga em plenitude o seu destino temporal.

Construir uma sociedade sã e progressiva

«Na revisão e execução da Reforma, julgamos, entretanto, que se devem sublinhar dois aspectos essenciais, cuja omissão poderia comprometer os louváveis objectivos que ela se propôs.

«Recordando que o Concílio Vaticano II declarou que «as crianças e os adolescentes têm direito de serem estimulados a estimar rectamente os valores morais e a abraçá-los pessoalmente, bem como a conhecer e amar a Deus mais perfeitamente» (declaração Gravissimum Educationis — n.º 01), importa ter presente o papel que, numa educação cujo fim primacial é a formação dos educandos, cabe á formação moral, religiosa e cívica. O seu lugar é tanto mais imprescindível quanto o mundo actual, embora rico em valores, crescentemente suscita perigosas solicitações de ordem moral, propagadas por meios poderosíssimos e geradoras de acentuada corrupção de costumes. Apenas uma sólida formação moral, completada pelo ensino religioso, segundo o princípio da liberdade religiosa, poderá ajudar a juventude estudantil na sua preparação para construir uma sociedade sã e progressiva, assente no respeito pela liberdade pessoal, pela família, pela pátria, pela verdadeira concórdia e unidade entre os homens.

«Além disso, importa não esquecer o papel que, num sistema escolar equitativo e dinâmico, por força há-de caber ao ensino livre, tanto da igreja como das demais entidades «promotoras do ensino não-estadual, como declara o Concílio, o monopólio do ensino» vai contra os direitos inatos da pessoa humana, contra o progresso e divulgação da própria cultura, contra o convívio pacífico entre os cidadãos e contra o pluralismo que vigora em muitíssimas sociedades de hoje» (ibidem — n.º 6). Por isso, é dever do Estado, reconhecido aliás na nossa Constituição Política assegurar o direito dos pais a escolherem, com plena liberdade e apenas segundo a sua consciência, as escolas para os seus filhos. Perante a situação de desfavor em que o ensino particular entre nós tem vivido, desejaríamos ver assegurado, por todos os meios possíveis, o exercício deste direito fundamental, que implica o reconhecimento da função de interesse público inerente ao ensino não-estadual, no respeito pelos direitos da sociedade, dos pais, dos alunos e dos professores.

«Vem a propósito exortar as diversas instituições de ensino, especialmente as da Igreja, a tomarem cada vez mais a peito as responsabilidades que assumiram na prossecução do bem da sociedade, contribuindo para uma efectivação crítica do espírito da Reforma escolar a constante revisão a aperfeiçoamento dos seus métodos de ensino».

De vez em quando

Na zona de Ayamonte, portugueses e espanhóis poderão livremente atravessar a fronteira, de cá para lá ou de lá para cá, durante os dias da Semana Santa. Porquê só na zona de Ayamonte e só durante oito dias? No seguimento da recente Semana Espanhola, etc., etc., seria óptimo que se conseguisse dispensar o passaporte aos turistas de Portugal e de Espanha durante as 52 semanas que constituem o ano. Não basta dizer: Somos amigos. É preciso prová-lo.

V. D.

O MINISTRO DO AR DE ESPANHA VISITOU AS OFICINAS DE ALVERCA

O ministro do Ar de Espanha, general Julio Salvador Diaz Benjumea, visitou hoje as Oficinas Gerais de Material Aeronáutico, em Alverca, onde almoçou. De tarde, o ministro espanhol visitou as instalações da Fundação Gulbenkian em Lisboa.

Ontem á noite, antes do banquete com que foi homenageado, no Palácio Foz, o general Diaz-Benjumea recebeu as insígnias da Grã-Cruz da Ordem Militar de Avis que lhe foram impostas pelo secretário de Estado da Aeronáutica.

O general Diaz-Benjumea, que se encontra de visita a Portugal, a convite oficial do Governo português, regressa a Madrid depois de amanhã, por via aérea.

BEATRIZ COSTA EM SEVILHA

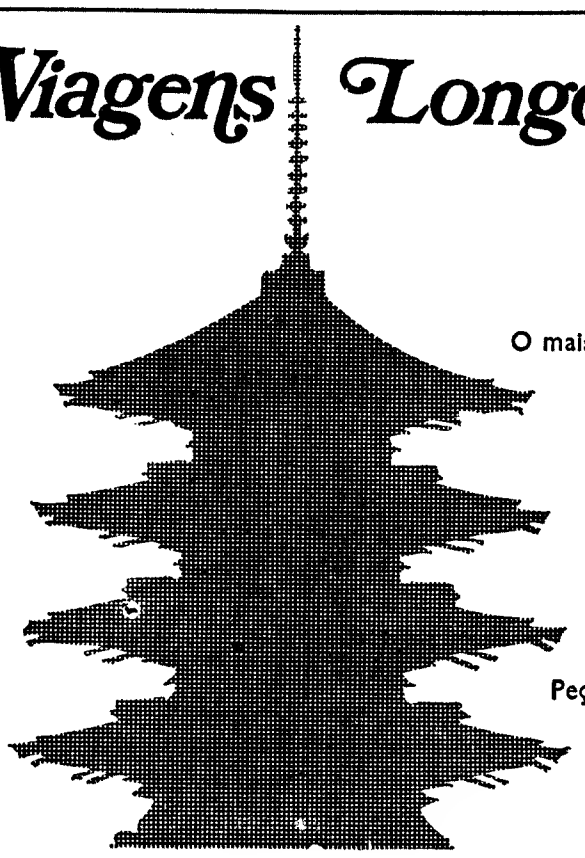
Beatriz Costa continua as suas andanças pelo Mundo. A querida actriz parte hoje para a Andaluzia, onde vai assistir á Feira de Sevilha e, seguidamente, percorrer as praias daquela província espanhola.

A 1 de Julho, Beatriz Costa iniciará uma digressão turística pela Rússia, durante a qual visitará oito cidades. Só no regresso, portanto, apresentará ao público a autobiografia que está a ultimar.

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

AGFA-GEVAERT, LDA.
NOVAS INSTALAÇÕES: LINDA-A-VELHA
Armazéns e escritórios:
Av. Doutor Oliveira Salazar, 9
Telefones: 2190031 a 2190035

Viagens Longo Curso 1971



O mais completo conjunto de viagens organizadas e acompanhadas, jamais realizado.
Férias para todos os gostos, agora ao seu alcance, com grandes facilidades de pagamento.
Peça programa detalhado, devolvendo-nos o cupão abaixo.

SWISSAIR

A Swissair,
Avenida da Liberdade, 220, r/c - Lisboa 2
Estou interessado em receber o vosso folheto "Viagens de Longo Curso 1971", com todas as informações úteis.
Nome: _____
Morada: _____
(Profissão) _____
É favor preencher com maiúsculas.

Exclusivo

URUGUAI: A DIFICULDADE CHAMA-SE

TUPAMAROS

Por GEORGE W. GRAYSON
(Professor do Instituto «William and Mary» da Universidade de Virgínia)

NA NOITE do passado dia 28 de Fevereiro, um carro lançado a toda a velocidade e conduzido por guerrilheiros tupamaros, travou, bruscamente, num bairro elegante de Montevideu, atirando cá para fora o cônsul brasileiro Aloysio Dias Gomide, posto em liberdade após duzentos dias de sequestro. Soara para ele a hora da liberdade, depois de sua esposa, Maria Aparecida, ter enviado aos raptores para cima de trezentos mil dólares, recolhidos através de dramáticos apelos pela Televisão. Gomide, que aparentava boa saúde, seguiu, imediatamente, para o Rio de Janeiro, a bordo de um avião especial da Força Aérea Brasileira, para aí se juntar à mulher e aos seus seis filhos.

O rapto de estrangeiros é uma ciência muito desenvolvida entre o milhar de jovens — homens e mulheres — membros dos Tupamaros, que também se designam por Movimento de Libertação Nacional (M. L. N.). Em 8 de Janeiro, prenderam Geoffrey M. S. Jackson, embaixador britânico no Uruguai, e, no Verão passado, tinha feito o mesmo a Claude L. Fly, técnico americano de solos, assim como a Daniel Mitrione, conselheiro americano junto da Polícia uruguaia.

Claude Fly, que sofre do coração, foi posto em liberdade, após um longo cativeiro. Jackson encontra-se ainda numa «Prisão do Povo» e um recente comunicado Tupamaro afirma que o sequestrado só será morto se a Polícia se aproximar do local onde ele se encontra. O corpo de Mitrione, atingido com dois tiros na cabeça, e envolto numa manta, foi descoberto no assento traseiro dum automóvel abandonado, no dia 10 de Agosto de 1970, depois de o presidente Jorge Pacheco Areco, partidário convicto de se não pagarem resgates, se ter recusado a pôr em liberdade 150 tupamaros presos, em troca da libertação do americano.

Aparentemente, os raptores decidiram liquidá-lo porque Mitrione — de origem italiana — sabia mais das octividades tupamaras do que qualquer outro americano, além de ter feito pressão sobre a Polícia uruguaia para torturar os guerrilheiros presos, ter estado ao serviço do F. B. I., na República Dominicana, na altura da invasão de 1965, ter sido conselheiro da Polícia Secreta Brasileira e ser um agente dotado de grande inteligência, segundo Julius Mader, figura de relevo dentro da C. I. A.

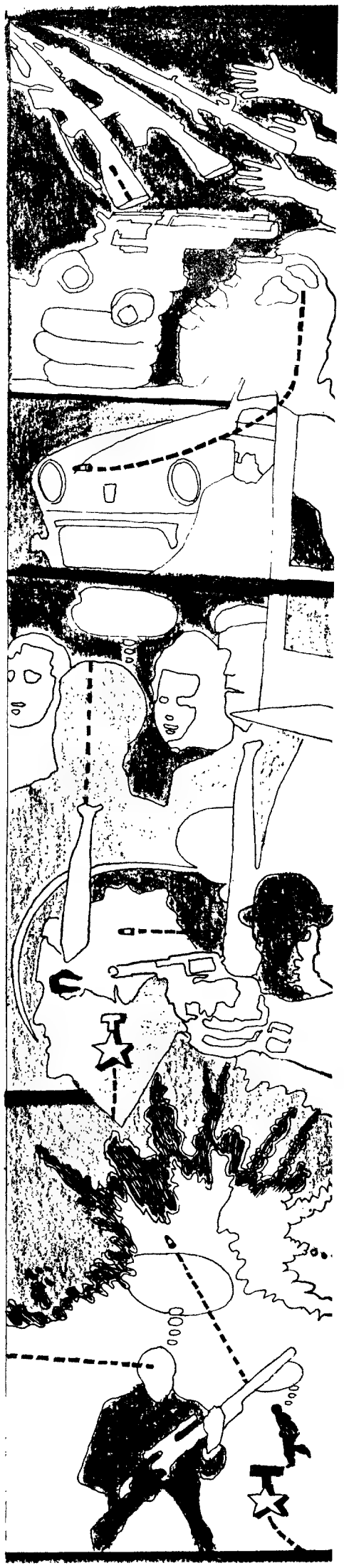
ENJEITADA UMA TEORIA DE FIDEL

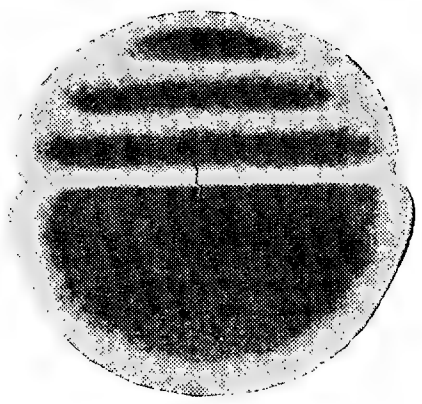
Convencido de que o Uruguai se afasta da democracia social com a sua democracia do «volte amanhã» e a sua burocracia e de que uma economia dependente da exportação nunca poderá instalar a justiça social entre as massas, o M. L. N., movimento da classe média, começou a lutar contra o sistema em 31 de Julho de 1963, quando assaltou um clube de tiro e fugiu com 33 espingardas, a maior parte das quais fornecida pelo Exército. Em Agosto de 1965, os tupamaros fizeram explodir uma bomba nos escritórios da Bayer, fornecedora «nazi» da guerra do Vietnam; incendiaram a sede da General Motors, para protestarem contra a visita de Rockeffeler; «expropriaram», meses depois, 200 000 dólares no Casino San Rafael, de Punta del Este, e roubaram a antena da anti-castrista Rádio Ariel. No passado mês de Novembro, levaram a cabo um «old-up» só comparável ao famoso assalto ao comboio verificado em Inglaterra, ao roubarem ao Banco da República uns bons milhões de pesos, em dinheiro e jóias. Trata-se, apenas, de alguns exemplos de «proezas» dos Tupamaros, cujo emblema é um «T», inscrito numa estrela de cinco pontas, e cuja designação deriva de Tupac Amaru II, descendente dos reis incas, que foi preso e esquartejado pelos espanhóis, em 1781, depois de se ter posto á frente de um levantamento contra eles, que fracassou.

Os tupamaros enjeitam a teoria da «Primavera revolucionária a partir dos campos», elaborada por Fidel, Guevara e Debray, teoria essa que falhou porque os camponeses não são revolucionários, e alegam que os Governos dispõem hoje de novas armas contra as insurreições, experimentadas no Sudoeste Asiático, que a Polícia e o Exército da América Latina estão agora melhor treinados do que nos tempos de Baptista, graças a uma ajuda maciça dos Estados Unidos, e «A violência», na Colômbia, demonstrou que um Governo pode sobreviver, depois de ter perdido o «controle» de grandes áreas rurais, durante mais de dez anos.

Além da M. L. N., declararam guerra ao Governo uruguaio a Solidariedade Operária e a Frente Armada Revolucionária Oriental, isto de acordo com uma mensagem publicada, em Santiago do Chile, por um influente mensário jesuíta. O MR-8, a Vanguarda Revolucionária Popular e a Aliança revolucionária Nacional, que, o mês passado, trocou o embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher por 75 guerrilheiros presos, têm feito a vida negra às autoridades brasileiras. O Movimento da Esquerda Revolucionária (M. I. R.) opera no Chile, onde a eleição de um marxista, o dr. Salvador

▶





A AVIAÇÃO AMERICANA QUER CRÉDITOS

A AVIAÇÃO DOS ESTADOS UNIDOS TENTA PERSUADIR O CONGRESSO A ATRIBUIR-LHE CRÉDITOS IMPORTANTES, COM VISTA À REMODELAÇÃO DO SISTEMA ANTIBOMBARDEIRO. MAS O CONGRESSO MOSTRA-SE CÉPTICO. E A UNIÃO SOVIÉTICA, A GRANDE POTÊNCIA INIMIGA, NÃO CONSTRUIU NOVOS BOMBARDEIROS PESADOS NA DÉCADA DE 60 (LER NA PÁG. CENTRAL)

TUPAMAROS

Allende para a Presidência serviu para afrouxar mas não para pôr cobro á violência que infesta os campos. No passado mês de Dezembro, um grupo de militantes comunistas matou a tiro, em Concepcion um estudante partidário do M. I. R

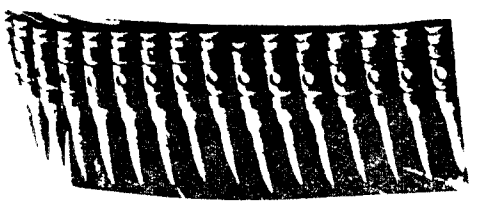
PROTECÇÃO AOS PRESENTES ASSALTOS

Acções terroristas no estilo dos raptos têm vários objectivos: iniciar os perpetradores como inimigos do execrável sistema e arreigar-lhes o sentido de missão; dizimar as fileiras da Polícia e dos oficiais do Exército; espalhar a discórdia entre os regimes da América Latina e os dos raptados; pôr cobro ás torturas dos militantes presos e criar o desentendimento, no seio dos Governos locais, entre a linha «dura» e a «moderada», a propósito da questão dos resgates; conseguir dinheiro para a luta revolucionária e libertar um certo número de camaradas, no caso de se conseguir um acordo; criar uma «consciência revolucionária» nas massas, ao fazer incidir os focos da publicidade sobre os seus inimigos imperialistas; enfraquecer a economia local ao forçar o desvio para a defesa dos recursos destinados á produção e assustar os turistas estrangeiros. Enfim, desorrientar e lançar o descrédito sobre o regime existente, na esperança de que este soçobrará diante dum «Exército Revolucionário de Libertação Nacional», dando lugar a um autêntico Estado Socialista.

Assim o afirmam os Tupamaros: «Primeiro que tudo temos de destruir. Depois, reconstruiremos uma nova sociedade.»

Poderá a estratégia urbana ter mais êxito do que a revolução nos campos?

Durante mais de cinco anos os «tupes» conseguiram ser considerados como os «Pimpinelas» de língua espanhola, graças a roubos no estilo do assalto ao Casino, ou quando esvaziaram, na véspera de Natal, uma camioneta de distribuição dum super-



mercado e ofereceram ao povo os perus, as galinhas e os doces; quando raptaram um rico banqueiro durante uma manifestação de empregados bancários mal pagos, ou, ainda, quando deram a conhecer a contabilidade secreta de uma firma ilegal de investimentos, conseguindo com isso deitar abaixo um Ministério e desmascarar uns tantos indivíduos influentes. As guerrilhas tiveram sempre o maior cuidado em proteger as pessoas presentes no decurso de qualquer assalto chegando, duma vez, a oferecer um frasco de sais a uma senhora de idade que desmaiara durante o assalto a um Banco.

A CONSTITUIÇÃO ENCONTRA-SE PRÀTICAMENTE SUSPENSA

A opinião publica só começou a dar mostras de desagrado em relação aos Tupamaros quando estes começaram a fazer correr sangue: primeiro de polícias, que, no Uruguai, provêm da classe que os guerrilheiros pretendem «libertar», depois, a morte de Mitrione e, mais recentemente, a de pessoas inocentes que se encontravam junto á pista de «bowling» de Carrasco.

Além disso, em Novembro de 1970, o incêndio da «Sudamtex Textile», propriedade de americanos, deixou sem trabalho os seus empregados, além de ter danificado as casas vizinhas, habitadas por operários.

A execução de Mitrione estalou como um raio nesta Republica do tamanho do South-Dakota, neste país que é o mais pequeno da América do Sul, cujos 2.700.000 habitantes pareciam constituir uma grande família, antes do advento do M. L. N. As autoridades religiosas denunciaram o crime como «desumano e absurdo» e o nuncio apostólico pôs-se em acção para conseguir que Fly e Gomide fossem libertados. Começaram a chegar informações á Polícia, que depressa prendeu e enviou para a penitenciária de Punta Carretas, um ex-«leader» sindicalista, Rafael Sindic, chefe dos Tupamaros. Dirigiram-se á Embaixada norte-americana para cima de 5000 uruguaios, que ali foram assinar o livro de condolências, tendo sido anunciado que se daria o nome do morto a uma rua e se lhe ergueria um monumento. O Congresso, que se batera com unhas e dentes contra o Chefe do Executivo, durante a maior parte dos três anos daquele no lugar, conferiu-lhe, nos termos do art.º 31.º da Constituição, poderes que se aproximam muito dos ditatoriais. O presidente Pacheco afirmou com calor: «Recuso-me a servir como simples «cangalheiro» do Uruguai. Serei mesmo o presidente.» A opinião publica aceitou, imediatamente, uma decisão do Congresso que corresponde á primeira suspensão duma Constituição já com cem anos.

Numa rusga de grande envergadura detiveram-se 800 pessoas, 35 das quais se verificou serem «tupamaros».

O presidente procura reduzir as dificuldades económicas que afectam os camponeses, que, por sinal, têm uma das taxas de alfabetização mais altas do Mundo e dispõem de um sistema de assistência social cada vez mais amplo, constituindo um terço da população activa que trabalha, directa ou indirectamente, para o Governo. Pacheco Areco determinou, em Dezembro um aumento de 21 por cento nos ordenados pagos pelo sector privado. Consentiu que os devedores possam saldar os seus compromissos até ao fim do ano, concedeu abono de Natal aos trabalhadores e autorizou os bancos particulares a facilitarem o crédito.

A OPINIÃO PÚBLICA INSURGE-SE

Face á persistência dos problemas — a exportação e o poder de compra desceram nos ultimos dez anos, o desemprego atinge a cifra de 12 por cento devido ás rigorosas medidas tomadas para combater a inflação, o turismo declinou e o Fundo Monetário Internacional não se mostra disposto a emprestar o dinheiro que permita cobrir a dívida externa — o presidente procura, desesperadamente, aguentar-se nos 13 meses de que ainda dispõe, até ás eleições, podendo mesmo manobrar para ser de novo escolhido.

A ascensão, no Chile, de Salvador Allende e da sua Aliança Popular, levou Rodney Arismendi, secretário-geral do Partido Comunista Uruguaio, a defender uma coligação das esquerdas, proposta essa dirigida a alguns membros da Democracia Cristã e dos partidos «colorados».

Apesar das dificuldades económicas e dos actos terroristas que infestam o país, torna-se difícil acreditar que as guerrilhas, contra as quais a opinião publica começa a insurgir-se, possam ganhar a luta contra o Governo.

Pondo de lado o que se passa no Uruguai, o terrorismo urbano poucas possibilidades tem nos países da América Latina menos desenvolvidos. Alguns teóricos da Revolução afirmam que quando a necessidade económica impele o camponês para a cidade, a sua numerosa parentela fica reduzida a marido, mulher e filhos, sendo o cultivo da terra substituído por tarefas degradantes como engraxar sapatos, vender lotaria, ou, se tiver

sorte, empregar-se como criado de mesa, na construção civil ou numa despersonalizante cadeia de montagem. A sua vida religiosa desintegra-se e as distantes e frias relações terciárias acabam por suplantar o futebol ao domingo e o turbulento convívio, regado a copos, nas tabernas. Solitário, receoso e frustrado, o camponês «urbano» abandonou o «contrôle» social da sua povoação e pode ser utilizado num movimento revolucionário.

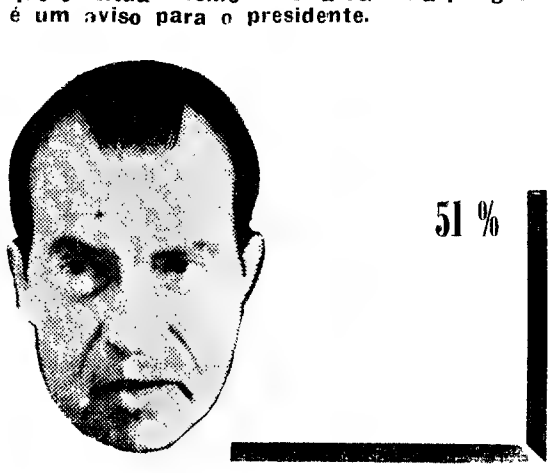
Mas a verdade é que o «campesino», quando entrevistado, revela-se, com frequência, um pilar do sistema: de rendeiro sem terras, que foi, pretende agora uma nesga que lhe pertença. Embora pobre, ganha muito mais do que quando trabalhava na «hacienda». Tem mais saude e, quando se radica, acredita que os filhos, se estudarem,

NIXON: A POPULARIDADE ATINGE A ZONA PERIGOSA

Por DON OBERDORVER

WASHINGTON

O PRESIDENTE NIXON atravessa um momento difícil: as sondagens sobre a sua popularidade que nunca atingiu numeros tão elevados como obtiveram, no começo dos seus mandatos, os presidentes Eisenhower, Kennedy ou Johnson, revelam que a popularidade actual de Nixon é de 51%. Esta percentagem que se situa mesmo á beira da zona perigosa, é um aviso para o presidente.



Nixon já mostrou ter consciência desta ameaça, que, na fase actual, é ainda limitada, o que explica a moderação com que o presidente reage á situação. Mas isso não rouba o interesse da análise que nos propomos fazer.

Em primeiro lugar, devemos lembrar que Nixon nunca conseguiu a popularidade dos seus recentes antecessores, Eisenhower, Kennedy ou Johnson, os quais, no início dos seus mandatos, conseguiam uma percentagem de 70%. Mesmo durante a sua «lua-de-mel» com a opinião pública americana, Nixon não foi além de 59%. Como todos os que ocupam um cargo público, Nixon vai deparando com uma oposição crescente, á medida que vai aumentando o tempo do seu mandato. Além disso, desde o princípio que a sua margem de manobra foi muito reduzida.

Há dois meses que os colaboradores mais próximos do presidente reconhecem que a sua popularidade está a baixar. Mas contavam com a mensagem sobre o Estado da União e a sua «nova revolução americana» para criar uma certa excitação no país, fazendo surgir o presidente sob um aspecto dinâmico, e modificando, assim, a tendência. Não foi esse, porém, o caso

POSTA EM DÚVIDA AS INTENÇÕES

A invasão do Laos foi-lhe, sem dúvida, prejudicial. Apesar de todos os raciocínios dos militares e dos êxitos pretensamente averbados, a maioria das pessoas dificilmente compreende como é que o alargamento da guerra contribui para a abreviar. Pela primeira vez um sector substancial da opinião começa a duvidar das intenções de Nixon. Isto é, da declarada vontade de sair completamente do Vietnam. As ameaças que o presidente tem proferido contra o Vietnam do Norte e a sua recusa a limitar o apoio americano terão impressionado provàvelmente os dirigentes de Hanói. Mas, para numerosos americanos, isso fez lembrar muito os anos de 1965, 1966, 1967 e princípios de 1968.

Na frente da economia, os técnicos de Nixon esperavam e continuam a esperar uma viragem da tendência actual, viragem que ainda não se produziu.

As repercussões de tudo isto começam agora a sentir-se. Em Des Moines, no centro do «reinado republicano», um agricultor protestava contra os baixos preços agrícolas, e alguns manifestavam-se contra a guerra. Havia ali, provàvelmente, mil a dois mil agricultores — nenhum deles partidário de Nixon. Houve

quem dissesse que Nixon conseguira, finalmente, uni-los — na oposição.

No Capitólio do Estado de Iowa, o presidente Nixon declarou aos parlamentares locais que «as pessoas sabem que precisamos de uma mudança». Foi eleito há 2 anos por ter prometido essa mudança.

O PRESIDENTE IRÁ PASSAR UM MAU BOCADO?

Há dias, na conferência de Imprensa que deu na Casa Branca, para persuadir a opinião pública de que a operação no Laos abreviará a guerra, Nixon estava menos seguro de si que habitualmente. Menos convincente, olhava constantemente para as câmaras da TV ou por cima das cabeças dos jornalistas. Como se quisesse entrar em cada lar americano e pegar no público pela mão.

Começou a criticar a Imprensa, o que prometeu não fazer, em 1968. Nessa altura disse que tinha compreendido a lição e fez tudo para seduzir os jornalistas. Mas já lá vai muito tempo.

Pode exagerar-se uma tendência má, uma sondagem má, uma semana má. Vem aí a Primavera e há numerosos «clichés» disponíveis para tranquilizar aqueles que se sentem perturbados com estes indícios perigosos.

Mas estes indícios têm o seu significado. E, ou as coisas começam a andar de outra maneira, ou Nixon passará por um mau bocado.

podem vir a ser, em muitos casos, professores, advogados e empregados de escritório.

CAMPONESES DESLOCADOS

As famílias deslocam-se, frequentemente, em massa e, por exemplo, esta família camponesa radicada na Cidade do México, permanece quase estável, com laços familiares cada vez mais firmes, e não o contrário. Para elas nunca se verifica a tal «crise» de identidade, referida pelos teóricos. A cultura, a família, a religião, as diversões e os amigos de cada um estão ligados, assim se pode dizer a uma espécie de «lar» totémico. Mesmo depois de trinta ou quarenta anos de residência em Lima, um homem pode ser identificado pelos outros como conterrâneo — escreve o sociólogo Paul L. Doughty, estudioso dos problemas dos camponeses radicados nas cidades.

Qual é a atitude política destes camponeses deslocados? Quantos são os que aderem aos movimentos radicais? Um estudioso californiano de questões políticas, informa-nos que na Cidade do México, «mesmo entre os que já ali residiam há vinte anos ou mais, 67 por cento demonstraram não possuir qualquer noção da importância do Governo nacional, 69 por cento não faziam qualquer ideia sobre a actividade do Governo local e só 13 por cento seguiam, com regularidade, os problemas políticos e governativos. Aquele estudioso descobriu, também, que só 9 por cento dos deslocados considerava as manifestações de protesto como o meio mais propício para influenciar as decisões do Governo, acreditando a grande maioria que seria aquele o último sistema a dar resultado. Conceitos semelhantes se podiam detectar noutras cidades.

Bastante céptico em relação aos políticos e desinteressado em se integrar em tal actividade — especialmente na de cariz radical — o camponês deslocado apoia o sistema e revela-se apenas interessado em melhorar a sua situação económica, bem como a dos filhos.

O apoio dado pelas camadas citadinas mais desfavorecidas a «homens fortes» como Juan Peron, em Buenos Aires; o general Manuel Odria, em Lima; o almirante Wolfgang Larrazabal, em Caracas, e o general Gustavo Rojas Pinilla, em Bogotá, constitui matéria para ter em conta. Os «bombistas» urbanos podem, sem que o queiram, servir de agentes da reacção.

Peron: apoio dos citadinos a «homens fortes»

REINA O TERROR NA GUATEMALA

CIDADE DA GUATEMALA

Por TERRY SHAW

NO DIA 13 DE JANEIRO deste ano, pelas 7 da tarde, quando o professor de Direito Internacional Adolfo Mijangos, obrigado há uma dúzia de anos a andar numa cadeira de rodas, em consequência de um acidente, se dispunha a subir para o carro, com o auxílio do motorista, vários homens surgiram de uma esquina e assassinaram o professor paralítico com várias rajadas de metralhadora.

Mijangos era um dos quatro parlamentares que se opunham sistemáticamente ao Governo do coronel Carlos Araña Osorio e á maneira como ele utilizava a polícia e a aviação para pacificar este pequeno país da América Central.

A sua morte, ocorrida em pleno centro da capital, é mais um caso entre tantos desde que uma vaga de assassínios políticos se abateu sobre a Guatemala. De 12 de Novembro passado (data em que o presidente Araña decretou o estado de sítio) até hoje já foram assassinadas cinco personalidades políticas do país e duas outras sobreviveram a tentativas de assassínio.

Calcula-se que centenas — á letra: centenas — de pessoas menos conhecidas já foram assassinadas no país, de Novembro para cá. O número de pessoas presas desde a proclamação do estado de sítio calcula-se em vários milhares, e certas pessoas que foram presas perante testemunhas nunca apareceram em tribunal.

O Governo lança a responsabilidade da violência sobre os «extremistas da direita e da esquerda» e afirma que utiliza os poderes extraordinários do estado de sítio — buscas, prisões e censura — para restaurar a paz civil no país.

Quando interrogamos os informadores do Governo acerca das recentes violências através do país, pedem-nos que lhes apresentemos as perguntas por escrito e respondem por escrito.

MILITARES TREINADOS NOS E. U. A.

Na sua resposta, o presidente Araña declarou que o seu programa de pacificação comportava dois aspectos — «o controlo da violência» e «uma acção social que permite resolver as causas socio-económicas que os terroristas utilizam como «slogans». O presidente entende que a pacificação será demorada, lembrando que «as insurreições não são um problema específico da Guatemala», citando, nomeadamente «o Vietnam, o Médio Oriente e o Brasil».

Os esforços que o Governo tem feito para pôr cobro áquilo que ele qualifica, com a Agência Americana para o Desenvolvimento Internacional, de «insurreição comunista» são apoiados pelos E. U. A. Mais de 2000 militares guatemaltecos foram treinados nos E. U. A. e no Panamá, desde 1950 até hoje, e cerca de 300 polícias guatemaltecos foram formados nos E. U. A. ou em Porto Rico. Além disso, grande parte do equipamento utilizado pelo exército e pela polícia guatemalteca foi dado ou vendido pelos E. U. A

Grande parte do equipamento utilizado pelo exército e pela polícia foi dado ou vendido pelos E. U. A.

Fora dos círculos governamentais, propõe-se grande número de explicações para a recente vaga de violência.

Alguns guatemaltecos afirmam que a maioria dos assassínios foi directamente cometida por certas facções do exército, que controla todas as actividades de polícia sob o estado de sítio. Acrescentam que o Governo actual tem interesse em manter uma «atmosfera de terror».

Outros entendem que numerosos crimes destes têm sido cometidos por redes anticomunistas formadas há quatro ou cinco anos para auxiliarem o exército na sua luta contra as guerrilhas. Estes grupos operariam agora com o incitamento e a protecção do Governo.

Outros entendem, pelo contrário, que as guerrilhas de esquerda são responsáveis pela maior parte destes assassínios.

PROIBIDAS AS REUNIÕES POLÍTICAS

Durante uma estadia de uma semana na Guatemala, em fins de Fevereiro deste ano, o correspondente do «Washington Post» entrevistou dezenas de pessoas as quais insistiram em não querer os seus nomes publicados. Só três fugiram a esta regra. Muitas pessoas recearam que os seus encontros com o jornalista tivessem sido notados pela polícia secreta

Segundo o estado de sítio em vigor, todas as reuniões políticas e as manifestações estão proibidas, a polícia pode proceder a buscas e prisões sem mandato e as pessoas podem ficar indefinidamente detidas para «investigação».

De 29 de Dezembro a 29 de Janeiro, os jornalistas receberam ordem de não publicar nenhuma informação sobre actos de violência na Guatemala ou no estrangeiro. Todas as notícias relativas a crimes ou questões de segurança são sempre difundidas pela secção das relações públicas do exército e os jornais não podem publicar pormenores que não figurem nos boletins governamentais.

A maior parte dos 5,2 milhões de habitantes da Guatemala vive no campo, mas a população da capital duplicou em 15 anos — actualmente a capital tem 600 000 habitantes. Cerca de metade da população é constituida por índios, que, na sua maioria, não falam espanhol e não estão integrados nos circuitos económicos internos do país.

Exclusivo

O URUGUAI conhece grandes dificuldades de ordem política e económica. A chave dessas dificuldades chama-se «Tupamaros» Estes criam um clima de instabilidade e de mal estar (pág. 1)

A POPULARIDADE de Richard Nixon desce a tal nível que atinge mesmo a zona perigosa. Neste «juízo» da opinião pública a guerra do Vietnam ocupa lugar central e destacado. À volta desta, aliás, giram muitas alavancas da política americana (pág. 2).

MAU GRADO o programa de pacificação do presidente Araña da Guatemala, o terror e a violência reinam neste pequeno país da América Central. A actual vaga de crimes e atentados é interpretada de formas diversas pelos círculos governamentais e por sectores políticos de «esquerda» e da «direita» (ao lado).

OS COMPUTADORES, esses desconhecidos. Uma exposição patente em Nova York revela uma nova face desse «invento incrível». De acordo com o organizador da exposição, Charles Eames, a perspectiva futura dos computadores é tranquilizadora (pág. 4)

A COSTA DO MARFIM constitui um caso único no panorama dos países independentes da África. É grande a influência (pràticamente dominadora) do capital francês naquela antiga colónia do país do sr. Pompidou (pág. 5).

A AVIAÇAO norte-americana procura convencer o Congresso a conceder somas consideráveis que permitam remodelar o armamento do [illegible] bombardeiro. [illegible] o Congresso parece bastante céptico. E os soviéticos não construiram novos bombardeiros pesados nos últimos dez anos (pág. [illegible])

A ROSA é [illegible] desta [illegible] de [illegible] são [illegible] canção velha de [illegible] Mayer. Em [illegible] «qualquer rosa sabe, nas ruas, praças e jardins, que tem a liberdade [illegible] do ser [illegible] Rosas [illegible] de lá [illegible]

DEPO[illegible] bante [illegible] eleitoral Indira Gandhi [illegible]-se para o [illegible] socialista na União Indiana [illegible] quer [illegible] tem necessidade. Entretanto o Estado do Bengala Ocidental constitui uma grande preocupação para o primeiro-ministro indiano (pág. 9)

O ULTIMO encontro de Gaulle-Malraux e o livro acerca dessa conversa publicado pelo autor de «A Condição humana» suscitou muitos e surpreendentes comentários em França e no Mundo. Pierre Viansson-Ponté analisa o texto de Malraux com uma veia de manifesto bom humor... (pág. 12)

EXCLUSIVO SUPLEMENTO SEMANAL DO

Diário de Lisboa

DIÁRIO DE LISBOA, 30 DE MARÇO DE 1971

COPYRIGHTS DE «LE MONDE» «WASHINGTON POST» «LOS ANGELES TIMES» E «PUNCH»

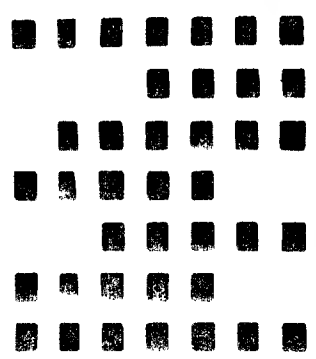
EXPOSIÇÃO DE COMPUTADORES:

NOVA YORK &

A NOVA FACE DE UM INVENTO INCRÍVEL

Por WOLF VON ECKARDT

OS COMPUTADORES preocupam muitos de nós. Sentimo-nos perturbados porque, supostamente para nosso bem — mas como podemos realmente saber? — estas máquinas de calcular estão a substituir a intuição humana sobre o destino do Homem, os assuntos que determinam a guerra e a paz, a pobreza e a riqueza, a doença e a saúde.



Agora, Charles Eames apresenta-nos uma nova face deste incrível invento, numa exposição, patente no rés-do-chão do edifício da I. B. M. em Nova York. A exposição é adequadamente intitulada «Uma perspectiva de computadores» e para Eames a perspectiva é tranquilizadora.

Um estranho temeroso e incompreensível, muito embora pareça prestes a governar a nossa vida, já não é tão temeroso se conhecermos um pouco da sua história. Um dispositivo mecânico deixa de parecer uma ferramenta do diabo quando se fica a saber que ele é a criação de gerações de extraordinários cérebros humanos, resultante das próprias preocupações humanas de pessoas como Florence Nightingale, a filha de «Lord» Byron, a matemática Augusta Ada, a condessa de Lovelace e muitas outras pessoas.

Se esta exposição os mostra como e por que razão ele funciona, francamente não compreendi. Nem mesmo tentei, embora, estou certo, todos aqueles mapas multicores com as luzes a brilharem e as setas rodopiando sejam tão fáceis de compreender como máquinas de «pinball» (espécie de jogo mecânico).

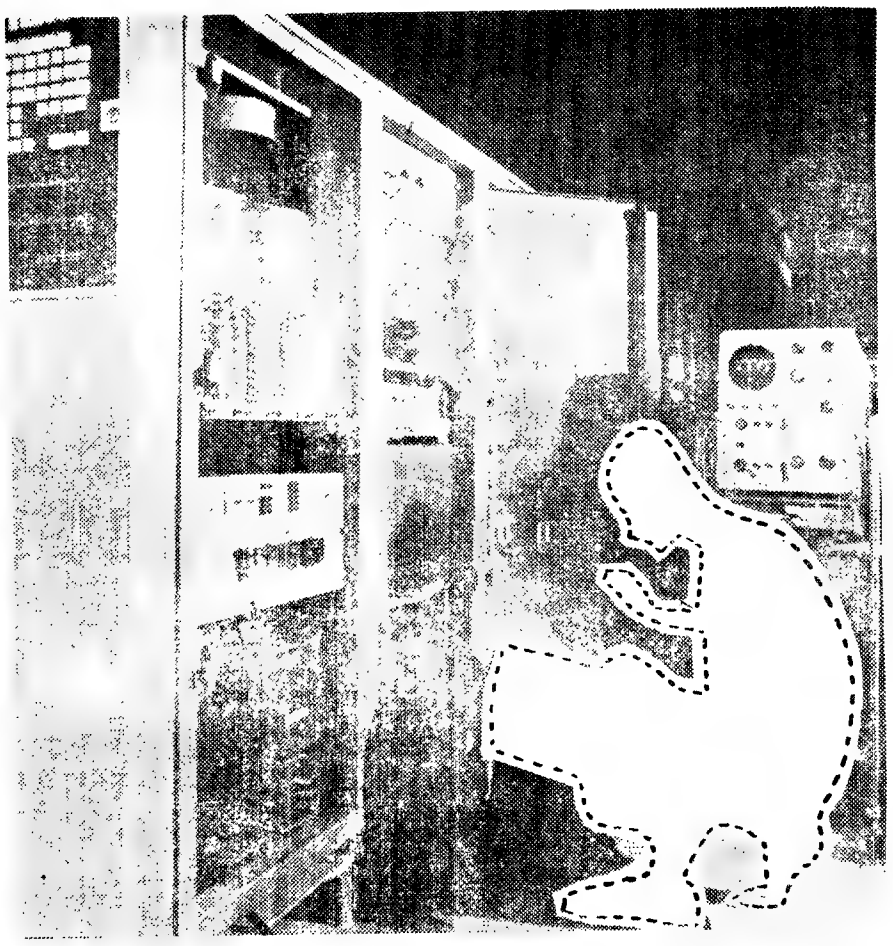
HABILIDADE CRIADORA

Ainda não me consegui habituar à minha própria máquina de escrever eléctrica, sempre incansável (não posso pensar tão ràpidamente como ela deseja trabalhar, pelo que me está sempre a apressar), e, por isso, não me atrevi a sentar-me a uma daquelas coisas medonhas que a I. B. M. apresenta na exposição, particularmente quando me disseram que se trata de um «terminal de computador».

Podem-se jogar «vinte perguntas» com o que quer que se encontra, do outro lado do terminal. Dactilografa-se a pergunta e a máquina responde por escrito. E, se se ganhar, está mesmo programada para escrever «parabéns».

Em lugar de me entregar com o jogo passei todo o tempo junto do «muro da história» de Eames, que se revelou um passatempo tão fatigante como rebuscar num velho sótão pejado de coisas dignas de serem lembradas sobre o «impulso do pensamento» (para usar as palavras de Eames) que conduziu aos actuais sistemas de computadores.

O «muro da história» tem cerca de 15 metros de comprimento e, sobre ele, cobrindo cada milímetro quadrado, encontram-se centenas de velhos dispositivos, inventos e artefactos, documentos amarelecidos, fotografias desvanecidas e um sem número de objectos que os intrigam profundamente e nos convencem pouco a pouco de que nem o diabo nem Norbert Wiener inventaram o computador. Faz parte da continuidade humana.



Apenas Charles Eames podia ter concebido esta exposição. É arquitecto, desenhador (das famosas cadeiras Eames por exemplo), fotógrafo, operador de cinema, coleccionador (de brinquedos e objectos provenientes de todo o mundo), organizador de exposições e, como se isso não bastasse, é ainda um espantoso «comunicador», se nos é permitido usar este termo. Preferiria chamar-lhe simplesmente um grande professor. Ele possui a habilidade criadora para compreender a essência de uma ideia e transmiti-la das mais diversas maneiras, de molde a dar-nos uma imagem nítida dessa ideia.

Mas não é tudo. Como acontece com um reduzido número de romancistas ou poetas mas não com nenhum pintor que eu conheça, Charles Eames compreende o espírito do nosso tempo. Transcendendo toda a confusão, emoção e loucura da vida moderna, ele encontra sempre o fio que conduz do passado ao futuro, compreendendo o progresso contínuo do designio humano. Penso que Eames não faria distinção entre arte, ciência e tecnologia. Não sei se ele se consideraria alguma vez um optimista. Mas consegue tornar-nos optimistas.

TECNOLOGIA SEM ALMA

O designio humano é complexo. Em arte e na arquitectura, e sem dúvida na ciência, desistimos de tentar reduzir as coisas aos seus denominadores mais simples — como Bertolt Brecht, Brancusi ou Mie Van der Rohe tentaram fazer. A complexidade parece-nos mais verdadeira.

A esta exposição reflecte esta tendência. Mesmo há cinco anos atrás, uma exposição intitulada «Uma perspectiva de computadores» teria sido uma espécie de cartaz em três dimensões, «limpo» e bem arrumado. Hoje em dia à medida que caminhamos em direcção a um novo humanismo, muitos de nós veriam em semelhante exposição toda a tendência para a simplificação. Achá-la-íamos um pouco totalitária.

Esta recente exposição de Eames não procura espantar e converter. Não nos dirige ou atrai ao longo de um caminho preconcebido de impressões ou pensamentos. Deixa-nos divagar, descobrir coisas por nós próprios. É mesmo, de acordo com os velhos padrões do gráfico moderno e do esquema de exposições um pouco desorganizada e confusa.

E é engraçado — estes mecanismos que se tornaram antiguidades, todos os dispositivos utilizados para levar a bom termo o recenseamento dos Estados Unidos em 1890 (sem os quais centenas de empregados teriam passado a maior parte da década a contarem os impressos), uma máquina que joga xadrez e fotografias de proféticas máquinas de fantasia dos filmes de Fritz Lang.

É engraçado, como disse. E, de certo modo torna «Univac» e a sua prole quase humanos. Conforme diz Eames, «pode ser reconfortante saber que o computador é o resultado do facto de muitas pessoas tentarem resolver muitos problemas em muitos sectores».

Estas pessoas honestas não pretenderam inventar o instrumento final de uma tecnologia sem coração e sem alma. A sua obra, diz Eames, foi «a consequência natural de aceitarem o desafio que a vida lhes lançara».

JOVICA
ELECTRODOMÉSTICOS
LISBOA:
Largo D. Estefânia, 12-C — Telefone 534536
Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telefone 47769
FILIAIS:
CACÉM — SINTRA — CASCAIS — VENDA NOVA

Relógio de Senhora
CALENDÁRIO AUTOMÁTICO
Exija a marca CAUNY gravada na coroa e na parte exterior da caixa
CAUNY
A mais alta precisão suiça

Comboios para militares

Comunica-nos a C. P. que por motivo dos trabalhos de renovação da Via, a partir do dia 2 de Abril, deixa de se efectuar o comboio que parte de Lisboa (Santa Apolónia), todas as sextas-feiras, às 18-15 horas.

Os Srs. Militares com destino ao Norte, poderão utilizar o comboio que parte de Lisboa (Santa Apolónia) às 17-45 horas, que assegura todo o transporte até Porto (Campanhã).

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).
VENDA AO PÚBLICO

Moradias – Seixal
TERRENOS
Os que restam, c/ projecto, cálculos, registo, escritura. Alvará da C. M. S. Perto escolas técnico e primária. Zona comercial, cinema, etc. Baratos. Uma pechincha. Telef. 2790998.

Bilhetes de «Fim-de-Semana»

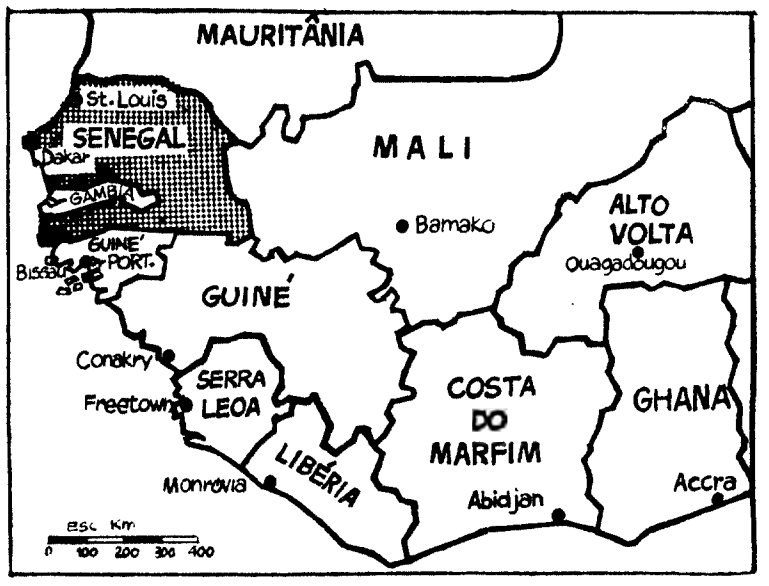
A C. P. informa que, na semana da Páscoa, os bilhetes de «Fim de Semana» são válidos, para início da viagem de Ida, desde as 17-00 horas do dia 7, quarta-feira, até às 12-00 horas de domingo, dia 11, e, para início da viagem de Regresso, desde as 12-00 horas do mesmo domingo até às 24 horas de terça-feira, dia 13.

opal
talheres de prata
TOPÁZIO
modelo caninhas
duplamente trabalhados
*
para os ambientes requintados
À VENDA NAS BOAS OURIVESARIAS

COSTA DO MARFIM: UMA ECONOMIA DOMINADA PELOS FRANCESES

ABIDJAN &

Por STANLEY MEISLER



NUM DESAFIO a toda a retórica socialista e nacionalista em África, a Costa do Marfim preferiu permanecer capitalista e dependente dos brancos. Em consequência disso, é uma espécie de pedra de toque para aqueles que gostam de tomar partido na questão de saber qual o melhor caminho para modernização e desenvolvimento da África.

Os conservadores e capitalistas pintam a costa do Marfim como um dos grandes êxitos económicos da história da África Negra. Admiram as suas grandes avenidas, arranha-céus e prósperas unidades agrícolas. Indicam que a taxa de nascimento se situa em média nos 8% anuais, que o produto nacional bruto duplicou em dez anos, passando de 137 dólares (cerca de 3973$00) a 271 dólares (cerca de 7859$00) por pessoa. O seu ponto de vista é apoiado por homens de negócios estrangeiros que se acotovelam em elegantes hotéis, e pelo ar de riqueza e *Goom* que se respira em Abidjan. A Costa do Marfim é, sem duvida, o país mais rico do antigo império francês.

Houphouet-Boigny: contar apenas com os brancos

Os socialistas e os militantes nacionalistas, pelo contrário, entendem que a Costa do Marfim é apenas uma bolha de sabão fraudulenta, prestes a explodir. Reconhecem que a riqueza existe mas insistem em que ela pertence aos franceses que triplicaram o seu numero na Costa do Marfim, desde que a França concedeu independência ao país, em 1960. Sustentam que o presidente Félix Houphouet-Boigny é um títere da França e a Costa do Marfim, um exemplo deprimente de chocante neo-colonialismo.

Como é costume nestas contendas ideológicas, alimentadas por «clichés» e retórica política, a verdade está no meio termo. A prosperidade da Costa do Marfim tem uma base realmente sólida — um impressionante crescimento da produção agrícola, a principal actividade económica da população.

Em certo sentido, grande parte do ar próspero de Abidjan é uma isca para atrair estrangeiros. Esta isca pode resultar. Mas também pode criar um grande problema. Além de seduzir estrangeiros, pode também seduzir os nacionais, levando-os a esquecer que são pobres e que têm de apertar o cinto e trabalhar árduamente para que o seu país possa progredir.

Antes da independência, a Costa do Marfim tinha um papel secundário na África Ocidental Francesa. A maior parte das companhias tinham os seus escritórios, em Dakar, no Senegal.

Quando chegou a independência, o presidente Houphouet-Boigny teve de começar do nada, para promover o desenvolvimento não agrícola. O seu país era subpovoado e tinha pouco capital. Havia poucas pessoas com preparação técnica ou profissional.

Houphouet-Boigny decidiu que podia atingir os objectivos de desenvolvimento contando apenas com os brancos. Para ele, tratava-se simplesmente de uma decisão prática, bastante racional. Nenhum orgulho africano o impediu de seguir essa via.

O Governo esforçou-se ao máximo por atrair estrangeiros. Foram autorizados a trabalhar em qualquer tarefa que lhes interessasse. Os investidores foram premiados com isenções de taxas, importações livres de direitos alfandegários e o direito de exportarem todos os seus lucros. O Governo providenciou no sentido de pôr casas luxuosas á disposição dos técnicos brancos que trabalhassem para ele.

A França aumentou enormemente o numero de estrangeiros, através das «fornadas» de conselheiros e assistentes técnicos que enviou para o país, ao mesmo tempo que forneciam auxílio externo no montante de 140 milhões de dólares (cerca de 4 060 000 contos), na sua maioria ligado á compra de produtos franceses, adquiridos a agentes de vendas franceses.

Em consequência de tudo isto, a Costa do Marfim tem 40 000 brancos, quase todos franceses. Dois mil professores, 1000 funcionários governamentais e todos os directores (á excepção de dois) das 350 empresas industriais são franceses. Secretárias, barbeiros, carniceiros e até prostitutas, são também, em alguns casos, franceses.

INDEPENDÊNCIA NOMINAL

O centro comercial de Abidjan tem lojas elegantes com nomes, como «Côte d'Azur», «Creations-Paris» e «France-Optique». O horizonte mostra-nos edifícios e hotéis de grande altura, com mar condicionado. No seu todo, podemos dizer que Abidjan tem um ar europeu.

Esta presença branca é atacada por muitos como um neo-colonialismo — um meio que a França arranjou de continuar a governar uma antiga colónia sua, cuja independência é apenas nominal. A Costa do Marfim replica que as estruturas europeias agora existentes serão um dia pertença dos nacionais — quando estes estiverem preparados para tal.

Consentindo agora a presença dos franceses o Governo está a dar ao país qualquer coisa que depois possa africanizar. Não pode haver «contrôle» africano sobre o que não existe.

O mal deste argumento, é que por enquanto nem sequer se vislumbra a vaga esperança de os naturais virem a tomar conta das tais estruturas de criação europeia.

CONTE COM O HOMEM DA REGISCONTA ...SEMPRE!

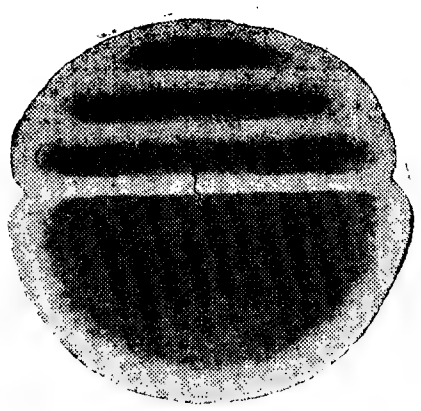
Grandes marcas fazem grandes empresas.
Mas, se a máquina deve ser boa,
o Homem tem que ser melhor.
Ele, o Homem da Regisconta
está preparado, não apenas para lhe
vender máquinas (isso seria demasiado
fácil para ele), mas para estudar,
planear e aconselhar um sistema.
O melhor sistema: o seu.
A imensa gama de que dispõe, desde a
mais simples máquina de escrever
ao computador electrónico, permite-lhe
aconselhar a que melhor lhe serve.
Ele conhece-as bem. É um especialista.
Conte com o Homem da Regisconta...sempre!

DIVISÃO DE MÁQUINAS DE CONTABILIDADE
ADDO-X - ASCOTA - PHILIPS - SOEMTRON
SERVICE BUREAU
COM POTENTE COMPUTADOR FALLAS
DIVISÃO DE COMPUTADORES ELECTRÓNICOS
PHILIPS
DIVISÃO DE REPRODUÇÃO DE DOCUMENTOS
FOTOCÓPIA:
LUXACOPY - OCÉ-MINOLTA - SCM
OFFSET:
ROTAPRINT - INCAF
DUPLICADORES
ORMIG - RONEO
MÁQUINAS DE ALÇAR
ORDINA
MÁQUINAS DE DOBRAR CARTAS
PRESTO-FOLD

DIVISÃO DE CAIXAS REGISTADORAS
ANKER - HASLER - HUGIN
DIVISÃO DE MÁQUINAS DE ESCRITÓRIO
DE ESCREVER:
FACIT
DE ESCREVER COM BANDA PERFURADA
DURA
SOMADORAS E CALCULADORAS:
ADDO-X - DIEHL - FACIT
ODHNER - PHILIPS - TOTALIA
FICHEIROS ROTATIVOS:
DIEBOLD - REMINGTON
PLANNINGS:
EFFICIENTA
MÁQUINAS DE FRANQUIAR:
FRAMA - NEOPOST
MÁQUINAS DE DITAR:
PHILIPS
CERTIFICADORAS DE CHEQUES:
SAFEGUARD

Regisconta

LISBOA - Av. Duque de Loulé, 72 - Tel. 560091 (8 linhas)
PORTO - Rua Clube Fenianos, 1 - 5 - Tel. 29282 (4 linhas)
COIMBRA - Rua Dr. Manuel Rodrigues, 16 - 20 - Tel. 26108
FARO - Rua Dr. Cândido Guerreiro, 27-A - Tel. 24347
LEIRIA - Av. Heróis de Angola, 125 - 1º Esq - Tel. 23386



E. U. A.:

A FORÇA AÉREA PR
REMODELAR O SIST

P

A FORÇA AÉREA DOS E. U. A. tenta persuadir um Congresso bastante céptico de que chegou a altura de gastar uma boa soma de dinheiro para fins de defesa contra bombardeiros inimigos — muito embora os russos não tenham construído novos bombardeiros pesados nestes últimos dez anos.

O único avião de ataque novo que os soviéticos parecem ter previsto para produção é um bombardeiro médio, cujo alcance se supõe ser demasiado curto para atingir os E. U. A., a não ser em missões sem regresso, segundo cálculos dos serviços de espionagem.

A questão vai ser discutida na Comissão Senatorial de Projectos dos Serviços Armados. O senador John Stennis, democrático do Sul, preside a uma subcomissão especial da Defesa Aérea, que está a ouvir os depoimentos dos generais da Força Aérea em sessão secreta.

Embora as conclusões a que chegar essa subcomissão venham a ter grande influência nos legisladores, a questão de saber quando se deve gastar na defesa aérea — numa altura em que as duas superpotências têm milhares de mísseis balísticos intercontinentais de ogiva nuclear (ICBMS) entronca noutra questão mais vasta a pôr perante o Congresso: quanto se poderá agora retirar aos gastos de defesa e transferir com segurança para programas de política interna.

Assim como o transporte supersónico se tornou um polo de união dos «euvironmentalists» num tentativa de deterem a marcha da tecnologia, também a questão do bombardeiro de defesa será este ano um ponto fulcral das tentativas dos legisladores para conterem os gastos do Pentágono.

O senador Mark Hatfield assim o disse. Este ano encontra-se á frente de um grupo de congressistas dos dois partidos que pretendem promover a paz, através da Lei. Esse grupo, de 115 homens, tem enfrentado o Pentágono, com certo êxito, nos anos mais recentes.

— Nesta década — diz Hatfield — em que os soviéticos procuram melhorar a qualidade dos seus mísseis e não a dos seus velhos bombardeiros, enveredar por um novo sistema de defesa aérea do montante de seis mil milhões de dólares parece totalmente injustificado.

Contudo, a Força Aérea — com o apoio de muitos amadores e representantes — alega que não se pode deixar morrer a defesa antibombardeiro, enquanto a U. R. S. S. mantiver intacta a sua força relativamente diminuta de 150 bombardeiros de longo alcance e enquanto ela continuar a mostrar algum interesse (mesmo mínimo) na produção de novos bombardeiros, ainda que estes sejam de médio alcance.

Dinheiro, política, missões, descobertas dos serviços secretos, planos de guerra e especulações — tudo isto e mais alguma coisa se encontra envolvido na disputa, enquanto os legisladores tentam descobrir se os 5 mil milhões (ou mais) de dólares que a Força Aérea pretende gastar na modernização da defesa aérea, nestes seis anos mais próximos, é um investimento justificável.

O EXEMPLO DE FORT FISCHER

Um bom ponto de partida para compreendermos o que se encontra envolvido neste complexo (e significativo) debate situa-se em Fort Fischer, um posto de comando de Controle de Intercepção (backup» (BUIC) que se estende pela faixa costeira do Atlantico, ao largo de Wilmington, na Carolina do Norte.

Esta base BUIC da Força Aérea fez parte do anel que rodeia o perímetro dos E. U. A. Fort Fischer está compreendido no sistema de defesa antibombardeiros desdobrado pelos Estados Unidos nos Anos 50, a um custo total de 25 mil milhões de dólares. E trata-se de uma das ultimas bases que sobreviveram aos cortes orçamentais maciços dos ultimos anos.

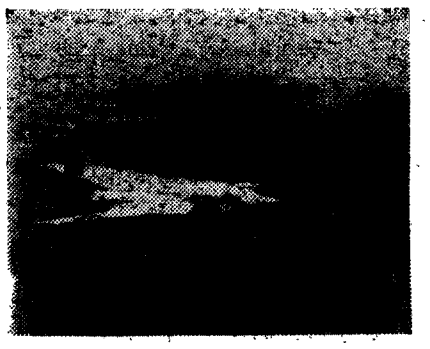
O grande balão branco — o radar construído para detectar a aproximação de bombardeiros russos — ergue-se á distancia no horizonte, de encontro ás copas dos pinheiros. Dentro de um edifício baixo de tijolos estão os computadores, telefones e telétipos que mandariam os bombardeiros americanos em missão de intercepção dos bombardeiros russos, antes de estes poderem alcançar o continente.

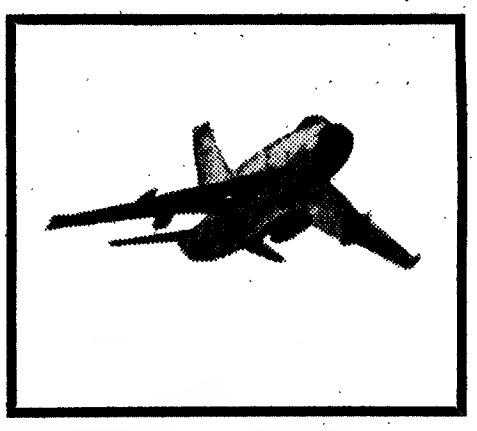
Falando sobre os cortes orçamentais na defesa antibombardeiros, o comandante da base BUIC, coronel da Força Aérea, Robert Eubrey, disse:

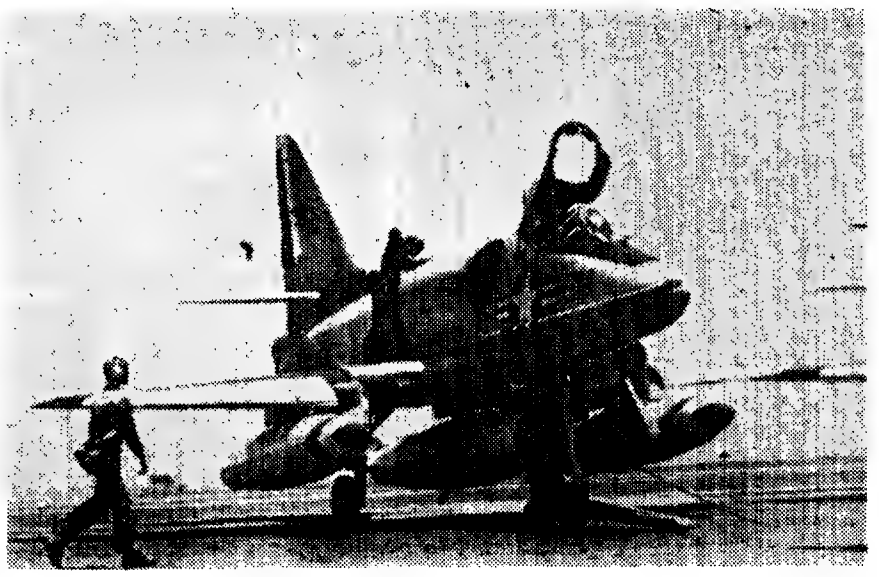
— Não podemos passar do ponto onde nos encontramos. Precisamos de fazer alguma coisa. Se continuarmos a encerrar tudo isto, e se os russos resolverem vir com um novo bombardeiro, ficamos numa posição diabólica.

O mesmo ponto de vista prevalece a uns 500 km de Fort Fischer, nos escritórios dos generais da Força Aérea, no Pentágono.

Contudo, a resposta não está em edificar mais Fort Fischers. Nem está nos mísseis antiaereos Mike-Hércules, dos anos 50, que em tempos guarneceram o país, dispostos em 80 baterias. O exército, que, nestes ultimos três anos, tem estado a encerrar estas baterias por as considerar demasiado despendiosas e ineficazes, anunciou outra grande redução, que deixará apenas 40 baterias operacionais.







A Aviação norte-americana defende que nos anos 70 é necessária uma nova espécie de defesa aérea.

Segundo a Força Aérea, o necessário para os anos 70 é uma nova espécie de defesa aérea — a qual consistirá, essencialmente em retirar os radares de Fort Fischer do solo e colocá-los no interior de aviões. Esses aviões «transportadores de radar» — denominados Sistemas Aerotransportados de Detecção e Controle ou AWACS — poderiam fazer um controle aéreo sobre o solo e detectar bombardeiros inimigos que tentassem voar sob os feixes detectores dos actuais radares fixos em terra.

A Força Aérea recomenda a entrada em acção de 42 aviões AWACS — uma coisa para custar 2700 milhões de dólares.

Além disto, a Força Aérea pretende ainda construir, como parte do novo sistema de defesa antibombardeiro, pelo menos, mais duas bases terrestres de radar, capazes de controlar o horizonte, pois os seus feixes detectáveis andam para trás e para a frente entre a superfície da terra e um aparelho reflector colocado na atmosfera. Construir estes radares e mantê-los operacionais durante 10 anos custará 322 milhões de dólares.

A Força Aérea pretende também substituir o seu velho, avião interceptor F-106 com algo de novo — provàvelmente versões do F-15 da Força Aérea ou dos caças F-14 da Armada ainda em estudo. Estes novos interceptores avaliam-se em cerca de 2000 milhões de dólares.

O total de cinco mil milhões de dólares poderá ser insuficiente se o Exército decidir substituir as suas velhas baterias Nike-Hércules por um novo missil que está ainda a ser desenhado.

OS PRÓS E OS CONTRAS

O secretário de Defesa, Melvin Laird, reconheceu que mesmo a força de bombardeiros soviéticos de médio alcance está em declínio: a U. R. S. S. tem ainda 700 destes aviões bimotores em serviço, o que representa dois terços do que os soviéticos tinham em 1963.

Mas, enquanto os serviços secretos supõem que estes aviões visam a China e a N.A.T.O., a Força Aérea sugeriu que o novo avião de médio alcance, com asas móveis, poderá ser utilizado num ataque aos E. U. A., aterrando provàvelmente em Cuba, em vez de tentar fazer a longa viagem de regresso pelo Polo Norte. O avião foi visto já a meter combustível em pleno voo.

Contudo é opinião geral que, se a U.R.S.S. tivesse realmente a intenção de construir uma força de bombardeiros anti-E. U. A., estaria, neste momento, a produzir ou novos bombardeiros ou novos porta-aviões para transporte dos aviões de asas móveis. Segundo fontes informadas, não há provas de tais esforços neste momento. Portanto, o velho grito de «vêm aí os russos» não será provàvelmente suficiente para, por si só, fazer valer os argumentos da Força Aérea, no Congresso

O debate deste ano, o primeiro que, depois de um longo período se vai desenrolar no Congresso sobre defesa aérea, girará em torno de argumentos mais sofisticados — e muito mais difíceis de entender.

As entrevistas com pessoas pró e contra indicam que estarão em conflito os seguintes pontos.

PRÓ:

1 — A U.R.S.S. mostra ainda interesse nos bombardeiros, visto que estes constituem uma base tecnológica para a sua tríade de armazenamento — aviões, mísseis e submarinos;

2 — A defesa antibombardeiro, tal como os mísseis operacionais nos silos subterraneos, devem ser encarados como parte do arsenal americano tendente á pretensão da guerra. O dinheiro gasto na defesa aérea não pode ser, portanto, considerado dinheiro desbaratado. A ideia primacial que preside ao sistema é a de desencorajar quaisquer intenções de ataque.

— Mesmo que a U.R.S.S. abandone completamente os bombardeiros, os E.U.A. devem manter um sistema de defesa aérea prevenindo a hipótese de outras nações — como a China e regimes marxista da América do Sul — virem a ter aviões capazes de violarem as fronteiras norte-americanas.

CONTRA:

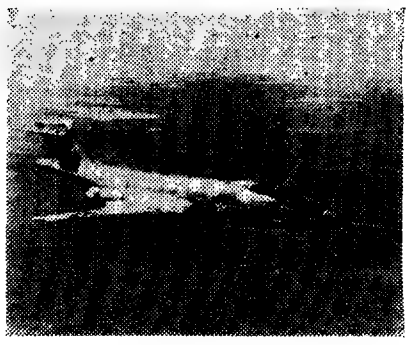
1 — Os mísseis soviéticos causariam tal devastação que o aviso consubstanciado no sistema de defesa antibombardeiro seria insignificante e não teria qualquer papel de relevo no equilíbrio de forças.

A U. R. S. S. só mantém os seus grandes bombardeiros por duas razões: para obrigar os E. U. A. a gastarem dinheiro e porque na U. R. S. S. também há «generais pró-bombardeiros».

— uma decisão favorável á expansão da defesa antibombardeiro abriria as portas a novas exigências do Pentágono, que depois

WASHINGTON

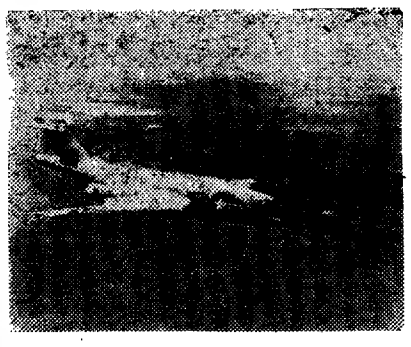
RETENDE TEMA ANTIBOMBARDEIRO



Por MICHAEL GETLER

lamaria igualmente por um sistema nacional de defesa antimíssil.

— a loucura da corrida dos armamentos implica que um novo sistema norte-americano de defesa antibombardeiro necessàriamente conduziria a U.R.S.S. a criar uma força de bombardeiros moderna, susceptível de fazer frente ao sistema de defesa inimigo. Os falcões do Kremlin neste momento não



poderão defender a construção de novos bombardeiros estratégicos.

— Numa altura em que as conversações SALT parecem ainda prometedoras, seria até o pior momento para embarcar num novo (e dispendioso) sistema de defesa aérea.

— Os dirigentes militares americanos e os dos Serviços de *Intelligence* têm uma tradição histórica de reacção excessiva a qualquer pretensa ameaça soviética. Desta vez o Congresso deverá antes utilizar o dinheiro para a solução de problemas reais na frente doméstica — e não para fazer face a ameaças imaginárias.

25 MILHÕES EM PURA PERDA

Estas críticas estão relacionadas com o Dia da Aviação Soviética e a exibição que Moscovo fez, nesse dia (em Julho de 1955) no Aeroporto Rushino. Para grande espanto dos observadores americanos que estavam a ver a exibição, vagas e vagas de bombardeiros quadrimotores que eles nunca na vida tinham visto sobrevoaram a tribuna. Nesse dia parecia haver no céu muito mais aviões do que os Serviços Secretos americanos tinham imaginado.

Reagindo a Rushino, o ex-secretário de Defesa, Neil Mcelroy declarou ao Congresso que a U.R.S.S. seria capaz de ter 700 desses bombardeiros a jacto em 1959. Estava aberta a corrida á defesa antibombardeiro, na qual se gastaram 25 milhões de dólares.

Com o correr do tempo veio a verificar-se que os soviéticos só construíram uma fracção desse numero, e que, em vez de construírem 70 bombardeiros a jacto, mudaram calmamente para os mísseis balísticos intercontinentais. O antigo director da C. I. A., Allen Dulles, mais tarde sugeriu que os soviéticos, durante a exibição de Rushino, mantiveram a mesma formação em circulação contínua sobre a tribuna, num calculado *bluff* para perturbarem o Ocidente.

Os E.U.A. construíram centenas de radares á volta do Canadá Central e Setentrional e em torno do seu próprio território, a fim de detectarem um ataque de bombardeiros. O comando da Defesa Aérea conseguiu 1500 interceptores e o Exército, os seus mísseis antibombardeiros Mike, barcos e aviões com radares cruzavam a linha costeira, enquanto mais radares eram instalados em plataformas ao longo da costa.

Para controlar tudo isto, construíram-se mais de duas duzias de postos de comando, que dispunham dos dois maiores computadores do mundo. Nessa altura ainda se estava na era pré-transistor e cada computador tinha 55 000 tubos. Os computadores precisavam de tanto ar condicionado como o necessário para manter 27 casas a boa temperatura: sem esse ar condicionado, o cérebro electrónico arderia.

Contudo o ICBM não tardou a tornar tudo isto obsoleto. Os centros de controle estavam todos acima da superfície e constituíam alvos fáceis para os mísseis inimigos. Sem os computadores, os radares e os interceptores ficariam virtualmente cegos...

Para complicar o problema aos soviéticos, foram construídos dois postos de comando BUIC que serviam de alternativa para cada um dos centros de «contrôle». Mas os postos BUIC estavam também acima do solo e não ofereciam segurança contra um ataque, á medida que a U. R. S. S. multiplicava a sua força ICBM.

Os radares norte-americanos não podiam ser os bombardeiros inimigos a penetrar a baixo nível em território nacional. E a distancia a que os podiam avistar no mar era inferior ao alcance dos mísseis ar-solo inaugurados nos primeiros anos 60 que os russos podiam atirar contra as defesas, a fim de abrirem caminho em território E. U. A.

Hoje resta um terço desses defesas. A força interceptora é inferior a 480 aviões.

Só ficaram sete centros de «contrôle» e 14 estações de comando BUIC. Grande numero de radares foi encerrado incluindo quase metade dos mais importantes através do Canadá Superior — a linha Dew.

Um bombardeiro soviético, uma vez passada essa linha não encontraria nada capaz de o defer e de o assinalar antes de se encontrar a menos de uma hora de voo da fronteira norte-americana.

O NOVO PLANO

A Força Aérea alega que o novo plano alterará completamente a situação.

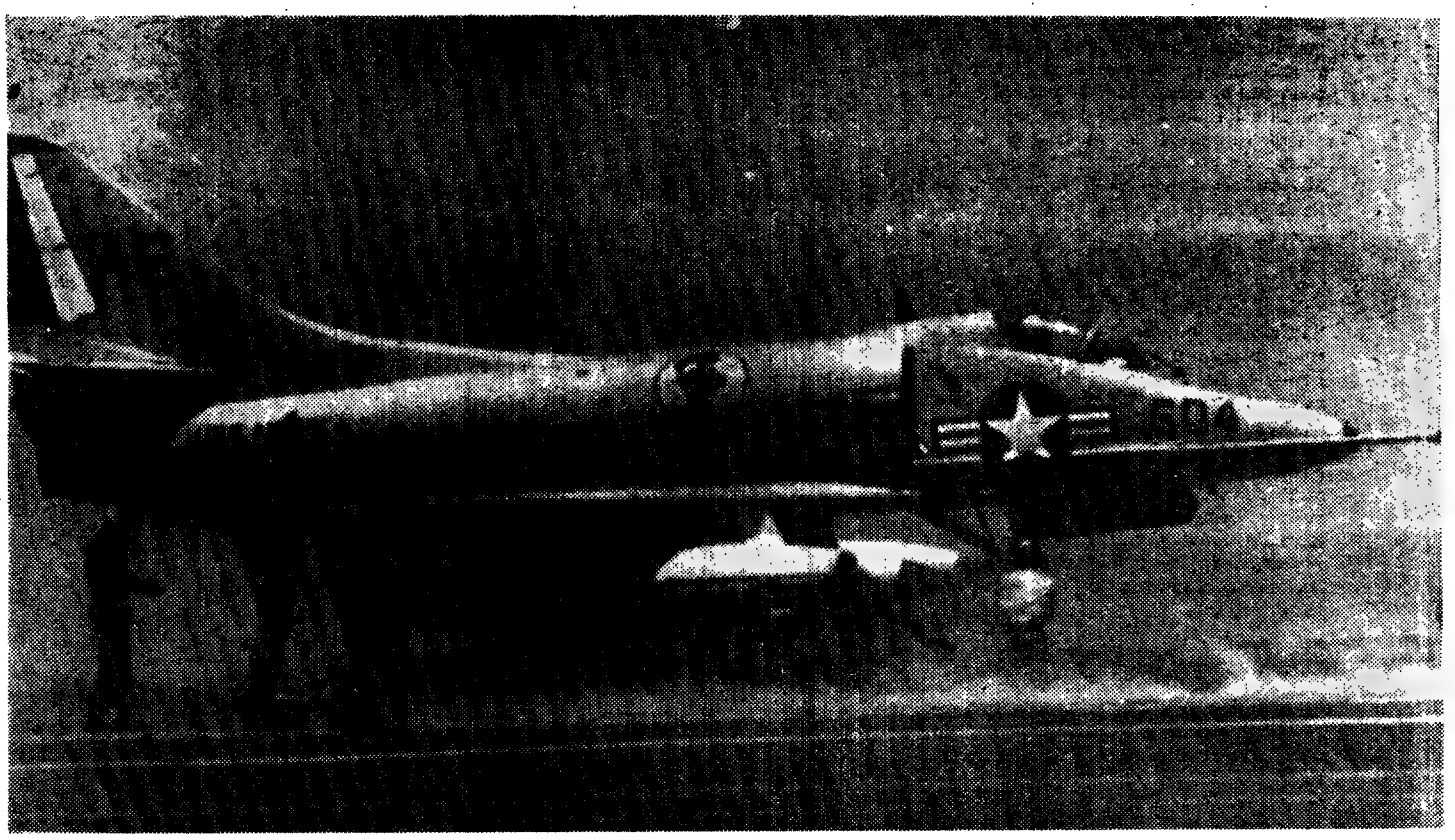
— Concordamos em que um sistema de defesa totalmente seguro é demasiado dispendioso — diz um oficial. O que pretendemos é uma certa cobertura á volta do país, a cobertura bastante para impedir que os russos façam entrar os seus bombardeiros, quer antes quer depois de um ataque de mísseis, sem alertarem a nossa força retaliatória.

Se a Força Aérea conseguir o que pretende, começarão no próximo ano obras de construção de dois radares que vigiarão a costa desde o Nordeste ao Noroeste.

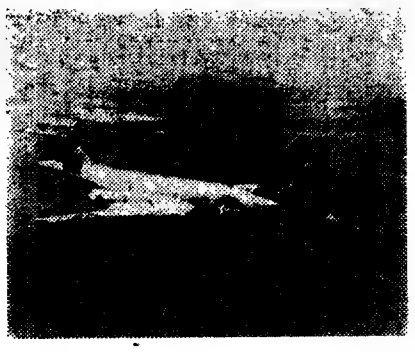
Eventualmente poderá construir-se um terceiro radar para vigilancia do Polo Norte, mas os cientistas não conseguiram ainda resolver o problema da mutilação causada pela aurora boreal. Até então o que resta da linha Dew continuará em funcionamento.

É igualmente possível construir um quarto radar para vigilancia do Sul, no caso de os homens das relações publicas da Força Aérea poderem resolver as queixas de interferências que se esperam por parte das estações da TV do México.

Logo que estes radares do solo assinalem um *raid*, os aviões AWACS (Boeings 707 modificados, com um radar em forma de (disco no topo) subiriam a fim de afugentar o ataque de mísseis e guiarem os interceptores, para o caminho dos bombardeiros inimigos.



Ideia primacial do sistema antibombardeiro: desencorajar quaisquer intenções de ataque



Os cépticos não se mostram impressionados com este «novo» plano.

Alguns entendem que os aviões AWACS poderão vir a revelar-se vulneráveis á mesma espécie de mísseis que os pilotos norte-americanos lançam sobre os silos de mísseis norte-vietnamitas e que se destinam a confundir o radar.

Há também quem tenha muito pouca confiança na capacidade dos AWACS para preencher os objectivos tradicionais de defesa antibombardeiros. Por isso preparam um radar capaz de observar o solo e de desviar os aviões inimigos para um ponto onde possam ser detectados pelo radar de solo. Os voos experimentais para esse tipo de radar só começarão daqui a um ano.

— Pode ser que os russos tenham já o segredo de uma boa defesa aérea — diz um estratego, uma infinidade de radares (há quem os avalie em 8000$, bem colocados e demasiado numerosos para que possam ser todos postos fora de acção. E para generais se sentirem bem, não têm muitos computadores, mas sim uma infinidade de operadores muito adestrados e armados de lápis de 39 cêntimos, cada um.

«AS ROSAS SÃO AS FLORES»

CANÇÃO QUE SE CANTOU HÁ MUITOS ANOS NO PARQUE MAYER

RIO DE JANEIRO

Por CHIANCA DE GARCIA

UM

Rio Grande do Sul. Santa Catarina, Paraná, são Estados que se desenvolveram e ainda hoje estão impregnados pelo espírito de colonizadores alemães, poloneses (polacos se vocês preferem) e checos. Neles perduram usos e costumes que são característicos de seus país de origem. Um deles é o culto das flores. As suas cidades têm sempre o encanto de jardins. Há flores por todo o lado. Bem, era necessário dizer isto antes de começar a minha história...

DOIS

Uma história, não, duas. Ou antes a história inesperada de dois estados de espírito. Um, em que o mistério pertence á psique dos vivos, outro, que se ergue na magia do além, na alma dos mortos. Trazendo-os, hoje, para aqui, o leitor que as classifique como melhor entender.

TRÊS

A primeira história passa-se, de facto, no Rio Grande do Sul. A outra, porém, situa-se a alguns milhares de quilómetros, num Estado onde nem alemães, nem poloneses, nem checos, tiveram a menor influência. Decorre no interior do Estado do Rio, província de imensos canaviais, onde, no tempo da escravatura, importantes senhores-de-engenho tiveram a sua idade de oiro.

QUATRO

No Rio Grande do Sul, na cidade de Sapiranga, qualquer rosa sabe, nas ruas, praças e jardins, que tem a liberdade de marchar do ser para o nada. Cumprem serenamente o seu destino na certeza de serem intocáveis. Ninguém as colhe. Representam para ricos e pobres a lição da vida comunitária. Olhá-las desabrochando, vê-las florir, e por fim contemplá-las soltando, uma a uma, as pétalas que o vento leva, representa para os habitantes de Sapiranga o verdadeiro recado de Deus.

CINCO

Por sua vez, Marinaguá é uma remota cidadezinha á beira de um rio, onde, nas ruínas de um velho casarão, vivia, até há pouco, uma idosa senhora, descendente de esquecidos e bravos usineiros, e que, desde menina, vivera para o culto das flores, especialmente das rosas. De começo transformou num jardim a larga varanda da casa. Depois fez do pátio um roseiral. E, pouco a pouco, foi tomando conta dos canaviais abandonados, onde, na verdade, crescia apenas mato. Desde então tudo virou jardim. Até a cidade, pois ela, numa teimosia exemplar, soube convencer as autoridades a encherem praças, ruas e margens do rio, de floridos e opulentos canteiros. E foi assim, devido a esta nobre senhora D. Rosalinda de Queiroz e Navarro, que Marinaguá começou a ser conhecida, no Estado do Rio, pela cidade das rosas. Mas rosas tão intocáveis como as rosas de Sapiranga. De outro jeito, porém. Para ela, as rosas, eram chamas ardentes. Tinham de viver e extinguir-se como velas num altar. Todos aceitaram. E até o pai-de-santo, no seu terreiro, aceitara esse culto. Os orixás tinham comunicado a ele que as rosas eram as almas dos antigos escravos...

SEIS

Ninguém sabe como surgiu a primeira rosa em Sapiranga. Parece ter sido trazida pelos primeiros imigrantes que se fixaram na região em 1808. Mas a roseira, de pé em pé, passou a ser tratada nas horas de folga pelos colonos. Para eles a roseira era um pouco da pátria distante. Um pouco da sua condição humana. E o símbolo, talvez, da sua própria eternidade. Onde uma rosa morre sempre nasce uma outra, afirmam. Se Beethoven tivesse passado por Sapiranga — contou-me Fritz Hoeger — talvez tivesse trocado seu amor à música pelo culto silencioso das rosas. Há rosas em Sapiranga que têm o nome de obras de Bacon de Goethe, e de Schiller...

SETE

Eis, pois, as duas cidades desta história. Vejamos agora a outra face da medalha. Reafirma com justa insistência o ministro da Fazenda que o importante para o Brasil é exportar.

É dele esta frase: «Precisamos aumentar rápidamente a nossa participação no mercado internacional.» E com ela excitou meio-mundo, lançando o lema de que além do café, do cacau, do algodão, da carne, do calçado e da juta — muitas coisas mais teremos

— Não estamos já exportando vinho? Não estamos já exportando camarão? Não estamos já exportando fruta?

— Não chega!

Veio então o grito redentor:

— E porque não exportar flores, sim, flores, nós que temos as mais belas do Mundo?

OITO

E um dia, de surpresa, chegou a Sapiranga a invasão maciça dos profissionais da exportação:

— Que é que há? Que fazem vocês a este mundão de rosas? Xentes, o negócio pra vocês está na exportação...

— Exportar as nossas rosas?

E a população em peso:

— Não, nunca. Isso é impossível.

— Impossível? Porquê?

A falta de melhor argumento, Fritz Hoeger soube dizer ufano:

— Sim, impossível. Ou vocês não sabem que as rosas purificam o ar da nossa cidade? Pois fiquem sabendo que esta é a cidade do Brasil com menor índice de poluição atmosférica!

Para os recém-chegados, aquilo foi como o soco enganador que Mohammed Ali deu no olho esquerdo de Joe Frazier.

Mas havia outros *rounds* a disputar...

NOVE

Ao mesmo tempo, em Marinaguá, a situação era paralela:

— Exportar as nossas rosas?

— Sim, este ano o Brasil tem que exportar três bilhões de dólares. E na Dinamarca, na Suécia e na Noruega, há mercado para as rosas de vocês. Vocês vão vendê-las e ficar ricos...

— Como quem joga na *lotéria esportiva?*

— Não, como quem joga no futuro do Brasil.

Foi quando entrou em cena Dona Rosalinda de Queiroz e Navarro. Descidade Antigamente havia bêbados, cendo, solene, os degraus de granito do velho solar, gritou aos invasores:

— Ninguém leva daqui uma rosa só que seja. Nem dada, nem vendida, nem roubada. Estas rosas são a voz da consciência. Desde que elas florescem nunca mais se cometeu um crime na ladrões, assassinos. E tudo isso acabou porque as rosas são as velas acesas da nossa devoção. Marinaguá é uma cidade feliz, e vocês não têm o direito de destruí-la.

DEZ

Mas o povo de Sapiranga foi, por certo, mais sagaz:

— E o que nos dá o Governo em troca?

— O que vocês pedirem.

— Pois bem, disseram, depois de um longo conciliábulo a portas fechadas. Sim, embora com os corações trespassados pela dor, aceitamos vender todas as nossas rosas. Mas o Governo dará á nossa cidade, em compensação, uma escola de música, onde as nossas crianças aprendam a arte dos grandes mestres como Mozart, Schumann, Hendel, Shubert e tantos outros...

E o acordo fechou-se com apertos de mão.

ONZE

— Vocês têm hospitais? Não. Vocês têm escolas? Não. O que dá a vocês Dona Rosalinda? Trabalho?

— Não.

— Feijão e arroz?

— Não.

— Casas para morar?

— Não

— Então vendam todas as rosas, entrem no caminho do desenvolvimento, e construam com ele o futuro dos nossos filhos...

— Sim, isso é verdade...

— É ou não é?

— É, é, é

E o povo começou aplaudindo.

Foi quando Dona Rosalina de Queiroz e Navarro, tal como a heroína daquela peça *Mourning Become Electra*, de Eugène O'Neil, virou as costas, subiu em silêncio os degraus do velho e arruinado solar, e nele entrou fechando-se por dentro para todo o sempre...

DOZE

E assim embarcaram para os seus destinos longínquos as rosas de Sapiranga e as rosas de Marinaguá. Mas a história, isto é as duas histórias, não acabam aqui...

Na manhã seguinte, em Marinaguá, todos os milhares de pés de roseira apareceram retorcidos, encarquilhados, queimados. Como se tivessem sido devorados por um incêndio.

Mas lá longe, em Sapiranga, o amanhecer do dia seguinte foi bem diferente. Ao abrir as suas janelas, toda a povoação viu, com claros e alegres sorrisos, todos os pés de roseira, beijados por pequeninas gotas de orvalho, renascendo em suaves e delicados botões...

TREZE

Tenho um amigo e confidente que é psiquiatra. Perguntei-lhe:

— O que pensa você de tudo isto?

Resposta dele:

— Meu caro, a evidência dos fenómenos de feitiçaria que se ligam a transes mediúnicos e fenómenos paralelos podem aceitar-se como de *credibilidade inconsciente*. Compreende? Quanto ao fenómeno de Sapiranga, o caso está mais no campo da parapsicologia. Como disse o filósofo Gaston Bachelard: — «Não se pode estudar senão o que se sonhou primeiro. A ciência se constitui sobre o sonho mais que sobre a experiência. É preciso muita esperiência para apagar as brumas do sonho»

E você, leitor, o que diz?

Copacabana, Março de 71.

PARA CORRESPONDÊNCIA:
Rua Fernando Mendes, 28. Ap. 908
Copacabana, G. B. — Brasil

Indira Gandhi: Maioria de dois terços na Câmara Baixa

NOVA DELHI

«ARRANQUE» SOCIALISTA APÓS A VITÓRIA DE INDIRA

Por DILIP MURKERJEE

A MACIÇA VITÓRIA eleitoral alcançada pelo primeiro-ministro, Indira Gandhi, foi toldada por um revés, potencialmente perigoso: a aparição da ala marxista do Partido Comunista, como um dos grupos mais representativos na Assembleia do Bengala Ocidental, Estado em que se verificaram grandes manifestações de violência.

As eleições no Bengala Ocidental, assim como para as Assembleias doutros dois Estados, coincidiram com as de Lok Sabha, a Câmara Baixa Nacional, onde a maioria de dois terços, obtida por Indira Gandhi, ultrapassou mesmo as esperanças dos seus partidários.

Os marxistas conquistaram 109 lugares, num total de 260 membros da Assembleia do Bengala Ocidental, ao mesmo tempo que outros pequenos partidos afins conseguiram alcançar mais doze. O total coloca os marxistas muito á frente do Partido do Congresso, que ali ficou a dispor de 105 representantes.

Os marxistas exigiram o direito de constituir Governo, citando o preceito constitucional de caber ao partido mais representado na Assembleia o direito de governar. Os partidos não-marxistas — que só muito tarde repararam em que tinham contribuído para a vitória dos marxistas, ao tirarem votos uns aos outros — estão, também, a explorar a possibilidade de formar um Governo de coligação.

CONFRONTO COM O GOVERNO CENTRAL?

Com ambas as facções muito longe de deterem uma autêntica maioria parlamentar, não parece ser possível constituir-se um Governo estável, isto num Estado que necessita, desesperadamente, de uma Administração firme, depois da orgia de violência verificada durante a campanha eleitoral.

Fontes políticas bem informadas acreditam, de facto, que os marxistas não pretendem manter-se muito tempo no lugar. Pensa-se que, em vez disso, pretendem consolidar o seu poder, antes de provocarem um confronto com o Governo Central, de preferência quando se tratar de matéria tão escaldante como é a dos direitos dos Estados.

Os marxistas poderão, nessa altura, forçar uma situação na qual Nova Delhi se veja forçada a aceitar uma perigosa restrição da sua autoridade sobre os Estados, ou a dissolver o Governo do Bengala Ocidental, sob a alegação de se estar ante um caso de emergência. Mas essa atitude de pode levar a uma crise semelhante á verificada na fronteira do Paquistão com o Bengala Oriental, onde a autoridade do Governo Central se pode dizer nula, depois do contorno entre este e o «leader» dos «bengalis» orientais, o xeique Mujibur Rahman, devido á elaboração de um novo texto constitucional.

as suas promessas de reformas no campo económico e social.

MODIFICAÇÕES PROFUNDAS

O Novo Congresso dispõe, agora, da maioria de dois terços necessária á Câmara Baixa para aprovar as emendas constitucionais necessárias ao «arranque» do programa socialista de Indira Gandhi. Falta-lhe uma maioria semelhante na Câmara Alta, que não participou nas eleições deste mês, mas é possível que o peso da votação popular convença dois terços dos seus membros a apoiar o primeiro-ministro.

Quando isso acontecer, os marxistas constituirão o segundo maior partido na «Lok Sabha», embora só na última Assembleia, na qual lhe cabia o segundo papel.

O partido conservador Swatantra também sofreu importantes perdas, só ficando com oito dos 35 lugares de que, anteriormente, dispunha.

Estes dois partidos tinham decidido aliar-se ao Jana Sangh e a um grupo socialista, para impedirem o regresso de Indira Gandhi ao seu cargo — isto para verem as respectivas forças, que somavam 150 lugares, reduzidas a 49.

Uma faceta importante da vitória do Novo Congresso é que a mesma se verificou, práticamente, contra a corrente. Aquele conseguiu melhorar a sua posição em todos os Estados, menos no Bengala Ocidental. Mesmo aqui, embora só tenha conseguido dispor do mesmo número de lugares para

Indira Gandhi e o antigo presidente do Partido do Congresso

Paradoxalmente, a vitória do Partido Marxista no Bengala Ocidental deve contribuir para aumentar as preocupações do xeique. Embora este se bata por um programa económico de tendência radical, a verdade é que nada quer com os comunistas. Receia que a vitória daqueles, mesmo ao pé da porta, possa ter perturbadora influência no seu próprio território.

A força de Indira Gandhi na «Lok Sabha» — com 350 lugares, num total de 521 — pode dar-lhe a autoridade suficiente para enfrentar os marxistas. Isto também significa que os seus partidários mais deserdados da fortuna podem esperar que ela se decida a satisfazer, mais rápidamente, as esperanças que despertou com

disponham de 24 representantes, o que, no entanto, significa um ganho de cinco lugares, em relação á Assembleia anterior. A ala pró-Moscovo do Partido Comunista conta com 23 lugares, menos um do que dantes.

Em quarto lugar, temos o nacionalista Jana Sangh e o Partido Regional de Madrasta. Quase todos os outros partidos regionais se viram reduzidos á insignificância.

A profundidade das modificações surgidas no mapa político da União Indiana é sublinhada pelo destino da facção do Partido do Congresso, que se afastou, o ano passado, de Indira Gandhi. A sua representação desceu para 16 lugares, em vez dos 65 que detinha a «Lok Sabha», conseguiu ver a sua força aumentada no interior da Assembleia Estadual.

E temos em Mysore uma grande vitória de Indira Gandhi, que ali conseguiu arrebatar a totalidade da representação na Câmara Baixa, isto num Estado tido, tradicionalmente, como uma cidadela da oposição.

PIANOS
VERTICAIS
E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM
DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

PLANO
45
soma
e
segue...
10 Dígitos de capacidade
Total 11 Dígitos
Subtracção directa
Saldo credor (vermelho)
Total e subtotal Automáticos
Tecla de Repetição Automática
para adição, subtracção
e multiplicação repetida
Teclas de 1, 2 e 3 zeros
Fita preta e Vermelha
commodore
2.970$00
NOGUEIRA INFORMÁTICA
ELECTROLÓGICA E MECANOGRAFIA APLICADA S. A. R. L.
Av. da República, 41, 3º - Telef. 77 91 51/5 — LISBOA 1
PORTUGAL

ATLAS
mod. 2003
a nova balança
inteiramente automática
para estabelecimentos
modernos
CONSTRUIDA SEGUNDO
AS MAIS RECENTES
INOVAÇÕES DA TÉCNICA
ACABAMENTO CROMADO
OU INOX
tipo 2003/12
força 12 kg
frações 5gr
preço moderado
grandes facilidades de pagamento
demonstrações sem compromisso
aceitamos trocas
Distribuidores Exclusivos:
Soc. de Rep. SIDA-SUECA, limitada
Rua de S. Nicolau, 15-17 — Telef. 369331 — LISBOA-2

SOREFAME

SOCIEDADES REUNIDAS DE FABRICAÇÕES METÁLICAS, S. A. R. L. — AMADORA - PORTUGAL

EXERCÍCIO DE 1970 — RELATÓRIO, BALANÇO E PARECER DO CONSELHO FISCAL

Relatório do Conselho de Administração

Senhores Accionistas:

Em cumprimento das disposições legais e estatutárias, temos a honra de submeter à vossa apreciação o Relatório, Balanço e Contas referentes ao exercício de 1970.

ESTRUTURA DA EMPRESA

A volumosa carteira de encomendas com que iniciámos o exercício constituiu fonte inspiradora de tranquilidade — e cremos até que de algum êxito — que caracterizou a actividade desenvolvida.

Com efeito, reforçado dentro e fora da Empresa o clima de confiança na possibilidade de alcançar os objectivos programados, foi possível desviar mais atenção e esforços para as indispensáveis acções de consolidação das estruturas estabelecidas no final de 1969.

Cuidou-se, antes de mais, de dar seguimento imediato aos estudos de reorganização do planeamento e controle da produção. Assim procurámos averiguar como se procedia nas empresas altamente evoluídas, beneficiando da sua experiência e comprovando os seus resultados, na convicção de que tal atitude é a única que poderá minorar os efeitos do fosso tecnológico. Para as empresas como para as nações, os passos dados no passado pelas desenvolvidas, não podem ser o caminho das que pretendem desenvolver-se.

A implantação de um sitema novo, totalmente integrado, com recurso intensivo ao tratamento electrónico da informação foi assim preferido a acções de correcção das rotinas actuais. Para este efeito, foi realizado um contrato com a firma de consultores Parsons & Williams, tendo-se já iniciado os respectivos trabalhos.

A necessidade de reforçar os meios de acção de alguns sectores, de acordo com o resultado da experiência vivida, motivou ainda ligeiras modificações no organigrama estabelecido em 1969.

ACTIVIDADE COMERCIAL E INVESTIMENTOS

Preenchida a capacidade normal da Empresa, franqueámos o limiar duma situação de enonomias de escala, da qual procurámos tirar o máximo partido, tendo sido o sector da exportação que mais veio a beneficiar de tal circunstância. É oportuno referir que continuamos a não dispor de alguns importantes mecanismos de apoio à exportação que hoje servem a maioria dos nossos concorrentes internacionais, além de termos ainda de enfrentar outras dificuladdes, como sejam os elevados custos das garantias fornecidas pela banca comercial.

A análise do mercado de bens de equipamento mostra-nos uma evolução francamente favorável:

— em material circulante, a intensificação e a diversificação da respectiva procura têm permitido uma ocupação estável da capacidade de produção;

— em equipamentos hidromecânicos, os mercados nacional e internacional têm permitido finalmente uma boa utilização da capacidade disponível, deixando mesmo antever e justificar a expansão desta.

Isto no que se refere àqueles ramos da nossa actividade em que somos pràticamente fabricantes totais, isto é, estudamos, projectamos, fabricamos, montamos e ensaiamos. Mas a experiência diz-nos das vantagens de estarmos preparados tanto para as flutuações do mercado interno como para as naturais consequências da agressividade dos concorrentes externos.

Daí que, como já referimos no Relatório do ano passado, tivéssemos enveredado por uma política de diversificação em relação às actividades tradicionais. E alguns investimentos que efectuámos, necessários à concretização de tal política, vieram ainda preencher lacunas sensíveis no equipamento do País, no sector da mecânica pesada.

A disponibilidade de novos e mais potentes meios de fabrico, aliada à colaboração que temos vindo a estreitar com a Alsthom, levou-nos naturalmente a explorar o mercado das centrais hidroeléctricas e termoeléctricas, para além do mercado de sub-contratos internacional, em condições de maior competitividade técnica e comercial que anteriormente.

Importante desfasamento, entre os ritmos de crescimento da procura de bens de equipamento e de ampliação da capacidade de produção nos países industrializados da Europa, tem gerado uma conjuntura favorável ao sub-contrato que urge explorar, sem perder de vista os inconvenientes que para a economia nacional resultariam da saturação da capacidade produtiva interna por esta actividde.

Pode, pois, concluir-se que a política que inspirou a instalação duma mecânica pesada não só se justificou, mas até o que nela se considerou ousado corre o risco de se tornar insuficiente.

E esta nossa convicção ainda mais se alicerçou quando em Setembro findo foi publicado, pela Presidência do Conselho, um importante despacho regulamentador da produção nacional de bens de equipamento. Com efeito, constituindo notável contributo à normalização do sector, não deixa de exigir às empresas crescente capacidade de resposta às solicitações do mercado.

As encomendas registadas durante o ano de 1970 totalizaram 506 000 contos, tendo a carteira de encomendas atingido o valor de 1 747 500 contos.

— No mercado nacional, obtivémos encomendas da PARSONS para o 3.º e 4.º Grupos do CARREGADO e da SONEFE para ampliação de Cambambe, além de encomendas de carruagens para a C. P. e de esferas de armazenagem de gases para a BP e para a SHELL.

— No mercado de exportação, salientamos as encomendas para a Barragem de TARBELA, no Paquistão, para BUKAVU, na República do Congo, para a Barragem do LESAPI, na Rodésia, para a Barragem de TSOMO, na África do Sul, e ainda sub-contratos da ALSTHOM de partes de turbinas a vapor para a Central do HAVRE em França. O valor das encomendas obtidas neste mercado ultrapassou os 400 000 contos.

CONTRATOS DE LICENÇA

Duarnte o ano em curso a Sorefame assinou contratos de licença com a firma BRODERICK ENGINEERING WORKS, LTD de Johannesburgo, para o mercado da África do Sul e com a firma BARDELLA, S. A. de São Paulo para o mercado Brasileiro.

Ao abrigo destes contratos, a Sorefame fornecerá o «know-how» da concepção, fabrico e montagem de equipamentos hidromecânicos para barragens e participará, eventualmente, no fornecimento dos mesmos equipamentos.

Tais contratos só foram possíveis devido à posição de prestígio conquistada no mercado internacional, a qual se alicerça no elevado nível técnico que a Sorefame atingiu e tem vindo a consolidar.

PESSOAL

No exercício findo, procurámos prosseguir e dinamizar alguns aspectos fundamentais da gestão de pessoal.

Quanto à política de remunerações, para além das acções imediatamente resultantes dos condicionalismos legais e das pressões crescentes da relação procura-oferta no mercado de trabalho, tem havido preocupação permanente com a elevação dos réditos dos trabalhadores, face à subida do custo de vida. Dado que este se reflecte com mais premência nos níveis inferiores de rendimento, tem sido política constante a utilização de taxas degressivas.

É prova inequívoca de tal procedimento a consideração das taxas utilizadas no recente aumento geral de remunerações, as quais, partindo de 3 % para os níveis mais elevados, chegaram a ultrapassar os 30 % nas categorias inferiores. Consequência imediata de tal política é a verificação de que o número de trabalhadores com vencimentos inferiores a 3000$00 passou de 76 % para 9 %, nos útimos dois anos.

A contínua atenção ao aperfeiçoamento profissional dos nossos colaboradores levou-nos a destinar um edifício, devidamente apetrechado, para a formação interna, além da se verificar uma participação crescente em cursos promovidos por entidades exteriores e em visitas de estudo.

Mais uma vez foi notável a classificação dos nossos aprendizes nos Concursos de Formação Profissional, pois obtiveram na fase nacional, o 1.º lugar de soldadura e caldeiraria e conquistaram, na fase internacional, realizada no Japão, o 2.º lugar de soldadura.

Em segurança no trabalho, continuamos a manter os resultados já alcançados em anos anteriores e que nos situam em excelente nível dentro dos padrões europeus.

Dado o importante contributo do Pessoal para a melhoria progressiva da rentabilidade, factor decisivo da situação económica alcançada pela Empresa, julga-se justo e oportuno propor aos Senhores Accionistas a participação do Pessoal nos lucros do Exercício.

ANÁLISE ECONÓMICO-FINANCEIRA

Ao elaborarmos o Relatório referente ao exercício de 1969, não quisemos antecipar-nos às conclusões e perspectivas a revelar pelos estudos a que a Empresa tinha mandado proceder sob a orientação de consultores externos para o período de 1970/1974. Não o fizemos por atitude de coerência com o desenvolver das acções em curso e ainda porque entendemos que só uma perspectiva de, pelo menos cinco anos conduziria a visão válida e fundamentada.

Os trabalhos ficaram concluídos logo no início de 1970, com o carácter de avaliação dos reflexos, sobre a rentabilidade e estrutura financeira, dos objectivos técnico-comerciais fixados pela Empresa, com base na carteira de encomendas e nos programas dos seus principais clientes nacionais.

Não terá sido a metodologia mais ortodoxa mas foi, decerto, a única praticável, e mesmo assim bastante conveniente, dadas as características específicas apresentadas pelo mercado de bens de equipamento que apenas deixam às empresas a opção de se atribuírem quotas prováveis e ensaiar hipóteses de dimensionamento que lhes permitam a sobrevivência em condições de rentabilidade aceitáveis, no contexto socio-económico em que se situam.

Teria sido possível proceder de outro modo quando se aguardava há muito a definição duma política industrial global? Que características iriam ser definidas para a produção de bens de equipamento: unidades concentradas, poderosas e independentes ou dispersão de forças face à concorrência internacional e à concorrência interna de unidades marginais apoiadas em grandes grupos poli-valentes?

Perante tal situação, foi forçoso optar por uma expansão realista e possível dentro duma independência inteiramente apoiada no auto-financiamento. Optou-se, assim, pela expansão sem recurso a novos capitais permanentes de origem externa, cuja remuneração tem características de rigidez que não se compadecem com flutuações próprias da produção por encomenda.

Se as directrizes da política industrial, cuja definição se anuncia, vierem a aconselhar um crescimento que exceda as potencialidades do auto-financiamento, não deixaremos de dar a nossa melhor atenção ao estudo do recurso às possíveis fontes externas de capitais permanentes.

As considerações feitas apoiam-se e esclarecem as conclusões dos estudos atrás referidos sobre a evolução da situação financeira para o período 1970/1974 que transcrevemos:

«... — *Os capitais adicionais necessários a uma gerência normal atingem 110 000 contos e poderão ser financiados por crédito bancário a curto prazo;*

— *Encontram-se assegurados, com larga margem, a cobertura do serviço de dívida a curto prazo e uma remuneração normal ao capital social;*

— *Parece prematura qualquer decisão no sentido de aumentar o capital social da Empresa no período de 1970/1974;*

— *Apesar dos valores assumidos por alguns indicadores de gestão, uma análise mais atenta da formação desses valores revela que a Empresa, dadas as suas características, se mantém financeiramente equilibrada no conjunto do período de 1970/1974...*»

É especialmente oportuno determo-nos um pouco sobre a última conclusão transcrita. Com efeito, pensamos que a análise estática que frequentemente se faz às empresas, através do jogo de valores do Balanço, pode induzir em graves erros de julgamento. E a probabilidade de tais erros aumenta no sector da produção por encomendas, em que os fluxos monetários apresentam características de irregularidade tais que a inércia dos Balanços tem de ceder perante a perspectiva dinâmica dos Planos.

No nosso caso, assume relevância especial o aspecto da análise do fundo de maneio. Assim, os valores deste (após aplicação do resultado) de 1969 e 1970, apresentando-se quase nulos, poderiam levar a interpretação pouco optimista e denunciariam mesmo uma gestão pouco prudente, se não tivessem o apoio interpretativo de um Plano.

Voltando, assim, ao referido estudo, nele poderemos ler:

«... *Os valores negativos assumidos em 1970 pelo fundo de maneio de Tesouraria e em 1970/1972 pelo fundo de maneio líquido não revelam uma insuficiência de capital de maneio, mas antes uma aplicação deliberada deste tipo de fundos em financiamentos de imobilizações. De outro modo, manter-se-ia no período 1971/73 um volume anormal de capitais inactivos, suportando-se desnecessàriamente encargos com o financiamento do imobilizado...*

... *Em resumo, poderá concluir-se, desta primeira análise, por um adequado grau de liquidez ao longo de 1970/1974 e por uma justificada aplicação de fundos líquidos no financiamento de imobilizações...*

... *Ao considerar o período de 1970/1974 como um todo, verifica-se que os novos investimentos e parte do fundo de maneio são auto-financiados pela Empresa e que a utilização, no sub-período 1970/1972, de fundos líquidos em aquisições de imobilizado tem meros efeitos transitórios na sua estrutura financeira...*»

Passado um ano sobre a conclusão do estudo a que nos vimos referindo, interessa verificar como o respectivo Plano tem vindo a ser cumprido:

— No aspecto económico, pode concluir-se que se alcançaram plenamente as taxas de rentabilidade previstas.

A subida dos custos da mão-de-obra e dos materiais, apesar de acentuada, não afectou o resultado esperado, por não se ter ultrapassado a taxa de agravamento projectada.

— No aspecto financeiro, a evolução da situação foi melhor do que a prevista:

Estruturalmente, porque se atrasou o plano de investimentos, dadas as dificuldades de vária ordem que surgiram na aquisição dos terrenos;

Conjunturalmente, em virtude de um afluxo de encomendas para além do que seria de esperar a seguir a um ano de ponta.

É de salientar, neste aspecto, o volumoso registo de encomendas de exportação, sector que prudentemente havia sido desprezado no Plano.

Em situações conjunturais deste tipo — traduzidas necessàriamente em anormais disponibilidades de tesouraria — é natural que a Empresa tenha procurado a mais adequada e remuneradora aplicação das mesmas, sem que o carácter destas permita imaginar alteração às condições normais de financiamento da produção.

O modo como decorreu este primeiro ano de actividade planeada, permite fundadas esperanças de que a Empresa cumprirá a função socio-económica que se impôs ao promover uma acentuada evolução na remuneração de um número crescente de trabalhadores, sem prejuízo da continuidade na remuneração normal ao capital.

SOREFAME DE ANGOLA

A posição alcançada pela Sorefame no sector metalomecânico metropolitano continuou a projectar-se, com não menor impacto, no Ultramar, através da nossa afiliada SOREFAME DE ANGOLA.

Dos seus estaleiros saíram em 1970 quatro novas unidades além de neles se terem efectuado reparações em 72 outras. A entrada em funcionamento de uma doca flutuante, de 2000 toneladas de elevação, veio aumentar a capacidade do estaleiro de forma notável. No final do exercício, a carteira de encomendas de construção naval incluía 12 unidades.

Ainda no exercício findo, procedeu-se a um aumento de capital que passou de 20 000 para 30 000 contos, através de incorporação do valor dos imóveis pertencentes à SOREFAME que assim viu as suas participações financeiras sofrerem o correspondente aumento (por transferência de imobilizações não afectas à exploração).

Os elementos já disponíveis permitem-nos, desde já, afirmar que se mantém em bom ritmo a expansão económica da SOREFAME DE ANGOLA.

BALANÇO E CONTA DE RESULTADOS

A exploração do exercício saldou-se por um lucro de 28 860 980$73, depois de feitas amortizações no montante de 20 318 411$00 e de criadas e reforçadas provisões no montante de 12 642 723$40.

Dada a incidência de resultados imputáveis a exercícios anteriores e excepcionais, e após dedução da verba prevista para ispostos sobre o rendimento, estimados em 10 000 000$00, o lucro final do exercício saldou-se em 19 685 649$21.

Para este lucro propomos, em conformidade com o Art.º 34.º dos Estatutos, a aplicação seguinte:

— Para Reserva Legal	1 552 000$00
— Para dividendo às acções privilegiadas (60$00 por acção cativo de impostos)	3 600 000$00
— Para dividendo às acções ordinárias (45$00 por acção, cativo de impostos para crédito de «Accionistas — Contas Especiais»)	4 419 000$00
— Para constituição de uma provisão para eventuais encargos sociais	3 500 000$00
— Para participação do Pessoal nos lucros	2 370 000$00
— Para Reserva Variável	3 500 000$00
— Para conta nova	744 849$21

Mais uma vez o Conselho Fiscal é credor do nosso reconhecimento pelo esclarecido apoio com que nos acompanhou na gestão da Empresa.

•

Não queremos terminar sem exprimir o nosso apreço e agradecimento às entidades que nos têm distinguido com a sua confiança e o seu apoio decididos.

Do crescente dinamismo e da maior abertura dos organismos oficiais é exemplo notável o diálogo com que nos tem honrado o Ministério da Economia. Visitando demoradamente as nossas instalações e presidindo a reuniões de debate e informação com a Administração e a Direcção, deu-nos Sua Excelência o Secretário de Estado da Indústria noção clara do interesse suscitado pela vida e pelos problemas do sector da metalomecânica.

Também o Ministério dos Negócios Estrangeiros nos concedeu rápida e eficiente assistência na actividade de exportação, a qual muito nos apraz registar e agradecer.

Aos clientes nacionais e estrangeiros, que confiadamente nos têm entregue as suas encomendas e espontâneamente nos vêm distinguindo com múltiplas e elogiosas referências, queremos transmitir o nosso profundo agradecimento.

Seja-nos ainda permitida referência especial ao Banco de Portugal e ao Banco de Fomento Nacional pelo esclarecido e dinâmico apoio que nos têm prestado na exportação e no crédito à produção.

Amadora, 17 de Fevereiro de 1971.

O Conselho de Administração

Parecer do Conselho Fiscal

Senhores Accionistas:

No decorrer do exercício, examinámos com regularidade os elementos de contabilidade da Empresa e acompanhámos atentamente a evolução dos negócios sociais, para o que a Administração nos facultou os elementos necessários ao desempenho da nossa missão.

O balanço reflecte adequadamente a situação patrimonial da sociedade, tendo sido adoptados os convenientes critérios valorimétricos.

O relatório apresentado pelo Conselho de Administração contém elucidativa síntese do curso das actividades da Sorefame, sendo de salientar a favorável evolução nos planos económico e financeiro, a dinamização da gestão de pessoal, a posição alcançada no mercado nacional de bens de equipamento e a crescente projecção da Empresa no estrangeiro.

Em conclusão, somos de parecer:

1) Que sejam aprovados o relatório, balanço e contas do Conselho de Administração;
2) Que se aprove a sua proposta sobre a aplicação do lucro do exercício;
3) Que se aprove um voto de louvor ao Conselho de Administração pela elevada competência com que geriu os negócios sociais;
4) Que se aprove um voto de merecido apreço ao Pessoal da Empresa pela sua dedicação e pela aptidão revelada no desempenho das respectivas tarefas.

Amadora, 4 de Março de 1971

O CONSELHO FISCAL

António Teixeira Marques, Presidente
Marcelo Olavo Corrêa de Azevedo
Paulo Manuel de Pitta e Cunha

Balanço em 31 de Dezembro de 1970

ACTIVO				PASSIVO		
IMOBILIZAÇÕES				CAPITAL PRÓPRIO		
Terrenos e sua Adaptação		20 066 837$70		Capital Social	160 000 000$00	
Construções	77 997 935$33			Reserva Legal	2 148 000$00	
Menos: Amortizações	27 532 689$46	50 465 245$87		Reserva Variável	944 187$32	163 092 187$32
Instalações	20 260 160$81			PROVISÕES PARA PERDAS E ENCARGOS		
Menos: Amortizações	10 423 117$16	9 837 043$65		Provisões para Riscos		5 411 753$70
Equipamento Fabril	141 620 665$50			DÍVIDAS A LONGO E MÉDIO PRAZO		
Menos: Amortizações	79 683 303$18	61 937 362$32		Obrigações	19 655 000$00	
Mobiliário e Equipamentos Diversos	14 844 950$02			Empréstimos	42 500 000$00	
Menos: Amortizações	8 894 328$30	5 950 621$72		Bancos (Financiamentos de Produção)	2 713 040$00	
Material de Transporte	2 371 847$40			Outras Dívidas	701 904$00	65 569 944$00
Menos: Amortizações	801 649$90	1 570 197$50		DÍVIDAS A CURTO PRAZO		
Imobilizações Incorpóreas	38 000 000$00			Fornecedores	46 955 016$74	
Menos: Amortizações	10 000 000$00	28 000 000$00		Clientes — Adiantamentos	427 059 370$60	
Imobilizações em Execução		2 239 107$20		Outros Credores	22 406 864$18	
Adiantamentos sobre Imobilizações		6 098 009$30	186 164 425$26	Contas de Regularização — Passivo	3 166 828$50	
OUTROS VALORES IMOBILIZADOS				Obrigações e Empréstimos	11 615 000$00	
Accionistas — Contas Especiais		22 684 832$67		Efeitos a Pagar (Não Bancários)	3 363 260$20	
Acções Próprias		4 334 000$00		Bancos (Financiamentos de Produção)	46 123 551$30	560 689 891$52
Participações Financeiras		29 662 000$00				794 763 776$54
Depósitos e Cauções		127 392$60	56 808 225$27	RESULTADOS		
VALORES DE EXPLORAÇÃO				*Lucro do Exercício*		19 685 849$21
Materiais	126 904 286$00					
Menos: Provisão para Depreciação	12 626 565$70	114 277 720$30				
Obras em Execução		217 643 872$07				
Produtos Acabados	5 959 072$60					
Menos: Provisão para Depreciação	532 678$70	5 426 393$90	337 347 986$27			
VALORES REALIZAVEIS A CURTO PRAZO E DISPONÍVEIS						
Fornecedores — Adiantamentos		59 062 308$70				
Clientes	47 522 034$65					
Menos: Provisão para Depreciação	3 801 077$00	43 720 957$65				
Outros Devedores		6 584 339$00				
Contas de Regularização — Activo		1 051 032$10				
Efeitos a Receber	3 450 428$65					
Menos: Provisão para Depreciação	100 000$00	3 350 428$65				
Títulos de Crédito		574 500$00				
Bancos		119 560 054$35				
Caixas		225 368$50	234 128 388$95			
		814 449 625$75				814 449 625$75
Contas de Ordem		725 059 431$84		*Contas de Ordem*		725 059 431$84

Conta de Exploração Geral

		Montante bruto	*Provisão para Depreciação*	*Montante Líquido*
VALORES DE EXPLORAÇÃO NO INÍCIO DO EXERCÍCIO				
Materiais	77 033 710$30	77 033 710$30	5 230 465$10	71 803 245$20
Obras em Execução	162 462 748$60	162 462 748$60		162 462 748$60
Produtos Acabados	2 407 915$90	2 407 915$90	31 401$10	2 376 514$80
		241 904 374$80	5 261 866$20	236 642 508$60
COMPRAS				
Matérias-Primas e Subsidiárias				
Em Portugal Continental	68 837 418$50			
No Exterior	122 851 516$70			
Gastos de Compras no Exterior	6 606 500$00			
Rectificações	60$70	198 295 495$90		198 295 495$90
PESSOAL				
Remunerações e Encargos				
Órgãos Sociais	1 298 858$50			
Empregados	139 812 699$60	141 111 558$10		141 111 558$10
IMPOSTOS E TAXAS		911 137$40		911 137$40
TRABALHOS, FORNECIMENTOS E SERVIÇOS EXTERIORES		30 979 671$65		30 979 671$65
TRANSPORTES E DESLOCAÇÕES		8 653 019$90		8 653 019$90
GASTOS DIVERSOS DE GESTÃO				
Publicidade	418 233$55			
Outros	3 835 884$20	4 254 117$75		4 254 117$75
GASTOS FINANCEIROS				
Créditos de Estrutura				
Empréstimos a Longo Prazo	2 941 956$00			
Obrigações	1 138 575$00	4 080 531$00		
Exploração				
Financiamentos Produção	248 954$60			
Garantias Bancárias	3 475 622$60			
Outros	1 841 796$89	5 566 374$09	9 646 905$09	9 646 905$09
DOTAÇÕES DO EXERCÍCIO ÀS CONTAS DE AMORTIZAÇÕES		20 318 411$20		20 318 411$20
DOTAÇÕES DO EXERCÍCIO ÀS CONTAS DE PROVISÕES		4 745 345$20		4 745 345$20
		660 820 036$99	5 261 866$20	655 558 170$79
Saldo				28 860 980$83
		660 820 036$99	5 261 866$20	684 419 151$62

		Montante bruto	*Provisão para Depreciação*	*Montante Líquido*
VALORES DE EXPLORAÇÃO EM 31/12/1970				
Materiais	126 904 286$00	126 904 286$00	12 626 565$70	114 277 720$30
Obras em Execução	217 643 872$07	217 643 872$07		217 643 872$07
Produtos Acabados	5 959 072$60	5 959 072$60	532 678$70	5 426 393$90
VENDAS DE PRODUTOS ACABADOS E PRESTAÇÕES DE SERVIÇO		350 507 230$67	13 159 244$40	337 347 986$27
Equipamentos Hidráulicos	66 228 924$30			
Equipamentos Industriais	8 973 850$00			
Estruturas	6 019 314$00			
Material Circulante	227 573 267$00			
Construções Pré-Fabricadas	785 677$00			
Alumínios	11 303 198$80			
Fundos Copados	2 252 516$50			
Diversos	3 938 441$60			
	327 075 189$30			
VENDAS DIVERSAS				
Mercadorias	230 555$10			
Materiais	700 001$60			
Sucatas e Desperdícios	844 942$70			
Diversas	139 180$05	1 914 679$45	328 989 868$75	328 989 868$75
ABATIMENTOS, PRÉMIOS E PENALIDADES				
EM COMPRAS				
Abatimentos Fora das Fact. e Anul. Facturas	242 413$10			
Penalidades	52 004$20	294 417$30		294 417$30
PRODUTOS ACESSÓRIOS				
Comissões	205 015$30			
Rend. Imóveis não Afectos à Exploração	1 000 000$00			
Prestações de Serv. e Assist. Técnica	1 823 743$00			
Diversos	210 131$70	3 238 890$00		3 238 890$00
PRODUTOS FINANCEIROS				
Rendim. de Participações Financeiras	392 800$00			
Rendim. de Títulos de Crédito	118 325$20			
Juros	2 826 078$80			
Remunerações de Cargos Sociais	33 000$00	3 370 204$00		3 370 204$00
TRABALHOS DA EMPRESA PARA ELA PRÓPRIA, TRABALHOS E ENCARGOS NÃO IMPUTÁVEIS À EXPLORAÇÃO DO EXERCÍCIO				
Trabalhos da Empresa para Ela Própria				
Produção de Imobilizações pela Empresa		8 998 457$75		8 998 457$75
Trabalhos e Encargos não Imput. à Exploração do Exercício				
Cobertos por Provisões	1 396 000$00			
Não Cobertos por Provisões	783 327$55	2 179 327$55		2 179 327$55
		697 578 396$02	13 159 244$40	684 419 151$62

Conta de Resultados

DÉBITO		
PERDAS IMPUTÁVEIS A EXERCÍCIOS ANTERIORES		2 234 906$35
PERDAS EXCEPCIONAIS		1 340 434$00
IMPOSTOS REFERIDOS NO ART.º 37.º DO DECRETO-LEI 45 103 (ESTIMATIVA)		10 000 000$00
		13 575 340$35
Saldo		19 685 849$21
		33 261 189$56

CRÉDITO		
EXPLORAÇÃO GERAL		28 860 980$83
LUCROS IMPUTÁVEIS A EXERCÍCIOS ANTERIORES	676 479$50	
LUCROS EXCEPCIONAIS	3 723 729$23	4 400 208$73
		33 261 189$56

O DIRECTOR ADMINISTRATIVO

Alberto Jorge Couto Leitão

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Francisco Xavier de Morais Pinto Malheiro, Presidente
Dominique Marie Gustave Vincent Rousseau
António de Carvalho Xerez
António Henrique Nunes Coelho
Luís Cordes da Ponte Marques do Carmo

A FRANÇA E A MORTE OU O ÚLTIMO ENCONTRO

DE GAULLE/MALRAUX

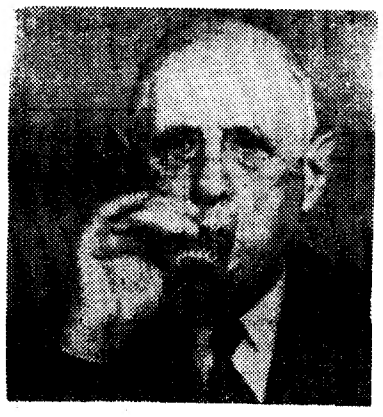
Por PIERRE VIANSSON-PONTÉ

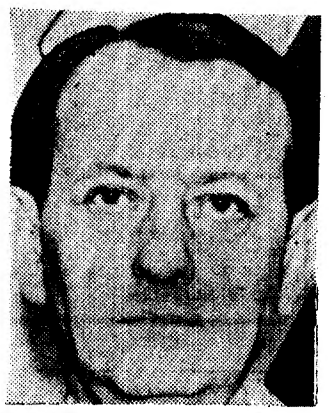
ALMOÇO em Colombey, em 11 de Dezembro de 1969. Entrevista do general de Gaulle a André Malraux. Entrevista? Sim, é Malraux quem o diz: «Este livro é uma entrevista, tal como a *Condição Humana* era uma reportagem...» Assim, foi uma reportagem! Malraux repórter na China, foi Steudhal em Waterloo, e «la Chartreuse» era também uma reportagem. Nesse caso Malraux e a entrevista! A letra mata mas o espírito vivifica, o talento transpõe, mas o génio transfigura.

Ah! se Chateaubriand, em vez de tagarelar em Praga com o imbecil que foi Carlos X, o qual nada tinha para dizer, tivesse ido a Sainte-Helène, que «entrevista» poderia ter efectuado do homenzinho que tivera a Europa sob o seu calcanhar... É Malraux quem suspira deste modo, com lamentações um pouco hipócritas acerca do grande colega que perdeu uma boa ocasião. Porque ele, Malraux, não a perdeu; ele foi a Sainte-Helène (Haute-Marne). Ele não perdeu o seu tempo e não desperdiça o nosso.

Quatro horas de conversa no máximo, das quais pelo menos uma hora gasta em banalidades amáveis, a este ponto para arrancarmos de nós próprios o que queremos escrever...» Colette dizia: «É difícil, a língua francesa! Os adjectivos!» Enganava-se, a despeito do seu talento; a língua francesa são os verbos. Mesmo assim: «Escrever permite esquecer a matilha. É importante.»

Um dito espirituoso que vai longe: «No fundo, sabe, o meu único rival internacional é Tim-Tim! Somos os pequenos que não nos deixamos levar pelos grandes. As pessoas não se apercebem disso, por causa da minha estatura». E a exegese, cento e vinte páginas depois: «...A França continua destruída pelos mitos. Também eu era um mito... (O romanesco) esteve tanto tempo comigo que me tomou por Tim-Tim». Ele adora Tim-Tim. Palavras, bem entendido. Acerca de Johnson: «Muito embora não se dê ao incómodo de dar a impressão de estar a pensar...» Acerca de Estaline — mas aí é Malraux que fala: «Um robusto capitão de gendarmes, silenciosamente interessado no mundo, no terror, no seu cachimbo e no seu bigode direito... «E de de Gaulle, um eco: «Um velho gato todo-poderoso... Um gato ao canto de uma fogueira: este gato era uma fera».





e eis a «entrevista»: duzentas e trinta e cinco páginas, de um único sopro, e de grande estilo. Um diálogo: evidentemente que não. Dois monólogos: tão-pouco, para quê? Antes um grande e belo poema trágico, umas vezes lírico, outras cínico. Malraux tem necessidade do experimentado, mas o vivido torna-se nele tragédia e não cessa, no fundo, de falar dele próprio em presença daquele que também não pára de falar deste outro ele próprio a quem chama Charles. Cenário: o mundo. Tema: a História e o Homem, por vezes as histórias dos homens. No anuncio: todos, e, depois, duas grandes vozes, dois cantos que se revezam, se cruzam, se misturam, se separam, se opõem em contraponto. A voz do general, o canto do escritor? Mas não, não se trata de um bailado. Ou então o da França e da Morte. A sua França e a sua Morte. Nada mais conta. Eles estão fascinados, e é fascinante.

O herói e o génio — ou o génio e o arauto — confiam e transformam simultaneamente as suas próprias relações, as suas próprias obsessões. Qual o papel do real e o do imaginário, e neste fulgurante fogo-de-artifício, quais os foguetes que não deveriam ter sido lançados, e quais o poderaim ter sido? Pouco importa: tudo está no segundo, no terceiro grau. Mesmo as escórias.

DITOS ESPIRITUOSOS, ANEDOTAS, RECORDAÇÕES

Quando de Gaulle reconduziu o seu hóspede, ao cair da noite, até ao limiar da «Boisserie», faz um gesto, diz uma frase: assim devia ser. Estende a mão na direcção das estrelas, e: «Elas confirmam-me a insignificancia das coisas». Pasticho para um adeus que, nunca se sabe, corre o risco de ser o adeus definitivo, e que, de facto, o é. Ultima «palavra» que soa tão falsa que é provávelmente verdadeira. Do grande teatro: simultaneamente verdade e escárnio. «Não me agradou uma fotografia, diz Malraux, sonhei com um Greco». A este respeito, o general transforma-se, e como afirmou o repórter André Malraux outrora, «a morte transforma a vida em destino». Desde então, cada um encontrará no quadro tudo aquilo que aí desejar ver: Memórias e Antimemórias. No fim aí desejar ver: Memérias e Antimemórias. No fim de contas, dado que «*La Condition Humaine*» era uma reportagem...

Para os coleccionadores de historietas, que mina! A saude, a idade do general: «A fadiga dos ultimos anos do Poder dissipou-se», mas: «Quando eu parti, a idade desempenhou talvez um papel». As suas leituras? «Shakespeare, as *Memórias de além-tumulo*, um pouco de Claudel. E o que enviam, que faz geralmente parte das nuvens. Respondo a todos aqueles que me enviam livros; poderiam não mos enviar». Escrever? «Como é estranho que devamos bater-nos

«Anedotas, ás centenas. Malraux lembra ao general que, no regresso das exéquias de Kennedy, de Gaulle disse a respeito de «Jackie»: «É uma vedeta e acabará a bordo do iate de um magnate do petróleo». Então o general simula espanto — «Eu disse-vos isso? Veja lá...» — Depois, irónicamente: «No fundo, teria mais depressa admitido que ela desposasse Sartre. Ou você! Fala-se da visita de Kennedy a Cuba (1 com os cartazes «Kennedy, não! Jackie sim!» Então a sr.ª de Gaulle, tímidamente: «Charles, se nós tivéssemos ido, teria havido cartazes: de Gaulle, não. Yvonne, sim!» Acerca da sr.ª de Gaulle, Malraux escreve: «Já não tenho a impressão de ser o diabo por ela». O retrato é apenas um esboço, diferente mas traçado com mão rude, com estes «diabos» — pequena vingança — que o ministro de Estado rabiscava distraídamente durante os longos conselhos do Eliseu; e esta frase, diante da mesa das paciências, que diz muito acerca dos serões da «Boisserie»: «Controlámos durante vários meses os sucessos e os insucessos: é sempre a mesma proporção».

Recordações. Brigitte Bardot no Eliseu, envergando um pijama com alamares; então o general a Malraux, por entre dentes: «Belo: um soldado!» E a ela, sem pestanejar: «Que coincidência, madame! A senhora enverga um uniforme e eu um trajo civil!» Num «banho de multidão», um sólido aperto de mão: «Bom dia, senhor cura». — «Mas, meu general, eu sou um dos guarda-costas». — «Então, bom dia, sr. guarda-costas». Revelações. Sobre a morte de «Che» Guevara: graças á «sua amante russo-argentina, agente russo... os serviços russos puderam protegê-lo durante alguns meses. Depois, ela recebeu cinco balas no ventre durante uma operação levada a cabo por membros da resistência, morreu e ele foi entregue onze dias depois...»

Gerações inteiras de alunos e mesmo de professores de ciências políticas encontrarão, também, neste livro, motivos de reflexão, e os historiadores, que os apreciam tanto, descobrirão além disso alguns pontos de interrogação. Assim, quando o general evoca o contrato quebrado com os Franceses, foi, pergunta Malraux, «em Maio ou mais tarde, quando da vossa reeleição?», isto é, em 1965. E de Gaulle: «Muito antes. Foi por isso que chamei Pompidou». Portanto, antes de Abril de 1962, antes do cessar-fogo na Argélia? Aviso para os sucessores e para o mundo: «Eu não tenho sucessores, como você sabe». «Não sairei do meu silêncio senão no caso de porem o país em causa. É preciso que se saiba — e conto consigo — que nada tenho a ver com o que se passa. Isso não me diz de modo algum respeito... Uma vez começa-se a seguir no mapa as etapas vitoriosas dos outros e a discuti-las magistralmente». Maio de 1968: «Em Maio, tudo me escapava. Já não tinha influência sobre o meu próprio Governo».

Causaria admiração, evidentemente, não se ouvir uma última salva contra os velhos inimigos, os partidos. Não há motivo para isso: ela faz-se ouvir, para todos. «... se muitos soldados do ano II foram mortos pela República, ninguém morreu pelo partido radical». «Os comunistas que vão da Bastilha á Nação, os socialistas que não vão a parte alguma... Tudo isso e Ferdinand Lope, é a mesma coisa... A Longa Marcha para chegar ao estádio Charléty? Não é a sério... Os comunistas já não crêem o suficiente no comunismo, nem os outros na revolução. É muito tarde. À força de mentir para reivindicar a democracia, tornaram-se democratas. Querem ameaçar o poder e já não querem tomá-lo... Talvez os comunistas estejam prestes a tornar-se naquilo em que os partidos sempre se tornam: um mito ao serviço de uma sociedade de auxílio mutuo. Façamos com que nos dêem pneus em nome da miséria do povo... Antes de decorridos cem anos, o que chamámos a direita e a esquerda ter-se-á juntado ás quimeras e será dificilmente perceptível... Os esquerdistas chamam-se esquerdistas a fim de se distinguirem dos comunistas, e apenas se chamam assim desde que a esquerda não existe». E o ultimo golpe de massa para todos: «Ao contrário do que os políticos pensam, os políticos nada fazem: acumulam terras, esperando perdê-las, e defendem interesses, esperando trai-los. O destino cumpre-se por outras vias.»

Ditos espirituosos, anedotas, recordações ou diatribes: é a cantilena. Eis que se elevam de repente o hino e o epitalamio.

O hino á França, a sua, não a dos franceses que «não amam a França», «não têm ambição nacional», que «foram sublimes, sem o saberem, e se tornaram, medíocres, sem estarem convencidos disso». Ele é perseguido pela França como Lenine o foi pelo pelo proletariado, como o é Mao pela China, diz Malraux. E, ao mesmo tempo, que raiva a estes anões e que época para um gigante! Os piores sarcasmos: «Oh! a França pode ainda espantar o mundo: mas mais tarde. Ela vai negociar tudo. Com os americanos e mesmo com os russos, com os alemães e os comunistas. Já começou. Isso pode durar, sem grande significado... A França levanta-se contra o parlamentarismo: vai arrojar-se nele... O país escolheu o cancro. Que podia eu fazer?».

Todas as recordações dos confidentes estão repletas destes sombrios gritos de desespero: ontem ainda, o livro de Claude Mauriac. A confissão dos erros é mais rara, esta confissão que os seus ministros ouviram uma vez, não sem espanto, proferida pelos augustos lábios — foi na véspera do escrutínio decisivo da eleição presidencial de 1965. A Malraux, contudo, ele confessa: «Julguei que a Russia seria incapaz de fabricar a bomba; que, em 1946, a guerra se aproximava inevitávelmente; que, em 1947, a França não podia mais», etc. E depois, mesmo assim, o orgulho: «Mas não me enganava sobre o destino da França».

O epitalamio corre através das páginas, obsediante. «Porque viver?» «Porque é preciso que a vida tenha um sentido?» «No fim, apenas há a morte que acaba por vencer». É de facto a estátua do Comendador que o país vê, ou é já um caído, o gigante fulminado? A emoção, como acontece frequentemente, transforma-se em gracejo: «Esguer-se-á uma grande cruz de Lorena no cimo da colina que domian as outras. Todas poderão vê-la e, como não há ninguém, ninguém a verá. Ela incitará os coelhos á resistência. «É verdade: esta cruz de Lorena vai ser agora erguida». Malraux interroga-se sobre a fé do general. Crê que não a possui: a prova citou Deus escassas vezes, e não o fez no testamento. É uma prova? Ele também se referiu muito pouco aos romanos, e contudo é um romano — não um latino, o que é uma coisa muito diferente, e talvez o contrário.

O FIM DOS IMPÉRIOS?

Será que compreendemos, que conhecemos melhor de Gaulle através da entrevista? Sem duvida, na medida em que se compreende finalmente de maneira mais clara a razão pela qual Malraux foi gaullista. «O homem é aquilo que faz», dizia Vincent Berger, dos «Afogados de Altenburg». Imaginávamos esta razão. Mas que o autor de «A Esperança» venha dizer: «Vós sois o ultimo chefe antifascista do Ocidente» surpreende mais. Que oiça responder, a propósito da libertação: «O unico revolucionário, fui eu», e que ele concorde, eis o que provoca o equívoco. «O mundo, escrevia ele outrora, começou a parecer-se com os meus livros». Para terminar a semelhança, faltava o herói da tragédia humana, faltava a incarnação da autoridade, mais importante aos seus olhos que a verdade, mas da autoridade de uma experiência mais do que um pensamento. Ele encontrou-a. E, para ele que tinha também escrito (na «Condição humana») «toda a velhice é uma confissão», todas as obras são também uma confissão, a do gigante e a sua.

Para terminar, ainda uma profecia: «Apenas resta uma geração, diz de Gaulle, para separar o Ocidente da entrada em cena do terceiro mundo. Nos Estados Unidos, já é um facto». Então, o fim dos Impérios? «Não apenas dos Impérios. Gandhi, Churchill, Estaline, Nehru, mesmo Kennedy, é o cortejo dos funerais do mundo». Visívelmente, os funerais de um mundo terminam no pequeno cemitério provincial de Colombey. É o epílogo.

---

(1) Aqui Malraux engana-se: os Kennedy nunca foram a Cuba...

* André Malraux: «Les Chênes qu'on abat»... Gallimard, 235 p., 21 F.